SOBRE POEIRA, PROSA E CANTORIA

15 ANOS DE DRAMATURGIA

cênica

VITRINE LITERÁRIA EDITORA

SOBRE POEIRA, PROSA E CANTORIA

15 ANOS DE DRAMATURGIA

ORGANIZAÇÃO:
CÊNICA

PRIMEIRA EDIÇÃO
SÃO JOSÉ DO RIO PRETO
2021

VITRINE LITERÁRIA EDITORA

Copyright © 2021 by Cênica

Foto da 1ª capa: Marcio Nakamoto (*Auto da Anunciação*)
Foto da 2ª capa: Everton Campanhã (*Terra abaixo, Rio acima*)

Criação da capa: Luciano de Paulo Andrade

Projeto gráfico: Vitrine Litéraria

Revisão e preparação de originais: Andrea Capelli, Beta Cunha, Clara Roncati, Fabiano Amigucci, Graziela Delalibera, Homero Ferreira, Jaqueline Cardoso, Linaldo Telles, Simone Moerdaui, Suria Amanda e Paulo Rezende.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Lumos Assessoria Editorial
Bibliotecária Priscila Pena Machado CRB-7/6971

S677 Sobre poeira, prosa e cantoria : 15 anos de dramaturgia / organização Cênica. — 1. ed. — São José do Rio Preto : Vitrine Literária, 2O21.
34O p. : il. ; 23 cm.

ISBN 978-65-5854-5O8-8

1. Cênica (Companhia teatral). 2. Teatro brasileiro.
3. Artes cênicas - São José do Rio Preto (SP).
4. Representação teatral - São José do Rio Preto (SP).
5. Dramaturgia. I. Título.

CDD 792.O9816

Contatos

Cênica
contato@cenica.com.br
cenica.com.br
(17) 99266-2490

Vitrine Literária Editora
contato@vitrineliteraria.com
www.vitrineliteraria.com
(17) 3033-7200 - 99721-9101

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida - em qualquer meio ou forma, seja mecânico, eltrônico, fotocópia, gravação etc - nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados, sem a expressa autorização do Autor.

SUMÁRIO

Apresentação	7
Autoras e autores	9
Nota explicativa	10
Prefácio	11
Auto da Anunciação	19
Acordes	45
A cor Silva	85
Por quê?	111
Sabiás do Sertão	137
Virado à paulista	173
Queijo & Goiabada	193
Terra abaixo, Rio acima	237
Oi lá, Inezita	267
de mais ninguém	303
Sala de espera	325

APRESENTAÇÃO

Desde a fundação da Cênica, nossas pesquisas vêm sendo pautadas na linguagem popular, na dramaturgia autoral e de artistas parceiras e parceiros locais, e na música enquanto importante elemento textual. Este livro propõe compartilharmos um pouco da nossa trajetória por meio das dramaturgias que criamos ao longo desses quinze anos de poeira, prosa e cantoria.

Embora por caminhos diversos, em consonância com o jeito de cada dramaturga ou dramaturgo trabalhar e com cada proposta, os onze textos que se seguem foram construídos em processo colaborativo com as equipes criadoras envolvidas, com os pés no chão da sala de ensaio, da praça, da cidade, do país, do planeta. Alguns deles chegaram até nós já delineados, atravessaram nossos corpos e sofreram transformações. Outros nasceram de temáticas sugeridas que, ao reverberarem em nós, foram abraçadas e elaboradas coletivamente até virem à luz. Outros, ainda, emergiram de mergulhos em nossos escuros e nos do próprio processo criativo, transcendendo ideias ou temas inicialmente concebidos.

Trata-se de um repertório dramatúrgico iniciado em 2007. De lá para cá o mundo continuou girando em espiral, alavancado pelas lutas de movimentos sociais formados pelas minorias políticas. Giramos junto. Seguimos amadurecendo e nos revendo como pessoas, artistas e coletivo que busca ser cada vez mais consequente sobre "como" e "porquê" levar "o que" à cena. Sob essa perspectiva e urgência, alguns dos textos aqui apresentados foram coletivamente revistos para esta publicação e para as estradas que, desejamos, estão por vir.

Com amor,

Cênica

20 de novembro de 2021

NOTA EXPLICATIVA

As autoras e autores das peças que utilizam o dialeto caipira optaram, para esta publicação, por manter suas diferenças de estilo, refletindo a pluralidade da linguagem oral e as especificidades contextuais de cada obra.

Optou-se ainda por manter a grafia original de cada autor no universo do texto teatral, tais como a rubrica (entre e inter-falas) e as referências musicais, exceto, é claro, variações dramáticas ou ortográficas não justificadas pelo contexto.

AUTORAS E AUTORES

Andrea Capelli

Anna Magalhães

Beta Cunha

Clara Roncati

Clara Tremura

Diego Guirado

Fabiano Amigucci

Fagner Rodrigues

Glauco Garcia

Graziela Delalibera

Homero Ferreira

Jaqueline Cardoso

Larissa Macena

Linaldo Telles

Márcia Morelli

Mariana Gagliardi

Nathália Fernandes

Simone Moerdaui

Suria Amanda

Vanessa Palmieri

PREFÁCIO

Cênica. *Skeniké*, *skenikós*, *skenikon*. *Scenicus*, *scenicum*, *scenica*.

O lugar da cena, o lugar para se estar para ser vista ou visto. O lugar protegido e, ao mesmo tempo, exposto, aberto ao *theatron*, que é o lugar de onde se vê.

Aquilo que é cênico é relativo à cena, em grego *skené*, do latim *scaena*, de mesmo significado, ou seja, em sua origem "cabana" ou "tenda"; derivada do vocábulo *skia*, "sombra", a ideia de "algo que protege do sol", ou, como chamaríamos mais tarde, o palco. O palco sagrado, que tanto protege quanto expõe, que tanto exalta quanto deplora, que tanto exulta, quanto chora. O palco desta *scenica* tem sido, há 15 anos, a rua, também, mais a praça, mais o rio, mais a chuva, mais o sertão, mais a terra, mais a pedra, mais a caatinga, mais a poeira... Trocando em miúdos, a Cênica sempre sustentou o fulcro, o sentido primeiro de *scenica*.

Uma companhia de pessoas inquietas, desacomodadas, que desejaram com-partilhar o pão, que desejaram habitar o desafiador "lugar de onde se vê", o theatron, para que, protegidas e alargadas pela scenica exposta, pudessem cantar aos sete ventos pelo mundo afora toda a sua prosa. Por isso, a rua, a praça, o rio, a chuva, o sertão, a terra, a pedra, a caatinga, a poeira. Só o palco da sombra seria um mundo vazio sem poeira, duro sem prosa e calado de cantoria.

A *scenica* companhia que amparou, acolheu, protegeu da poeira, da estrada e da garganta seca mulheres e homens *hipocritès*, estranho heleno léxico, não lido à moda das *fake news* e da pós-verdade, porém mais, porém como quer Fernando Pessoa, como um poeta fingidor, que finge tão completamente, que chega a fingir que é dor a dor que deveras sente. Em se tratando da Cênica, como poetas cantadores, que cantam tão completamente, que chegam a cantar a dor, a dor que todo mundo sente.

Aquela mesma dor (ou amor; nesta coletânea dramatúrgica, completamente sinonímicos) representada em êxtase, paixão ou singeleza pela *hipocritès* chamada *actrix*, pelo seu parceiro *mimo* chamado *actor*, flui como *katarsis*, pois este é seu oficio: agir, cantar, contar, fazer acontecer, agere, por em movimento, performar.

Agindo, a *scenica* companhia deixa fluir narrativas escritas por muitas mãos, contadas por muitas vozes, resgatadas de infinitas memórias: delas, deles, suas, minhas, nossas, de outrora, do futuro. E aquelas que leem o que escreveram as bravas bardas e bardos já logo adivinham a *Anunciação* de uma noite iluminada, camponesas e camponeses em travessia que observam uma estrela cadente na noite mágica e o nascimento de uma criança que mudaria o mundo. Já logo adivinham gritos de estudantes que não se dobraram e de mães angustiadas que tiveram de seus braços seus rebentos arrancados pela violência inominável de uma noite que nunca terminou e da qual ainda se ouvem *Acordes* distorcidos e, ao mesmo tempo, vozes que resistiram à tortura de um regime violento e que ainda ecoam em canções!

Na dor lida sentem bem, não as dores que ninguém teve, mas só as que todo mundo tem. Dor é vida vivida, paixão, tesão, luta, glória, risada boba jogada fora, palhaçada contagiante, *gags* arlequinais... Dor, aqui, é cor. Luz de cor prateada, luz de cor dourada, luz de cor de passarinho, luz de *cor Silva*, silvestre, de menino da roça que pinta a alma das coisas *tudo*. Que pinta *naif*, que pinta em largo e profundo, em alto e no coração, que conversa com os cachorros e não tem medo de cara feia, não!

Evocando-se ainda mais uma vez a etimologia da palavra teatro, nos remetemos ao "ato de ver" (do grego *theasthai*, "olhar", mais *–tron*, sufixo que denota "lugar"). O empreendimento empírico e poético deste prefácio sugere algo que poderíamos chamar, tal como Roland Barthes chamou o teatro, de um "cálculo do lugar olhado das coisas". Daí, o exercício que se propõe aqui: repensar o lugar olhado das coisas no fazer teatral da *scenica* companhia. Isso, a partir de um olhar meu que atravessa tempo, espaço, história presente, passada e futura, compartilhamentos e afetos. Um olhar que também me desafia a perguntar *"por quê?"*. Por

que envelhecer, logo agora que estava ficando tão bom? Por que iludir-mo-nos seria iludirmo-nos, se ver são simplesmente ver e ouvir? Vamos para a praça descobrir?

Sim, lá na praça que se estende e vira sede e sede, descobrimos porque rir, porque contar histórias engraçadas, porque pensar sobre a morte e o porvir, porque brincar é importante, porque rir de tudo isso também. Rindo se vai ao longe, rindo, o menino revolucionário que nasceu numa manjedoura volta a ser o filho desaparecido daquela mãe braba, que nunca desistiu e que recebe seu rebento de volta. Rindo também se responde aos porquês tão esquisitos que vêm à nossa cabeça e que só podem pintados pela cor silva, que silva tanto e tão alto no seu brilho de cor que faz vir em revoada todos os *Sabiás do Sertão*!

De cascatas espiraladas de inhanas que não vão fazer nada mesmo a não ser cantar a dor e a delícia de terem sido quem foram. Sabiás que do sertão vieram, é isso que foram e basta! Deixando o circo, seu ninho de nascimento, quando abriram asas, voaram pelas ondas do rádio, irradiando e criando espaço para outras batucadas, côcos, Áfricas, lendas, tradições, sembé, samba no pé, arrastado de cordões e de bobós, de Oxalá, Nagô, Jeje, Keto, Iorubá, o samba é caipira, o canto é negro, o canto é bamba o samba é *Virado à paulista*. Salve Pirapora do Bom Jesus!

Respiro. Respiração. Paro, deparo-me com o pão. Respiro. Respiração, a *scenica* para e se depara como o pão. Pão nosso de cada dia, *Terra abaixo, Rio acima*. Pão com, pão com quem, compartilhado com alguém, companhia. Noiva Mariana. Essa companhia não teremos mais, pois ela não mais existe. O Profeta não estava lá para avisar. Ela com seu vestido branco imaculado de noiva, foi engolida, morrida com a lama do progresso dos homens cinzentos que botaram o rio abaixo e a terra acima de vidas, de mães, de esperanças e de porvires. João Viola sucumbiu, não virou sabiá, não voltou pro sertão, porque no meio do caminho quiçá tivesse uma pedra, mas tinha barro. Mariana virou mulher-barro e ela escorria pelos dedos de João e pelas cordas da sua viola, feito poeira molhada que grudava na boca, que já podia mais cantar. Ana Terena, seu esposo e suas companheiras chegam à cidade cinza do progresso e

sua criança, há mais de um ano gestada, vai nascer. Galdino, o Profeta, vindo da parte do além, lhe dá nome e sentença: Liberdade! Levantados do chão foram então, porque o rio vai cair do céu!

Com o pão da gente agregada sob a *scenica*, com pão *scenico*, o riso-canto do sabiá volta a ser corredor – cor – rer – dor... Subnaufrágos, naufrágios de almas assoladas pelo progresso que o sabiá não consegue cantar. O riso-rio virou mar e do fantástico lugar da praça-rua-rio-*theatron*, se vê a jornada, a *katarsis* reiventada de gente que é gente, gente que escorre e que se ergue, porque tudo o que se ajunta, *se espaia*.

Caudalosa extensão de comer o pão junto, companhia, comunhão, hora da reflexão. Parar para ver e ouvir, porque ver e ouvir não é iludirmo-nos. Por quê seria?

O que a gente faz então? Uai, sô, que pergunta besta! A gente come *Queijo & Goiabada*! Toca bumbo e dá risada! E ainda canta *As canções que você não autorizou pra mim*. Meu povo! Meu povo, a gente come o pão cênico que o diabo *amassô* e você acha mesmo que a gente não vai rir da gente mesma? Ah, vai, mas vai também fazer painel, autocrítica, devolutiva de crítica, resposta, partilha e vida que segue! Também, hora de ser alter ego de si mesma, de falar em primeira pessoa, de fazer DR em cena aberta, de fazer sátira do convívio de quem compartilha pão há muito tempo, dezenas de estradas viajadas, de centenas de horas de van cruzadas, de vários quartos de hotel dormidos!

Momento de comer, por um momento, nada de pão , mas o queijo e a goiabada, de não saber o que fazer, porém de desejar fazer um clássico, de fazer uma antropofagia bem brasileira, bem virada à paulista, bem *scenica*, de devorar Romeu e Julieta e de cantar canções proíbidas durante a comunhão da carne clássica com a carne visceral das poetas e poetos fingidores *scenicos* que deixaram bem evidente que não fingiram a dor/amor que de verdade sentem. Ou nada disso aqui seria sobre sobre poeira, prosa e cantoria.

Mudanças. Filhas nascem, filhos se vão, uniões são desfeitas, uniões são feitas, cantores e atrizes voam pra longe. Família *scenica* com pão cindido decide: façamos o pão e o ofereçamos a quem quiser, chama

todo mundo! Comunhão, companhia. Isso! É isso, é assim que a gente vai seguir. Isso dá história!

Pega a viola, que *vamo cantá*! Quem me dera, agora, eu tivesse a viola pra cantá! Espera, vamos pedir ajuda para a madrinha! Obrigado, João Viola, onde quer que você esteja, nas páginas desta história, pois de dentro da sua viola veio a voz da noiva, sussurrando inspiração! Muito obrigado! *Oi lá, Inezita*! Viemos te visitar, pra ter certeza de quem vai ficar! De quem nós somos, de onde viemos e para onde vamos. Nossa estrada, cheia de pó, cheia de caminhos, rumo e vários sustenidos, claves e bemóis. Você ajuda a gente, madrinha?

E a menina madrinha, que até o tinhoso enfrentou, anunciou: eu sou caipira e a música caipira é intocável, por que ela vem de dentro da gente. Trama, drama, tragédia, clássico, novo, velho, moderno, contemporâneo, é tudo só nome. O que vale é o que é feito para ser visto.

E mais uma vez, *scenica* companhia, numa espiral de frente e trás e trás e frente, da nascente sertaneja renasce pássaro de fogo... de água, terra e ar! Bufonaria não é reversa, mistério bufo é nascente de águas mágicas, batizadas no rio silva, da cor da anunciação, nos acordes de quem acorda com o sabiá do sertão, que olhou o diabo no olho, comendo queijo e goiabada e cantando a canção rio abaixo e terra acima.

Bruxas bufônicas, metafônicas, polifônicas. Somos muitas e não vão mais nos calar! Em mim, mil mulheres gritam, cantam, suas vozes curam, seus corpos, que nasceram nus, não serão mais violados, seus rebentos não serão mais arrancados de seus braços... Nem de seus ventres. Seus ventres são de seus corpos e seus corpos são delas, meu, nosso. *de mais ninguém*.

Autoficção das atrizes cujas antepassadas não puderam ficcionar felicidade, auto-narrativas herdadas das que vieram antes delas, de nós, das avós, das mães de nossas tataravós, cada gota de sangue de nossas ancestrais, que não queimaram em vão. As cinzas de seus corpos atravessaram os tempos, pousaram sobre essas bardas *scenicas* e as fizeram porta-voz daquelas por quem tanto as antigas bruxas esperavam. Performance ativa, *scenica* contemporânea, bebida na fonte daquela nas-

cente chamada Inezita, mulher braba, fonte cuja água revivifica laços e afirma posições. Não. Meu corpo, meu templo, Lilith. Sacerdotisa, virgem vestal espera. Liberdade é não ter medo. Liberdade, aquela que nasceu no meio do progresso, rio abaixo, menina-peixe, filha da magia, da mulher-raiz, batizada pelo profeta que emergiu da terceira margem do rio.

Depois disso, nada a fazer. *Sala de espera* em que se toma café, em que se espera os intestinos entranharem limpezas antigas, em que se sente o vento na cara e nos papeis que forjam ideias no corpo da atriz que se sabe ideia em conformação eternamente inacabada, em que se vê a manteiga derreter para cozinhar melhor o ovo servido no chá de Alice preparado pela atriz que sabe que as ideias precisam ferver para se misturarem à atmosfera e serem respiradas para fazerem parte do corpo de alguém até virarem ação no mundo, anunciado pelo coelho apressado nu-nua, servido num banquete dionisíaco de cigarros, cerveja barata e camarim de estrela cadente que já fez de tudo nessa vida para garantir seu lugar ao sol, ao som de uma sanfona tocada pela tia que entrou pela passagem secreta e foi viver do outro lado, uma sanfona que chora *Besame Mucho* para elefantes que dançam no picadeiro do circo-ninho, onde tudo começou.

Esta *Sala de espera*, profecia de Galdino autorrealizada – ai de mim! – que encera esta obra não é um lugar, ela é no não palco, no não lugar, no antiuniverso, no antiterritório cênico, no lugar de onde não mais se vê, no lugar virtual, digital, território do "progresso" que se faz agora. Nem Hamlet previu que atuar seria isso e que se você gritar muito, alguém pode "mutar" ou "banir" você da "sala". Nada acontece. E o que se espera, de trás para frente, onde becketianamente nada acontece? Lucky, Pozzo, Estragom, Vladmir digitais são mulheres cênicas.

Fim, começamos ao contrário. Fita de Moebius. A sala de espera é o *Memento Mori*.

O término de um ciclo para um novo recomeço. *Memento Vivere*. Agora, é preciso sair da sala de espera, porque agora é preciso que as coisas aconteçam.

Cênica na sala de espera. Século 21, ano 2021. Na sala de espera. Espera? Não mais. Nunca se esperou de verdade. Fizeram apenas uma pausa pandêmica. Um susto, no começo, depois necessária. É preciso tempo para se pensar 15 anos.

Cênica companhia, come seu pão, porque a estrada é longa e a vida é breve, mas a arte é longa também, já disse outro poeta.

Quinze anos? Bem, começaram ontem, eu me lembro muito dos seus inícios.

E hoje é a saída da esperança, grafada na escrita do drama, dramaturgia *quinceanera*.

Quem não entendeu, preste atenção, nada acontece? Não, meu bem... Tudo acontece.

Scenica, *scenicum*, *scenicus*, *skenikon*, *skenikós*, *skeniké*, Cênica. *E pur si muove*.

Meu abraço e meu carinho à Cênica.

Juliana Calligaris

Primavera de 2021

AUTO DA ANUNCIAÇÃO

2008

Ficha técnica

Dramaturgia: Clara Roncati

Direção e ideia original: Fagner Rodrigues

Concepção musical: José Maria Guirado e Cênica

*Elenco e musicistas**: Clara Tremura, Diego Guirado, Fabiano Amigucci, Ícaro Negroni, Fagner Rodrigues, Glauco Garcia, João Liossi, Simone Moerdaui e Vanessa Palmieri

Figurinos e adereços: Linaldo Telles

Costura: Any Cardoso

Maquiagem: Cênica

Cenografia: Cênica e Leonardo Bauab

Contrarregragem: Mariana Gagliardi

Pesquisa e produção: Cênica

* *Participaram anteriormente deste trabalho:* Anderson Niels, André Almeida, Antônio Bucca, Cássia Heleno, Clara Roncati, Elaine Matsumori, Gisele Lançoni, José Maria Guirado, Leandro Madi, Linaldo Telles, Lucas Conchal, Lucas Guirado, Luiz Thiago Motta, Marcela Galhardo, Marina Lainetti, Neto Chiacchio, Raphael Pagliuso, Roberto Brito, Rodrigo Quintiliano e Valquíria Plaza

Foto: Estevam Collar

PERSONAGENS

Comitiva de viajantes/narradores:

MÉIA
TIÃO
DAIR
ALTANIR
MIRO
DITO

Personagens da história dentro da história:

MARIA
JOSÉ
ANJO GABRIEL
HERODES
ISABEL
TRÊS REIS MAGOS

CENA 1 – CHEGANÇA

TODOS *(entram cantando):*
"Prepare o seu coração
Pras coisas que eu vou contar
Eu venho lá do sertão
Eu venho lá do sertão
E posso não lhe agradar"

ALTANIR: A Companhia Cênica apresenta:

TODOS: Auto da Anunciação!
(...)
"Boiadeiro muito tempo,
Laço firme, braço forte
Muito gado e muita gente,
Pela vida segurei
Seguia como num sonho
Que boiadeiro, era um rei
Mas o mundo foi rodando
Nas patas do meu cavalo
E nos sonhos que fui sonhando,
As visões se clareando
As visões se clareando
Até que um dia acordei
(...)
Na boiada já fui boi
Boiadeiro já fui rei
Não por mim nem por ninguém
Que junto comigo houvesse
Que quisesse ou que pudesse
Por qualquer coisa de seu
Por qualquer coisa de seu
Querer mais longe do que eu
(refrão)
Mas o mundo foi rodando,
Nas patas do meu cavalo
E já que um dia eu montei, agora sou cavaleiro
Laço firme, braço forte
De um reino que não tem rei" (1)

DAIR: Chegamo, meu povo! Vamos pará e descansá? Ai, eu não aguentava mais era andá... Quero achá logo é um canto pra deitá.

ALTANIR: A noite tá bonita, tá fresca... Bão memo é pra proseá.

DITO: Eu tô é com fome, quero é sabê que hora vamo jantá, meu estômago não para de roncá.

MIRO: Eu também tô com fome, mas nem por isso vou reclamá.

MÉIA: Ocês tão lembrando que de noite é hora de rezá?!

DITO: Quem é que pode pensá em rezá depois de viajá o dia inteiro do jeito que a gente viajou?

DAIR: Deixa de besteira, hômi. A gente viaja todo dia... E agora me diz uma coisa, Nosso Senhor, que tá lá no céu, resprandecente, ele também não protege nóis todo dia, não?

DITO: Protegê, ele protege. É que eu penso assim, que pra rezá nóis têm que tá num locar apropriado... Assim, co's anjinhos tudo parado, co's óinho arregalado, as mãozinha assim junta, oiando pra nóis.

MIRO: Vamo pará de conversa fiada! Pra mim, pra rezá ocê pode tá em quarquer lugar, desde de que seja bem do fundão da arma; rezá eu rezo é todo dia, e é pra Jesuis!

TIÃO: É... E ocêis sabe que tem gente que só lembra de Jesuis no Natar?

TODOS: Como assim?

(Música instrumental) (2)

TIÃO: Oras, na minha cabeça Jesus vem é todo dia, em cada criança que nasce, em cada velho que morre, em cada um que faz bondade, ou até que saia da mardade, e ele fica triste memo é de vê gente abandonada, maltratada.

(Fim da música instrumental)

MIRO: Então, ele nasce até pras crianças pobres também?

MÉIA: Principalmente... Jesus nasceu foi pros pobres.

DAIR: Não vê que ele disse "vinde a mim os fracos e os deprimidos"?

MIRO: Não é nada disso não, ele disse "vinde a mim os frascos e comprimidos"!

DITO: Não seria "fracos e oprimidos", não, ô seus matusquela!

DAIR e MIRO: Ah. É...

ALTANIR: Gente, Jesus veio é pra todo mundo. É rico, pobre, branco,

preto, amarelo, o que ele gosta memo é de simplicidade, é do povo.

TIÃO: Então minha gente, vamos rezá e durmi, é o mior que a gente faiz, oceis num acha não?

DITO: Mas eu tô com fome! Nóis vamo durmi sem jantá? Eu quero comida, enchê o bucho!

DAIR: Larga mão de sê guloso, nóis cumemo na úrtima parada, nos dias de hoje, quem é que pode cumê duas, três veis por dia, só se for rico, bem rico memo.

MIRO: Rico ele num é, mas é um saco sem fundo, não para de comê não.

MÉIA: Vamo pará de conversá e durmi, que amanhã ainda nóis tem um mundão de meu Deus pra percorrê.

ALTANIR: Pode deixá, que hoje eu vô fazê a oração.

DITO: Espera aí, se vocês vão orá, e eu não vou podê nem jantá, intão eu vô querê é declamá.

ALTANIR: Aí, meu Deus, lá vem ocê.

DAIR: Ele não desvia dessa mania de poesia.

DITO: É meu jeito de rezá, e se ocê não ficá quieta, eu vou contá pra todo mundo...

DAIR: Ocê pode contar o que ocê quisê que minha vida é um livro aberto, tá?

DITO: É, um livro aberto c'as página tudo rasgada. Pois eu vou conta que ocê vira o Santo Antônio de cabeça pra baixo, bota num copo que é pra arrumá namorado.

DAIR: Eu?

DITO: É. Ocê.

(Miro acha graça)

DAIR *(fala para Miro)*: E ocê? Tá rindo de quê? Acha que eu não te vi ontem, escondidinho, treinando beijo com uma baita duma laranjona?

MIRO: Mentira, mentira... Ela é loroteira, gente. Era mexerica.

TIÃO: Olha só, eu já ouvi dizê que Deus gosta memo é de poesia, música, teatro, essas coisas de artista.

ALTANIR: É verdade memo. Então, ocê qué sabê de uma coisa? Vai menino, decrama aí a tar de decramação que ocê tem pra decramá.

DITO: Trilha sonora apropriada.

(Música instrumental) (2)

DITO:
"Todos cantam sua terra
Também vou cantar a minha,
Nas fraca corda do meu violão,
Vô fazê dela rainha,
E embora longe,
Um dia ela ainda vai sê pra sempre minha" (3)

MIRO: Nossa, que bonito... Ocê que fez?

DITO: Ah não, eu inspirei de um poeta aí, um tar de Casimiro de Abreu.

MIRO: Aí, tá vendo, carbonô.

MÉIA: Chega, agora vamos rezá, meu povo, que já tá ficando tarde.

ALTANIR: "Senhor, no silêncio de nossa comitiva que agora há de adormecê,

DAIR: Nóis vem te pedi a paz, pra todo nosso povo bem vivê,

MIRO: A sabedoria pra reconhecê nossas fraqueza e a força pra mudá o que preciso for,

ALTANIR: Nós queremo olhá sempre no mundo, todas pessoa com teus olhos de amor, queremo tê paciência, justiça e equilíbrio, graças a Nosso Senhor;

TIÃO: Que a gente não veja nunca as aparência das pessoas, mas só o bem que há em cada um,

MÉIA: Não deixa, meu pai, nossos ouvido escutá calúnia, nem nossa língua dizê mardade; que nóis seja sempre bom e alegre,

DAIR: E todas pessoa que passa perto de nóis, ou de quem nóis passa

perto, possa reconhecê a tua presença,

ALTANIR: Porque nóis tamo te revelando,

TODOS: E graças estamos lhe dando. Amém." (4)

MIRO: Óia só, gente, é uma estrela cadente, que lindo... Vamo contá aquela história da primeira estrela? É tão linda...

CENA 2 – COMEÇA O AUTO

"Quando uma estrela cai no escurão da noite,
E um violeiro toca suas mágoas.
Então os 'óio' dos bichos, vão ficando iluminados
Rebrilham neles estrelas de um sertão enluarado
Tudo é sertão, tudo é paixão, se o violeiro toca
A viola, o violeiro e o amor se tocam..." (5)

DITO: A minha Terra tem tantas beleza, mas é tanta, que um poeta não sonha e um mortal não canta... (3') É uma gente que luta todo dia pra sobrevivê, uma gente encantada, quase memo é que santa.

ALTANIR: Chega a sê invejada pôr no mundo não ter igual... Com os seus bosques verdejantes que repete incessante os cantos do sabiá. (3')

MIRO: E como dizia a canção, prepara seu coração pra história que nóis vamo contá, nóis viemo lá do sertão e queremo é te agradá.

DAIR: Pois a história é da boa e não tem como não acreditá, se passou há muito tempo, mas é como se fosse de hoje... Acontece todo dia e nóis nem para pra pensá.

DITO: É, meu povo, é isso memo que oceis tão pensando, o menino Jesus não se cansa de chegá! A gente pede licença pra nos seus sonho entrá e contá uma história bonita de amargá...

ALTANIR: A história da Virgem Santa, demonstrada dessas banda pela sertaneja que vai chegá.

DAIR: Óia só como ela é bonita, c'as trança presa na fita... Chega meiga, forte e contente pra toda gente conquistá...

CENA 3 – ENTRADA DA MARIA

TODOS *(cantam)*:
"Quando a tarde declina,
Veste a campina seu manto de prata
Tudo é beleza,
Sorri a natureza no verde da mata;
Canta a passarada
Na beira da estrada em doce harmonia;
São gorjeios de prece,
Como quem oferece à Virgem Maria:
Ave-Maria do meu sertão!
Dai paz e amor
Pro meu coração." (6)

MARIA: A vida é feita de escolhas, mas muitas vezes algo nos é imposto, o coração é meu, e não quero casar... Mas meu pai e minha mãe prometida me fizeram ficar! Hoje vou conhecer José, o homem que sua esposa me quer tornar, mas não sei se dele vou gostar... Quero ter liberdade pra escolher com quem devo ficar, se é que vou querer ficar com alguém, tenho medo de como ele será... Não sei se vou gostar!

CENA 4 – ENTRADA DE JOSÉ

TODOS *(cantam)*:
"O amor é meu
O coração é meu
De mão beijada entrego a quem quiser
Eu só queria ter um bem
Faz de conta que eu já tenho alguém
E que esse alguém também me quer
O lugar é meu
O coração é meu
E aqui estou pro que der e vier
E pouco importa
As pedras do caminho e a felicidade

Se a minha sorte, a dura caminhada é a realidade" (7)
(...)

JOSÉ: Maria! Sou José e com todo respeito quero falar, não devo te obrigar a nada, mas comigo você pode escolher ficar... Meus olhos uma flor enxergou, meu coração por ti se apaixonou.

MARIA: José, o carpinteiro do vilarejo! Me parece ser de respeito e de fé, seus olhos parecem puros… Se me amas de verdade e comigo desejas ficar, a virtude da paciência vai ter que administrar, porque eu tenho uma promessa e ela vai ter que aceitar.

JOSÉ: Não me incomodo com sua promessa, sempre vou lhe respeitar, seremos felizes, e viveremos como a gente desejar.

MARIA: Fico feliz com seu amor. Não era o que eu planejava, eu tinha outras escolhas... Mas gostei de você. Sabe da minha promessa, está me respeitando e isto não está lhe incomodando. Então vamos juntos tentar.

JOSÉ: Incômodo algum, morena minha, não haverá. É minha rosa, mulher mais linda em toda vila não há! Depois que cruzou o meu caminho, sigo calado e sozinho, porque minh'alma contigo há de ficar ...

TODOS *(cantam)*:
"Olhe o que foi meu bom José
Se apaixonar pela donzela
Dentre todas a mais bela
De toda sua Galileia
Casar com Débora ou com Sara
Meu bom José, você podia
E nada disso acontecia,
Mas você foi amar Maria" (8)
(...)

DAIR: O amor é puro e tão belo de se vê… Mas argo, argo tava pra acontecê, gente.

MIRO: Na estrada da vida, não adianta desviá, o que Deus traçou pra gente vai se concretizá.

DAIR: Na vida de Maria, o Senhor já sabia o caminho que ela ia traçá.

DITO: E é nesse momentinho que a história começa mudá. Causo que entra o Anjo Gabriel, com a missão de anunciá que um filho, um filho ela ia gerá.

CENA 5 – ENTRADA DO ANJO

TODOS *(cantam)*:
"Cheguei na beira do porto
Onde as onda se espalham
As garça dá meia volta
E senta na beira da praia
E os zóio se enche d'água
Que até a vista se atrapáia, ai ai...". [9]
(...)

ANJO: Maria, para pra me escutar, um menino divino vai chegar, e você foi escolhida pra ele gerar...

MARIA: De que jeito, anjo, não tem como realizar, menina moça eu sou e assim quero ficar até o dia de casar...

ANJO: Mas você foi escolhida para o menino Jesus gerar...

MARIA: É um fato difícil de se dar.

ANJO: Você há de acreditar, se até teu próprio sangue concebeu um filho em idade avançada...

MARIA: Mas anjo, o que José irá de mim pensar?

ANJO: Essa parte você pode deixar que o anjo aqui vai cuidar...

MARIA: Santa Maria, eu mesma, como isso pode se dar?

ANJO: É o milagre que vai se realizar e um herói você vai carregar, e contra as injustiças do mundo ele há de lutar.

MARIA: Merecer não tem como ser, mas agradecer eu vou querer, de joelho eu hei de ficar, e minhas lágrimas, em agradecimento, vou derramar.

ANJO: Pois então, assim será...

(Coroação de Maria)

TODOS *(cantam)*:
"Sertaneja se eu pudesse
Se papai do céu me desse
O espaço pra voar
Eu corria natureza,
Acabava com a tristeza
Só pra não te ver chorar
Na ilusão desse poema,
Eu roubava o diadema,
Lá no céu pra te ofertar
E onde a fonte rumoreja
Eu erguia a tua igreja
E dentro dela o teu altar
Sertaneja, porque choras quando eu canto
Sertaneja, se este canto é todo teu...
Sertaneja, pra secar os teus olhinhos
Vai ouvir os passarinhos
Que cantam mais do que eu". (10)

DAIR: Estava anunciado, o anjo tinha avisado, o destino foi traçado, Maria, mãe de Jesus.

MIRO: Nasceria no seu ventre aquele que seria o verdadeiro amor.

DAIR: Tanta luz se fez verdade, pureza e bondade da mais linda flor.

MIRO: Santa mãe da esperança, do anjo criança, nosso salvador.

MARIA: Mãe, serei mãe! Mesmo sabendo que eu não tive homem algum serei mãe, mas como vou explicar ao José, ele não aceitará, apesar da minha promessa, ele não vai acreditar em minha verdade. Não sei o que fazer!

DITO: Como é que arguém acreditaria nesse causo da Maria? Nem memo José ia acreditá. Aí ela tem uma ideia, ela resorve passá uns tempo com a prima dela, a Isabel.

MARIA: Até teu próprio sangue concebeu um filho em idade avançada.

Isabel! *(Entrada de José)* José, não sei se vai compreender, mas devo partir, ficarei um tempo com minha prima Isabel.

JOSÉ: Não entendo, Maria... Nosso casamento se aproxima, não terá tempo de retornar...

MARIA: Fique tranquilo, José, a você prometo voltar... Mas nesse momento confusa estou e não sei o que pensar, vou descer pelo rio e por ele prometo voltar.

JOSÉ: Não vá, Maria, fique. Talvez eu possa ajudar.

MARIA: Tenho medo do futuro, não sei se vai acreditar..

JOSÉ: O que foi, Maria, no que não vou acreditar... O que esconde de mim?

MARIA: Não escondo nada José, o tempo vai me fazer pensar... Adeus! Prometo pra ti voltar...

CENA 6 – MARIA VISITA ISABEL

TODOS *(cantam)*:
"Lá vai uma chalana, bem longe se vai
Navegando no remanso do Rio Paraguai
Ah, Chalana sem querer tu aumentas minha dor
Nessas águas tão serenas vai levando o meu amor" (11)
(...)

ALTANIR: Ô cumpadi... O que ocê tá fazendo do outro lado do rio, rapaiz, vem aqui pra nóis dá uma pescada. Agora ocê tá andando sobre as água, é, cumpadi?

DITO: É milagre, uai.

ALTANIR: Diz um negócio, ocê viu a Maria por aí?

DITO: A Maria? Cumpadi, não que eu queira fofocá, mas me contaro que a Maria desceu o rio, e que ela queria encontrá a prima dela, a Isabel, e grávida!

ALTANIR: Não que eu queira fofocá, mas eu fiquei sabendo que ela queria tê certeza, daquelas bem certezada memo, se era verdade o que o tar do anjo tinha falado pra ela.

TODOS *(cantam)*:

"Meu cafezal em flor, quanta flor, meu cafezal
Meu cafezal em flor, quanta flor, meu cafezal
(...)
Ai menina, meu amor, minha flor do cafezal
Ai menina, meu amor, branca flor do cafezal" (12)

MARIA: Isabel, Isabel...

ISABEL: Criança... Ô criança, bendita sois vós entre a mulheres e bendito é o fruto do vosso ventre.

MARIA: Mas como pode saber?

ISABEL: Mas quem sou eu pra que a mãe do meu Senhor venha até mim? No momento em que ouvi sua voz, Maria, meu filho saltou no meu ventre... Bendita seja aquela que crê nas palavras do Senhor.

MARIA: Isabel, sou prometida e nesse momento foi escolhido um marido pra mim, sabe que tenho uma promessa, como ele vai acreditar?

ISABEL: Fique conosco, nós rezaremos por uma orientação.

MARIA: Isabel, por que Deus exigiu isso de mim? Eu não sou digna de tanta glória.

ISABEL: O sentido da vida está na pureza das nossas escolhas. E não há nada mais puro do que o amor verdadeiro, se José te ama de verdade, ele vai te compreender. Coloque paz no seu coração e não temas, seu fardo não será maior do que poderá carregar.

MARIA: Eu vou voltar e com José vou falar...

ISABEL: Vá com Deus, meu anjo...

CENA 7 – MARIA VOLTA PARA JOSÉ

TODOS *(cantam)*:
"Estou de volta pro meu aconchego
Trazendo na mala bastante saudade
Querendo um sorriso sincero, um abraço
Para aliviar meu cansaço
E toda essa minha vontade ...
...Pra mim tu és a estrela mais linda
Seus olhos me prendem, fascinam,
A paz que eu gosto de ter". [13]
(...)

CENA 8 – JOSÉ ABANDONA MARIA

DAIR: Óia lá, meu povo, Maria vortô e tá sorrindo!

MIRO: E José nem dormindo, só nela pensá.

DITO: Mas nem sempre as coisa se dá do jeito que é pra ficá, e c'as vontade do homem, ninguém pode brincá.

ALTANIR: E foi assim, sem ninguém esperá, que Deus chamou José pra um favor ele prestá.

DAIR: O pobre, que já tava apaixonado que nem ele só, ficou perdido sem no início acreditá, pensando que o destino nele uma peça ia pregá...

MIRO: Diferente do que se pode esperá, ou até memo imaginá, Deus tinha pra José sabe o quê? Era uma missão!

DAIR, MIRO, DITO: Missão???!

ALTANIR: É, e que não era pra quarquer um gostá...

JOSÉ: Maria, você voltou! Eu estava com uma saudade de você...

MARIA: José, voltei, e tenho que te falar, peço que me compreenda, não sei se vai aceitar! Foi-me enviado um anjo com a missão de anunciar, serei a mãe de um filho de Deus, que em meu ventre vou gerar. Não

quebrei minha promessa, me ajude esse filho a criar.

JOSÉ: Como pode ser isso, Maria, não consigo acreditar, conheço sua virtude não posso negar, mas estou confuso e um filho meu não terá, criar filho de outro homem, isso não posso suportar!

MARIA: José, por favor!

JOSÉ: Maria, sabe por que a escolhi? Maria, acreditei que fosse uma mulher de grande virtude, eu levei a minha vida procurando ter honra... honra, honra... Eu tomarei a seguinte decisão, vamos nos afastar, não contarei a ninguém, pois se não, apedrejada você será, eu não quero isso, pois lhe tenho afeto, você vou continuar a amar, mas, infelizmente, juntos, juntos não podemos ficar... Adeus, Maria...

TODOS *(cantam)*:
"Saudade, palavra triste
Quando se perde um grande amor
Na estrada longa da vida
Eu vou chorando a minha dor
Igual uma borboleta
Vagando triste por sobre a flor
Seu nome, sempre em meus lábios
Irei chamando por onde for
Você nem sequer se lembra
De ouvir a voz deste sofredor
Que implora por seu carinho
Só um pouquinho do seu amor
Meu primeiro amor
Tão cedo acabou, só a dor deixou neste peito meu
Meu primeiro amor
Foi como uma flor que desabrochou e logo morreu
Nesta solidão
Sem ter alegria o que me alivia são meus tristes ais
São prantos de dor que dos olhos caem
É porque bem sei, quem eu tanto amei não verei jamais" (14)

DAIR: Separados, um amor tão puro assim, não pode se dá... Ah não!... Mas a história assim não pode ficá!

MIRO: Eu sei como a história continuá...

DAIR: Ah é? Então conta, rapaiz!

MIRO: Mas só se ocê... um beijiinho ocê me emprestá...

DAIR: Oh, mas me diz uma coisa, meu filho, ocê treinô bem direitinho lá, co'a tar da mexiricona?

MIRO: Hum hum... Craro que treinei, ué. *(beijo)*

DAIR: Valei-me, valei-me meu Santo Antônio!!!

MIRO: Valei-me, valei-me santa mexiricona! Então é assim, um anjo chega, em sonho, pros pensamento de José clareá, vamo ficá na torcida pra tudo se acalmá.

CENA 9 – ANJO APARECE PARA JOSÉ

TODOS *(cantam)*:
"A tua saudade corta
Como aço de naváia
O coração fica aflito
Bate uma, a outra faia
E o cuitelinho não gosta
Que o botão de rosa caia ai ai"... (9')
(...)

ANJO: Quando de ajuda você precisar, te dou minha vida pra lhe ajudar. De hoje em diante o seu anjo sou eu. Quando você se ferir e do céu se afastar, eu te trarei para perto da luz, quando sentir solidão, vem comigo rezar, eu levarei suas preces aos céus. Volte, a sua Maria vá reconquistar. O amor é puro... E pra sempre dela vai gostar isso você não pode negar.

CENA 10 – JOSÉ VOLTA PARA MARIA

TODOS *(cantam)*:
"A gente briga, diz tanta coisa que não quer dizer

Briga pensando que não vai sofrer
Que não faz mal se tudo terminar
Um belo dia, a gente entende que ficou sozinha
Vem a vontade de chorar baixinho
Vem o desejo triste de voltar
Você se lembra, foi isso mesmo que se deu comigo
Eu tive orgulho e tenho por castigo
A vida inteira pra me arrepender
Se eu soubesse
Naquele dia o que eu sei agora
Eu não seria esse ser que chora
Eu não teria perdido você" (15)

(Os personagens falam como narradores)

DITO: Viver com medo do mundo é não viver plenamente, alguém nos deu a vida para aprendermos com ela, pra vivermos nela com dignidade.

DAIR: Então, não importa se a gente erra, não importa se a gente sofre, pois é certo que um dia a gente acerta e é feliz.

DITO: Apesar das provações, o mundo é do jeito que queremos que seja, do jeito que lutamos para ele ser.

MIRO: O mais importante é saber torná-lo um mundo feliz, um mundo nosso, onde as injustiças serão corrigidas, onde não teremos mais medo de viver...

(Voltam os personagens)

JOSÉ: Vamos viver, Maria, viver o que a vida nos apresenta, serei pai de vosso filho, a vida com ele não terá tormenta.

MARIA: Sei, José, que será pai do meu filho, e me ajudará em sua criação, pra ele mostraremos o caminho da justiça e viveremos em comunhão.

DAIR: Todo mundo duvidava... Mas Maria o Cristo carregou, e José jurou protegê nosso Senhor.

ALTANIR: É formada a sagrada família! E é chegado o momento de seguir o caminho, mas chega o inverno e com ele o decreto.

DITO: O imperador era um tar César Augusto, e ele quis sabê o número

de pessoas que havia no seu império, por isso deu ordem para que todos vortasse pra a terra onde haviam nascido.

ALTANIR: José e Maria moravam em Nazaré, cidade da Galileia. Mas José era da família de Davi e teve de vortá lá pra Belém, pra ali dá o seu nome. Era o tar do recenseamento.

JOSÉ: Maria, sei que não está em condições de me acompanhar, mas terei de retornar aos caminhos da minha terra, onde se encontram minhas raízes. São caminhos entre as serras, são as minhas diretrizes, sempre que quero instantes serenos, puros, felizes, penso no meu povo, na minha terra e meus lugares. Voltarei às minhas origens, então lhe peço, venha comigo, me acompanhe, em Belém seremos felizes.

MARIA: Sim, seremos andarilhos de nós mesmos, viajantes do que contêm. Quero ir por esses caminhos; não há outro meio de ser livre, juntos vamos a Belém, lá nosso filho vai nascer, Deus há de nos proteger.

CENA 11 – JOSÉ E MARIA PARTEM PARA BELÉM

TODOS *(cantam)*:
"Minha mãe era paulista
Minha avó, pernambucana
Minha bisavó, mineira
Minha tataravó, baiana
A minha mestra soberana
Foi Antônia Brasileira
(...)
Quem soprou essa toada
Que cobri de redondilhas
Pra seguir minha jornada
E com a vista enevoada
Ver o inferno e maravilhas" (16)
(...)

ALTANIR: A noite enfim chegava e com ela a cidade de Belém e um leito faltava pra nosso Senhor, tar quar ainda é hoje, muita gente recusava acolhê o menino salvador...

DAIR: De porta em porta José e Maria batiam e pediam, mas veja só a heresia, ninguenzinho queria ajudá os pobrezinho...

DITO: Até hoje é assim memo, muita gente nega seu povo, sua história, suas raiz; proclama a fé, mas espaia o ódio. Muito fiel agora esquece que pode tá negando a própria prece.

TODOS *(cantam)*:
"Foi eu quem criei a terra
Enchi o rio, fiz a serra
Não deixei nada faltar
Hoje o homem criou asas
E na maioria das casas
Eu também não posso entrar" (17)
(...)

CENA 12 – CENA HERODES

DAIR: O rei Herodes, com medo de perdê sua realeza, não aceitava quarquer manifestação que o ameaçasse, igualzinho que nem são os poderoso de hoje, ou pior ainda, os que se acha poderoso. E os três reis magos que, seguindo as escritura, procurava uma estrela, anunciaro para os quatro cantos que o menino Jesus ia nascê... Herodes descobriu, então, que se tratava de uma criança...

TODOS *(cantam)*:
"O cara mais underground que eu conheço é o diabo
Que no inferno toca cover das canções celestiais
Com sua banda formada só por anjos decaídos
A plateia pega fogo quando rolam os festivais...
Enquanto isso Deus brinca de gangorra no playground
Do céu com santos que já foram homens de pecado
De repente os santos falam "toca Deus um som maneiro"
E Deus fala "aguenta vou rolar um som pesado" (18)
(...)

HERODES: Uma criança... Para o mais humilde dos homens ao mais nobre dos reis... A Profecia termina esta noite, os filhos de Belém não mais

existirão... Quero que meus soldados matem todas as crianças menores de dois anos... Não restará nenhuma criança... Nenhuma criança... Os filhos de Belém não mais existirão...

"A banda cover do diabo acho que já tá por fora
O mercado tá de olho é no som que Deus criou
Com trombetas distorcidas e harpas envenenadas
Mundo inteiro vai pirar com o heavy metal do Senhor"... (18')

ALTANIR: De repente, anoiteceu. Começou a cair uma geada daquelas e José e Maria não tinham pra onde ir. Quanta gente ainda morre hoje por não tê um canto pra dormi?

MARIA: O que vamos fazer, José, não temos onde dormir, precisamos de um lugar para ficar, pode ser simples, só preciso de um lugar pra receber o meu filho eterno.

JOSÉ: Não sei o que fazer, mas vamos sair caminhando, escutando nosso coração, vamos seguir na direção de uma estrela que eu vi no céu, devemos ir e que os caminhos nos levem aonde quiserem, se nossos pés disserem que sim.

DAIR: José se alembrou do seu tempo de criança, e deixou a esperança cuidá do coração.

MIRO: Seguiu sua intuição, percebeu a estrela guia iluminada lá no céu.

ALTANIR: Foram na direção de um estábulo de simples aparência.

DITO: José seguiu o caminho.

DAIR: Maria, com coragem, na sua sequência.

CENA 13 – CAMINHO DA GRUTA e NASCIMENTO DE JESUS

TODOS *(cantam)*:
"Minha estrela cadente
Que não tem onde morar
Teu destino é o da semente

Sem ninguém pra semear
Namorar o céu
Casar com a lua cheia
Caminhar pelas ruas do pensamento
Da espera fazer seu alimento
Oh minha estrela cadente
Quero ser seu astro rei
Quero você junto a mim
Te fazer manhãs mais belas
Verde orvalho nos jardins" (19)

JOSÉ: Sei que não é muito confortável, mas esta noite ficaremos por aqui, arrumei uma pouco de palha... deite pra dormir.

MARIA: Está bom José, não precisa se preocupar, amanhã procuramos outro lugar, mas agora precisamos descansar, pois sei que esta noite nosso filho vai chegar! Vamos dormir um pouco. *(Música instrumental e Maria reza)*: Eu sinto que meu coração está em alegria, sinto os sinos tocando, os anjos chegando, sei que uma luz está me abençoando... Vem, menino divino, vem, meu filhinho, estamos te esperando, É tarde e a manhã já vem, todos dormem, a noite também, só nós velamos por você, nosso bem...

TODOS *(cantam)*:
"É de sonho e de pó
O destino de um só
Feito eu perdido em pensamentos
Sobre o meu cavalo
É de laço e de nó
De gibeira o jiló,
Dessa vida cumprida a sol
Sou caipira, Pirapora
Nossa Senhora de Aparecida
Ilumina a mina escura
E funda o trem da minha vida
Me disseram, porém, que eu viesse aqui
Pra pedir de romaria e prece
Paz nos desaventos

Como eu não sei rezar, só queria mostrar
Meu olhar, meu olhar" [20]
(...)

ANJO: Nasceu quem nos ama, nessa gruta de Belém, trazendo esperança ao mundo. Viola fala e a alma reza, para o povo que está na festa levar a bandeira e as oferendas pra cumprir sua promessa. Viva os santos reis!

(Entram os três reis magos)

TODOS *(cantam)*:
"Oh Deus, salve o oratório
Oh Deus, salve o oratório
Onde Deus fez a morada oiá, meu Deus,
Onde Deus fez a morada, oiá
Onde mora o Calix Bento
Onde mora o Calix Bento
E a Hóstia consagrada oiá, meu Deus,
E a hóstia consagrada, oiá
De Jessé nasceu a vara,
De Jessé nasceu a vara,
E da vara nasceu a flor oiá, meu Deus,
Da vara nasceu a flor, oiá
E da flor nasceu Maria
E da flor nasceu Maria
De Maria o Salvador,oiá, meu Deus
De Maria o Salvador, oiá" [21]

ANJO: A gente veio em comitiva e com ela vamos partir, deixando o sentimento de dividir uma história tão bonita, com gente grande e até guri, sem nunca ter pressa de entender o que essa peça disse aqui. Seguiremos nosso caminho, contando o passado no futuro. Ao voltar para seus lares, que a paz, a justiça e o amor nunca sejam esquecidos.

TODOS: obrigado pela presença, obrigado público querido!

TODOS *(cantam)*:
"Foi nos bailes da vida ou num bar
Em troca de pão
Que muita gente boa pôs o pé na profissão

De tocar um instrumento e de cantar
Não importando se quem pagou quis ouvir
Foi assim
Cantar era buscar o caminho
Que vai dar no sol
Tenho comigo as lembranças do que eu era
Para cantar nada era longe tudo tão bom
Até a estrada de terra na boleia de caminhão
Era assim
Com a roupa encharcada e a alma
Repleta de chão
Todo artista tem de ir aonde o povo está
Se foi assim, assim será
Cantando me disfarço e não me canso
De viver nem de cantar" (22)

REFERÊNCIAS

1 – "Disparada" (Geraldo Vandré e Théo de Barros)

2 – Música instrumental (José Guirado e Ícaro Negroni)

3 – "Minha terra" (Casimiro de Abreu, adaptação livre)

4 – "Oração da manhã" (autor desconhecido), adaptação

5 – "Um Violeiro Toca" (Almir Sater e Renato Teixeira)

6 – "Ave Maria do sertão" (Elpídio dos Santos e Pádua Muniz)

7 – "Tema para Juliana" (Rolando Boldrin)

8 – "Meu bom José" (Padre Zezinho)

9 – "Cuitelinho" (canção tradicional brasileira recolhida, em partes, por Paulo Vanzolin e Antônio Carlos Xangô)

10 – "Sertaneja" (Orlando Silva)

11 – "Chalana" (Mário Zan e Arlindo Pinto)

12 – "Flor do cafezal" (Luiz Carlos Paraná)

13 – "De volta pro meu aconchego" (Dominguinhos e Nando Cordel)

14 – "Meu primeiro amor" (Hermínio Giménez e José Fortuna)

15 – "Castigo" (Dolores Duran)

16 – "Paratodos" (Chico Buarque de Holanda, adaptação)

17 – "Cidadão" (Lúcio Barbosa)

18 – "Heavy metal do Senhor" (Zeca Baleiro)

19 – "Estrela cadente" (Luis Dillah)

20 – "Romaria" (Renato Teixeira)

21 – "Calix bento" (folclore mineiro, adaptação de Tavinho Moura)

22 – "Bailes da vida" (Milton Nascimento e Fernando Brant)

Nota: Textos bíblicos baseados nos Evangelhos de Jesus Cristo (Mateus, capítulo 1, versículos 18 a 25, e Lucas, capítulo 2, versículos 1 a 20).

ACORDES

2010

Ficha técnica

Dramaturgia: Fagner Rodrigues e Homero Ferreira

Direção: Fagner Rodrigues

Direção musical e preparação vocal: Elaine Matsumori

*Elenco e musicistas**: Beta Cunha, Cássia Heleno, Clara Tremura, Diego Guirado, Fabiano Amigucci, Glauco Garcia, Márcia Morelli, Simone Moerdaui e Vanessa Palmieri

Coreografias e preparação corporal: Cássia Heleno

Figurinos e adereços: Linaldo Telles

Costura: Any Cardoso

Maquiagem: Márcio Merighi

Cenografia: Leandro Madi

Restauração cenográfica: Leonardo Bauab

Iluminação: Fagner Rodrigues

Pesquisa e produção: Cênica

* *Participaram anteriormente deste trabalho:* Andrea Carvalho, Elaine Matsumori, José Maria Guirado, Leandro Madi, Marina Lainetti, Perpétuo Peralta e Raphael Pagliuso

Foto: Marcelo Melo

PERSONAGENS (por ordem de entrada)

ATRIZ 1 / MÃE
CORO
ATRIZ 2
ATRIZ 3
ATOR 1
ATRIZ 4
ATRIZ 5
ATOR 2
MÚSICO

BLOCO PRÓLOGO

O público é recebido por uma figura materna, que procura o rosto de seu filho. O elenco todo canta.

"Roda mundo roda gigante
Roda moinho, roda pião
O tempo rodou num instante
Nas voltas do meu coração" (1)

MÃE: "Que voz é esta que aqui nos fala? Que gritos, que dores, que mortes próximas? Que faço eu aqui, numa atmosfera cuidada e harmônica, rodeada de estandartes que albergam em muitas línguas muitos poetas de muitos espaços e muitos tempos? Vínhamos ouvir lírica – uma voz que não conhecíamos, alguma curiosidade nos trouxe". (2) Nos escombros da História...

CORO: Nos escombros da História: sinais de silêncio. Mortos, tortura-

dos, exilados, todos mumificados pelo estridente som do silêncio. Desliguem as luzes, os papéis estão sendo queimados!

Cantam.

"Olha que a vida tão linda se perde em tristezas assim
Desce o teu rancho cantando essa tua esperança sem fim
Deixa que a tua certeza se faça do povo a canção
Pra que teu povo cantando teu canto ele não seja em vão
Eu vou levando a minha vida enfim
Cantando e canto sim
E não cantava se não fosse assim
Levando pra quem me ouvir
Certezas e esperanças pra trocar
Por dores e tristezas que bem sei
Um dia ainda vão findar
Um dia que vem vindo
E que eu vivo pra cantar
Na avenida girando, estandarte na mão pra anunciar." (3)

MÃE: "Este é tempo de divisas, tempo de gente cortada... É tempo de meio silêncio, de boca gelada e murmúrio, palavra indireta, aviso na esquina." (4) Nós, "o país do futuro", odiamos o passado...

O poema a seguir é dito de forma fragmentada por todo o elenco.

CORO: "Avante, à frente
Companheiro
A mente
Sã
Vamos manter
Vambora
O grito
De liberdade
Do escuro
Do porão
À beira
À margem
Vamos gritar
Força

Não foge à luta
Siga a conduta
Ó pátria amada
És tu
A glória e paz
E treme o verde-louro
Campos
E bolas
A massa e o gol
Eis que vendo a morte deitar em berço esplêndido
A prisão da voz
O ato endêmico
Da mão que aponta
Da voz que assombra
Do caos que é a ordem
E o lobo vai
Em pele de cordeiro
Vai canino
Carnívoro
Ambíguo
Dinossauro!
Não
Ai
Não
Ai
Não
Ai
Não falo
Estou na pátria-mãe gentil
Pátria madrasta
Vil varonil
Cadeira do dragão
Pau de arara
Pimentinha
Telefone
Soro da verdade
Afogamento

Geladeira
Holocausto?
Aqui também tem,
Meu bem.
Recebe o afeto que se encerra
Em nosso peito juvenil
E escoa o sangue
Pra não sujar essa mentira
Pra bem longe daqui" (5)

Todo elenco canta.

CORO: Por que não? Por que não? Por que não? Por que não?
"Caminhando contra o vento
Sem lenço e sem documento
No sol de quase dezembro
Eu vou...
O sol se reparte em crimes
Espaçonaves, guerrilhas
Em cardinales bonitas
Eu vou...
Em caras de presidentes
Em grandes beijos de amor
Em dentes, pernas, bandeiras
Bomba e Brigitte Bardot...
O sol nas bancas de revista
Me enche de alegria e preguiça
Quem lê tanta notícia..."

BLOCO 1 - DIA D DE DITADURA

Atrizes 1, 2 e 3 se posicionam sobre pilhas de jornal ao fundo do espaço cênico.

ATRIZ 2: Bom dia!

ATRIZ 3: Boa tarde!

ATRIZ 1: Boa noite!

ATRIZ 2: No rádio...

ATRIZ 3: Na TV...

ATRIZ 1: Ou no jornal...

ATRIZ 2: Eu sou a testemunha ocular da história...

ATRIZ 3: Ocular?

ATRIZ 1: Testemunha?

ATRIZ 2: É 31 de março de 1964, tropas paulistas e mineiras...

ATRIZ 1: Café com queijo...

ATRIZ 2: Marcham para a Guanabara,

ATRIZ 3: Guanabara?

ATRIZ 1: É! Rio de Janeiro...

ATRIZ 2: Deixa eu falar? É o começo da revolução...

ATRIZ 1: *(risos)* Revolução!!!

ATRIZ 2: *(nervosa)* Deixa eu falar! Foram 55 horas de ação militar, com tanques e metralhadoras a postos...

ATRIZ 3: Tanques?

ATRIZ 1: Metralhadoras?

ATRIZ 2: Deixa eu falar! abril de 1964... Castelo Branco é eleito... *(silêncio, reluta em falar)*

ATRIZ 1 e ATRIZ 3: Fala!!!

Atriz 2 não fala, as demais insistem e no fim todo o elenco sussurra as palavras proibidas.

CORO: É a ditadura militar...

Todas e todos voltam a cantar.

"Eu tomo uma Coca-Cola
Ela pensa em casamento
E uma canção me consola

Eu vou...
Por entre fotos e nomes
Sem livros e sem fuzil
Sem fome, sem telefone
No coração do Brasil..." (6)

BLOCO 2 - JOVENS IDEOLOGIAS

Atores 1 e 2 e Atrizes 4 e 5 se espalham pelo espaço cênico.

ATOR 1: Imagine que você é de classe média e está se preparando ou acabou de passar no vestibular.

ATRIZ 4: Assustador! A faculdade tem vagas reduzidas.

ATRIZ 5: Aliás, essa é uma das bandeiras do movimento estudantil: alargar o funil que desemboca na universidade.

ATOR 2: Que curso você vai seguir? A maioria quer ser engenheiro...

ATRIZ 4: Médica...

ATRIZ 5: Eu quero conhecer o Brasil, faço história.

ATOR 1: Mas tem gente que quer transformá-lo: vão estudar sociologia, filosofia e até economia.

ATOR 2: Eu tenho um amigo que diz, brincando, que tem um professor de sociologia da USP que um dia ainda vai ser presidente da República.

ATRIZ 4: Eu acho possível.

ATOR 1: Acho meio difícil...

ATRIZ 5: Que nada, eu penso que um dia esse país vai ser é comandado por um metalúrgico.

Riem.

ATRIZ 4: Só falta você me dizer que vai ser governado por uma mulher.

ATOR 2: Aqui na faculdade, pelo visto, quem não é de esquerda está por fora.

ATRIZ 5: Também não é bem assim, mas tem um monte gente alienada, que nem dá bola para o que acontece no país. Alguém aqui já ouviu falar ou tá sabendo o que tá acontecendo no país?

ATOR 1: O Castelo Branco foi eleito presidente, dizem que tá começando uma revolução.

ATRIZ 4: Lá em casa e no meu bairro, teve festa, chuva de papel picado, toalhas nas janelas, buzinaço, banda e chope. Meu pai se disse aliviado pelo fim da desordem. O Brasil está salvo do comunismo! Falou que os "crioulos" não invadiriam mais as casas das pessoas de bem! E que as empregadinhas voltariam a ficar de cabeça baixa!

ATRIZ 5: Mas nos subúrbios o medo está substituindo o chope. Ali, a revolução tá procurando os "inimigos do Brasil".

ATOR 2: E quem seriam os inimigos do Brasil?

ATOR 1: Pessoas simples, enrugadas pelo trabalho duro, mas que tinham ousado não se curvar; operários, camponeses, sindicalistas.

ATRIZ 5: Nenhum banqueiro, nenhum megaempresário, nenhum tubarão foi sequer chamado para depor numa delegacia,

ATRIZ 4: Dizem que são homens de bem, pessoas que amam o próximo...

ATRIZ 5: Principalmente, se o próximo for um bom parceiro de negócios!

ATOR 2: Os políticos que não concordaram com o golpe tiveram seus mandatos cassados.

ATOR 1: Os soldados estão armados de fuzis, prendendo milhares de pessoas: dirigentes populares, intelectuais, políticos.

ATRIZ 5: A UNE foi proibida e seu prédio, incendiado! O que você acha dessa situação?

ATOR 2: Eu não acho nada! Tinha um amigo que achava muito e hoje ninguém acha é ele! Tô fora!

ATRIZ 4: Eu acho graça disso tudo, por mim não faz a menor diferença, a minha vida continua igual, eu não sei e nem quero saber o que é ditadura. Quer saber, pra mim essa ditadura tá sendo até boa. Vocês perdem

tempo discutindo essas coisas. Olha os outros estudantes perdendo aula gritando na rua.

ATRIZ 5: É o movimento estudantil, gente cheia de coragem, sonhos libertários, utopia na alma.

ATOR 1: É a juventude querendo o poder do mundo! Os estudantes estão indo pra rua contra um governo que esculhamba com a universidade pública.

ATOR 2: Eu fiquei sabendo que, apesar de proibidas, as passeatas nas ruas estão atraindo cada vez mais participantes, de operários a donas de casa.

ATRIZ 4: A imprensa os chama de "infantis" e "desequilibrados".

ATRIZ 5: Só vou falar uma coisa: a gente não pode ficar parado no tempo esperando as coisas passarem. Pode até não ser comigo, mas nós temos que tomar uma providência, sei lá, se envolver.

ATOR 1: Eu tô contigo, só não sei como posso ajudar! Lá em casa ninguém pode nem sonhar que eu tô pensando nisso.

ATOR 2: Faz assim, vamos marcar de conversar e discutir melhor esse assunto, eu não sei se posso me envolver com isso.

ATRIZ 4: Nem olha pra mim, vocês tão ficando loucos, a gente não tem nada a ver com isso, é muito perigoso. (olhares cruzados) Tá bom, eu topo conversar... Mas vamos ter cuidado porque é perigoso.

CORO: É perigoso, é muito perigoso!!!

BLOCO 3 - PASSADO, PRESENTE!

Toca uma versão instrumental da canção "Pedaço de mim" ao fundo ao longo do poema a seguir.

ATRIZ 5: "Se eu pudesse chorar
Eu diria que um dia a esperança tornaria a falar

ATOR 1: Essa moça muda
Velha muda

Que não é assim que muda
A esperança tem que estar

ATOR 2: E o existir
É algo mais preciso
É precioso
A voz
Saindo
A voz de um povo

ATRIZ 4: A esperança
Ouvi bradar
Mesmo que ela fosse onda
Energia
Propulsão de uma causa
De uma época

ATOR 1: De uma juventude
Que se muda
Se inunda
Pra moldar
Um pensamento livre e claro

ATRIZ 5: Um conceito
Um ideal
É tão claro
O pesadelo
Pra mim
Um pesadelo

ATOR 2: Lá trás
Mundo cruel
Realidade
Nua
Crua
Mal cozida

ATRIZ 4: E servida
Belo banquete
Recepta a onda
Ela tá no ar

ATRIZ 5: Pega
Porque os heróis do passado
Já pegaram por lá

ATOR 1: E você?

ATRIZ 5: E você?

ATOR 2: E você?

ATRIZ 4: E você?

TODOS: Tem esperança?" (7)

BLOCO 4 - MÃE GENTIL

A Mãe inicia um canto lamento.

"Oh, pedaço de mim
Oh, metade afastada de mim
Leva o teu olhar
Que a saudade é o pior tormento
É pior do que o esquecimento
É pior do que se entrevar" (8)

A Mãe conversa com sua filha/filho.

ATRIZ 5: Mãe...

ATOR 2: Mãe...

ATOR 1: Mãe...

ATRIZ 4: Mãe...

ATRIZ 5: Mãe, eu tô decidida, tem muita coisa acontecendo, eu não posso me conformar.

MÃE: Eu tenho certeza que essa conversa saiu da universidade, olha só com quem você tá se envolvendo.

ATOR 2: Mãe, meus amigos falaram que não é certo.

MÃE: Que amigos, meu filho? Você deve escutar sua família, não tem

nada de diferente acontecendo.

ATOR 1: Mãe, eu tenho que ajudar ao próximo, não posso ficar parado, tem gente morrendo.

MÃE: Morrendo tô eu e é de medo, você fica no seu lugar, estudando. Vai acabar medicina e se tornar um profissional de sucesso.

ATRIZ 4: Mãe, eu vi no jornal, isso não é certo, eles são pessoas do bem.

MÃE: Minha filha, você é do bem, eu não quero ninguém nessa casa envolvida com essa gente.

ATRIZ 5: Mãe, eu não tô me envolvendo, eu já faço parte, eu tenho ideologia, vou atrás dos meus sonhos.

MÃE: Cuidado, meu filho! Você pode se ferir. Coloca uma coisa na sua cabeça, isso não modifica a nossa vida.

ATOR 2: Não muda a nossa, mas tá mudando a de muita gente, mãe, ela fala tão bonito, tem os olhos lindos, sabe o que quer!

MÃE: Meu filho, não é por causa de palavras bonitas que você vai se iludir. Cadê seus princípios, sua religião?

ATOR 1: Mãe, eu não tô me tornando outra pessoa, apenas quero ser justo.

MÃE: Justo você, minha filha, foi se envolver com essa gente? Seu pai não vai aceitar.

ATRIZ 4: Olha só, eu tô cansada de ficar parada no tempo, eu preciso me envolver.

MÃE: Filha, se você se envolver com isso, é um caminho sem volta.

ATRIZ 5: Mãe, eu volto, prometo. Mas eu preciso ir, vou lutar por aquilo que acredito, eu tenho esperança que isso vai mudar.

MÃE: Você mudou tanto, meu filho, não se envolva em confusão.

ATOR 2: Mãe, eu tô tão confuso, não sei o que quero. Mas eu preciso ir, eu já tomei essa decisão.

MÃE: Vai, a decisão é sua, o que eu tinha pra falar eu já disse. Só te peço: cuidado.

ATOR 1: Eu vou tomar cuidado, mãe, eu vou voltar. Eu te amo! Tô lutando por um futuro melhor, a esperança me move.

CORO: *(sussurrando)* Eu te amo!

MÃE: Cuidado, minha filha! Olha o que você vai fazer da sua vida.

ATRIZ 4: Pela primeira vez eu vou fazer o que quero e não o que vocês querem. Eu tô decidida.

CORO: *(sussurrando)* Pela primeira vez eu vou fazer o que quero e não o que vocês querem...

> *Repentinamente, a Mãe derruba um grande tonel (barril) no centro do espaço de cena.*

MÃE: *(aos gritos)* Por quê? Por quê?

> *O Coro volta a entoar um trecho de Alegria, Alegria.*

CORO: Por que não? Por que não? Por que não? Por que não?

> *A canção entoada pelo coro se transforma em outra, todo o elenco canta.*

"Atenção ao dobrar uma esquina
Uma alegria, atenção menina
Você vem, quantos anos você tem?
Atenção, precisa ter olhos firmes
Pra este sol, para esta escuridão
Atenção
Tudo é perigoso
Tudo é divino maravilhoso
Atenção para o refrão
É preciso estar atento e forte
Não temos tempo de temer a morte" (9)

> *A Atriz 3 levanta o tonel caído no centro do espaço cênico. A luz cai e ela fica sozinha em cena, enquanto o restante do elenco se distribui pela plateia.*

ATRIZ 3: O tempo passa num compasso de espera, o não esperar parado, o parado que não quer dizer calado, o sonho que nem sempre é sonha-

do, chega o momento de falar, agir de gritar. Existem muitas formas de se protestar, o falar ou o se calar, mas a forma mais plena é a arte a se manifestar! Em cada letra, verso ou acorde existe um ideal, livre e claro! Não é o simples fato de se expressar e sim a arte que não quer calar. "Grafar uma música é como querer fotografar o vento, a música existe no tempo a grafia existe no espaço, o vento no vento..." (10)

BLOCO 5 - O BAR

As luzes se acendem e os atores, da plateia, aplaudem a Atriz 3. Forma-se um clima de sarau, bate-papo. Uma das atrizes busca, fora de cena, uma bandeja com uma jarra de cuba-libre e copos. O elenco serve o público, enquanto conversa entre si.

ATOR 1: Se você não apanhou muito nem foi preso, dá para chegar num barzinho no começo da noite, Depois de uns chopes, ou cuba-libre

ATRIZ 1: Rum com Coca-Cola.

ATOR 1: Todo mundo ficava animado para contar pela décima vez suas proezas, sempre um pouquinho exageradas, é claro.

ATOR 2: Você podia estar a fim de uma garota ou de um cara. Mas não se enganem, gente, porque ser homossexual não era nem tolerado pela esquerda. Ser bicha era quase sinônimo de ser contrarrevolucionário.

ATRIZ 5: É, se você estivesse a fim de alguém, logo trataria de falar bem alto para aparecer. Essas coisas não mudaram demais desde então, não é mesmo?

ATRIZ 4: O negócio era se mostrar intrépido no combate aos policiais e estar por dentro das últimas novidades culturais.

ATRIZ 2: No cinema o que contava era gostar dos filmes intelectualizados. O esquema de Hollywood, bajulando atores e espetáculos, não estava com nada.

ATRIZ 1: Nessa época sabe do que o povo gostava, gente? Gostava de filme que tinha diretor-autor. Filme de Antonioni, Visconti, Godard,

Fellini... Pasolini, Bergman...

ATRIZ 3: E o nosso Glauber Rocha? "Terra em Transe", "Dragão da Maldade contra o Santo Guerreiro"... Em 1969, ele ganhou prêmio como melhor diretor em Cannes.

ATRIZ 5: É claro que também se via muita coisa comercial...

ATRIZ 2: Aí as estrelas eram Marlon Brando, Richard Burton, Marilyn Monroe..

ATOR 1: Sophia Loren, Paul Newman, Marcelo Mastroiani, Alain Delon...

MÚSICO: Isso aí parece exercício vocal: Alain Delóoon...

> *O elenco entra na brincadeira e repete Alain Delon, articuladamente, como num exercício para dicção.*

ATOR 1: E, claro, Jane Fonda. Vocês sabiam que depois de posar nua ela virou militante contra a Guerra do Vietnã?

ATRIZ 5: Em literatura, a turma gostava de coisas mais engajadas tipo Maiakovski. Mas também valia Kafka.

ATRIZ 3: O judeu tcheco que escrevia em alemão sobre o absurdo da sociedade burocrática.

ATOR 2: As mocinhas da época adoravam falar de amor livre. A pílula da moda era o anticoncepcional.

ATRIZ 1: Por isso naquela época se cantava assim... *(puxa um refrão)*

"Pare de tomar a pílula
Pare de tomar a pílula." (11)

ATRIZ 2: Mas, mesmo entre o pessoal de esquerda, havia muito conservadorismo.

ATRIZ 4: A maioria das moças casaria virgem mesmo e, no máximo, permitiriam algumas carícias avançadas.

ATRIZ 1: Claro que ninguém era um chato de ir a um bar e ficar conversando sobre coisas intelectuais e políticas o tempo inteiro.

ATRIZ 3: Isso só existe em série da Globo.

ATRIZ 5: As pessoas também dançavam, iam a festas, bebiam além da conta, namoravam.

MÚSICO: Ei, mas vocês só falam em literatura, cinema. E na música?

ATRIZ 2: Boa lembrança. Naquela época havia os grandes festivais de MPB, música popular brasileira. Parece que eles cantavam com a alma mesmo, na verdade, tinham o porquê de cantar!

BLOCO 6 - O PROTESTO DAS MÚSICAS

Atriz 2 sinaliza ao Músico, que puxa uma canção.

ATRIZ 2: "Eh! tem jangada no mar
Eh! eh! eh! Hoje tem arrastão

CORO: Eh! Todo mundo pescar
Chega de sombra João" (12)

ATOR 1: Eu também quero cantar uma, aquela do Tony Tornado.

ATOR 2: Qual?

O Músico dedilha a canção.

ATORES: "A gente corre...

ATRIZES: A gente corre.

ATORES: Na BR-3...

ATRIZES: Na BR-3.

ATORES: A gente morre...

ATRIZES: A gente morre.

ATORES: Na BR-3...

ATRIZES: Na BR-3." (13)

O Músico desafia o elenco a adivinhar a canção que ele está tocando.

ATOR 2: Essa eu sei... "Prepara... que agora é hora..." (14)

O elenco se indigna com o Ator 2.

ATRIZ 1: Mas o que é isso? Não é nada disso. Eu vou te dizer que música é essa. Ela é de 1967 e chama-se "Disparada". Me poupe!

CORO: "Prepare o seu coração
Pras coisas
Que eu vou contar
Eu venho lá do sertão
Eu venho lá do sertão
Eu venho lá do sertão
E posso não lhe agradar..." (15)

O Músico puxa outra canção.

CORO: "O rei da brincadeira
Ê, José!
O rei da confusão
Ê, João!
Um trabalhava na feira
Ê, José!
Outro na construção
Ê, João!" (16)

ATRIZ 1: Agora eu vou pedir uma música. *(ao Músico)* Toca "A Banda", por favor?

ATRIZES: "Estava à toa na vida
O meu amor me chamou
Pra ver a banda passar
Cantando coisas de amor
A minha gente sofrida
Despediu-se da dor
Pra ver a banda passar
Cantando coisas de amor" (17)

Os Atores alternam para outra música, "Debaixo dos caracóis dos seus cabelos".

ATORES: "Um dia a areia branca

Teus pés irão tocar
E vai molhar
seus cabelos
A água azul do mar
Janelas e portas vão se abrir
Pra ver você chegar
E ao se sentir em casa
Sorrindo vai chorar" (18)

As Atrizes alternam a canção de volta para "A banda".

ATRIZES: "O homem sério que contava dinheiro parou
O faroleiro que contava vantagem parou
A namorada que contava as estrelas parou
Para ver, ouvir e dar passagem"

Os Atores alternam a canção de volta para "Debaixo dos caracóis dos seus cabelos".

ATORES: "Debaixo dos caracóis dos seus cabelos
Uma história pra contar
De um mundo tão distante
Debaixo dos caracóis dos seus cabelos
Um soluço e a vontade
De ficar mais um instante"

O Músico dedilha ao violão uma nova canção. Ele é advertido por todo o elenco.

CORO: Não faz isso! Não canta isso! Não pode falar! É proibido... Não fala... Não grita...

A canção proibida converte-se em "Pedaço de mim", novamente. A Atriz 1 amarra um lenço na cabeça.

MÃE: "Oh, pedaço de mim
Oh, metade amputada de mim
Leva o que há de ti
Que a saudade dói latejada
É assim como uma fisgada
No membro que já perdi"

MÚSICO: Agora eu vou tocar sim!
"A mãe da virgem diz que não
E o anúncio da televisão
E estava escrito no portão
E o maestro ergueu o dedo
E além da porta
Há o porteiro, sim...
E eu digo não
E eu digo não ao não. Eu digo: É!"

Pausa na canção. O elenco todo começa a repetir cada qual, fragmentadamente e, ao mesmo tempo, um discurso.

CORO: "Mas é isso que é a juventude que diz que quer tomar o poder? Vocês têm coragem de aplaudir, este ano, uma música, um tipo de música que vocês não teriam coragem de aplaudir no ano passado! São a mesma juventude que vão sempre, sempre, matar amanhã o velhote inimigo que morreu ontem! Vocês não estão entendendo nada, nada, nada, absolutamente nada. Hoje não tem Fernando Pessoa... Vocês estão por fora! Vocês não dão pra entender. Fora do tom sem melodia... Mas que juventude é essa? Que juventude é essa? Vocês jamais conterão ninguém. Vocês são iguais sabem a quem? São iguais sabem a quem? Deus está solto! Àqueles que foram na Roda Viva e espancaram os atores! Vocês não diferem em nada deles, vocês não diferem em nada.

ATOR 2: E por falar nisso, viva Cacilda Becker! Viva Cacilda Becker!" [(19)]

A canção, que havia sido pausada, retorna.

CORO: "É proibido proibir" *(4 x)* [(20)]

BLOCO 7 - AS PERMITIDAS

A Atriz 1, a Atriz 2 e a Atriz 3 se posicionam ao fundo do espaço cênico. Elas carregam nas mãos várias balas (doces).

ATRIZ 1: Até agora a gente mostrou a música de protesto, mas também tinha aquilo que eles vendiam como o certo.

O Músico puxa a canção.

ATRIZ 1: "Groselha vitaminada Milani é uma delícia.
No leite, no refresco e no lanche, pra tomar a toda hora.
Na sua casa, nas festinhas, na merenda.
Tudo fica uma delícia, guarde o nome não se engane.
Groselha vitaminada Milani.
Iahúúú!
Também no sabor morango e framboesa.
Iahúúú!" (21)

Muda a canção.

ATRIZ 3: "Eu te amo, meu Brasil, eu te amo
Meu coração é verde, amarelo, branco, azul anil
Eu te amo, meu Brasil, eu te amo
Ninguém segura a juventude do Brasil." (22)

Muda a canção.

ATRIZ 1: "Já é hora de dormir,
não espere a mamãe mandar,
um bom sono pra você e um alegre despertar". (23)

Muda a canção.

ATRIZ 2: "Não adianta bater
Eu não deixo você entrar
As Casas Pernambucanas
É que vão aquecer o meu lar" (24)

Muda a canção.

ATRIZ 1: "Roda, roda, roda baleiro, atenção!
Quando o baleiro parar, põe a mão.
Pegue a bala mais gostosa do planeta,
Não deixe que a sorte se intrometa.
Bala de leite Kids,
A melhor bala que há.
Bala de leite Kids, quando o baleiro parar." (25)

As atrizes começam a atirar as balas na plateia e nos demais integrantes do elenco.

ATRIZ 1: Manda bala!

Mudança de luz. Ator 1 e Ator 2 assumem a cena.

BLOCO 8 - LUTAS

ATOR 1: Eu não posso concordar, eu amo aquilo que não posso deixar, eu vou pra rua, eu quero gritar e você vai ficar assim mudo sem falar?

ATOR 2: Talvez o melhor negócio seja esperar sem sair do lugar.

ATOR 1: É lugar sim, e hora de decidir... Se é companheiro ou não?

ATOR 2: Isso é propaganda sem sentido! O povo sabe a palavra e quem é o inimigo.

ATOR 1: "Palavra?
Não adianta falar,
o que vale é agir...
Você fica em cima dela
e não sabe em que direção seguir.

ATOR 2: Eu não tô em cima de palavras,
porque palavras se apagam com borracha.
Porque se vai ou não, a coisa tá falada.
Se vem ou vai, se fica ou sai.
Fora daqui, há quem diga, o que eu disse.
Quando paro, não prossigo, empaco.
Eu.

ATOR 1: Leviana, leviana.
Tão insana, sua insensatez.
Cê num tava nem se dando por completo
Tava ali, tá desafeto,
embolando o meio de campo.
Nós.

ATOR 2: Nós, que a voz se ouve.
Ouve!
Eu quando digo eu.

Digo eu sem dizer.
Por isso boto ovo,
e o pé pra fora.
Se agora é hora?
Eu não sei.

ATOR 1: Eu te vi ali, adiante.
Te vi distante.
Acima.
Em cima.
Do mundo.
Do muro.
Do murro.
Na marra.

ATOR 2: Eu quero botar a touca no trombone, abafar o som.
Eu quero, em nome, de mim e dos meus.
Eu quero sair de bloco e corpo.
Eu quero a boca, pra não ter que dormir

ATOR 1: Se você diz que eu tô no meio...
Eu não leio sua face, ô infeliz!
Cara,
que na cara tá.
A tapa, tá.
Na cara: tapa.
Tá?
Tá vendo tudo, tá?
Tô vendo tudo.
Não é de nada, tá.
Eu quero.
E você, quer?" (26)

ATOR 2: "Há quem diga que eu dormi de touca
Que eu perdi a boca
Que eu fugi da briga
Que eu cai do galho e que não vi saída
Que eu morri de medo quando o pau quebrou

ATOR 1: Eu por mim queria isso e aquilo

Um quilo mais daquilo
Um grilo menos nisso
É disso que eu preciso
Ou não é nada disso
Eu quero é todo mundo nesse carnaval

O elenco agora tem lenços multicoloridos nas mãos.

CORO: Eu quero é botar meu bloco na rua...
Há quem diga que eu dormi de touca...
Há quem diga que eu não sei de nada...
Eu quero é botar meu bloco na rua..." (27)

BLOCO 9 - CONTRACULTURA TROPICAL

Muda a canção. Os lenços, antes nas mãos do elenco, agora são dispostos das mais variadas formas. Uns usam na cabeça, no pescoço, no punho, na cintura.

MÚSICO: "Sobre a cabeça os aviões
Sob os meus pés os caminhões
Aponta contra os chapadões
Meu nariz

Eu organizo o movimento
Eu oriento o carnaval
Eu inauguro o monumento
No planalto central do país..." (28)

Pausa na canção.

ATRIZ 3: "Proibido proibir,
ouvido ouvir, boca falar.
E o som do velho...

ATRIZ 1: Cu...

ATRIZ 3: Novo.

ATOR 1: Da esfera...

ATRIZ 1: Cu...

ATOR 1: Globo.
Que 'transcendentalizavasidamente',
fazia macumba na porta do exército
Vindo, vindo... 'Baianalizando' tudo...

ATRIZ 1: Cu...

ATOR 2: Rádio.
Pra dizer: bom dia Oyamada!
Japonês...

ATRIZ 1: Cu...

ATOR 2: Preto.

ATRIZ: E em Brasília: dezenove horas.
Algo 'vende' encontro na televisão.

ATRIZ 4: Originalizado...
Trópico, melão, melancia...

ATRIZ 1: E...

ATRIZ 4: Maracujá!

ATRIZ 5: Porque se 'avec' feijão tá 'bão',
pensa como é 'good' o feijão 'avec' limão.

ATRIZ 2: Aí não! Essa música fodeu com tudo.
Isso não é Tropicália.

CORO: Tropicália?

ATRIZ 2: Nem aqui, nem na porra da China.

ATRIZ 3: 'Yes abbiamo banane!'

ATOR 1: 'Andiamo a parlare'.

ATOR 2: 'Parlê', 'francê', na tevê.

ATRIZ 5: E 'carmenmirandalizando' o soul...

ATRIZ 4: Eu danço 'fox-trot'...

ATRIZ 2: E 'roquenrrou'.

ATRIZ 1: E não acabo com...

CORO: 'Oh yeah!'" [29]

A canção anterior recomeça.

MÚSICO: "Viva a bossa
Sa, sa
Viva a palhoça
Ça, ça, ça, ça...

CORO: Viva a bossa
Sa, sa
Viva a palhoça
Ça, ça, ça, ça..

Viva a mata
Ta, ta
Viva a mulata
Ta, ta, ta, ta...

Viva a banda
Da, da
Carmem Miranda
Da, da, da, da..."

BLOCO 10 - TORTURA

O elenco todo se posiciona de costas no fundo do espaço cênico. Vão se virando à medida que falam. Silêncio.

ATOR 1: Lá está você com o pessoal, no centro da cidade.

ATRIZ 5: Gritando palavras de ordem contra o regime.

ATRIZ 4: Na cabeça, o grande hino da época, Pra não dizer que não falei das flores, de Geraldo Vandré

ATOR 2: Dos edifícios, papel picado e aplausos.

ATRIZ 4: Na faculdade, pintamos as faixas com os dizeres manjados como...

CORO: Abaixo a ditadura!

ATOR 1: De repente, chegam os homens.

ATOR 2: Uma massa de soldados, nenhum indivíduo.

ATRIZ 4: É a polícia!

ATRIZ 5: Escudo, cassetete de madeira, capacete protegendo o miolo mole.

ATOR 1: Corre que eles estão vindo!

ATRIZ 5: Dá tempo de pichar o muro com spray: abaixo a repressão!

ATOR 2: O cheiro de gás lacrimogêneo incomoda.

ATRIZ 4: Hora de botar a pastilha de Cebion debaixo da língua, lenço molhado no nariz.

ATOR 1: O pau cantou! Contra a violência cega. É a consciência estudantil...

ATRIZ 5: Contra a brutalidade do Estado, pedradas, xingamentos e alma libertária transbordando.

CORO: Eles estão chegando!

> *Mudança de luz. A canção seguinte vai sendo anunciada pelo dedilhar das cordas do violão. Elenco e Músico formam uma arena e cantam.*

CORO: "Era um, era dois, era cem
Era o mundo chegando e ninguém
Que soubesse que eu sou violeiro
Que me desse o amor ou dinheiro...
Era um, era dois, era cem
Vieram pra me perguntar:
'Ô você, de onde vai
de onde vem?
Diga logo o que tem
Pra contar'...
Parado no meio do mundo
Senti chegar meu momento

Olhei pro mundo e nem via
Nem sombra, nem sol
Nem vento...
Quem me dera agora
Eu tivesse a viola
Pra cantar...
Pra cantar!
Era um dia, era claro
Quase meio
Era um canto falado
Sem ponteio
Violência, viola
Violeiro
Era morte redor
Mundo inteiro...
Era um dia, era claro
Quase meio
Tinha um que jurou
Me quebrar
Mas não lembro de dor
Nem receio
Só sabia das ondas do mar...
Jogaram a viola no mundo
Mas fui lá no fundo buscar
Se eu tomo a viola
Ponteio!
Meu canto não posso parar
Não!...
Quem me dera agora
Eu tivesse a viola
Pra cantar,
Quem me dera agora
Eu tivesse a viola
Pra cantar,
Era um, era dois, era cem
Era um dia, era claro
Quase meio

Encerrar meu cantar
Já convém
Prometendo um novo ponteio
Certo dia que sei
Por inteiro
Eu espero não vá demorar
Esse dia estou certo que vem
Digo logo o que vim
Pra buscar
Correndo no meio do mundo
Não deixo a viola de lado
Vou ver o tempo mudado
E um novo lugar pra cantar...
Quem me dera agora
Eu tivesse a viola
Pra cantar
Ponteio!
Quem me dera agora
Eu tivesse a viola
Pra cantar
Ponteio!
Quem me dera agora
Eu tivesse a viola
Pra cantar" (30)

BLOCO 11 - FICAR A PÁTRIA LIVRE, OU MORRER PELO BRASIL?

Mudança de luz. O elenco altera a disposição de partes do cenário.

ATRIZ 4: Oi!

ATOR 2: Eu sabia que ia te encontrar aqui.

ATRIZ 4: Eu sabia que ia te encontrar aqui.

ATOR 1: Oi.

ATOR 2: Se eu te pedir uma coisa você faz?

ATRIZ 4: Se eu te pedir uma coisa você faz?

ATRIZ 5: Faço.

ATOR 1: Faço.

ATOR 2: *(beija)* Fica com esse beijo.

ATRIZ 5: E faço o que com isso?

ATOR 1: O que eu faço com isso?

ATRIZ 4: Guarda aqui na lembrança.

ATOR 2: Guarda aqui na lembrança.

ATRIZ 5: Volta!

ATOR 1: Volta.

ATOR 2: Um dia eu volto. Até lá esse país já voltou também.

ATRIZ 4: Eu volto. Quando eu voltar eu trago esse país de volta comigo. Adeus!

ATOR 2: Tenho que ir. Tchau!

Ator 1 e Atriz 5 ficam sozinhos na cena.

ATOR 1: "Como pedir que fique

ATRIZ 5: Além da lembrança

ATOR 1: Um beijo

ATRIZ 5: Tem esperança?

ATOR 1: Há esperança?

ATOR 1: Não morro jamais

ATRIZ 5: Tem sido meus dias difíceis

ATOR 1: Os mais difíceis

ATRIZ 5: Sem mais, difíceis

ATOR 1: Difíceis, sem mais. Azedo.

ATRIZ 5: Como lembrar do teu beijo?

Se em sã consciência,
sangro toda de tanto sofrer.

ATOR 1: Eu não esperava um não amor.

ATRIZ 5: Uma não nação.

ATOR 1: Uma negação.

ATOR 5: O não poder.

ATRIZ 1: O sim poder.

OS DOIS: Ter

ATRIZ 5: Em mãos... Limpas.

ATOR 1: E sujas são as minhas.

ATRIZ 5: Você ainda não chegou.

ATOR 1: Pensei que durava pouco.

ATRIZ 5: Mas talvez dure sempre.

ATOR 1: Eu não te disse.

ATRIZ 5: Coisa alguma.

ATOR 1: Eu não disse desacreditar...

ATRIZ 5: Te amo!

ATOR 1: Mas confesso,
o medo me pegou.
Não te disse, mas te amo.

ATRIZ 5: Vai!

ATOR 1: Vou.

ATRIZ 5: Boa viagem!

ATOR 1: Boa viagem!" (31)

Mudança de luz.

CORO: "Vou voltar
Sei que ainda vou voltar

Para o meu lugar
Foi lá e é ainda lá
Que eu hei de ouvir cantar
Uma sabiá..." (32)

Toca "Pra não dizer que não falei das flores" (33) *instrumental. A Atriz 2 assume a cena.*

ATRIZ 2: "Eu sempre detestei violência.
Tem algo nela que não tá em mim.
Eu sinto que senti a realidade aqui por dentro.
E ela me tomou.
Paraliso. Não respiro.
Não sussurro um ai.
Que a dor, passou...
E o hematoma tá por dentro.
E a paga disso não sei dar na mesma moeda.
Eu me amedronto...
Em minha música,
em minha voz,
em meu violão,
em minha canção." (34)

Mudança de luz. O elenco se reúne em volta do barril, de costas para ele. Começa a próxima canção.

MÚSICO: "Pai! Afasta de mim esse cálice
Pai! Afasta de mim esse cálice
Pai! Afasta de mim esse cálice

CORO: De vinho tinto de sangue..." (35)

A canção continua instrumental. A Atriz 5 assume a cena.

ATRIZ 5: Exilado na pedra, exilado no ar, exilado no bar, exilado no passado que deve e pode acordar. Exilado no exílio de todos os exílios que em mim não findam mais, são eternos... Eu fui... Fiquei... Voltei e não voltei. Voei longe... Falei outra língua. Comi outra coisa. Bebi outro sangue. Mas não parei, eu lutei. Pra voltar, pra ficar, pra cantar... Escrevi cartas... Pra mãe! Pro filho! Pra puta... Dor de cabeça de ser intelectual-

mente forte! [36]

A canção retorna.

CORO: "Como beber
Dessa bebida amarga
Tragar a dor
Engolir a labuta
Mesmo calada a boca
Resta o peito
Silêncio na cidade
Não se escuta
De que me vale
Ser filho da santa
Melhor seria
Ser filho da outra
Outra realidade
Menos morta
Tanta mentira
Tanta força bruta
Pai! Afasta de mim esse cálice
Pai! Afasta de mim esse cálice
Pai! Afasta de mim esse cálice
De vinho tinto de sangue"

A Atriz 4 assume a cena.

ATRIZ 4: Hoje, faz-se sofrer a velha dor de sempre. Hoje faz-se morrer a velha morte de sempre. Não são necessárias mais rodas, trações, fogo lento, azeite fervendo. O homem, hoje, me corta, me queima, me come. Discreto, penetra a alma, não há calma, não há cama, não há amor. Só senti o sabor do podre, que me invade sem perguntar por que. Me sangrou... me deixou ali adormecida, caída, parada, rasgada... Não teve jeito... Engoliu meu respeito.

CORO: "Como é difícil
Acordar calado
Se na calada da noite
Eu me dano
Quero lançar

Um grito desumano
Que é uma maneira
De ser escutado
Esse silêncio todo
Me atordoa
Atordoado
Eu permaneço atento
Na arquibancada
Pra a qualquer momento
Ver emergir
O monstro da lagoa...
Pai! Afasta de mim esse cálice
Pai! Afasta de mim esse cálice
Pai! Afasta de mim esse cálice
De vinho tinto de sangue"

O Ator 1 assume a cena.

ATOR 1: Fui assassinado. Morri cem vezes e cem vezes renasci. Porque sou o poeta dos mortos assassinados, dos eletrocutados, dos "suicidas", dos "enforcados" e "atropelados", dos afogados. Dos que "tentaram fugir", eu corri... Corri... Corri... O eu dói. Doí... Doí... Doí... Tô aqui! Sinto que senti por dentro o que não sinto! Eu minto, não falo... Engulo o escarro, me mato, me morro. Ele me enforca? Não! Eu me enforco e não falo... desta vez eu calo! (37)

CORO: "De muito gorda
A porca já não anda
(Cálice!)
De muito usada
A faca já não corta
Como é difícil
Pai, abrir a porta
(Cálice!)
Essa palavra
Presa na garganta
Esse pileque
Homérico no mundo
De que adianta

Ter boa vontade
Mesmo calado o peito
Resta a cuca
Dos bêbados
Do centro da cidade
Pai! Afasta de mim esse cálice
Pai! Afasta de mim esse cálice
Pai! Afasta de mim esse cálice
De vinho tinto de sangue"

O Ator 2 assume a cena

ATOR 2: Afogamento. O corpo estirado. A cabeça repuxada para trás. Tubos de borracha infiltram-lhe na boca, nas narinas. Água. O peito sufoca, o corpo estertora, o preso esperneia. Agonia. Quando a morte se aproxima apenas um fôlego. Apenas um fôlego, que o preso não pode morrer antes de falar.

CORO: "Talvez o mundo
Não seja pequeno
(Cálice!)
Nem seja a vida
Um fato consumado
(Cálice!)
Quero inventar
O meu próprio pecado
(Cálice!)
Quero morrer
Do meu próprio veneno
(Pai! Cálice!)
Quero perder de vez
Tua cabeça
(Cálice!)
Minha cabeça
Perder teu juízo
(Cálice!)
Quero cheirar fumaça
De óleo diesel
(Cálice!)

Me embriagar
Até que alguém me esqueça
(Cálice!)"

BLOCO EPÍLOGO

Todo o elenco, tal como a Mãe, cobre a cabeça com um lenço branco em referência às mães e avós da Praça de Mayo. Retorna a canção "Pedaço de Mim".

"Oh, pedaço de mim
Oh, metade arrancada de mim
Leva o vulto teu
Que a saudade é o revés de um parto
A saudade é arrumar o quarto
Do filho que já morreu"

A Mãe assume a cena. Ela procura por seu filho nos rostos do elenco e do público.

MÃE: "Todos os dias quando acordo
Recordo
De lembrar que não tem você
Amanheço entristecida
Fico ilesa
Aborrecida
Ao dormir
Pedi
Pra acordar
Sem vida
Pode estar você agora
Ignora
Eu tenho que estar aqui
Pra quando você chegar
Atravessar a sala
E abrir minha porta
Me ver aqui na cama

Bom dia
Café?
Leite, já sei!
Eu lhe contei todas histórias
Lhe aconcheguei
Aqui dentro
E aí fora
Aqui eu tô
Jogada
Foi na estrada
Que me pus
A te gritar
Meu grito ecoou
Num gradual
Som de sofrimento
Da dor em que moro
Casa de lamento
E fui
Fui e a estrada percorri
Eu esqueci
Me esqueci
Eu não cansei
Eu voltei
Você podia chegar
Você podia chegar
Você podia chegar
E o que me devasta
É não ter
Concreta
A chance
De receber na cara
A lama
Após meu tombo
Ao saber
Que é possível sua inexistência
Que inexistir, é como eu tô
E eu tenho direito
É o meu direito

Meu filhotinho
Desmamado
À força bruta
E eu não sei mais ir à luta
Eu me esvaio
Corroída
Pelo ácido
Cáustico
Que em mim trabalha
Essa falta
Ela passou pra lá da ausência
Ela espalhou... não sei quem sou" (38)

Uma última canção se inicia.

CORO: "Quem é essa mulher,
Que canta sempre esse estribilho?

MÃE: Só queria embalar meu filho
Que mora na escuridão do mar

CORO: Quem é essa mulher
Que canta sempre esse lamento?

MÃE: Só queria lembrar o tormento
Que fez o meu filho suspirar

CORO: Quem é essa mulher
Que canta sempre o mesmo arranjo?

MÃE: Só queria agasalhar meu anjo
E deixar seu corpo descansar

CORO: Quem é essa mulher
Que canta como dobra um sino?

MÃE: Queria cantar por meu menino
Que ele já não pode mais cantar

CORO: Quem é essa mulher?

Todo elenco segura taças utilizadas para produzirem os sons finais do espetáculo, a luz vai caindo, enquanto ouvimos os últimos acordes.

REFERÊNCIAS

1 – “Roda viva” (Chico Buarque)

2 – “Cada palavra um murro no estômago”, artigo de Luísa Costa Hölzl sobre poesias no período da ditadura de Paulo Fonteles para o Blog do Paulo Fonteles Filho: Verdade, Memória e Justiça na Amazônia.

3 – “Porta-estandarte” (Geraldo Vandré)

4 – “Nosso tempo” (poema de Carlos Drummond de Andrade)

5 – ¨Tempos de dor” (poema de Homero Ferreira)

6 – “Alegria, alegria” (Caetano Veloso)

7 – “Tem esperança?” (poema de Homero Ferreira)

8 – “Pedaço de mim” (Chico Buarque)

9 – “Divino maravilhoso” (Gilberto Gil)

10 – “Vento” (poema de Chacal)

11 – “Uma vida só (pare de tomar a pílula)” (Odair José)

12 – “Arrastão” (Edu Lobo)

13 – “BR-3” (Tony Tornado)

14 – “Show das poderosas” (Larissa de Macedo Machado)

15 – “Disparada” (Geraldo Vandré e Théo de Barros)

16 – “Domingo no parque” (Gilberto Gil)

17 – “A banda” (Chico Buarque)

18 – “Debaixo dos caracóis dos seus cabelos” (Erasmo Carlos e Roberto Carlos)

19 – Discurso de Caetano Veloso, em 1968, no Festival Internacional da Canção

20 – “É proibido proibir” (Caetano Veloso)

21 – “Groselha Vitaminada Milani” (Edison Borges de Abranches)

22 – “Eu te amo, meu Brasil” (Dom)

23 – "Já é hora de dormir" (Erlon Chaves e Mario Fanucchi)

24 – "Quem bate? É o frio" (Heitor Carillo)

25 – "Bala de leite Kids" (Renato Teixeira e Sérgio Mineiro)

26 – "Cara a tapa" (poema de Homero Ferreira)

27 – "Eu quero é botar meu bloco na rua! (Sérgio Sampaio)

28 – "Tropicália", (Caetano Veloso)

29 – "Tropicando" (poema de Homero Ferreira)

30 – "Ponteio" (Edu Lobo)

31 – "Bem guardado" (poema de Homero Ferreira)

32 – "Sabiá" (Chico Buarque e Tom Jobim)

33 – "Pra não dizer que não falei das flores" (Geraldo Vandré)

34 – "Sempre detestei violência" (poema de Homero Ferreira)

35 – "Cálice" (Chico Buarque e Gilberto Gil)

36 – Trecho inspirado no poema "Canção do exílio aqui" (Moacyr Félix)

37 – Trecho inspirado no poema "Prólogo" (Pedro Tierra)

38 – "Essa falta" (poema de Homero Ferreira)

Os blocos 1, 2, 5 e 10 contam com diálogos retirados de trechos do artigo A DITADURA MILITAR, de João de Freitas, publicada no blog A filosofia de João de Freitas.

A COR SILVA

2011

Ficha técnica

Autoria: Homero Ferreira

Colaboração: Fagner Rodrigues, Roberto Brito, Vanessa Palmieri, Neto Chiacchio, Linaldo Telles, Márcia Morelli e José Maria Guirado

Direção: Fagner Rodrigues

Direção musical: José Maria Guirado

Provocações: Simone Moerdaui

Elenco e musicistas:* Deivison Miranda, Diego Guirado, Fabiano Amigucci, Márcia Morelli e Vanessa Palmieri

Composições inéditas: Márcia Morelli, José Maria Guirado e Clara Roncati

Preparação vocal: Elaine Matsumori

Figurinos, adereços e preparação corporal: Linaldo Telles

Costura: Any Cardoso

Maquiagem: Fabiano Amigucci

Cenografia: Cênica e Leonardo Bauab

Iluminação: Fagner Rodrigues

Consultoria pedagógica: Clara Roncati

Pesquisa e produção: Cênica e Homero Ferreira

* *Participaram anteriormente deste trabalho:* José Maria Guirado, Neto Chiacchio, Roberto Brito e Valquíria Plaza

Foto: Valdecir Gerotto

Uma fábula caipira baseada na vida e no contexto das obras do pintor brasileiro José Antônio da Silva, a partir da pesquisa de Romildo Sant'Anna. [1]

"Aos artistas do mundo, aos ditos loucos, incompreendidos.
Aos sonhadores, aos criativos, aos inventivos e principalmente ao pintor
José Antônio da Silva ,
que retratou seu mundo em forma de arte".

(Homero Ferreira / Julho de 2011)

PERSONAGENS (por ordem de entrada)

SILVA
FIDARGA
ZÉ BEDEU
MENINO
MÃE
ROSA-MOÇA
SANFONEIRO
ROSA
JORNALEIRO
ARTISTA LOCAL
ESPOSA DO ARTISTA LOCAL
O CRÍTICO DE ARTE
A CRÍTICA DE ARTE

Ao ouvir sons de flauta, entra Silva.

SILVA: *(aleatoriamente)* Chegou?

Começa uma canção.

"Poeta, pintor
Primeiro que foi
O mundo inteiro saber
Protegeu o chão, as matas e o pão
A prosa findou foi fazer
Pintou o sertão
Com as próprias mãos
Voou, mas parou foi aqui
Bem na contramão de uma geração
Uma régua, um pincel e 'uns' cão" (2)

Silva tosse muito, ao mesmo tempo que pinta uma tela imaginária. Enquanto isso, os cachorros Fidarga e Zé Bedeu entram de mansinho e observam com ressalvas os gestos de Silva. Os caninos adormecem em um canto.

SILVA: (*em meio à canção*) A distinção entre a vida e a arte não tem nenhuma importância.

De repente os cachorros começam a sentir picadas de formiga. Estão em cima de um formigueiro. Gradativamente vão soltando ais, se esquivando das formigas, até que chamam a atenção de Silva.

SILVA: Que baruio é esse, será que é assombração? O que ocêis tão fazendo na minha casa, de onde ocêis vieram? Mas minha Virge Santa! Ocêis num sabe o que tem nucêis. Isso aqui é uma desgrama de uma formiga saúva. Óia, tá cheio de formiga saúva. Mas é o que eu digo, minha gente: a saúva vai acabar com o Brasir. Mas eu não vou deixar. (*os cachorros choram*) Vamo pará com esse chorero? Mas espera aí que eu quero saber, como é que ocêis entraram aqui dentro? Ah, não vão falar? Mas se num vão falar, então eu vou fazer uma coisa que ocêis não vão gostar. Ocêis vão tomar banho! (*para a plateia*) Eu vou dar um banho nesses catinguento.

Silva alcança uma grande bucha vegetal e esfrega os cachorros com ela, enquanto eles dançam a canção a seguir.

"Um banho de tinta eu vou te dar
Tomar banho de rio, vamos lá!
Esfrega essa orelha, lava essa patinha
Agora essa catinga eu vou tirar" (3)

SILVA: Até que ocêis ficaram bunitinho, hein. Cheiroso. *(para a plateia)* Agora que eles tomaram banho eu acho inté que eu vou ficar com esses cachorro pra mim. *(para os cachorros)* Mas antes eu preciso escolher um nome procêis. *(os cachorros se alvoroçam)* Calma, sô! Cachorro é um bicho muito desesperado. *(para Zé Bedeu)* Faz a cara que ocê acha que tem?

Zé Bedeu faz uma carinha triste, acrescida de um chorinho.

SILVA: Parece cara de cachorro que caiu da mudança! Já sei! Vai se chamar Zé... Zé Bedeu. *(para Fidarga, que está a debochar do nome dado ao companheiro)* Agora ocê, mocinha! Faz aí a cara que ocê acha que ocê tem.

Fidarga faz uma cara muito pomposa, sorridente, cheia de si.

SILVA: Óia, mas que garbosa! Quanta metideza! Merece um nome à altura. Vai ser... Fidarga.

A cachorra reclama.

FIDARGA: Fidarga? Fidarga não!

Silva reage com espanto.

SILVA: Ocê fala?

ZÉ BEDEU: Eu gosto de Fidarga.

SILVA: Ocê também fala?

FIDARGA: Eu falo. E falo que Fidarga... não! Pois se ele é Zé... Bedeu, eu sou Fidarga do quê?

SILVA: Já que ocêis fala, escolhe aí o nome que ocêis quer ter.

FIDARGA: Pode ser Fidarga... Monroe!

SILVA: Monroe? Monroe não, porque é um nome muito americanizado. Eu gosto de coisa nacionar. Coisa brasileira, coisa da terra. Nossa.

ZÉ BEDEU: Eu posso escolher um nome pra ela. E óia, eu sou bom de nomiá. Ela tem cara de Fidarga... Fedegosa.

Fidarga não gosta nada do nome e começa uma briga, entre latidos e rosnadas, com Zé Bedeu.

SILVA: Quieta! Parem de brigar. Tem que ser amigo. Fedegosa não, porque é uma pranta fidida e agora ela tá cheirosa. Já tenho e sobrenome procêis. Ocê vai ser Zé Bedeu da Sirva. E ocê, Fidarga da Sirva.

FIDARGA e ZÉ BEDEU: Mas Silva? Silva por quê?

SILVA: Sirva sim, Sirva é um nome bonito, tem muito brasileiro chamado Sirva. Tem Sirva esparramado pelo Brasil inteiro. Aposto com ocêis que todo mundo aqui conhece ou é um Sirva. Agora que ocêis já tem nome, sobrenome e que ocêis fala, ocêis deve de tá com uma baita duma fome. *(os cachorros fazem festa, pulam em cima do novo dono)* Ei, que gulodice é essa? Vamo acarmá! Aqui em casa ocêis vão ser tratado que nem gente, ocêis vão comer o que eu como. Vou lá dentro pegar algo procêis comer e ocêis fica aqui sem bagunçar nada.

Silva sai, deixando os dois sozinhos.

ZÉ BEDEU: Sabe... Eu ainda prefiro Fedegosa.

FIDARGA: Ah! Ocê é tonto!

O ambiente fica mais escuro e sombrio. Os cachorros ficam com muito medo.

ZÉ BEDEU: Ai!

FIDARGA: Esse lugar é assustador!

ZÉ BEDEU: Concordo!

FIDARGA: Vamos dar o fora daqui!

Quando eles se viram em direção à saída, se deparam com uma grande janela que está fechada, no centro do palco.

ZÉ BEDEU: E agora?

FIDARGA: Qual dessas janelas a gente pulou pra entrar?

ZÉ BEDEU: Acho que foi por aquela.

FIDARGA: Não! Não foi. Foi por aquela.

ZÉ BEDEU: Ou... Foi por aquela?

FIDARGA: Ou aquela?

ZÉ BEDEU: Só tem um jeito de saber.

Zé Bedeu vai em direção à janela.

FIDARGA: Espera!

FIDARGA: Tudo bem, cada um pula a que quiser, mas a gente pula juntos.

ZÉ BEDEU: Tá bom.

FIDARGA: Então tá.

ZÉ BEDEU e FIDARGA: Um, dois, três. Já!

Ao som de viola e violão, caixas dispostas pelo palco começam a ser manuseadas pelos cachorros, que as mudam de lugar. Essas caixas compõem o cenário. A parte de dentro delas guardam objetos, já a parte de fora são ilustradas com pinturas de quadros famosos de Silva. O troca-troca das caixas pelo espaço evidencia as pinturas externas e os objetos antigos em seus interiores. Silva movimenta a janela que estava ao fundo, abrindo-a.

SILVA: Que baruio é esse? Quem tá aí?

ZÉ BEDEU e FIDARGA: Somos nós!

Os cachorros estão admirados com as caixas que agora estão iluminadas e com objetos à mostra.

ZÉ BEDEU: O que é isso?

SILVA: *(aparecendo na janela)* É um museu!

ZÉ BEDEU e FIDARGA: Museu?

SILVA: Museu é onde guarda as coisa histórica. É onde guarda as coisa de onte. As coisa de hoje. O museu fala, ele é vivo!

FIDARGA: E é tudo seu?

SILVA: É meu, de quem mais seria? Isso aqui é meu, aquilo ali também é meu. *(manuseando uma caixa com troféus)* Esses prêmio é tudo meu! Agora ocêis também são meu, os músico também...

Uma tosse forte interrompe a fala de Silva.

ZÉ BEDEU: A gente não mexeu em nada.

FIDARGA: É, a gente nem quebrou nada não.

Sons de flauta tomam o espaço.

SILVA: *(devaneia)* Achei que ocêis tinha vindo trazer a geladeira.

ZÉ BEDEU e FIDARGA: Geladeira?

SILVA: Chegou? *(tosse)* Óia, eu ainda tô me recuperano. Os médico disse que eu vou ficar bem. Mas eu sei que eu vô morrer intoxicado pelas tinta. Nesse dia eu quero pintá com tinta vermeia, que é pra quando eu caí com a cara na tela ficar com o nariz vermeio igual o de paiaço.

FIDARGA: Sirva, tá tudo bem com ocê?

SILVA: *(divagando)* Eu já mandei o ofício?

ZÉ BEDEU: Que ofício?

SILVA: Ofício é um papel pra gente que se diz importante.

Os cachorros datilografam imaginariamente, enquanto Silva pega uma máquina de escrever antiga que está em uma das caixas do cenário.

VOZ OFF: São José do Rio Preto, 10 de fevereiro de 1971. Sr. Prefeito Municipal Adail Vetorazzo, em primeiro lugar quero agradecer, a V. S. de nos ter concedido a enceradeira, tão útil deixando o museu um brinco. Agora nos faça mais um grande favor, mais uma gentileza, o Sr. é tão bão, e compriensive e humano. Tamo morreno de calor e tomano água quente. Precisamos de uma geladeira, acredito não ser necessário falá de sua necessidade, o calor de nossa cidade fala por mim. Espero ser atendido como sempre fui, eu, o diretor, e os funcionários. Desejamos a V.S. saúde e felicidade. Agradeço antecipadamente a atenção que se dignaram dispensar a esta e subscrevo-me. Com todo apreço e estima.

SILVA: Estima. Palavra que não tá sendo muito usada.

Zé Bedeu entrega um papel imaginário para Silva.

ZÉ BEDEU: Assine aqui, por favor!

Fidarga corre para entregar ao Silva um pincel com o qual ele começa a escrever seu nome em uma tela imaginária. Música.

"Aqui no sertão
A terra canta sua história
Seus verdes seus rios
No peito dos passarinhos..."

SILVA: Minha assinatura é minha obra.

Os cachorros e Silva reorganizam novamente o cenário.

(Continuação da música)

"Canta uma canção do tempo de quimeras
Do caboclo das capoeiras
Do roçado e das meninas
Do zóio bonito
E vestido rendado
Toca uma moda bonita um causo caipira que eu quero cantar
Mostra no sapateado a catira
O cateretê e o dobrado
Toca uma moda bonita um causo caipira que eu quero cantar
Mostra no sapateado a catira
O cateretê e o dobrado" (4)

Fidarga sai.

SILVA: *(revoltado)* Ah, mais eu vô falá, sem medo de errá mesmo e quem quisé debatê que venha falá comigo. Qué xingá, venha xingá, venha me xingá. Lá fora eles tão falano que o maior artista do mundo, hoje, vivo, é o Sirva. É o Sirva, é eu, porque eu pinto o Brasil, meu povo, a minha gente.

Zé Bedeu retira seu chapéu de cachorro e coloca um macacão de criança. Silva entrega um chapéu de palha para ele, que agora, então, representa Silva quando menino. Fidarga agora retorna como a mãe de Silva e ele passa a assistir a sua própria lembrança. A luz revela o menino com uma vareta na mão, rabiscando imaginaria-

mente no chão e no ar. Ouve-se um grito da mãe de Silva que vem de dentro. Sons de coisas que rangem tomam conta do lugar.

MÃE: *(ao longe)* Menino! *(aproximando-se)* Ocê tá surdo, é?

MENINO: Que foi, mãe?

MÃE: Vai levá a marmita do seu pai lá na lavôra!

Ouve-se o canto do sabiá laranjeira.

MENINO: Já vou, mãe, deixa cabá de rabisca aqui!

MÃE: Ora! Vou rabiscá tuas perna com essa vareta, menino. Vai logo, antes que esfria a marmita. Vai que seu pai já deve de tá mole de fome. Vai!

MENINO: Já vou, mãe, eu tô desenhando.

SILVA: *(repete)* Eu tô desenhando...

MÃE: *(entrega a marmita ao menino)* Vai agora!

A mãe sai. O sabiá continua a cantar.

MENINO: *(admira-se)* Óia! É o sabiá laranjeira!

Silva se dirige até as caixas, de onde tira um "relógio cuco". Ele brinca com o relógio, fazendo o passarinho entrar e sair de sua casa-relógio, enquanto ouvimos uma canção.

"Sabiá lá na gaiola
fez um buraquinho
Voou, voou, voou, voou
E a menina que gostava
Tanto do bichinho
Chorou, chorou, chorou, chorou
Sabiá fugiu pro terreiro
Foi cantar no abacateiro
E a menina vive a chamar
Vem cá sabiá, vem cá" (5)

Silva entrega o pássaro para o menino que, por sua vez, repassa o chapéu para Silva. O menino sai e Silva coloca aquele chapéu que o fará lembrar sua mocidade. Entra Rosa-moça, ela abre a janela

e flerta feliz com Silva, que corresponde envergonhado ao som da canção a seguir. Rosa-moça deposita uma rosa que traz à mão em um saco cheio de algodões dentro, posicionado do lado esquerdo do palco. Há outro saco idêntico do lado oposto.

"Olho a rosa na janela,
Sonho um sonho pequenino...
Se eu pudesse ser menino
Eu roubava essa rosa
E ofertava, todo prosa,
À primeira namorada.
E nesse pouco ou quase nada
Eu dizia o meu amor,
O meu amor..." (6)

SILVA: Muié é um ser mais diferente de todos do mundo. É firme, lisa, suave, cativante. E festa sem muié não é festa. Baile sem muié não é baile. Se não injistisse as muié, nóis estaria no mundo? Poesia, arte, música, mulher e flor, são tudo uma única coisa. Sorta a guela aí, cumpade!

Música.

"Baile na roça, meu bem, se dança assim:
pego na cintura d'ela que ela tarraca em mim!" (7)

Entra um sanfoneiro, tocando sua sanfona e com bandeirolas da festa presas nele. Ele dança animado. Silva dança com Rosa-moça que, ao perceber que ele está mais interessado em olhar suas pinturas ao redor, faz de tudo para chamar sua atenção, mas sem resultado. Rosa-moça fica irritada por Silva dar mais atenção aos desenhos imaginários do que a ela e sai. Silva nem se dá conta de sua saída e põe-se a procurá-la, transitando do passado de juventude à idade madura, período em que iniciou sua carreira. A música finda e o sanfoneiro sai.

SILVA: Rosa! Vem vê, Rosa!

Rosa-moça agora é apenas Rosa. Mulher de formas volumosas, de personalidade intragável, chata e amargurada. Ao ser chamada por Silva se dirige para a janela.

ROSA: Que é, Zé?

SILVA: Ocê tá de prova que os parente, os amigo sumiro tudo, falaro que eu tenho parte co demo, porque viro essas minha pintura no papelão. Mas ocê tá veno aquele home que vai ino lá na frente?

ROSA: Tô veno... Tô veno é nada, Zé!

SILVA: Mas ele tava aqui, passou e disse que eu tô perdeno tempo aqui nesse sertão, que é preu ir lá pras banda de São Paulo, que isso lá tem é muito valor. Olha só, Rosa, veja a beleza que eu fiz. Veja quantos desenho bunito.

ROSA: Eu num quero sabê! Isso tudo é porcaria, isso num vale é nada. Toda vida ocê foi trabaiadô e agora ta virano vagabundo! Vê aí... O povo anda correndo docê, até os parente sumiu. Ocê precisa arrumá um serviço, uma casa, trabaiá e criá os nossos filho, ouviu?

Silva toma a frente do palco num depoimento.

SILVA: Aquilo me doeu na minha arma! Aquilo penetrô nos meus peito, meu olho merejô de lágrima. Saí no terreno, me joelhei na porta do rancho, pus as mão pra cima e pedi a Deus... Tenho fé em Nossa Senhora, tenho fé em Deus, que algum dia hei de ter o meu nome no jornal do Estado de São Paulo.

ROSA: *(debochada)* Sai daí, bobo!

Rosa sai. Entra um jornaleiro.

JORNALEIRO: Extra! Extra! Exposição de pintura na Casa de Cultura abre inscrições para artistas de toda a região.

O jornaleiro entrega um jornal a Silva e sai. Silva retoma a frente do palco.

SILVA: Fui correno até as Casa Pernambucana e comprei treis metro de flanela felpuda. Comprei tinta de pintar porta e pintei treis quadrinho. Uma ilha cheia de indígena, um retiro e uma fazenda com seus carro de boi. Daí, noutro dia bem cedinho, antes do galo cantar, eu peguei minhas pinturas e levei lá pro homi da exposição, que é onde a gente bota nossos quadro pro povo oiá. Ele era um homi meio bravo, meio endiabrado, pegou as minhas pinturas e me falou...

Entra o Artista Local ao som de música.

"Eh, boi
Sinueiro
Carrega na canga
O peso do mundo todo"

ARTISTA LOCAL: Isto não é arte! Isto é uma porcaria. Você é pintor?

SILVA: Não sou pintor, mas nas horas vagas gosto de fazer meus rabisco, não é!

ARTISTA LOCAL: Pois então vá pra casa, faça outros melhores do que esses e traga, ouviu?

(Continuação da música)

"Eh, boi
Sinueiro
É metade gente, metade animal"

SILVA: Sim, senhor! *(narrando)* Fui pra casa e pintei mais treis: Boizinhos, Dom Pedro e José Bonifácio e o Passeio de Jangada. No outro dia memo, bem cedinho, fui levar pro homi que pegô as pintura e me falou...

(Continuação da música)

"Eh, boi
Sinueiro
É metade gente, metade animal"

ARTISTA LOCAL: Estes estão muito piores que os outros. Isto não é arte. Esses boizinhos todos tortos, com os chifres tortos. Sou artista estudado, conheço a arte a fundo e se digo que não presta é porque não presta! Porém, como seu nome já saiu no jornal, me dê aqui essas porcarias que colocarei escondidinho lá no fundo da exposição.

(Continuação da música)

"A força do boi..." [8]

O Artista Local sai. A música finda. Vagarosamente, Rosa aparece na janela.

ROSA: Eu num falei procê, num falei? Você num é artista, você num sabe de nada. Eles vão é te prendê. Você vai vê o que vai te acontecê.

> *Silva se irrita com Rosa fechando a janela, ela sai. Uma música flamenca toma conta do ambiente que Silva reconfigura mais uma vez, movendo as diversas caixas de lugar. Entra a Esposa do Artista Local* [9] *sob o olhar atento e curioso de Silva. Ela traz consigo alguns quadros de seu marido e passa a colocá-los pelo espaço, como numa exposição. Após ter terminado, a Esposa do Artista Local se posiciona discreta num canto, observando tudo e todos. Entram O Crítico de Arte e A Crítica de Arte. Afetadíssimos, observam o espaço com desdém, tossem, espirram e fazem cara de nojo para falar.*

O CRÍTICO DE ARTE: Veja bem, cara colega. Tudo aqui está como tem que estar.

A CRÍTICA DE ARTE: Sim, estimado colega. Penso que a crítica nunca esteve tão confortável.

O CRÍTICO DE ARTE: Veja você que ontem eu dizia à Tarsila...

A CRÍTICA DE ARTE: ...do Amaral?

O CRÍTICO DE ARTE: Sim, quem mais poderia ser? Comentávamos sobre a semana...

A CRÍTICA DE ARTE: ...de 22?

O CRÍTICO DE ARTE: Sim, qual mais poderia ser?

A CRÍTICA DE ARTE: Quanta arte! Quanta vida impressa naquela semana, não?

O CRÍTICO DE ARTE: Sim... Pois então, como eu dizia... Eu dizia à Tarsila, que dizia não conseguir esquecer que a semana foi para ela m-a-r-a-v-i-l-h-o-s-a.

A CRÍTICA DE ARTE: Disse a ela que viríamos a São José do Rio Pálido? Digo... São José do Rio Córrego. Digo... São José do Rio Próspero. Não! São José do Rio...

O CRÍTICO DE ARTE: ...Preto! Cara colega.

A CRÍTICA DE ARTE: Oh! Sim... Preto, digno colega.

O CRÍTICO DE ARTE: Muito bem...

A Crítica de Arte avista as flanelas de Silva.

A CRÍTICA DE ARTE: Espere...

O CRÍTICO DE ARTE: O que foi?

A CRÍTICA DE ARTE: Veja aquilo!

O CRÍTICO DE ARTE: Aquilo o quê?

A CRÍTICA DE ARTE: Parecem-me flanelas. Não sei definir.

O CRÍTICO DE ARTE: Nos aproximemos.

OS CRÍTICOS DE ARTE: Oh!

A CRÍTICA DE ARTE: É um primor!

O CRÍTICO DE ARTE: Uma raridade!

A CRÍTICA DE ARTE: Magnífico!

O CRÍTICO DE ARTE: Estupendo!

Os Críticos de Arte batem palmas para as flanelas.

OS CRÍTICOS DE ARTE: Bravo! Bravíssimo!

A CRÍTICA DE ARTE: Senhoras e senhores... Estas pinturas são o que há de melhor em vossa cidade.

O CRÍTICO DE ARTE: Eu e minha cara colega chegamos à conclusão de que se trata de uma obra de arte das mais qualificadas. Cheia de significância e significado!

A CRÍTICA DE ARTE: Sim, exatamente. Eu diria mais... Eu diria que essas obras são cheias de significado e significância!

O CRÍTICO DE ARTE: Muito bom!

Silva responde da plateia.

SILVA: *(gritando)* É isso aí, professor! *(narrando)* Eu que estava ali quietinho, envergonhado, só esperano o povo ri da minha cara. Num me

aguentei e gritei memo. Mais aí já era tarde demais, todo mundo já sabia que quem tinha pintado aquelas pintura era eu memo, o Sirva. O que mais me encabulou foi a muié de um artista gritando que artista memo era o marido dela...

ESPOSA DO ARTISTA LOCAL: Meu marido é que artista, ele pinta natureza morta.

SILVA: É verdade! A natureza do seu marido tá bem morta memo!

ESPOSA DO ARTISTA LOCAL: Isso é rabisco de criança!

SILVA: Não fala mal de rabisco que rabisco de criança é muito importante. *(narrando)* Falava que não era arte... Pra mim quem num era arte era ela. Feia de doer os zóio! Muié chata, sô! Mais tarde os crítico veio falá comigo. Disseram que num iam podê me dá o primêro lugá, causo de que ia dá muito o que falá. Então no outro dia saiu no jornal o nome do Sirva em quarto lugar.

OS CRÍTICOS DE ARTE: Não fuja disso, viu? No dia de amanhã você será um grande artista!

SILVA: Um grande artista! Simbora ouvir uma moda!

> *Mudança de luz. Ao som de música, Silva modifica o cenário mais uma vez, movimentando as caixas em cena.*

"Corre um boato aqui donde eu moro
Que as mágoas que eu choro
São mal ponteadas
Que no capim mascado do meu boi
A baba sempre foi
Santa e purificada
Diz que eu rumino desde menininho
Fraco e mirradinho
A ração da estrada
Vou mastigando o mundo e ruminando
E assim vou tocando
Essa vida marvada
É que a viola fala alto no meu peito humano
E toda moda é um remédio pro meu desengano

É que a viola fala alto no meu peito humano
E toda magoa é um mistério fora desses planos
Pra todo aquele que só fala que eu não sei viver
Chega lá em casa pruma visitinha
Que num verso ou num reverso da vida inteirinha
Há de encontrar-me num cateretê
Há de encontrar-me num cateretê" (10)

A cena volta para o interior da casa de Silva. Os cachorros estão esperando Silva retornar com a comida. Eles estão agitados e com fome e começam a imaginar coisas.

FIDARGA: Ai eu tô com uma fome! Ele foi lá dentro e num volta nunca mais.

ZÉ BEDEU: É né? Tô até com medo.

FIDARGA: Diz que todo artista é meio doido, né?

ZÉ BEDEU: É mesmo. Ocê viu o jeito que ele deu banho na gente? Parecia que tava inté pintando nóis.

FIDARGA: Mas eu acho que ele é bão, porque ele inté salvou nóis das formiga saúva.

ZÉ BEDEU: *(com medo)* Eu ouvi dizer que tem gente que pega cachorro pra fazer sabão.

FIDARGA: E salsicha!

ZÉ BEDEU: É mesmo, pra por no cachorro quente.

FIDARGA: E carne moída também!

ZÉ BEDEU: Espetinho!

FIDARGA e ZÉ BEDEU: Auuuuu!!!!

FIDARGA: Peraí... Espetinho é de gato.

Ouve-se o som de gatos. Fidarga e Zé Bedeu rosnam. Silva, que está fora da cena, chama pelos cachorros.

SILVA: Zé Bedeu! Zé Bedeu!

ZÉ BEDEU: Mas quem é esse Zé Bedeu?

FIDARGA: É ocê, tonto! Vai lá ver o que ele quer. *(Ela cantarola com deboche)* Zé Bedeu, Zé Bedeu, antes ele do que eu.

SILVA: Fidarga, ocê também!

> *Fidarga fica sem graça e com medo. Silva entra misteriosamente com uma cesta.*

SILVA: Comida! *(para Zé Bedeu)* Procê que tá fortão vou te dá doce de leite caseiro. *(para Fidarga)* E procê que tá com essa voz fininha, mirrada, eu vou dar uns ovo caipira que é pra fortalecer.

FIDARGA: Ovo? Mas é frito né?

SILVA: Cru!

> *Zé Bedeu ri e debocha à vontade de Fidarga.*

ZÉ BEDEU: Ovo cru? *(ri)* Zé Bedeu, Zé Bedeu, antes ela do que eu!

> *Fidarga dá um beliscão em Zé Bedeu que cessa o deboche. Ela vai para um canto do palco e começa a chorar bem dramática, enquanto Zé Bedeu recebe afagos de Silva.*

FIDARGA: Ah! Deixa o Zé Bedeu pra lá. Tá lá ó, todo todo, comeu doce de leite caseiro né? O Sirva é um pão duro! *(sonha)* Pão? Pão com mortadela... Pão com mortadela e um copão de suco. Pão com mortadela, um copão de suco e um doce de abóbra. Ai, que delícia!

ZÉ BEDEU: O que ocê tá fazendo aí, tá sonhando?

FIDARGA: *(lambendo os beiços)* Sonho de padaria!

> *Zé Bedeu tenta se aproximar de Fidarga, que rosna brava para ele. Então, ele retira uma flor de sua cartola e entrega para ela. Ela gosta do presente e mansinha vai para perto dele.*

ZÉ BEDEU: Ocê não acredita que uma vontade muito, mas muito forte pode se tornar realidade?

FIDARGA: Eu não sei do que ocê tá falando.

ZÉ BEDEU: Do sonho. O de verdade. Uma coisa que tá em você o tempo todo. Uma coisa que ocê só vai descansar quando alcançar.

FIDARGA: Tenho sonho sim, de estudar. Pra aprender a ler o rótulo do pote de maionese.

ZÉ BEDEU: Para de ser besta! Se a gente estudasse ia poder ler bem mais que só o rótulo do pote da maionese. Ia ler tudo. Tudo que existe e é escrito. *(vai ler em uma faixa que Silva acabara de colocar sobre o cenário)* Eu já aprendi até uma palavra, Óia só: pri – mi – ti – vis – mo.

FIDARGA: Pri – mi – ti – vis – mo?

SILVA: Óia. Ocêis tão progredindo hein! E Óia que essa palavra é difícil.

Os cachorros ficam sorridentes.

FIDARGA: Mas o que é?

ZÉ BEDEU: Nesse monte de foto que o senhor tá, sempre tem essa palavra.

SILVA: Ih! Isso é uma cunversa longa que ocêis vão tê que aperfeiçoá muito a leitura, vão precisá de muita escola pra podê aprendê nesses livro aí. A única coisa que eu digo procêis é que eu já sou um primitivo crássico! Agora eu coloquei naquele quadro ali o surrealismo, o primitivo e tenho o impressionismo. As trêis corrente e eu me coloco ali. Já tá mais que discutido e aprovado isso. Prum autodidata até que tá bão.

FIDARGA: Esse quadro é engraçado. Colorido! Eu queria aprendê a pintá.

SILVA: Uai, mas ocêis pode muito bem me ajudar a pintá os quadro que eu vô mandá pra exposição, pra Bienar.

FIDARGA: Já sei, eu vou pintá a lua. Óia que linda!

ZÉ BEDEU: Lua cheia!

FIDARGA: Eu adoro a lua cheia. Eu queria ser igual a lua cheia.

ZÉ BEDEU: Por quê?

FIDARGA: Porque quando ela tá cheia é que ela tá feliz.

ZÉ BEDEU: Por quê?

FIDARGA: Porque ela jantou e ficou forte.

ZÉ BEDEU: Mas então eu acho que ela fica triste quando ninguém dá nada pra ela comer e ela fica fininha, até desaparecer.

Poema.

"Óia a lua!
Vê se não é uma pintura que Deus ponhô lá no arto pra mode de a gente oiá
Eu tenho pra mim o exemplo do céu
Cada vez que eu desanimo, eu vou até a janela, abro e olho pr'ele
Cheio de estrela, tão cheio de luz
E todo dia, sem se importá com nadica de nada
Ele tá lá
Com a sua nobreza
Com as suas estrela
Isso é persistência
Aí, eu vorto pras tela
Garro num pincér
E deixo Deus usar minhas mãos
Eu pinto o que tá no meu coração
Só assim eu sou feliz
Eu pinto o que passou, o que vivi, o que sonhei
Eu pinto o que me dá na teia" (11)

SILVA: Eita lua bonita. Lá na roça que era bunito de vê a lua, gorda que só!

FIDARGA: Como que era quando o senhor trabaiava na roça?

SILVA: O campo antigamente era o campo, era tudo, era a nossa vida, dali é que saía tudo, o campo, dali saía tudo. Mais o campo virô tudo lavôra de cana. Aonde tá a cana tá a fome, a miséria, num tem pássaro, num tem pássaro, num tem alegria, num tem nada. Só tem cana, mais nada, mais nada.

Luz e som dão um clima melancólico.

"Nesta viola canto e gemo de verdade
Cada toada representa uma saudade" (12)

SILVA: Eu tô falando isso porque nóis vai pintá um quadro bem bonito pra mandá pra Bienar, com carro de boi, passarinho, trem... Uma plantação com muito algodão. Cheio de cor.

ZÉ BEDEU: Pode ter bastante vermelho?

SILVA: Pode.

FIDARGA: Bastante amarelo também.

SILVA: Pode ter a cor que ocêis quiser, só não pode faltar essa cor aqui...

Silva aponta para o coração deles.

ZÉ BEDEU e FIDARGA: A cor Silva.

A música irrompe a cena. As personagens ficam imóveis. Na evolução da canção, passam a manusear um quadro de recortes de espelhos posicionado no chão que, por sua vez, dispara reflexos na plateia e nas personagens.

"A arte de conceber a arte
Não é outra coisa
Senão, abrir os instintos para todas as possibilidades.
Tudo é possível, tudo é importante
Sons, cores, pessoas, figuras, objetos, espaços, fontes
Os olhos são sua lente
As mãos pincéis
A mente um deus poderoso
O imaginário é infinito
Não há tempo, não há espaço, não há proibido
A criação é o fluir
A minha brincadeira é o desconstruir..." (13)

Começa outra música. Zé Bedeu e Fidarga alcançam os sacos com algodão dentro que estavam, desde o início do espetáculo, posicionados cada um em um canto do palco. Os dois jogam algodões pelo ar, espalhando-os felizes por todo o espaço. Enquanto isso, Silva reorganiza as caixas para a cena seguinte.

"Com lápis eu pinto meu mundo lindo
Basta eu acordar
E por onde eu viro
Uma cor verá, será de uma cor
Ou que cor será?
Como é verde a mata
Cinza a cidade
Como é lindo o verde das ondas do mar
O meu mundo lindo vai se colorindo

Como um arco-íris de uma bela caixa
De lápis de cor" (14)

Sons de flauta.

SILVA: *(tosse)* Chegou?

FIDARGA: Chegou o quê?

SILVA: A geladeira?

ZÉ BEDEU: Não, só chegou essa carta aqui. Eu posso ler? *(Zé Bedeu olha para Silva que consente com a cabeça)* Des-clas-si-fi-ca-do!

SILVA: Desclassificado? *(pega a carta)* É da Bienar. Mas eu vou enforcá eles! Vou pintar eles tudo enforcado!

Revoltado, Silva derruba as caixas do cenário.

SILVA: A crítica não é nada. Se eu fosse escutar a crítica, eles tinha me arrasado. Eu penso que pra ser crítico tem que ser uma coisa muito séria.

Rosa retorna à janela.

ROSA: Eu não te falei! Onde já se viu pintá os crítico tudo enforcado! E aqueles monte de urubu em volta? E ainda mandou os home pros quinto dos inferno.

Zé Bedeu adentra a cena e rosna para Rosa.

ZÉ BEDEU: *(com o jornal na mão)* Ô Silva, não fica assim. Óia só... Esse jornal aqui tá falando que ocê é muito famoso. Famoso no mundo inteiro. Tem quadro seu em tudo quanto é país.

Rosa se interessa.

ROSA: Ele é famoso? *(dissimulando)* Óia, homi, num é que eu sabia que ocê era bão, por isso que eu sempre te incentivei. Taí, boa ideia! Vou começá a pintá também, quem sabe eu fico famosa. Famosa não, famRosa!!!

Silva começa a organizar as caixas caídas no chão. Tudo que ele faz de um lado, Rosa faz do outro. Ela o copia e, com um pincel, faz retoques nas obras dispostas nas caixas.

SILVA: *(narrando)* A Rosa copiou tudo os meus quadro, pois eu fui lá comprei tudo dela e destruí tudinho. Nesta casa, basta um artista!

Silva fecha a janela em que Rosa acabara de se posicionar. Rosa sai lentamente de cena levando uma trouxinha no ombro. Entra uma canção.

"Felicidade foi-se embora
E a saudade no peito
Inda mora
E é por isso que eu gosto
Lá de fora
Porque sei que a falsidade
Não vigora" (15)

SILVA: O amor é tudo na vida de um homi e na vida de uma mulher e de quarqué cristão. Quem nunca amô e quem não procura amá... Não nasceu, num morreu, num é nada. A rosa murchô e nunca mais floriu. Toca uma moda aí, cumpadi, pra curar as amargura da vida.

Toca "Casinha" instrumental

ZÉ BEDEU: Sirva! Começou o programa que o senhor mais gosta!

FIDARGA: Ah! Então tá na hora do senhor pintar, não é?

SILVA: Isso memo. Eu adoro pintá ouvino música caipira. A música caipira é linda. É bonita. Eu pinto só o que eu sinto.

Todos arrumam as caixas para a cena final. Como num ateliê, Silva agora tem pincel, tela e tinta vermelha ao seu alcance. Os cães repousam aos seus pés. O velho Silva tosse. A canção de fundo, antes instrumental, agora ganha palavras.

"A minha vida, é um sonho esquecido,
Patrimônio já perdido, não sei quando vou achar.
Vivo vagando, sempre olhando o infinito,
O que existe de bonito, são as noites de luar..."

SILVA: *(tosse)* É uma alegria pintá o Brasir de onte em contraste com o Brasir de hoje. Quedê a simpricidade? O povo não quer saber do que é simples, hoje em dia é tudo um tal de contemporâneo. Por exemplo, lá em Rio Preto... Quando minha arte nasceu lá, eu não sabia nem o

que era isso. O museu, só de 14 sala que eu pedi, não me dero até hoje. Na cartera de trabaio tá lá ó: servente. Eles não quisero dar o título de diretor pra um homi que veio da roça, semianarfabeto que nem eu. Tá lá: servente. A geladeira? Até hoje não chegou. Quedê as coisas simples? O nosso avô sentado de cócoras, na varanda de casa, contando história, causo, quedê? Quedê o joguinho de bocha? Quedê o bailinho do sereno? Isso não tá injistindo. Quedê o simples?

(Continuação da música)

"Minha morada é uma casa sem beleza,
Rodeada de tristeza, como um jardim sem flor.
Meu coração, não reclama, está calado,
Mas por dentro está magoado, por perder o seu amor..."

SILVA: *(tosse)* A geladeira nunca que vai chegar! Porque nóis continuamo aí no meio das grandeza. E continuamo todo mundo com os zóio vendado. É... Aquele que pranta é o primeiro a passar fome. Só que pra um verdadeiro artista não tem espaço nem tempo, porque... A distinção entre a vida e a arte não tem nenhuma importância.

Silva vai, gradativamente, caindo com o rosto por cima da tela com tinta vermelha.

(Continuação da música)

"Nesta casinha, não consigo mais morar
Nesta casinha, não consigo mais morar" (16)

Silva desfalece. Ouve-se sons de flauta. Os cachorros acordam, se alvoroçam e saem de cena latindo. Em seguida, retornam trazendo para o palco uma geladeira.

ZÉ BEDEU e FIDARGA: Sirva! Sirva, vem ver! A geladeira chegou!

Os cães abrem a janela à procura de Silva e se deparam com ele desfalecido. Os sons de flauta continuam. Toca uma canção final.

"Tudo no mundo se acaba
Tudo no mundo tem fim
Somos como jabuticaba
Comida por passarim"

Mudança de luz. Silva levanta-se lentamente, ele está com o nariz vermelho de tinta, encaminha-se para a geladeira. Ele abre a porta da geladeira, entra e se fecha lá dentro. Os cachorros lentamente se aproximam da geladeira e adormecem ao pé dela. A canção finaliza a cena.

(continuação da música)

"Tudo no mundo se acaba
Tudo no mundo tem fim." (17)

As luzes se apagam.

REFERÊNCIAS

1 – Esta obra conta com reproduções de trechos de entrevistas concedidas por Silva ao professor e pesquisador Romildo Sant'Anna, publicados por este no seu livro "Silva: quadros e livros: um artista caipira" (São Paulo: Editora UNESP, 1993.)

2 – "Canção do Silva" (José Maria Guirado e Clara Roncati)

3 – "Canção do banho" (José Maria Guirado e Clara Roncati)

4 – "Sertanejo" (Luís Dillah)

5 – "Sabiá na gaiola" (Hervé Cordovil e Mário Vieira)

6 – "Modinha" (Sérgio Bitencourt)

7 – "Baile na Roça" (Tonico e Tinoco)

8 – "Sinueiro" (Luís Dillah)

9 – A personagem da Esposa do Artista Local foi criada como um coringa. Na montagem do espetáculo, a direção percebeu que precisava de mais tempo até que Os Críticos de Arte conseguissem vestir a imensa estrutura de espuma que é o seu figurino. Nesse sentido, quem passou a entrar em ação foi a musicista Márcia Morelli, preenchendo a cena. É o único momento que exige quatro atores no palco, contrariando uma característica da dramaturgia, que foi pensada para que apenas três atores conseguissem dobrar todas as personagens.

10 – "Vide Vida Marvada" (Rolando Boldrin)

11 – "Poema da lua", de Márcia Morelli. Este poema marca mais uma participação de Márcia na cena.

12 – "Tristezas do Jeca" (Angelino de Oliveira)

13 – "A arte" (Márcia Morelli)

14 – "O meu mundo lindo" (Ronaldo Ciambrone)

15 – "Felicidade" (Lupicínio Rodrigues)

16 – "Casinha" (Sérgio Brito)

17 – "Comida de passarim" (José Maria Guirado e Fagner Rodrigues)

POR QUÊ?

2012

Ficha técnica

Autoria: Linaldo Telles

Direção: Fagner Rodrigues e Linaldo Telles

Direção musical: José Maria Guira*do*

Elenco e musicista:* Antonio Bucca, Diego Guirado, Fabiano Amigucci, Simone Moerdaui e Vanessa Palmieri

Figurinos: Any Cardoso, Linaldo Telles e Natane Pereira Silva

Design de Figurinos: Natane Pereira Silva

Costura: Any Cardoso

Maquiagem: Fabiano Amigucci

Cenografia: Fagner Rodrigues e Linaldo Telles

Adereços: Linaldo Telles

Iluminação: Fagner Rodrigues

Pesquisa e produção: Cênica

**Participaram anteriormente deste trabalho:* Cássia Heleno e José Maria Guirado

Foto: Reginaldo Galhardo

PERSONAGENS

SR. CORETO – Músico aposentado, 60 anos. Casado com a música.
HELLEN – Professora de balé aposentada, 77 anos. Mora sozinha e cria gatos. Solteira.
RAPHAELO – Sapateiro aposentado, 80 anos. Mora com a filha e sua neta Sophia. Viúvo.
REBECA – Costureira aposentada, 79 anos. Mora com o filho e a nora. Esposa abandonada.
VITÓRIO – Professor aposentado, 83 anos.

Em uma praça, o Sr. Coreto toca uma canção. Enquanto isso, Vitório dorme em um banco. O público é recepcionado por Hellen, Raphaelo e Rebeca.

SR. CORETO *(canta)*:
"Eu daria tudo que eu tivesse
Pra voltar aos dias de criança
Eu não sei pra que que a gente cresce
Se não sai da gente essa lembrança
Aos domingos, missa na matriz
Da cidadezinha onde eu nasci
Ai, meu Deus, eu era tão feliz
No meu pequenino Miraí
Que saudade da professorinha
Que me ensinou o beabá
Onde andará Mariazinha
Meu primeiro amor, onde andará?
Ai, eu igual a toda meninada

Quanta travessura que eu fazia
Jogo de botões sobre a calçada
Eu era feliz e não sabia
Aos domingos, missa na matriz
Da cidadezinha onde eu nasci
Ai, meu Deus, eu era tão feliz
No meu pequenino Miraí
Eu igual a toda meninada
Quanta travessura que eu fazia
Jogo de botões sobre a calçada
Eu era feliz e não sabia" (1)

HELLEN: Por aqui. Façam silêncio, pois o professor está dormindo. Ele não suporta barulho.

RAPHAELO: Ih! O sábio guru é ranzinza que só vendo...

REBECA: Cuidado para não acordar o mestre de repente, senão a alma desgruda do corpo e aí... adiós!

> *Após o público se acomodar, os três idosos vão até o professor. Zombam e riem enquanto ele dorme. O mestre acorda abruptamente. Todos se colocam em posição de reverência.*

VITÓRIO: Turma A!

HELLEN: Presente.

VITÓRIO: Turma B!

REBECA: Aff, presente!

VITÓRIO: Turma C colada na D!

RAPHAELO: Num sei por que ele me colocou na turma C. Preseeente!

VITÓRIO: Estão atrasados!

TODOS: Perdão, fessôr!

VITÓRIO: Estavam dormindo, estudantes?

TODOS: O senhor é quem estava dormindo, teacher!

VITÓRIO: Estava apenas cochilando!

REBECA: O senhor viu, prô, como a praça está cheia hoje?

RAPHAELO: Sejam bem-vindos à nossa casa...

HELLEN: Nossa casa, não! Explique-se melhor, Raphaelo. A praça é como se fosse a nossa casa.

RAPHAELO: Sim! Foi exatamente isso que eu quis dizer. Sejam bem-vindos à nossa praça.

VITÓRIO: Praça! Praça! Que graça! É um nome aberto... expansivo... grandioso...

RAPHAELO: Ok! Já entendemos!

VITÓRIO: Entendemos?! E o que é que vocês entendem sobre praça?! O que é que nós sabemos sobre praça?

RAPHAELO: Ih! Alguém trouxe o conta-gotas!

REBECA: Ih... Já acordou batendo fora do bumbo!

HELLEN: Não falem assim com o meu... quero dizer, com o nosso orientador! Pedagogo! Catedrático...

RAPHAELO e REBECA: Hum! Papagaios!

VITÓRIO: Obrigado, querida Hellen, a senhora é uma exímia dama, com esse olhar de mel... minha Capitu.

HELLEN: Ah! O senhor que é um verdadeiro Dom Casmurro...

VITÓRIO: Casmurro?!

HELLEN: Ou melhor... um Dom Quixote!

REBECA: Dente de serrote!

VITÓRIO: Dulcineia!

RAPHAELO: Doce véia!

HELLEN: Meu Romeu!

REBECA: Ih, fedeu!

VITÓRIO: Minha Julieta!

RAPHAELO: Tampa de caneta! Ih, o cupido flechou!

VITÓRIO: Meus queridos, alguém aqui saberia me dizer o que é uma praça? Alguém se prontifica?

HELLEN: Eu sei! Praça é um lugar gostoso para bailar... Para ler um bom livro, comendo uma boa pipoca...

REBECA: Praça é um lugar onde corre muita energia...

RAPHAELO: Ai! Adoro pipoca doce... algodão doce...

REBECA: Yoga... Lian Gong... Tai chi... praça é um lugar de vibrações... onde a gente sente coisas. Sentir coisas?? Sentir? Eu não quero sentir mais nada porque eu já sofri muito nessa vida...

VITÓRIO: Jujubinha, algodão doce...

HELLEN: Churros de doce de leite! Ai, a lombriga chegou a pular, põe a mão pra sentir...

VITÓRIO: Vocês é que são três lombrigas! Parem! A praça também é para se fazer tudo isso! Mas não apenas isso!

HELLEN: Ai, praça é um círculo ou um quadrado. Nela existem árvores namorando, passarinhos namorando...

VITÓRIO: Periquitos namorando...

REBECA: Espíritos namorando...

RAPHAELO: Fantasmas namorando...

REBECA e RAPHAELO: Búúúúú!

RAPHAELO: Vamos parar com essa discussão sobre a anatomia da praça. Querem saber o que é uma praça?

TODOS: Sim!

RAPHAELO: Então, lá vai! Praça é: praça!

> *Hellen e Vitório correm atrás de Raphaelo. De repente são interrompidos pelas badaladas de um sino, tocado por Rebeca.*

SR. CORETO *(canta)*:

"Ó tristeza, me desculpe
Estou de malas prontas
Hoje a poesia veio ao meu encontro
Já raiou o dia, vamos viajar" [2]

VITÓRIO: Está ficando tarde... *(Pausa)*

HELLEN: Precisamos iniciar nossa viagem... *(Pausa)*

REBECA: Mas... qual viagem?

RAPHAELO: É... para onde vamos? *(Pausa)*

VITÓRIO: Não sei... vamos... para...

REBECA: Para lá?...

HELLEN: Ou para lá?...

RAPHAELO: Para lá!...

VITÓRIO: Já sei! Nossa primeira viagem pode ser pelo teatro! Vocês decoraram o texto de nossa peça?

HELLEN: Eu decorei, mestre! Ah, e criei a coreografia da cena também! Tem um pouco de tudo, viu! Desde a técnica da Ana Botafogo... aí eu passo por Deborah Colker... e... e... finalizo com Pina Bausch...

VITÓRIO: Você sempre me surpreendeu com seu talento de bailarina, Hellen! *(Vitório realizando passo de balé.)* Lembro-me de você mocinha, usando aqueles fluflus rosa nas quermesses... aquele coque que parecia um ninho de calopsita... aqueles pezinhos tortos... glíter que não tinha fim realçando seu rosto de princesa...

RAPHAELO: Desculpem eu interromper esse brilho todo, mas eu não decorei nada! Tô com a mente trapaiada. Mas se quiser tenho uma bula de remédio na ponta da língua pra declamar...

VITÓRIO: Não decorou?! E o cenário? Você ficou responsável pelo nosso cenário!

RAPHAELO: Ah, disso eu lembro... eu trouxe! Lençolzinho.... lençolzinho, cadê você? Tá aqui, ó!

VITÓRIO: O meu cobertor?! O nosso cenário é o meu cobertor?!

HELLEN: E você, Rebeca? Ficou responsável pelos figurinos. Você trouxe?

REBECA: Claro! Costurei todos! Ih, lá em casa tinha uns tapetes lindos da minha nora. Tinha também uma cortina maravilhosa do meu enxoval. Tinha até uma samambaia de plástico. Hellen, não sabia que você ainda estava dando aula de baléééé! Ah, quero fazer, porque se eu paro nessa idade, minha amiga... até minha alma fica atrofiada!

HELLEN: Acha, menina! Parei de dar aula faz uns 33... 34 anos!

VITÓRIO: Chega! Todos em seus lugares! Ser ou não ser? Eis a questão! Praça! Há milhares de anos, lá na Grécia antiga, praça tinha um outro nome! Chamava-se: ágora! Ágora era um espaço enorme, um ponto de encontro onde todos tinham o direito de falar....

> *Burburinho de Raphaelo, Rebeca e Hellen, enquanto preparam seus figurinos.*

VITÓRIO: ...de se expressar...

REBECA: A minha aposentadoria!

VITÓRIO: Psiu! Lá todos podiam... pensar! Refletir! Ágora: lugar do pensamento!!!

HELLEN, RAPHAELO e REBECA: É agora? Não, é ágora! Ágora?! É agora!

> *Sr. Coreto na percussão. Vitório e Rebeca representarão o Coro. Raphaelo e Hellen representarão o Lobo e a Cordeira. Rebeca solfeja, encenando.*

VITÓRIO: Grécia!

REBECA: Ai!

VITÓRIO: 325 a.C.!!!!

HELLEN: Ou seja, 325 anos antes de Cristo!

REBECA: Desde a antiguidade lá na Grécia, havia um sujeito...

VITÓRIO: Filósofo!

REBECA: Desde a antiguidade, lá na Grécia, havia um filóóósofo chamado Esopo!

VITÓRIO: Esopo criou histórias curtas, na maioria das vezes muito engraçadas, com uma lição de moral no fim...

REBECA: ...e que se chamavam fábulas!

Anunciam o espetáculo.

VITÓRIO: O lobo...

REBECA: ...e a cordeira! Um, dois, um, dois, três, quatro!

TODOS *(cantam)*:
"TitotóTitotó
Água fresquinha para beber
Nhoc, nhoc, nhoc, nhoc, nhoc, nhoc,
Grama verdinha para comer"

REBECA: Numa belíssima noite de luar, uma pobrezinha, fragilzinha velhinha...

Hellen, como Cordeirinha, tosse corrigindo Rebeca.

REBECA: ...ou melhor, cordeirinha... muito bonitinha, encontrou um riozinho e parou para saciar sua sede.

HELLEN: Méééé... Méééé... Oh! Que água limpinha! Será que é potável? Está me parecendo um tanto quanto questionável! Vamos experimentar!

REBECA: Uno, due, tre i quatro i!

TODOS *(cantam):*
"TitotóTitotó
Água fresquinha para beber
Nhoc, nhoc, nhoc, nhoc, nhoc, nhoc
Grama verdinha para comer"

VITÓRIO: Então, uma fera! Horrível! Terrível! Sem um pingo de paciência, surge, não sabemos de onde...

RAPHAELO: Mas você pediu para eu sair daqui de trás...

VITÓRIO: Psiu! E tenta atacar a solitária velhinha!

HELLEN: Cordeirinha!

VITÓRIO: Retificando! E tenta atacar a solitária cordeirinha!

RAPHAELO: Que cordeirinha mais apetitosa... Deve estar cansada e desprotegida! Tão frágil a pequenina. Vou aproveitar!

TODOS *(cantam):*
"TitotóTitotó
Água fresquinha para beber
Nhoc, nhoc, nhoc, nhoc, nhoc, nhoc
Grama verdinha para comer"

RAPHAELO: Realmente está sozinha. Entrarei em ação! Ops, será que aqui tem câmera de proteção?! Acho que não! Vamos ao banquete, então!

HELLEN: Não se faça de besta não, grandalhão! Vejo você! Sinto você desde a hora que aqui pisou!

RAPHAELO: Impossível!

HELLEN: Também, com esse cheiro de tapete mofado! Com esses olhos enormes de jabuticabas! Com esse focinho que mais parece uma cratera! E com esse bafo de lobo! Eu disse, lobo?! Eu disse, lobo?!

RAPHAELO: Não, vovozinha, quero dizer, cordeirinha!!! Me chame de Sr. Lobo!

HELLEN: É o lobo! É o lobo!

REBECA: A cordeirinha tentou!

VITÓRIO: Chorou!

REBECA: Esperneou!

VITÓRIO: Implorou!

REBECA: Quase escapou!

VITÓRIO: Mas o lobo se apossou da pobre!

REBECA: Frágil!

VITÓRIO: E solitária cordeirinha!

REBECA: Moral da história...

TODOS *(cantam)*:
"TitotóTitotó..." (3)

REBECA: Chega de Titotó! Moral da história... qual é mesmo a moral da história?

HELLEN: Ahhh, a moral da história é a seguinte: "contra os maus tratos e o abandono, não há delicadeza que resista". Eu não concordo com esse final. É muita injustiça! Por que é que a força bruta sempre vence no final?

RAPHAELO: É, também não concordo!

REBECA: É um final muito baixo astral! Cansei de filosofias... de não ter respostas....

VITÓRIO: Ih!! Vocês desistem fácil demais. É preciso pensar. É preciso refletir sobre os porquês!!! Vamos parar de achar que: assim está, assim deve ficar!

REBECA: E quem falou que se assim está, assim deve ficar?

HELLEN: Você falou.

VITÓRIO: É, falou...

REBECA: Eu falei???

> *Inicia-se uma discussão, até que são interrompidos pelas badaladas de um sino, tocado por Raphaelo.*

SR. CORETO *(canta)*:
"Vamos visitar a estrela, da manhã raiada
Que pensei perdida pela madrugada
Mas vai escondida
Querendo brincar" (4)

VITÓRIO: Está ficando tarde... *(Pausa)*

HELLEN: Precisamos iniciar nossa viagem... *(Pausa)*

REBECA: Mas... qual viagem?

RAPHAELO: É... para onde vamos? *(Pausa)*

VITÓRIO: Não sei... vamos... para...

REBECA: Para lá?...

HELLEN: Ou para lá?...

RAPHAELO: Para lá!...

VITÓRIO: Já sei! Todos a bordo para nossa próxima viagem!

RAPHAELO, HELLEN e REBECA: Sim, prof!

Sr. Coreto toca o violão durante a declamação.

(declamam):

VITÓRIO: Quem fez a primeira pergunta? Quem fez o mundo?

REBECA: Se foi Deus, quem fez Deus?

RAPHAELO: Por que dois e dois são quatro?

HELLEN: Quem disse a primeira palavra? Quem chorou pela primeira vez?

VITÓRIO: Por que o sol é quente?

RAPHAELO, VITÓRIO E REBECA: Por que a lua é fria?

VITÓRIO: Por que o pulmão respira?

RAPHAELO, VITÓRIO E REBECA: Por que se vive a vida?

VITÓRIO: Por que se ama?

RAPHAELO: Por que se odeia?

REBECA: Por que se morre?

VITÓRIO: Quem fez a primeira cadeira?

TODOS *(cantam)*:
"Somos uma pergunta!
Somos uma resposta!
Por quê? Por quê? Por quê?

Por quê? Por quê? Por quê? Por quê?"

VITÓRIO: Por que eu existo? Por que você existe? Por que digo a verdade? Por que há o silêncio?

TODOS *(cantam)*:
"Somos uma pergunta!
Somos uma resposta!
Por quê? Por quê? Por quê?
Por quê? Por quê? Por quê? Por quê?"

HELLEN: Por que eu penso? Por que há o infinito? Por que existe o medo? Por que eu tenho medo?

TODOS *(cantam)*:
"Somos uma pergunta!
Somos uma resposta!
Por quê? Por quê? Por quê?
Por quê? Por quê? Por quê? Por quê?"

REBECA: Por que existe o branco, o amarelo, o azul? Por que não sou vermelha? Por que não sou negra?

TODOS *(cantam)*:
"Somos uma pergunta!
Somos uma resposta!
Por quê? Por quê? Por quê?
Por quê? Por quê? Por quê? Por quê?"

RAPHAELO: Por que se ama? Por que se odeia?

TODOS (*cantam)*:
"Procurando bem todo mundo tem
Perguntas sem respostas todo mundo tem
Respostas sem perguntas todo mundo tem" (5)

REBECA: Às vezes é melhor não ter respostas...

RAPHAELO: A vida é um reloginho, tique-taque, tique-taque...

HELLEN: E esse tique-taque, taque-tique é a gaiola das horas...

VITÓRIO: Gaiola das horas...

RAPHAELO: Me respondam uma coisa! A ágora foi inventada apenas para pensar, pensar, pensar? O que eu gosto mesmo é de brincar... brincar... brincar!

REBECA: Meditar na ágora... paquerar na ágora... beijar na ágora...

HELLEN: Deixe de ser assanhada!!

REBECA: Você que é romântica demais, minha filha! Cuidado que a vida passa!

HELLEN: Realmente a vida passa mesmo, vejo por você!

REBECA: Não passou pra mim não! Os astros conspiram a meu favor. Estou madurona ainda!

HELLEN: Tão madura que pode cair!

RAPHAELO: Olha o tom!

VITÓRIO: Meninas, parem com isso!

HELLEN: Ué!!! A praça não foi criada para a discussão?!

REBECA: Para resolver os problemas?!

RAPHAELO: Sim, para resolver e não para dar barraco!

HELLEN e REBECA: Está nos chamando de barraqueiras?!

RAPHAELO: Deixem eu pensar: tô!

> *Nesse momento os quatro iniciam uma discussão em câmera lenta e sem sons. São interrompidos novamente pelo soar do sino, que é tocado por Hellen.*

SR. CORETO *(canta)*:
"Ou talvez até, quem sabe?
Nós só voltaremos no cavalo baio
No alazão da noite
Cujo o nome é Raio, é Raio de Luar!" [(6)]

VITÓRIO: Está ficando tarde... *(Pausa)*

HELLEN: Precisamos iniciar nossa viagem... *(Pausa)*

REBECA: Mas... qual viagem?

RAPHAELO: É... para onde vamos? *(Pausa)*

VITÓRIO: Não sei... vamos... para...

REBECA: Para lá?...

HELLEN: Ou para lá?...

RAPHAELO: Para lá!...

VITÓRIO: Ah, já sei!!! Quem se lembra da tarefa que eu pedi no último encontro?

REBECA: Você pediu...

RAPHAELO: Para que cada um trouxesse...

HELLEN: Algo que fosse especial para nós...

REBECA: Um objeto significativo!

RAPHAELO: Eu trouxe!

HELLEN: Eu também!

REBECA: Eu também!

RAPHAELO: Também!

Vitório volta-se para a plateia.

VITÓRIO: E com o passar do tempo... a grande ágora... a grande praça passou a ser ponto de encontro dos enamorados apaixonados... dos amigos... dos mendigos solitários... dos aposentados... e principalmente das crianças. Passou a ser um grande parque de variedades.

Vitório volta-se para os companheiros.

VITÓRIO: Quem se prontifica a apresentar a tarefa?

REBECA: Já que ninguém se prontifica... bem... vocês não sabem, mas... o que hoje é mais importante pra mim, além dos meus amigos, é claro...

TODOS: Ai, que amor!

REBECA: Foi o meu encontro com o canto coral. Esse é meu uniforme

que vem com esse kit. Um própolis. É para garganta. Duas borrifadas e eu canto como uma Maria Callas.

VITÓRIO: Ah, então canta uma música dela, canta...

REBECA: Bem, no momento não me ocorre nenhuma canção do repertório de Callas, mas, eu vou cantar outra. Sr. Coreto, si bemol, por favor!

REBECA *(canta)*: "Ai, iôiô, eu nasci pra te ver..."

HELLEN, VITÓRIO e RAPHAELO *(corrigindo Rebeca)*: Pra sofrer!

REBECA *(canta)*: "Fui olhar pra você, meus zoinhos piscou..."

HELLEN, VITÓRIO e RAPHAELO: Fechoooou!

REBECA *(canta)*: "Ah, meu Senhor do Bonfim... sofrimento sem fim..."

HELLEN, VITÓRIO e RAPHAELO: Tenha pena de mim!

REBECA *(canta)*: "Tenha pena de mim..." (7)

Hellen, Vitório e Raphaelo aplaudem, interrompendo.

REBECA: Quando estou triste, canto, quando me sinto sozinha canto, quando me lembro do insensível do Inácio, meu ex-marido, que saiu para comprar jornal e nunca mais voltou, eu canto!!! Onde já se viu abandonar uma mulher da minha envergadura!

HELLEN: Cachorro!

REBECA: Morcego!

HELLEN: Sapo!

REBECA: Meu Don Juan!!!

VITÓRIO e RAPHAELO: Meninas, chega de melodrama!

REBECA: Enfim, eu canto por que já sofri muito nessa vida!!!

Aplausos.

RAPHAELO: Com muito orgulho, fui sapateiro durante 55 anos, profissão que herdei de papai e que papai, por sua vez, herdou de seu papai! Papai sempre dizia: "um homem pode andar sem zorba, mas sem sapatos nunca!". Nunca entendi essa teoria. Me orgulho muito em saber que

calcei toda a minha família. Minha filha... meu genro... minha netinha Sophia. Mas os sapatos mais lindos que confeccionei foram os de meu casamento com Áurea, minha esposa... que não está mais entre nós.

Retira os sapatos da caixa.

TODOS: Ah!

RAPHAELO: E vem com um... como chama isso mesmo, Rebeca?

REBECA: Kit!

RAPHAELO: Isso, vem com esse kit escova para deixá-los sempre limpos e brilhantes.

Aplaudem.

HELLEN: Ai, meu Deus, depois dessas relíquias, fico até sem graça em mostrar o meu...

VITÓRIO: Isso não é uma competição, Hellen. É apenas uma forma de nos conhecermos melhor.

HELLEN: Tem razão, meu pensador.... meu tudão... ai... quis dizer, meu Platão!

RAPHAELO e REBECA: Ih, vai dar zebra!

HELLEN: Bem, aguenta coração!!! Dizem que recordar é viver... então... meu objeto é esse álbum de fotografias. O nosso álbum, lembram?

VITÓRIO: Nossa... você guardou...

REBECA: Nossas lembranças. Lembranças?! Ai, não! Chega de lembranças! Eu já...

VITÓRIO, HELLEN e RAPHAELO: ...já sofreu muito nessa vida!

RAPHAELO: Tem aquela foto da pescaria?

VITÓRIO: Aquela em que você, no lugar de colocar a minhoca no anzol, colocou uma barata?

RAPHAELO: Ah, e você que escorregou do barranco só por causa de um lagartinho desse tamanho...

VITÓRIO: Aquilo não era lagartinho, era um crocodilo!

RAPHAELO: Crocodilo no sítio, cara pálida?

VITÓRIO: E você que nadou de zorba amarela com bolinhas rosas...

RAPHAELO: E você que levou pé de pato pra nadar num riozinho raso como aquele...

VITÓRIO: E você que levou um óculos de sol faltando uma lente... parecia um caolho...

RAPHAELO: E você que passou batom achando que era manteiga de cacau...

REBECA: Ih, tô achando melhor acender um incenso, que é pra desopilar...

HELLEN: Ai... parem com isso!! A verdade é que todo mundo pagou mico nesse dia!! Até eu... no lugar de levar minha caixa de maquiagem, levei a caixa de ferramentas de papai.

REBECA: Nossa, Hellen, isso foi pior do que escovar os dentes com corega!

HELLEN: Enfim, coisas da vida. Bem, vamos ao que interessa...

> *Hellen abre o álbum. Nele há fotos da infância e de momentos vividos entre eles.*

RAPHAELO: Olhem... Rebeca no meio da sua plantação de girassóis. Nossa você estava realmente... realmente... linda!

REBECA: Ai, corei...

HELLEN e VITÓRIO: Papagaios!

HELLEN: O Netinho... ai que saudade... posando de cantor... ai, como ele era lindo... um pão...

VITÓRIO: Pão duro, isso sim!! Partiu me devendo cinco contos de réis.

RAPHAELO: Não fale assim, ele já morreu...

VITÓRIO: Morreu caloteiro!

HELLEN: Vitório!

VITÓRIO: Morreu devendo até as calças!

REBECA: É verdade, vivia pedindo dinheiro com aquela cara de cachorro que caiu da mudança. Lembram que ele tinha o apelido de Zebedeu? Cachorro Zebedeu!

RAPHAELO: Ele ficava louco de raiva!

VITÓRIO: Ele era um cachorro louco de raiva, isso sim!

HELLEN: Vamos poupar o defunto.

VITÓRIO: Presunto!

HELLEN: Chega, Vitório! Olhem, o Sr. Roberto, dono do circo!

RAPHAELO: Circo?! Aquilo parecia uma tenda de pulgas!

REBECA: Meu sonho era fugir com o palhaço numa nave espacial, lembra, Hellen?

HELLEN: É verdade! Olha ele aqui! Ele era caidinho por você!

REBECA: E eu era tombada por ele.

HELLEN: Eu me divertia muito com os números que ele apresentava.

REBECA: Ai, meu palhaço das perdidas ilusões!

RAPHAELO: Dá pra se vê que vocês nunca tiveram bom gosto!

VITÓRIO: Gostar daquele palhaço, que palhaçada!

HELLEN e REBECA: Olha o despeito!

RAPHAELO: Meninas, tanto o Sr. Roberto quanto aquele palhaço eram deprimentes! Uma fraude!!! Um despautério!!! Trocar a gente por aquele palhaço?

RAPHAELO e VITÓRIO: Quanto desperdício!

VITÓRIO: Tô contigo! Aquele circo era de quinta categoria. Onde já se viu enganar as crianças daquele jeito. Uma vez o Sr. Roberto saiu pelas ruas com aquele calhambeque velho anunciando...

RAPHAELO: Venham, venham ver o coelho gigante! O maior coelho da face da terra!!

RAPHAELO: Eu lembro dessa patifaria!

VITÓRIO: Lembra, Raphaelo?

HELLEN: Eu fiquei curiosa pra ver o coelho! Ah, tenho essa foto aqui!

VITÓRIO: Eu também fiquei curioso! Só não esperava que o coelho fosse uma capivara com orelhas de papelão!

Hellen mostrando a foto da capivara.

RAPHAELO e VITÓRIO: Ridículo!!

Todos aplaudem.

VITÓRIO: Ótimo! Realmente vocês escolheram os melhores objetos! Enfim, vamos continuar a nossa história, pois temos que...

RAPHAELO: Espera aí! E você?

REBECA: E o seu objeto?

HELLEN: É mesmo, Vitório, gostaríamos de compartilhar de seu objeto significativo. *(Silêncio)*

VITÓRIO: Ah... sim... o objeto... aqui... é isso aqui...

TODOS: Uma... chave? *(Silêncio)*

VITÓRIO: É... a chave... da minha casa.

RAPHAELO: Mas... onde você mora?

HELLEN: É, Vitório, você nunca nos mostrou sua casa.

REBECA: Verdade! Desde que se mudou da Rua Esperança não sabemos mais seu endereço... *(Silêncio)*

VITÓRIO: Eu moro virando ali... bem perto... atrás da igreja... bem próximo ao colégio Paulo Freire, onde estudei e depois lecionei durante anos... lembram?

HELLEN: Sim, eu também estudei lá! Oh, nossa linda juventude...

RAPHAELO: Todos nós estudamos lá, Hellen.

REBECA: Verdade... guardo belas recordações dessa época do Paulo Freire...

VITÓRIO: Pois então... moro ali pertinho. É uma casa grande... tenho filhos... quer dizer... não tenho filhos... a casa é grande... tem bastante gente... enfim, é uma casa normal... é a única coisa... que tenho. Que sobrou. Às vezes tenho medo de voltar para lá, às vezes gosto... enfim... *(Silêncio)*

Todos aplaudem, constrangidos.

RAPHAELO: Bom... preciso ir. Tá na hora de buscar a minha netinha Sophia na escola... preciso ajudá-la com a tarefa... ela tem dificuldades com a tabuada...

TODOS: Tudo bem, nós entendemos...

RAPHAELO: Nossa... as horas estão passando mais depressa...

VITÓRIO: É verdade... há pouco estávamos brincando aqui...

HELLEN: E eu ainda era tão menina...

REBECA: Tão aurora de minha vida...

RAPHAELO: Vitório, devolva o meu pião!!!

VITÓRIO: Lá vem você com essa balela de pião novamente...

RAPHAELO: Minha mãe disse que se eu voltasse pra casa sem o pião, nunca mais eu poderia vir brincar na praça com vocês...

HELLEN: Raphaelo, você perdeu esse raio de pião outro dia, lembra?

RAPHAELO: Perdi?

VITÓRIO: Há setenta anos, meu caro...

RAPHAELO: Ai, o que vou falar pra minha mamãe?

HELLEN: Fale que esqueceu na casa do Netinho...

VITÓRIO: Netinho? Hellen, o Netinho foi embora... não mora mais aqui.... ele já... Como é que se fala mesmo, Rebeca?

REBECA: A alma desgrudou do corpo...

HELLEN: Como assim? Estive com ele ontem mesmo...

REBECA: Posso saber o que meu ursinho está fazendo em sua maleta, Hellen?

RAPHAELO: Ei, eu que dei esse ursinho pra você, Rebeca! Foi no seu aniversário de... 10 anos.

REBECA: Ou no de 11 anos?

HELLEN: Você me emprestou o ursinho...

REBECA: Te emprestei?...

HELLEN: Não lembra?

REBECA: Quando?

VITÓRIO: Há mais de 70 anos! Há 70 anos que sumiu o pião do Raphaelo! Há 70 anos que a Rebeca não brinca mais com ursinho! Há 70 anos que o Netinho não está mais entre nós!

> *Vitório derruba a mala de brinquedos de Raphaelo. Hellen remexe a mala e encontra uma caixinha de música.*

SR. CORETO *(canta)*:
"É comum a gente sonhar, eu sei, quando vem o entardecer
Pois eu também dei de sonhar um sonho lindo de morrer
Um menino sempre a me perguntar um porquê que não tem fim
Um filho a quem só queira bem e a quem só diga que sim
Dorme, meu pequenininho, dorme que a noite já vem
Teu pai está muito sozinho de tanto amor que ele tem" [(8)]

> *Após a música, o Sr. Coreto toca o violão como fundo para a declamação:*

HELLEN: Quando eu tinha seis anos
Não pude ver a festa de São João
Porque adormeci.

VITÓRIO: Hoje não ouço mais as vozes daquele tempo.

REBECA: Minha avó...

RAPHAELO: Meu avô, Paulo Borges...

HELLEN: Mamãe Márcia... papai Luiz...

REBECA: Maria, minha mãe... papai Aziz... Cavalinho...

VITÓRIO: Dinorath do Valle... Miltinho... Cassinho...

HELLEN: O Sr. Laerte...

REBECA: A Dona Cleuza... Valdemar...

RAPHAELO: Onde estão todos eles?

REBECA: Estão todos dormindo...

HELLEN: Estão todos deitados...

VITÓRIO: Dormindo...

TODOS: Profundamente... [(9)]

RAPHAELO: Bom... preciso ir. Tá na hora de buscar minha netinha Sophia na escola. Preciso ajudá-la com a tarefa...ela tem dificuldades com a tabuada...

TODOS: Tudo bem, nós entendemos. Adeus.

REBECA: Então, eu também vou indo... Minha nora não gosta que eu chegue tarde. Ah, esqueci de contar... O meu filho, o Cassinho, trouxe sementes de girassol... poderíamos plantar juntos qualquer dia desses...

HELLEN e VITÓRIO: É... poderíamos...

REBECA: Até já...

HELLEN: Bem... Vitório... já vou também. Você sabe, não é mesmo? Os...

VITÓRIO: Sim, os seus gatinhos... não dormem enquanto você não chegar...

HELLEN: Você vai ficar aqui?

VITÓRIO: Vou ficar mais um pouquinho...

> *Hellen ajeita o cobertor com carinho para Vitório e sai. Ficam apenas Vitório e o Sr. Coreto.*

VITÓRIO: Até amanhã, jovens aprendizes! Aguardo todos aqui em nos-

sa ágora! Em nossa praça! Não esqueçam as tarefas! Tragam os livros e cadernos sem orelhas, hein! Uniformes impecáveis! Eu espero... até amanhã... eu espero.

VITÓRIO (*assoviando a melodia da canção, "O caderno"*) [10]

> *O professor retira um giz do jaleco e escreve na mala: "Amanhã vai ser outro dia". Logo após, ele toca o sino. Encontra o pião em seu bolso. O lança ao chão. Deita no banco da praça e adormece. O Sr. Coreto finaliza com o trecho de uma música.*

SR. CORETO *(canta)*:
Agora era fatal que o faz de conta terminasse assim
Pra lá deste quintal era uma noite que não tem mais fim
Pois você sumiu no mundo sem me avisar
E agora eu era um louco a perguntar
O que que a vida vai fazer de mim? [11]

Fim

REFERÊNCIAS

1 – "Meus tempos de criança" (Ataulfo Alves)

2 – "Viagem" (Nelson Gonçalves), primeira estrofe

3 – "O lobo e o cordeiro", fábula de Esopo, livremente inspirada na adaptação de Zecarlos de Andrade

4 – "Viagem" (Nelson Gonçalves), segunda estrofe

5 – Texto musicado livremente inspirado na crônica "Sou uma pergunta", de Clarice Lispector

6 – "Viagem" (Nelson Gonçalves), terceira estrofe

7 – "Ai Ioiô – Linda flor" (Henrique Vogeler/Luiz Peixoto/Marques Porto)

8 – "O filho que eu quero ter" (Toquinho)

9 – Texto livremente inspirado no poema "Profundamente", de Manuel Bandeira.

10 – Melodia da música "O caderno" (Toquinho)

11 – "João e Maria" (Chico Buarque)

SABIÁS DO SERTÃO

Teatro musical brasileiro em um ato, uma chegança e uma andança **2013**

Ficha técnica

Dramaturgia: Clara Roncati

Colaboração em salas de ensaio: Antônio Bucca, Cássia Heleno, Fagner Rodrigues, Ícaro Negroni, Laisa Anselmi, Luiz Carlos Laranjeiras, Neto Chiacchio, Simone Moerdaui, Vanessa Palmieri e do músico José Maria Guirado.

Direção: Luiz Carlos Laranjeiras

Codireção e ideia original: Fagner Rodrigues

Direção musical e composições inéditas: Luiz Carlos Laranjeiras

Elenco e musicistas:* Beta Cunha, Cássia Heleno, Diego Guirado, Fabiano Amigucci, Geovanna Leite, Glauco Garcia, Ícaro Negroni, Márcia Morelli e Vanessa Palmieri

Preparação vocal: Babaya Morais e Elaine Matsumori

Figurinos e adereços: Linaldo Telles

Costura: Any Cardoso

Maquiagem: Cênica

Cenografia: Fagner Rodrigues e Leonardo Bauab

Marcenaria e serralheria: Marcel Barbarotti

Iluminação: Fagner Rodrigues

Pesquisa e produção: Cênica

Apoio: Sesc Rio Preto (Laboratório Cênico)

**Participaram anteriormente deste trabalho:* Antonio Bucca, Clara Roncati, Elaine Matsumori, Jaqueline Cardoso, José Maria Guirado, Laisa Anselmi, Leandro Madi, Neto Chiacchio, Simone Moerdaui e Weslei Lima

Foto: Jorge Etecheber

PRÓLOGO

(Não dito – coletivo pensamento)

Ergue-se a lona,
As luzes luzem, a alma transcende,
É o povo e a gente,
História de amor, de riso e de dor,
Rasgando o que pra trás foi ficando.
O coração resplandece
Em lentidão, descoberto
Num repente de lembrança,
A dança, a confiança, a música fazendo trança
É a esperança do circo criança.
Entrando. Estando. Estranho. Entranhas...
Cheiro de pipoca no ar, riso de palhaço a encantar, maçã do amor, de amor...
E a gente a fazer graça pra dar de graça a história que ficou. (1)

PERSONAGENS (por ordem de entrada)

NARRADORA – TEMPO DA MEMÓRIA
ATOR 1
ATRIZ 1
ATOR 2
ATRIZ 2
ATOR 3
ATRIZ 3
FRANCISCO DOS SANTOS (CASCATINHA)
VENDEDOR DE PIPOCAS
NATALÍCIO (CHOPE)
VENDEDORA DE MAÇÃ DO AMOR

ANA EUFROSINA (INHANA)
CACILDA
MÃE DE ANA
APRESENTADORA DO CIRCO
DANÇARINO DO CIRCO
PADRE
SANTO E SANTA
PALOMA
FOFINHO
LOCUTOR E LOCUTORA DA RÁDIO
MALABARISTA
SEU PEQUITO - MÚSICO
DONA PEQUITA - MUSICISTA

CENA 1 - Chegança

(Trupe de artistas entra em cena dançando e cantando.)

"Cascatinha e Inhana,
Chico Bandido, Ana Eufrosina,
Sabiás do Sertão,
Toada, guarânia, canção, (bis)

Rasqueado, bolero, rancheira,
Andanças da vida inteira.
Vozes da paixão,
Sabiás do sertão. (bis)

Rasqueado, bolero, rancheira,
Andanças da vida inteira.
Cantos da paixão,
Sabiás do sertão". (bis) [2]

(Cantam "Saudação a Ana e Chico", apresentando a história.)

"De Rio Preto a Companhia Cênica apresenta aqui agora já,
Francisco dos Santos, artista sertanejo de Araraquara,

Ana Eufrosina, moça linda do canto faceiro de Araras,
Rompeu noivado de mais de ano quando viu no circo ele cantar,
Chico tocando violão, Ana logo se apaixonou,
Com cinco meses de namoro, com Francisco se casou.
Ana virou Inhá, sabiá, virou Inhana,
Chico, Cascatinha, e assim os dois ganharam fama." (3)

NARRADORA – A gente vai se criando naquele talento e depois nunca mais larga o circo, fica pra sempre nessa vida.

(Todos cantam:)

"Minha cidade amanheceu risonha
Chegou o circo, está a anunciar,
Grita o palhaço da perna de pau,
Minha gente acorda para ouvir cantar.
E eu, menino, moleque de rua,
Vou bem na frente pra chamar atenção,
Talvez me vendo assim animado,
Me dê entrada o dono da função.
Oh! Raia o sol, suspende a lua,
Olha o palhaço no meio da rua." (bis) (4)
(...)

ATOR 1: Eis que surge o circo em meio a risos e gargalhadas. Sendo armado no largo da matriz, numa cidadezinha qualquer, palhaços brincam chamando a atenção, com suas claques e artimanhas, para o espetáculo que vai começar!

ATRIZ 1: Ela tem 52 anos. Quando entra para cena, se é para fazer chorar, ela vai chorar, agora, se é para fazer rir, ela vai rir.

TODOS: Esse é o sentido da vida, o elixir do artista!

ATOR 2: Mas pensa uma coisa aqui comigo, o prazer muito vira medo, o medo vai, vira ódio, desespero de circo, mas é nunca que acaba!

ATRIZ 2: Eu acho que vida tinha de ser como no circo, onde a gente desempenha com forte gosto nosso papel. Sabe?

ATOR 3: Nossa lona está toda esburacada, que quando é dia de chuva é uma tristeza só. Mas em noite de lua cheia, é só se estirar no picadeiro,

bem no meio mesmo, olhar para o alto, para aqueles buracos todos e... é o céu mais estrelado que tem no mundo...

ATRIZ 3: Eu me lembro, ele disse assim: "o circo, ah, o circo é aquela cachaça, a serragem tá bem aqui, na veia da gente"! Daí, depois, ele morreu... De cirrose.

CENA 2 – A cena na história

(Todos cantam.)

"Eu tenho andado tão sozinho ultimamente
Que nem vejo à minha frente
Nada que me dê prazer.

Sinto cada vez mais longe a felicidade
Vendo em minha mocidade
Tanto sonho perecer.

Eu queria ter na vida simplesmente
Um lugar de mato verde
Pra plantar e pra colher.

Ter uma casinha branca de varanda
Um quintal e uma janela
Para ver o sol nascer". (bis) [5]
(...)

ATRIZ 1: A gente tem que levar a vida brincando, porque se for levar a vida chorando, é triste, viu?

NARRADORA: Esse é o ponto. A história em cena, a cena na história... É triste mesmo, sabe por quê? Porque contada assim, em fala de gente, a história até que perde um pouco o encanto. Mas que ela se deu, ela se deu. Em forma de gente, ou até de passarinho, se você quiser imaginar. De galho em galho, o nosso causo assim se dá...

CENA 3 – O causo

(Em cena, Cacilda e Ana, que experimenta seu vestido de noiva. A alegria de Cacilda se contrapõe à desesperança de Ana. Ao ouvirem Francisco e Natalício cantarem os primeiros versos, as duas ficam encantadas.)

"Meu cafezal em flor, quanta flor meu cafezal,
Meu cafezal em flor, quanta flor meu cafezal,
Ai menina, meu amor, minha flor do cafezal,
Ai menina, meu amor, branca flor do cafezal

Era florada, lindo véu de branca renda,
Se estendeu sobre a fazenda, igual a um manto nupcial." (6)
(...)

(Os pares se entreolham, em um clima de apaixonamento, num jogo cênico com instrumentos, entram os personagens circenses e todos cantam:)

"Quando dois corações se amam de verdade
Não pode haver no mundo maior felicidade.
Tudo é alegria tudo é esplendor!
Que bom que não seria se eu tivesse um amor!" (7)
(...)

FRANCISCO: *(ao público)* Atenção, atenção, hoje tem espetáculo!?

TODOS: Tem sim senhor!

FRANCISCO: *(ao público)* É hoje o dia! Tem show! É o circo chegando na cidade! Moça bonita leva... Leva o quê? Diz aí meu amigo... *(para Natalício).*

VENDEDOR DE PIPOCA: Leva o público, por favor!

NATALÍCIO: Leva pai, mãe, avó, tia, periquito, papagaio...O que a gente precisa mesmo é ter plateia... Aí sim, moça bonita não precisa nem pagar...

VENDEDORA DE MAÇÃS DO AMOR: É, deixa que os parentes pagam pra ela.

FRANCISCO: Eu vou fazer questão de oferecer uma música pra senhorita, ou melhor, pras senhoritas.

TODOS: Hum!!!!

ANA: *(tentando disfarçar o encanto)* Mas é bom o moço saber que eu tô de compromisso...

CACILDA: Compromisso... E faz tempo.

ANA: Casamento marcado há mais de ano!

CACILDA: Há mais de ano!

FRANCISCO: Pra mim não faz mal não, ocê indo já é o bastante pra valê o restante das canção guardada aqui *(no peito)*. Daquelas que gente pega amor só de pensá. *(As meninas suspiram.)*

NATALÍCIO: (*Para Cacilda, olhando-a*) E as moças hão de ver cada canção que a gente há de fazê para o público todo entreter... Igual uma música que a gente faz e diz mais ou menos assim (*canta*): "Os trovadores cantando amores vão desfiando suas canções..." *(Ana entra, acompanhando-o na canção, e encanta Francisco.)*

ANA: "...A lua cheia no céu vagueia, pondo poesia nos corações." [8]

FRANCISCO: Taí! Eu já vi que a moça é boa de cantá...

CACILDA: Boa de cantá!

FRANCISCO: E se a moça quisé... Por que não canta uma canção com a gente lá no circo?

ANA: Por que não? A gente pode até experimentá.

CACILDA: Experimentá! (*Para o público.*) Será?

NATALÍCIO: *(Contrariado desde o início, chama Francisco.)* Ô Francisco, chega aqui, que história é essa de chamá a moça para cantá? Nóis dois no circo somo uma dupla. Mais que dois é trio! Só falta ocê querê dividi os rendimentos com ela...

FRANCISCO: Mas que é que tem, Natalício? Ocê presta atenção, a moça canta bem… Ela inté tem voz de passarinha...

NATALÍCIO: E por um acaso eu já chamei arguma arara pra cantá com nóis, só por que tem voz de passarinho? Óia, vai sê a primeira e única vez que ocê me apronta uma dessa! Ou nóis é dupla, ou num é nada! *(Sai bravo e Francisco o segue, tentando conversar. As moças admiram a saída dos dois.)*

ANA: Uai... por causa de quê será que eles foram embora?

CACILDA: Ora, eles foram embora? Será que é por que acharam nóis assanhada? Mas eu gostei tanto daquele amigo dele...

ANA: Pois eu vô te dizê uma coisa, Cacilda, que me importa... se gostá de cantá é ser assanhada, então eu sou memo!

CACILDA: Mas ocê vai cantá memo?

ANA: Claro que vou! Num sabe que eu faço tudo por causa de cantá?

CACILDA: Mas seu noivo não vai gostá...

ANA: Olha, Cacilda, vou te dizê uma coisa, pra cantá eu sou até capaz de pará com essa coisa de casamento.

CACILDA: Só falta ocê falá que não vai mais casá! Se não for, ocê me dá o vestido?

ANA: Ocê qué memo?

CACILDA: Claro que eu quero! Quero não, vai que dá azar...

ANA: Mas, Cacilda, larga de sê boba, esse vestido vai dá é sorte!

CACILDA: Sorte? Ah, então eu quero...

ANA: Mas ó, antes eu queria te pedir um favorzinho.

CACILDA: Favor?

ANA: É, eu queria te pedi ele emprestado, sabe? Que é pra eu fazê uma surpresinha...

CACILDA: Ah, eu adoro surpresa!

ANA: Ocê me ajuda?

CACILDA: Ajudo, ajudo sim.

ANA: Então, vem comigo!

(Entra mãe de Ana, esbravejando.)

MÃE: Ai meus coração materno! Vê lá, filha minha se enrabichá com esse povo de circo, mas é nunca! Esse povo num tem parada, é um amor em cada lugar... Num permito não, de jeito nenhum que tem minha benção... Então num sabe que pedra que rola num cria limo, sô!?

(Barulhos vindos de fora da cena.)

VENDEDORA DE MAÇÃ DO AMOR – *(Sussurrando à circense que interpreta a Mãe e toda atrapalhada.)* Enrola, enrola aí que não tá nada pronto lá dentro! Fala um poema, um poema do Guimarães.

NARRADORA: Enrolar, enrolar, isso pra mim não é enrolar, porque a personagem pode não gostar de circo. Mas a atriz gosta por demais. E o que eu gosto mais mesmo é desses momentos que nem agora, que eu tenho que ficar inventando história pra vocês até eles se arrumarem. E quis o destino que no circo a história de Cascatinha e Inhana fosse se desenrolar. Ou enrolar? *(Ao músico.)* Toca aí, seu Pequito, vamos ver no que vai dar!

(Os músicos iniciam tema circense.)

CENA 4 – O espetáculo da noite

(A apresentadora entra em cena, acompanhada de um artista da trupe, que faz evoluções circenses).

APRESENTADORA: Respeitável público! Senhoras e Senhores! Agora em nosso circo "Estrela Dalva", com vocês, a dupla mais esperada da noite, eles, que são nossa atração principal, eles, que são mais que supimpa, eles, que hoje, especialmente, formarão um trio com a voz dessa cidade! Com vocês, o trio Esmeralda!!!

NATALÍCIO: Trio... Trio Esmeralda... Eu disse que isso num ia dá certo... cadê ela? Cadê a moça que ocê chamou pra cantá com nóis?

(Francisco e Natalício começam a cantar sozinhos. Chega Ana e junta-se à dupla no refrão).

"Índia seus cabelos nos ombros caídos
Negros como a noite que não tem luar
Seus lábios de rosa para mim sorrindo
E a doce meiguice desse seu olhar.

Índia da pele morena,
Sua boca pequena eu quero beijar.

Índia, sangue tupi
Tens o cheiro da flor
Vem que eu quero lhe dar
Todo meu grande amor" (9)
(...)

NARRADORA: (*Para Sr. Pequito*) A nossa história é de simplicidade, de galho em galho nós vamos fazendo nosso ninho, e o moço, pode aproveitar aí, pra fazer uma canção de carinho.

(Todos cantam:)

"Ó meu amor,
Ó meu amorzinho
Venha cá meu bem
Me fazer carinho.
Ó meu amor
Ó meu amorzinho,
Venha cá meu bem
Me fazer carinho.

Nós dois juntinhos
Oh! Que prazer
Que felicidade
Oh! Meu bem querer.
Nós dois juntinhos,
Oh! Que prazer
Que felicidade
Oh! Meu bem querer." (10)
(...)

CENA 5 – Falso beijo

(Em cena, Natalício e Cacilda.)

NATALÍCIO: *(canastrão)* A moça, sendo solteira, pode bem assumi compromisso comigo. Afinal, nóis já se encontremo um monte de vez, né?

CACILDA: *(apaixonada)* Compromisso, compromisso não sei se quero não... Sou moça de família e talvez eles num vai gostá...

NATALÍCIO: Parece que a moça tá me desprezando, fazendo desfeita. Então, deixa quieto.

CACILDA: Não, não, não, também não é caso de deixá quieto. *(Ao público.)* Afinal, não posso escolhê muito, quase não tem pretendente nesta cidade...

NATALÍCIO: Ahãããã, o que foi que ocê disse aí?

CACILDA: Nada, nada... É que é muita felicidade...

NATALÍCIO: Felicidade, é? Ocê falô felicidade? Então vem cá que vou te mostrá o que é felicidade. Ocê vai gostá é por demais! *(Beija-a.)* Beijei memo!

CACILDA: Gostou? Pra mim eu achei bão, *(à parte)* apesar de num tê muitos pra compará...

NATALÍCIO: Assim, o beijo foi bão sim, foi bão por demais, mas é que eu tenho que te pedi uma coisa, mulher!

CACILDA: O moço pode pedi, o que quisé, que, se eu quisê, eu dou sim...

NATALÍCIO: Olha só, lindeza, ocê me espera?

CACILDA: Espero!

NATALÍCIO: Eu vô tê que sumi por uns tempos...

CACILDA: Mas já?!

NATALÍCIO: Só que é certeiro que eu vorto pra te buscá...

CACILDA: Eu, eu... não posso ir junto? Quem sabe nóis pode até já ir casado...

NATALÍCIO: Não, junto não pode de jeito nenhum, que é negócio de serviço, minha linda, coisa assim dura de resorvê. Mas espera, espera mesmo que eu vorto pra te buscá...

CACILDA: Sim, vem me buscar que eu ainda sou todinha sua...

NATALÍCIO: Vou vir buscá sim... *(Ao público.)* Mas não é ela, não. É o que me tiraram!

CACILDA: *(Ao público.)* Despedir assim dá febre. Mas vou guardar isso pra às vezes ter saudades...

> *(Cacilda começa a cantar sozinha. Entra Ana tocando flauta e, depois, ritmando com a peneira. Francisco chega e acompanha Ana).*

"Chora maninha, chora
Ele me deixou tão só
Eu também já chorei
Ninguém de mim teve dó
O pranto também consola
Desabafa o coração
Eu também já chorei
E sofri a ingratidão". (11)
(...)

CENA 6 – Encontro e despedida

(Francisco e Ana conversam.)

FRANCISCO: Mais uma vez isso torna acontecê...

ANA: Acontecê o quê, Chico?

FRANCISCO: Essas despedida assim, toda vez que eu perco alguém eu me lembro do meu pai... Uma cena que parece finar de filme triste, aquela toada do carro de boi, horizonte em pleno aberto... Um espinho tinha entrado nos pé dele, aquilo arruinô e virô gangrena. Eu só tinha cinco anos, mas a cena da carroça indo embora é que eu não esqueço nunca... Por que será que a gente some no horizonte, hein?

ANA: Deixa de tristeza, homem... Tem coisa na vida que não dá valia quanto a gente pensa, não... Que nem quando eu te vi...

FRANCISCO: Como assim "que nem quando eu te vi"?

ANA: É que eu dava valia pouca, mas, quando nossos óios se encontraram, eles se gostaram e nóis tamém se gostemo...

FRANCISCO: Ah, então vem cá me dá um chamego. *(E para o público:)* Eu já tive um sentimento que num pude suportá, de uma moça bonita que comigo quis casá e uma véia incorrigível já pegou a aconselhá:

MÃE: Num case com esse mocinho, ele num presta pra trabaiá, só quê sabê de tocá e e cantá!

FRANCISCO: *(ao público)* E a moça virou e disse:

ANA: Que por isso não faz mal, pois eu quero casá com ele por sabê tocá e cantá.

FRANCISCO: E a diaba da véia tornô a falá:

MÃE: Ocê num pode imaginá que seja com toque de cantiga que ele vá te sustentá, uai.

FRANCISCO: *(ao público)* Só pra morde dessa véia, a moça já pegou me abandoná. Mas quando eu penso nessa véia de má qualidade, dá inté uma vontade de matá. Mas foi nos pé da cajarana que eu contei causo pra véia, até as permissão ela me dá.

MÃE: Uns gosta dos zóio, outros da remela... Já que o que num tem remédio, remediado tá, ocêis vai casá, mas é do meu jeito, viu? Porque o que é de gosto, é regalo da vida. E que sabe? Chama o padre!

CENA 7 – Casamento

(Enquanto é preparado o casamento, os atores cantam; entra o padre, exagerado, cantando mais que os presentes.)

"Quando amanhece o dia no meu rincão,
Parece que a natureza tem coração.

Quando amanhece o dia no meu rincão,
Parece que a natureza tem coração.

À tarde o tanger do sino da capelinha,
Bem perto o cantar dolente de uma rolinha.
À tarde o tanger do sino da capelinha,
Bem perto o cantar dolente de uma rolinha". (12)
(...)

PADRE: Amémmmmm. As alianças!

(Francisco procura-as no bolso, o Santo chama:)

SANTO: Padreeeee...

(E joga as alianças, todos saem tentando pegá-las, o padre pega-as no ar e entrega para Francisco.)

PADRE: Tá aqui, peguei!

(Francisco ia colocando a aliança na mão direita de Ana, quando é interrompido pelo padre.)

PADRE: Nãoooo! É na mão esquerda, sô!

FRANCISCO: Mas, seu padre, eu nunca casei, como é que que é que eu ia sabê?

PADRE: Eu também nunca casei, e eu sei, filho!

PADRE: Tão casados. Pode beijar a noiva.

MÃE: Quem meus filhos beija, minha boca adoça...

(Todos dançam, Francisco e Ana cantam:)

"Já faz hoje vinte e cinco anos
Que juntinhos entramos na igreja
E você estava linda, tão linda,
Muito mais que uma linda princesa.
E, então, quando o padre nos disse:
– Considero-os marido e mulher
Me senti tão feliz, tão feliz,
Que senti ter o mundo aos meus pés.

Minha vida, doce vida
Assim pensei e fiquei calado
Minha vida, doce vida
Porque estava você ao meu lado". (13)
(...)

CACILDA: O buquê, gente!

(Ana joga o buquê, Cacilda e os dois santos disputam, o mesmo fica com Cacilda.)

ATRIZ 3: No circo tem várias famílias, mas é uma só. Diz... que quando se casa com alguém do circo, se casa com o próprio circo.

NARRADORA: Mas a mocidade é tarefa pra mais tarde se desmentir. Tudo chega e corre ligeiro. As histórias estão sempre aí, a se confirmar, ódio com paciência, sabe?

CENA 8 – A Paraguaia

(Natalício está no Paraguai, em uma boate. Canta.)

"Na noite alta e enluarada
A serenata passando vai
São melodias que se derramam...
Nas noites frias do Paraguai"... (8)

(Entra Paloma, sedutora e dançando.)

PALOMA: ¿Qué estás buscando, hombre?

NATALÍCIO: Eu procuro uma mulher.

PALOMA: ¡Soy yo!

NATALÍCIO: Não, mas não é pra isso aí que ocê tá pensando. Eu procuro uma mulher de talento...

PALOMA: Yo tengo mucho talento.

NATALÍCIO: Uma bela voz...

PALOMA: Yo tengo una hermosa voz.

NATALÍCIO: ...Pra formá uma dupla mais eu.

PALOMA: Yo soy una dupla, un trio, un cuarteto... hasta una banda si quieres...

NATALÍCIO: Então me mostra sua voz... *(à plateia)* Eu quero acabá com a carreira daqueles dois... Lá no Brasil.

PALOMA: Va entonces un poquito de mi voz, de mi talento... ¡Maestro, comience la canción que yo entro en el coro!

(Músicos iniciam a canção, seguidos de solo exagerado de Paloma.)

"Foi num baile em Assunción
Capital do Paraguai
Onde eu vi as paraguaias
Sorridentes a bailar

E ao som de suas guitarras
Quatro guapos a cantar
Galopeira, galopeira
Eu também entrei a dançar
Galopeira, nunca mais te esquecerei" (14)
(...)

PALOMA: ¡Gracias! ¡No necesitas decirme nada! Yo conozco mi talento.

NATALÍCIO: É... Eu num vô habra mais nada memo não, ocê é talentosa por demais, todo mundo aqui viu..., mas ó, minha linda, eu vou usá seu outro talento...

PALOMA: ¿Más que mi voz?

NATALÍCIO: Sim! Vô querê usá o que ocê fez aqui pra nóis, a sua sedução...

PALOMA: Mi cuerpito...

NATALÍCIO: *(à parte)* E eu vou precisá também de um homem, mas tem que ser charmoso, bonitão, e bom de dança, que é pra seduzi umazinha lá no Brasil, que eu já tô por aqui com ela...

PALOMA: ¿Un hombre? Bonito y seductor? ¡Yo tengo un hombre perfecto! Mi hermanito número cero uno: Fofinhoooo!

> *(Entra em cena Fofinho, ingênuo, nada sedutor, atrapalhado. Cantam.)*

"Ele é da mamãe
E também do papai
O fofinho do lar
Anda cai e não cai

O vovô e a vovó
O titio e a titia
Todos querem beijar
E apertar de alegria

O fofinho é uma fofura
Ele é mesmo cheio de ternura
Quanta graça, quanta simpatia
O fofinho é todo uma riqueza
É o reizinho rico de nobreza
No reinado só de fantasia" (15)
(...)

PALOMA: ¿No es un cabrón?

FOFINHO: Soy más que un cabrón. ¡Soy un cabronazo!

NATALICIO: *(Para o público)* Isso aí tá mais pra um filhinho da mamãe criado no talco.

PALOMA: ¿No formamos una bella pareja?

FOFINHO: Si, una bella pareja...

PALOMA: Tenemos una bella misión.

FOFINHO: Hum... Una misión...

PALOMA: ¡Si, vamos a Brasil! A bailar!

FOFINHO: ¡Yo adoro Brasil! Pero nunca fui.

PALOMA: ¡Fofinho! Precisamos hacer nuestras maletas!

FOFINHO: Si, ahora mismo, nuestras maletas. Hum, llevaré unas mercaderías.

NATALÍCIO: Muambinhas, né?

PALOMA: Fofinhoooo...

(Saem Fofinho, Paloma e Natalício.)

CENA 9 - Andanças

(Atriz 1 entra em cena, seguida do restante da trupe de artistas, preparam-se para deixar o local.)

ATRIZ 1: Vamos gente, vamos juntando nossas coisas... Bora baixando essa lona, desocupando o terreno, que nós temos hora pra sair.

(Iniciam-se os acordes de "Mudança". Os atores vão juntando suas coisas e todos falando ao mesmo tempo, até grito do Ator 1:)

ATOR 1: Meu cachê!

NARRADORA: Vida do circo é assim, além de cada dia num lugar, a gente não vai mais criando raiz nenhuma sem ser com as nossas tradições, com as lonas, e as veias da gente mesmo. Família que não se dissolve, sabe?

(Continuam os acordes e a mudança até novo grito de Ator 1:)

ATOR 1: Tá caindooooo!

NARRADORA: Mas nem sempre as coisas ficam da nossa intenção. É chuva que derruba, é fogo que alastra, é gente que nasce, que morre, igual na vida mesmo, só com a diferença que na vida a gente não vai embora toda hora. É triste ver os sonhos da gente tudo sumindo no horizonte.

(Todos cantam:)

"Pai, me dê sua mão, vamos embora!
Vamos deixar esta terra
Onde o céu não chora.
Pai, me dê sua mão, vamos embora!

Pai, mãe, irmão, mulher e criança,
Já se foi a derradeira esperança;
Chegou a hora da andança,
A hora da nossa mudança.

Pai, me dê sua mão, vamos embora!
Vamos mudar pro lugar
Onde o verde não é só do mar.
Vamos deixar nossa dor
Pra quem quiser ficar.
Vamos pro lugar
Onde só se chora por amor."
(...)

(Param a canção e se mantêm os acordes:)

ATRIZ 3: No circo do avesso que é esse mundo, só mesmo com muita poesia, mãos dadas e pé no chão que é pra gente seguir adiante.

(Continuam a canção, em roda:)

"A gente tem fé,
A gente tem amor,
Vai até a pé.
E cada passo que a gente der
Vai ficar mais perto
De um certo lugar
Onde o sol é menos quente,
Onde a gente é mais gente." (16)
(...)

ANA: A minha mãe bem que avisou que nóis ia passá fome, ela avisou! Nóis só anda de cidade em cidade, de parque em parque, e nada de tê dinheiro, nada de se ajeitá. Ah, Chico, essa vida de circo... Não sei não...

FRANCISCO: Aninha, ocê num vem me dizê besteira! Desde que sou menino eu vivo do circo e nunca, nunca, que nóis passemo fome coisa nenhuma. Independente dos governo!

ANA: Esses pingado que eles paga pra gente, quando paga! Sem falá que eles espreme nóis que nem laranja, inté saí a última gota de suco.

ATOR 1: *(Quebra)* A bilheteria andava pouca e eles, os donos do circo, tomaram a seguinte decisão: naquela noite, em vez de cinco, sete motos rodariam juntas. O dono das coisas é tudo igual, querem os lucros de qualquer jeito. A casa estava lotada, vibrante. Na frente de uma plateia boquiaberta, eu me vi... espremido... por seis motos, em pleno globo da morte.

ANA: Chico, quando é que nóis vai tê um pedaço de chão, um gato, papagaio, um cachorro que seja? Como é que nóis vai podê se cuidá, ir num médico decente, dá estudo de verdade pros nosso filho, quando eles vié? Óia, escuta bem, nóis, os artista, é trabalhador feito qualquer um, Chico, vivendo aí na corda bamba, engolindo cuspe de patrão...

FRANCISCO: Minha flor, vem cá. Presta atenção numa coisa, essa é a nossa vida, as nossa raiz, e óia, tudo, tudo nessa vida se ajeita. *(Confortando-a com a colcha de retalhos.)* Além do mais, aqui no interior todo mundo conhece a gente, aqui as pessoas reconhece nosso valor...

ANA: Escuta, Chico, ocê tem razão, nóis num pode abandoná nossas raiz, não. Mas por que nóis num tenta ir nas rádio? É coisa que eu vejo sempre dá certo. Se nóis consegui cantá nas rádio, nóis não vai ficá famoso só aqui no interior, não... Nós vai ficá famoso nesse mundão inteiro. Aí, sim, os dono das coisa vão dá o valor que nóis merece...

FRANCISCO: Minha flor, você sabe muito bem, e muito melhor do que eu, que essas coisa só dá certo pra quem tá lá dentro, isso é tudo arrumado, móia mão a de um, consegue um favor aqui, se sabe, minha flor, a gente é peixe pequeno.

ANA: Ah Chico, num custa nóis tentá... *(Abraçando Chico.)*

FRANCISCO: Ocê me falando com esse chamego todo, fica difícil falá quarquer coisa contrária. Tá bão, vamo tentá.

ANA: Te amo, Chico.

FRANCISCO: Sou eu quem te amo, minha flor. Seu Pequito, o senhor me acompanha numa moda?

(Chico canta, Cacilda vai chegando.)

"A felicidade, meu amigo, é Deus quem dá

Por isso é em vão a gente procurar.
Eu vivo procurando a tal felicidade
Já perdi a mocidade
E não consigo encontrar". (bis) [17]
(...)

CENA 10 – O bilhete

(Cacilda e Natalício se reencontram. Ela está, ainda, com o buquê nas mãos. O romantismo por parte dela, o desinteresse e desprezo por parte dele.)

CACILDA: Ocê... ocê vortô!

NATALÍCIO: É... Vortei, vortei e tô interessado em sabê daqueles dois, por onde eles anda.

CACILDA: *(animadinha)* Pois óia, eles já andaram por aí tudo... Têm batido muita cabeça viu... Mas hoje eles vão na rádia, vão tentá cantá, pro sucesso deslanchá, sabe??

NATALÍCIO: E ocê não vai com eles, na rádia, vê se eles vai memo cantá? *(Ironizando com a fala dela.)*

CACILDA: Mais é claro que eu vô! Já tava até me aprontando, roupa bonita e tudo, foi quando ocê chegou. Aliás, bem que podia ia comigo, o que ocê acha?

NATALÍCIO: Vô sim, mas vou chegá mais tarde, e a gente se encontra lá... Mas... Ocê bem que podia fazê um favorzinho pra mim.

CACILDA: Favor? Ah, faço sim.

NATALÍCIO: Entrega esse bilhete pra Ana, assim que eles acabá de cantá. *(Para o público:)* Isso é, se eles consegui, é claro. *(Voltando a ela:)* É uma carta de incentivação, sabe...

CACILDA: Que doce... Entrego, entrego, sim. *(Cacilda começa abrir a carta.)*

NATALÍCIO: Ó, eu falei "pra Ana", num é pr'ocê não!

(Saem.)

CENA 11 – Na rádio – Os sabiás

(Rádio Tupinambá - Jingles dos radialistas.)

LOCUTOR: Boa noite, caros ouvintes da rádio Tupinambá!

LOCUTORA: Tupinambáááááá...

LOCUTOR: Noite de lua crescente e céu estrelado aqui: *(dar o nome da cidade),* a cidade que é *(dar a característica da cidade onde estiverem)*. Você que está sem um parceiro, ou uma parceira, ou você, que já tem uma parceira, ou um parceiro, esse é o momento, não espere cair do céu a sua cara metade, vai em busca dela, deixe seus sentimentos aflorarem e lembre-se: o amor não tem idade, e nunca é tarde para pedir... perdão! Vamos para os nossos reclames e voltamos já:

(Cantam jingle:)

"Ratos e baratas em casa?
Esse problema vai acabar! Compre detetiza sim
Pro seu problema acabar.
Ratos e baratas nem pensar!"

LOCUTORA: Seus cabelos andam sem vida?

LOCUTOR: Opacos?

LOCUTORA: Quebradiços?

LOCUTORA: Com pontas duplas?

LOCUTORA: Diga não à essa vida! Você merece brilhantina "cuspe boi".

(Cantam jingle:)

Cuspe boi
Cuspe boi
Cuspe boi
Cuspe boi

LOCUTOR: Voltamos com a nossa rádio Tupinambáááá! Essa noite, temos a honra de oferecer a vocês, diretamente de nossas terras vizinhas:

LOCUTORA: El Paraguai,

LOCUTOR / LOCUTORA: A duplaaaaaaaa: *(Vira-se procurando por eles e se desespera por não os ver, pergunta onde estão e tenta disfarçar.)*

PEQUITO: A dupla... não veio!

LOCUTOR: Não veio????????

ANA: Moço! Ô moço! Dá licença, já que a outra dupla num veio, nóis queria sabê se podia cantá no lugar deles. Por que o senhor não deixa nóis cantá... Nóis é do circo... Canta bem, faz tempo e muito sucesso por aí.

LOCUTORA: Eles são meio folclóricos, não são?

LOCUTOR: Vem cá, vocês não são jacus não, né?

CHICO: Jacu não! A gente canta sertanejo de qualidade!

LOCUTOR: Olha, sertanejo é bom. O que vocês acham, deixa ou não?

(Aguarda resposta do público.)

LOCUTORA: Seu Pequito, deixe que escolham o tom!

ANA: É, com licença, é que iantes eu queria agradecê ocêis tudo, a oportunidade que ocêis tá dando e o senhor, seu Piriquito, muito obrigada!

MÚSICO: É Pequito, mocinha.

ANA: Ah, tá bom, seu Periquito. É que hoje, graças a ocêis, quem sabe nóis vai passá do pão com manteiga, pra o pão com ovo, né bem.

FRANCISCO: Pão com presunto, com salame.

ANA: Com mortadela.

FRANCISCO: Mortadela é menos, bem.

ANA: Mas é bom também, ué.

(Francisco e Ana cantam.)

"Saudade, palavra triste
Quando se perde um grande amor
Na estrada longa da vida
Eu vou chorando a minha dor

Igual a uma borboleta
Vagando triste por sobre a flor
Seu nome, sempre em meus lábios
Irei chamando por onde for

Você nem sequer se lembra
De ouvir a voz desse sofredor
Que implora por seu carinho
Só um pouquinho do seu amor

Meu primeiro amor
Tão cedo acabou, só a dor deixou nesse peito meu
Meu primeiro amor
Foi como uma flor que desabrochou e logo morreu

Nesta solidão
Sem ter alegria, o que me alivia são meus tristes ais...
São prantos de dor, que dos olhos caem
É porque bem sei, quem eu tanto amei não verei... Jamais..." (18)

FRANCISCO: A partir de hoje, minha flor, ocê vai sê minha Inhá, minha Inhana. *(Colocando nela o colar de pérolas.)*

ANA: E a partir de hoje, meu Chico, ocê vai sê meu Cascata, meu Cascatinha.

FRANCISCO: E nóis vamô sê:

JUNTOS: Cascatinha e Inhana!

CENA 12 - Sedução

(Entram em cena os paraguaios Paloma e Fofinho, numa dança para seduzir Francisco e Ana, que logo se encantam. Seu Pequito canta:)

"Numa noite linda nos conhecemos,
Junto ao logo azul de Ypacarai,
Tu cantavas triste pelo caminho velhas melodias em guarani,
Onde estás agora, meu grande amor,
Junto ao logo azul de Ypacarai,
Volte sem demora, meu amor te espera com frenesi,
Tudo te recorda, meu grande amor,
Junto ao lago azul de Ypacarai,
Volte sem demora,
Meu amor te espera cunhataí." (19)

> *(Cacilda entrega o bilhete de Natalício à Ana, elas se abraçam e Ana se emociona. O bilhete descreve uma suposta traição de Francisco.)*

ANA: Que bom te vê, Cacilda. (E abre o bilhete).

NATALICIO: *(como voz do bilhete)* Cara Ana, é com pesar que lhe informo o que desde o começo previ – não existe amor nenhum desse homem para você! Já é de seu conhecimento que esse seu maridinho tem um caso com esta paraguaia desde o início?

ANA: Chico?!!!

FRANCISCO: Não, não, não, minha flor, isto aqui é mentira, isso é tudo invenção pra acabá com nosso amor. Você não vai acreditá nisso, né Ana?

ANA: Francisco, eu vi! Eu não preciso acreditá em nada, eu vi! *(Ana arrebenta o colar que ganhara de Chico e sai.)*

PALOMA: *(a Francisco)* No estés triste hombre, estoy acá para consolarte.

FRANCISCO: Me deixa em paz, some daqui.

FOFINHO: Hombre, y si formamos una pareja? *(Pensando.)* Cero un y cero dos?

FRANCISCO: Era só o que me faltava, seus diabo, ocêis volta pro inferno de onde ocêis nunca devia ter saído, ocêis acabaram com a minha vida!

PALOMA: Oh! Me lastimas, me voy! Com el corazón partido una despedida para usted.

(Paloma canta, exagerada:)

"Pra matar minha saudade, pra minha felicidade, Paraguai eu voltarei..." (14)

CENA 13 - Decepção

(Em cena, Cacilda e Natalício.)

CACILDA: Parece que num tô entendendo... O que é que tinha naquele bilhete? Ocê num disse que era carta de incentivação?

NATALÍCIO: E era. Era incentivo memo, incentivo pra acabá com o que nunca devia de tê começado... Eu falei desde o começo que a dupla era eu!

CACILDA: Então, então... Ocê me usou pra... pra acabá a vida deles dois? Ocê me traiu!!!!

NATALÍCIO: Ninguém acabá o que já tá acabado! E eu não traí nada, porque nunca tive nada c'ocê!

CACILDA: Como nunca teve nada comigo? Eu não tava te esperando pra casá? Ocê num disse que ia resolvê coisa de trabalho e vortava pra me buscá?

NATALÍCIO: E ocê acreditou? Achava memo que eu ia ficá com uma maria-mijona igual ocê? Encalhada nessa idade e ainda por cima acreditando em amorzinho de circo dos outro?

CACILDA: Eu num tô acreditando no que eu tô ouvindo!

NATALÍCIO: Pois é bom acreditá logo e vê se acorda pra vida, paixão só existe em letra de música chorosa que esse aí toca, ou causo que os outro conta e nunca ninguém viu... E se ocê que sabê, vou indo embora, eu num preciso mais d'ocê, que cansei dessa lorota!

CACILDA: Péra aí, seu desgraçado!!! E pensá que deixei de vivê meu tempo pra vivê o seu! Ocê se aproveitou do meu amor pela Ana, que é

amor de irmã pra destruí a vida dos dois! E... Já que falou em causo, eu me lembrei de um, de um homem bom, bem diferente d'ocê, mas o que ele teve, vai sê o mesmo que ocê vai tê, porque o que ocê fez comigo, num vai fazê com mais ninguém, num vai!!!

> *(Cacilda crava o buquê em Natalício, que cai morto. Sr. Pequito canta:)*

"Mané Fogueteiro
Era o deus
Das crianças
Na vila distante
De Três Corações
Em dias de festa
Fazia rodinhas
Soltava foguetes
Soltava balões

Mané Fogueteiro
Gostava da Rosa
Cabocla mais linda
Esse mundo não tem
Mas o pior
É que o Zé Boticário
Gostava um bocado
Da Rosa também
E um dia encontraram
Mané Fogueteiro
De olhos vidrados
De bruços no chão
Um longo punhal
Varara-lhe o peito
De volta da festa
Do Juca Romão
E como os que morrem ainda
Conservam a última cena
Nos olhos sem luz
Um claro foguete
De lágrimas frias

Alguém viu brilhar
Nos seu olhos azuis." [20]

CENA 14 - Colcha de retalhos

(Francisco entra, desconsolado, bêbado, gritando por Ana e conversa com Sr. Pequito.)

FRANCISCO: Ana, Anaaaa.

SEU PEQUITO: Chico, ô Chico, que é isso, você está bebendo?

FRANCISCO: Quem tá aí?

SEU PEQUITO: Sou eu, Chico, seu Pequito.

FRANCISCO: Ah, seu Pequito, o senhor viu? A vida da gente é feito colcha de retalho... um só que farta, um só, e o desenho já num fica mais igual. É, e ela num acreditou n'eu, Seu Pequito. Tudo por causo de uma mentiraiada, uma invenção que fizero pra acabá com nóis. Todos os anos junto, jogado fora numa bobageira.

SEU PEQUITO: A vida é assim mesmo... Sua história não foi a primeira e nem vai ser a última. Cada história que eu já ouvi por aqui...

FRANCISCO: No meu caso é diferente, eu perdi inté a vontade de cantá. Minha voz era ela...

SEU PEQUITO: Então vamos usar a voz para chorar... Diz que a voz da gente pode ser que nem lágrima, mas ao invés de sair pelos olhos, ela sai pela boca e vai embora no vento.

(Inicia a canção, Natalício levanta e canta com ele.)

"Aquela colcha de retalhos que tu fizeste
Juntando pedaço em pedaço foi costurada
Serviu para o nosso abrigo em nossa pobreza
Aquela colcha de retalhos está bem guardada

Agora na vida rica que estás vivendo
Terás como agasalho colcha de cetim

Mas quando chegar o frio no teu corpo enfermo
Tu hás de lembrar da colcha e também de mim." (bis) [21]
(...)

CENA 15 – Conselho

(Mãe e Ana conversam.)

MÃE: Fia, oh minha fia, aquela sua amiga doidinha teve aqui e deixou essa carta pr'ocê, disse que ia sumi no mundo e que tinha deixado tudo resolvido, eu num entendi nada, mas como ocê tá desse jeito aí, eu vou te falá, eu li, viu!? Caso que eu sô assim memo! E aqui fala que foi tudo mentiraiada daquele amigo do cão, o tal do Natalício, Chope, sei lá, que se dizia parceiro dele...

(Tira os óculos e fala como narradora:)

NARRADORA: O que para mim, botaram na história foi só para apimentar, que eu nem sei dizer se existiu mesmo.

MÃE: Ó, e eu vou te dizê um negócio, vorta pra ele, sô! De que vale vivê a vida chorando pros canto? Vai querê fazê que nem tua amiga? Que de tanto amor que ela tinha, matou o amor dela?

ANA: Tá variando, mãe? A senhora sempre que foi contra de nóis fica junto.

MÃE: Tô variando não, minha fia, é que confiança não se tira das coisa feita, ou perfeita, ela rodeia é os quente da pessoa, e o teu coração, que é o teu quente, sempre que foi do Chico, nunca adiantou nada eu falá, então vai, resorve sua vida.

ANA: Minha mãe era assim, sempre na bondade de constatá amor com justiça, e eu fui.

(Ana sai ao encontro de Chico e depois o grupo de atores acompanha. Seu Pequito canta:)

"Deixa a cidade formosa, morena
Linda pequena e volta ao sertão

Beber a água da fonte que canta
Que se levanta do meio do chão
Se tu nasceste cabocla cheirosa
Cheirando a rosa do peito da terra
Volta pra vida serena da roça
Daquela palhoça do alto da serra"

(Ana inicia, acompanhada dos demais.)

"E a fonte a cantá, chuá, chuá,
E as água a corrê, chuê, chuê.
Parece que alguém tão cheio de mágoa
Deixaste quem há de dizer a saudade
No meio das águas rolando também
(...)
E a fonte a cantar, chuá, chuá,
E a água a correr, chuê, chuê". (bis) [22]
(...)

CENA 16 - Reencontro

ANA: A vida é assim, não adianta fugir dos coração da gente, é tanto encontro e tanto desencontro, mas o que tem que ficá, fica, ocê num acha?

FRANCISCO: Eu num acho nada, só queria achá ocê. Tem um cirquinho lá embaixo, na pracinha, nóis bem que podia ir lá pra lembrá dos velhos tempo, quando tudo começou e a nossa vida era só cantá.

ANA: É verdade. Quem ia imaginá que nóis ia fazê o sucesso que nóis fez?

FRANCISCO: E pensá que até disco de ouro nóis ganhemo, nóis fomo reconhecido nesse mundão de meu Deus inteiro. Sabe o que eu mais acho engraçado, é sabê que nóis vendemô mais disco do que o tanto de vitrola que tinha pra vendê no Brasil, num é engraçado um trem desse?

ANA: Chico, ocê se lembra de quando ia no jornaleiro, comprava um monte de ficha telefônica, ligava nas rádio pra pedi nossas música? É,

aí depois vieram as outras moda, as rádio num quis nem sabê de nóis. Televisão então? Nem se fala. Tem tanto desencontro nessa vida.

FRANCISCO: Mas também tem tanto encontro, e o que tem que ficá, fica! Sabe por que minha flor? Nóis somo uma dupla que vai ficá pra sempre na memória desse povão de meu Deus inteiro! Vamô lembrá de isso tudo lá no nosso circo? Meu amor.

ANA: Ah Chico... É o que eu mais quero nesse mundo, o circo e ocê!

> *(Ana vai beijar Chico e o coração para, Chico se desespera. Som de trem partindo. Todos cantam:)*

"Quando eu for embora para bem distante
E chegar a hora de dizer"... [9]

> *(Coro de atores inicia a canção final, simbologia do reencontro dos dois, juntam suas coisas como para partir, a dupla de costas, os atores sentam-se, o casal se vira, formam a foto final. Todos cantam.)*

"Oi, lá no céu tem cravo,
Oi, lá no céu tem rosa,
Oi, lá no céu tem canto,
Oi, lá no céu tem prosa. (bis)

Lá vai a lua sorrindo,
Lá vai a lua formosa,
Com três estrelas do lado.
A do meio diz pra todo mundo
Que a lua é minha namorada. (bis)

Vem lua, lua,
Vem lua encantada
Vem lua, lua,
Luar do meu sertão,
Farei com o seu coração
Uma canção e anéis de prata. (bis)

Vem lua, lua,
Vem lua encantada,
Vem lua, lua
Sabiás do sertão,

Farei com o seu coração
Uma canção e anéis de prata." (bis) [23]

NARRADORA – No circo do avesso que é esse mundo, só mesmo com muita poesia, pé no chão e mãos dadas que é pra seguir adiante.

REFERÊNCIAS

1 – "Introdução de pensamento", (poema de Clara Roncati)

2 – "Cascatinhana" (Luiz Carlos Laranjeiras)

3 – "Saudação a Ana e Chico" (Luiz Carlos Laranjeiras)

4 – "O menino e o circo" (Ely Camargo)

5 – "Casinha branca" (Gilson, Joran e Marcelo)

6 – "Flor do cafezal" (Luiz Carlos Paraná)

7 – "Dois corações" (Herivelto Martins e Valdemar Gomes)

8 – "Noites no Paraguai" (P. J. Charles/ Samuel Aguayo / Versão: Nogueira dos Santos)

9 – "Índia" (Manuel Ortiz Guerrero e José Asunción Flores / Versão: José Fortuna)

10 – "A felicidade" (Alberto Conde e Henricão)

11 – "Chora maninho" (Francisco Lacerda e Sebastião Felix)

12 – "La paloma" (Sebastian Yradier / Versão: Pedro de Almeida)

13 – "Meu casamento" (Alberto Conde e Nilza Nunes)

14 – "Galopeira" (Mauricio Cardozo Ocampo)

15 – "O fofinho" (Hélio Sinido)

16 – "Mudança" (Franco Delano e Vitor Martins)

17 – "A felicidade" (Alberto Conde e Henricão)

18 – "Meu primeiro amor" (Hermínio Gimenez, José Fortuna e Pinheirinho Jr.)

19 – "Recuerdos de Ypacaraí", trecho adaptado (Zulema de Mirkin e Demétrio Ortiz)

20 – "Mané Fogueteiro", adaptação (Augusto Calheiros)

21 – "Colcha de retalhos" (Raul Torres)

22 – "Chuá, chuá" (Pedro de Sá Pereira, Marques Porto e Ari Machado Pavão)

23 – "Lá no céu" (Luiz Carlos Laranjeiras)

Nota da autora – Agradecimentos especiais a Alaor Ignácio dos Santos Júnior, pois várias cenas têm por base descrições e depoimentos encontrados em seu livro "Cascatinha e Inhana - Uma história contada às falas e mídia" (Ed. Annablume, 2010), por ele gentilmente cedidos. E a toda obra de Guimarães Rosa, base sempre de nosso trabalho e da qual retiramos palavras e construções poéticas usadas em toda a dramaturgia. Destacamos que optamos pela construção do dialeto caipira variado e não em sua íntegra, respeitando as entrevistas assistidas, lidas, bem como os livros base.

VIRADO À PAULISTA

2015

Ficha técnica

Dramaturgia: Fagner Rodrigues e Simone Moerdaui

Colaboração: Beta Cunha, Cássia Heleno, Clara Tremura, Fabiano Amigucci, Glauco Garcia, Jaqueline Cardoso, José Maria Guirado e Márcia Morelli

Direção: Fagner Rodrigues

Música original: Diego Neves

*Elenco e musicistas**: Beta Cunha, Cássia Heleno, Christina Martins, Clara Tremura, David Balt, Diego Guirado, Diego Neves, Fabiano Amigucci, Fagner Rodrigues, Geovanna Leite, Glauco Garcia, Ícaro Negroni, Jaqueline Cardoso, Márcia Morelli, Simone Moerdaui e Vanessa Palmieri

Figurinos: Cênica

Costura: Shirlei de Souza e Vergínia Santana

Cenografia e adereços: Cênica

Pesquisa e produção: Cênica

Apoio: Sesc Birigui

* José Maria Guirado participou anteriormente deste trabalho como musicista.

Foto: Vanessa Palmieri

PERSONAGENS

ATRIZES E ATORES SAMBADORES
PADRE
BEATAS
DONA EUNICE
DONA OLÍMPIA
PREFEITO

1 - CHEGANÇA

Cortejo de atrizes e atores sambadores se aproxima do público, cantando e convidando-o a formar uma arena, por vezes refeita ao longo do trajeto.

"Eu venho vindo
Chegando agora
Vim visitar meu Bom Jesus de Pirapora" (1)

ATOR/ATRIZ: Salve, salve! Nós viemos batucando lá do nosso terreiro e pedimos licença para pisar aqui no terreiro de vocês e convidar para seguirmos juntos nessa viagem que homenageia o samba paulista!

ATOR/ATRIZ: Que história é essa de samba paulista?! Samba é samba em qualquer lugar!

ATOR/ATRIZ: Mas dizem por aí que o samba só é carioca...

ATOR/ATRIZ: Pois nós vamos mostrar que, aqui por essas bandas, o samba é caipira!

TODOS: Caipira!

ATOR/ATRIZ: Você, que tem voz de saracura e pé no formigueiro, vem, vem...

ATOR/ATRIZ: ...vem sambar essa história com a gente!

TODOS *(cantam)*: "Eu vou mostrar, eu vou mostrar
Que o povo paulista também sabe sambar
Eu sou paulista, gosto de samba
Na Barra Funda também tem gente bamba
Somos paulistas e sambamos pra cachorro
Pra ser sambista não precisa ser do morro" (2)

2 – ÁFRICA-BRASIL

Bumbo marca, lento, a preparação para o início da viagem.

ATOR/ATRIZ: Na África, a alma do samba fincou seus pés! A alma do samba "recebeu o batismo dos tambores, atabaques, gonguês e agogôs" (3). "É uma reza, o samba, e um lamento." (4)

ATRIZES *(cantam)*: "Que gente é essa de pé no chão
Que tem no canto sua forma de expressão
Cantou na travessia o seu triste lamento
Para amenizar tanta dor e sofrimento
Que canto lindo na plantação
O rei escravo cantou na mineração
Rezou cantando ao pai Oxalá
Nagô Jeje Keto Iorubá
Eparrei!

CORO *(canta)*: Oiá Oiá vem nos ajudar
Kaô Kaô Kaô Kabiecilè Obá
(...)
É o canto negro senhor
É o povo negro senhor
É a liberdade senhor" (5)

ATOR/ATRIZ: Oxóssi é São Sebastião, Ogum é São Jorge, Oxalá é Jesus Cristo, Ibejis, São Cosme e Damião, Iansã é Santa Bárbara, Xangô é São Jerônimo, os fios de contas, Nossa Senhora do Rosário. "Meu rosário é feito de contas negras e mágicas. Nas contas de meu rosário eu canto Mamãe Oxum e falo padres-nossos e ave-marias (...) Alguém disse um dia que a vida é uma oração" (6)

Canto solo de ator/atriz, ao som de atabaque:

ATOR/ATRIZ: "Otê, Padre Nosso com Ave Maria
Securo camera qui tanganãzambe, aiô
Aiô, Taganãzambe, aiô" (7)

3 – PIRAPORA DO BOM JESUS

ATOR/ATRIZ *(narra, enquanto é apresentada ao público a imagem de Bom Jesus de Pirapora)*: "À margem do lendário Tietê
Uma nova cidade surgiu
De toda parte vinha romaria
Festejar o grande dia e cantar em seu louvor
Trazemos nessa avenida colorida
Festa do povo e costumes tradicionais
Dar ao povo o que é do povo
O que fazemos nesse carnaval

CORO *(canta, convidando o público para a festa)*: Pirapora ê, Pirapora ê
Bate o bumbo, nego
Quero ouvir o boi gemer" (8)

Chega o padre, acompanhado por beatas.

PADRE: Gente, que festa é essa?! É assim que se divertem os "barriga-sujas", os que nasceram com o "pé na cozinha", tocando bumbo?! Olha que "beleza exótica"!

ATOR/ATRIZ: Você me respeite, senão a boca do sapo vai comer!

PADRE: Creio em Deus Pai! Não que eu queira "denegrir" a festa de ninguém, mas "a coisa aí tá preta", hein? "Lá no nosso jardim é festa de

branco! A banda toca um dobrado (...) e as moças casadoiras procuram namorado." [9]

ATOR/ATRIZ: "No barracão a raça samba a noite inteira. Bate zabumba, joga rasteira" [10]. Porque na sua igreja... na sua igreja negro não entra, não...

BEATAS: Ah, mas não entra mesmo!

ATOR/ATRIZ: O "sinhô" lembra de mim, seu padre?

Cantam:

ATOR/ATRIZ: "Eu era menino
Mamãe disse: eu vou me embora
Você vai ser batizado
No samba de Pirapora
Mamãe fez uma promessa
Para me vestir de anjo
Me vestiu de azul-celeste
Na cabeça um arranjo
Ouviu-se a voz do festeiro
No meio da multidão

PADRE: Menino preto não sai
Aqui nessa procissão

ATOR/ATRIZ: Mamãe, mulher decidida
Ao santo pediu perdão
Jogou minha asa fora
E me levou pro barracão

CORO: Lá no barraco
Tudo era alegria
Nego batia na zabumba
E o boi gemia

PADRE: Iniciado o neguinho
Num batuque de terreiro

ATOR/ATRIZ: Samba de Piracicaba
Tietê e campineiro

Os bambas da Paulicéia
Não consigo esquecer

CORO: Fredericão na zabumba
Fazia a terra tremer

ATOR/ATRIZ: Cresci na roda de bamba
No meio da alegria
Eunice puxava o ponto
Dona Olímpia respondia

DONA EUNICE: Sinhá caía na roda
Gastando a sua sandália

DONA OLÍMPIA: E a poeira levantava
Com o vento das sete saias

CORO: Lá no barraco
Tudo era alegria
Nego batia na zabumba
E o boi gemia" (11)

PADRE: Parou! Que isso aí não é samba não... No Rio de Janeiro, onde o samba é verdadeiro, bumbo faz é marcação! Está proibido de tocar esse samba de vocês aqui.

ATOR/ATRIZ: Mas aqui no samba paulista o bumbo é o rei!

ATOR/ATRIZ: O bumbo é um instrumento afinado a fogo e tocado a tapa!

PADRE: Você vai ver quem eu vou afinar a tapa e jogar no fogo...

ATOR/ATRIZ *(reage corporalmente à ameaça)*: Quando ele fala, o coração bate junto na mesma cadência e quase salta boca afora.

PADRE: Agressão!

ATOR/ATRIZ *(ignora)*: É aqui que o bumbo quase canta!

Cantam:

ATOR/ATRIZ: "Quando o bumbo bate forte
Eu vou cantando essa vida
E levando a todo mundo boa sorte

DONA EUNICE: O bumbão estremeceu
Ecoou no barracão
Danado do boi gemeu
Poeira saiu do chão

DONA OLÍMPIA: Morena da saia rendada
Na roda já quer entrar
A festa de Pirapora
Vai até o romper da aurora
Só pra nos abençoar

CORO: O bumbo aqui faz sambar" (12)

ATOR/ATRIZ: No barracão, céu e terra não têm distinção!

ATOR/ATRIZ: O tempo é festa, brinquedo da alegria. No barracão a "idade não regula...

ATOR/ATRIZ: ...o que regula é o rebolado" (13)

CORO: O rebolado!

ATOR/ATRIZ: Ah, teve branco que não se aguentou e caiu no samba!

Cantam, convidando pessoas brancas na plateia a entrar na roda:

PADRE: "Tem branco no samba?

CORO: Tem sim senhor
Ele é batuqueiro, saninha, ou é cantador?

PADRE: Tem branco no samba?

CORO: Tem sim senhor
Ele é batuqueiro, saninha, ou é cantador?
Pirapora ê, Pirapora ê
Bate o bumbo nego
Quero ouvir o boi gemer" (14)

PADRE: Podem parar com essa batucada! Bando de desocupados!

ATOR/ATRIZ *(ao público)*: Foi aí que a Igreja se arrepiou!

PADRE: Vão continuar tocando esse samba de vocês?

ATOR/ATRIZ: Não, seu padre. A gente vai rezar uma ladainha.

PADRE: Ah, sim. Ladainha pode!

Cantam, orquestrados pelo padre, conforme os ritos católicos:

"Se as águas do mar da vida
Quiserem te afogar
Segura na mão de Deus e vai...

ATRIZ/ATOR *(inflamando)*: Carnaval!

Carnavalizam, enquanto o padre tenta retomar o controle:

"... Segura na mão de Deus
Segura na mão de Deus
Pois ela, ela te sustentará
Não tema, segue adiante
E não olhe para trás
Segura na mão de Deus e vai" (15)

PADRE *(interrompendo, violento)*: Parou! Cambada de macumbeiros! Esse desacato não acaba nunca?! E ainda tem branco saindo da igreja para vir aqui sambar?! Pois que botem abaixo esse barracão!

ATOR/ATRIZ: "Canto de negro dói.

ATOR/ATRIZ: Canto de negro mata" (16). Esse desrespeito nunca vai acabar!

ATOR/ATRIZ: E Pirapora foi minguando, minguando.

Padre toma para si a imagem de Bom Jesus de Pirapora, símbolo da festa. Canto triste:

ATOR/ATRIZ: "Pirapora ê, Pirapora ê
Bate o bumbo, nego
Quero ouvir o boi gemer" (17)

PADRE: Vão ficar aí chorando as "táuba derrubada"?! Vão achar outro canto para armar a maloca de vocês!

4 – SAMPA

ATOR/ATRIZ: As "táuba" foram "derrubada" sim senhor. Mas em tudo quanto é cidade do interior, e mesmo em São Paulo, a terra da garoa, lá nos terreiros das tias, lá no Largo da Banana, "a batucada não tinha hora para acabar. Só parava com a chegada da cavalaria que baixava o sarrafo, furava os couros e o povo ia dormir na delegacia" (18). Afinal, samba era coisa de vagabundo, de desocupado, de macumbeiro!

PADRE: "A cadeia tá suja... vai todo mundo lavar!" (19)

BEATAS: Vai todo mundo lavar!

PADRE: E desce o sarrafo nesse povo!

BEATAS: Desce o sarrafo nesse povo!

Padre e beatas cantam:

"Vem cá menino
Vem cá menina
Tá tudo preso
Pra amanhã fazer faxina" (20)

PADRE: Parou! Agora vão-se embora!

Breve silêncio. Atores e atrizes se entreolham.

PADRE: Já não mandei sair? Estão esperando o quê? Gás lacrimogênio? Bala de borracha? Ou querem ir para o xadrez de novo? Desinfeta, negrada!

ATOR/ATRIZ *(ao público)*: "Negro é como couro de tambor
Quanto mais quente mais toca
Quanto mais velho
mais zuada faz" (21)

5 – CORDÕES

Seguem adiante, cantando:

"Garoa, resistência do meu samba
Do samba, do morro

Calar nosso cordão não adianta
Que a gente canta de novo
Pode conferir o nosso samba altaneiro
Nossa batucada, nosso samba de terreiro
Nossa Velha Guarda tem história pra contar
Samba na garoa começa e não quer mais parar" (22)

ATOR/ATRIZ: E nascem os primeiros cordões, que – despudoradamente, descaradamente, deliciosamente – desfilam perturbando a ordem pública da terra chamada trabalho.

ATOR/ATRIZ: Salve Baixada do Glicério! Salve Barra Funda! Salve Cordão Cai Cai! Paulistano da Glória! Lava-pés! Fio de Ouro! Salve Bexiga!

Foliões brincam o carnaval, cantando:

"Minha gente saia fora
Na janela venha ver
O grupo da Barra Funda
Tá querendo aparecer
Cantamos tudo com voz aguda
Trazendo vida ao grupo da Barra Funda
Cantamos tudo com voz aguda
Trazendo vida ao grupo da Barra Funda" (23)

6 – INSTITUCIONALIZAÇÃO DO SAMBA

PREFEITO *(aplaude, impondo-se)*: Mas que beleza! Que maravilha! Isso é mais que um cordão, é uma escola de samba! Vamos apoiar, vamos apoiar! Desde que...

ATOR/ATRIZ (à parte): Todo político tem um "desde que".

PREFEITO: ...seja nos moldes das escolas samba cariocas!

Entra batida de escolas de samba cariocas, logo interrompida. Mal-estar.

ATOR/ATRIZ: E assim se dá o confinamento... O samba paulista ganhou

bandeira, avenida dita "especial", bem cercadinha, e foi elevado da categoria do "samba quem quer" para a categoria do "samba quem pode".

Música. Mestre-sala e porta-bandeira evoluem.

ATOR/ATRIZ *(cantando)*: "Quem nunca viu o samba amanhecer
Vai no Bexiga pra ver, vai no Bexiga pra ver
O samba não levanta mais poeira
Asfalto hoje cobriu o nosso chão
Lembrança eu tenho da Saracura
Saudade tenho do nosso cordão
Bexiga hoje é só arranha-céu
e não se vê mais a luz da lua
mas o Vai-Vai está firme no pedaço

CORO: É tradição e o samba continua" [(24)]

7 – BOTEQUIM

ATOR/ATRIZ: Foi mais ou menos assim que o samba paulista se fez nos barracões de Pirapora do Bom Jesus. Menino travesso que era, foi logo expulso de casa e ganhou as ruas! E não podemos terminar essa viagem sem reverenciar ao menos alguns de nossos mestres e mestras.

ATOR/ATRIZ: Um salve para a Dona Maria Esther, Dona Aurora, Seu Carmelino e Dona Luiza, Madrinha Eunice, Dona Olímpia!

CORO: Salve!

ATOR/ATRIZ: Salve Toniquinho Batuqueiro!

CORO: Salve!

ATOR/ATRIZ: Peço um salve também para Oswaldinho da Cuíca que, além de compositor e cuiqueiro, é um grande pesquisador do samba paulista!

CORO: Salve!

ATOR/ATRIZ: Salve Geraldo Filme, tão presente nessa viagem!

CORO: Salve!

ATOR/ATRIZ: Tem o Vanzolini... Ele mesmo não se considerava sambista, mas zoólogo. Imagina se não fosse. Aliás, ele dizia que o samba é como osso, tá na boca de qualquer cachorro vira-latas!

ATOR/ATRIZ: Tem o Zeca da Casa Verde, onde o samba enfeza! E os cariocas radicados em São Paulo, como Leci Brandão. Salve, Leci!

CORO: Salve!

ATOR/ATRIZ: Salve Pato N'Água, salve Germano Mathias!

CORO: Salve!

ATOR/ATRIZ: Salve Dionísio Barbosa, que fundou o primeiro cordão da garoa!

ATOR/ATRIZ: Não podemos esquecer dos grupos, como o Originais do Samba, o Demônios da Garoa...

ATOR/ATRIZ: O Demônios gravou muito Adoniran Barbosa. Vamos fazer uma?

ATOR/ATRIZ: Vamos! Dedico esse samba a todos os movimentos por moradia desse país!

Cantam, convidando público para sambar.

"Se o senhor não tá lembrado
Dá licença de eu contá
Que aqui onde agora está
Esse adifício arto
Era uma casa véia
Um palacete assobradado
Foi aqui seu moço
Que eu, Mato Grosso e o Joca
Construímos nossa maloca
Mas um dia, nóis nem pode se alembrá
Veio os homis c'as ferramentas
O dono mandô derrubá
Peguemos todas nossas coisas
E fumos pro meio da rua

Apreciá a demolição
Que tristeza que nóis sentia
Cada táuba que caía
Doía no coração
Mato Grosso quis gritá
Mas em cima eu falei:
Os homis tá cá razão

Nós arranja outro lugar
Só se conformemo quando o Joca falou:
'Deus dá o frio conforme o cobertor'
E hoje nóis pega páia nas gramas do jardim
E prá esquecê, nóis cantemos assim:
Saudosa maloca, maloca querida
Dimdim donde nóis passemos os dias feliz de nossas vidas" (25)

ATOR/ATRIZ *(brincando com o público)*: O casal aqui me contou que se conheceu ao som desse samba e que sem ele, eles não podem ficar.

Cantam:

"Não posso ficar nem mais um minuto com você
Sinto muito amor, mas não pode ser
Moro em Jaçanã,
Se eu perder esse trem
Que sai agora às onze horas
Só amanhã de manhã.
Além disso, mulher
Tem outra coisa,
Minha mãe não dorme
Enquanto eu não chegar,
Sou filho único
Tenho minha casa para olhar
E eu não posso ficar" (26)

ATOR/ATRIZ *(brincando com o público)*: Ela aqui disse que não sabe se é samba ou se é pagode. Só sabe que o seu coração tá cheio de undererê.

Cantam:

"Foi sem querer que derramei toda emoção

Undererê e cerquei seu coração, undererê
Me machuquei, te feri, não entendi
Undererê como dói a solidão, não, não, não, não, não
Agora estou sozinha precisando de você
E você não está por perto pra poder me ajudar
A estrada desta vida está difícil sem você
E você não está por perto pra poder me ajudar" (27)

> *Durante a música, um ator/atriz entra na roda, cambaleante. Embora esteja gravemente ferido/a, é notado/a somente quando cai. Solo de pandeiro faz fundo sonoro para o texto de outro/a ator/atriz.*

ATOR/ATRIZ: No Brasil, os ataques a religiões de matriz africana somam sessenta e um por cento. Neste mesmo Brasil, sessenta e seis por cento das mulheres assassinadas são negras. Nas ações policiais em todo o território nacional, setenta e nove por cento das pessoas mortas são negras. Em dez anos, o número de brancos assassinados em nosso país caiu. Mas o de negros subiu! Mas o de negros subiu, subiu, subiu, subiu! (28)

> *Silêncio.*

ATOR/ATRIZ *(ainda no chão)*: A nossa justiça é uma "máquina de moer carne pobre e negra" (29). "Essas mortes não têm valor, não comovem. Não chocam. O corpo de um jovem negro no chão é como se fosse normal. Da mesma forma que a gente acha natural um menino preto vendendo bala num sinal. A gente acha que aquele menino faz parte da paisagem, daquele cenário" (30), daquele asfalto preto (*fecha os olhos. Último suspiro).*

> *Enquanto outro/a ator/atriz canta, o corpo no chão é contornado com confetes de carnaval. Uma vela é depositada próximo à sua mão. Se houver atrizes e atores "brancos" no elenco, que suas mãos estejam sujas de sangue.*

ATOR/ATRIZ *(canta)*: "Ninguém ouviu
Um soluçar de dor
No canto do Brasil
Um lamento triste

Sempre ecoou
Desde que o índio guerreiro
Foi pro cativeiro
E de lá cantou
Negro entoou
Um canto de revolta pelos ares
No Quilombo dos Palmares
Onde se refugiou
Fora a luta dos Inconfidentes
Pela quebra das correntes
Nada adiantou
E de guerra em paz
De paz em guerra
Todo o povo dessa terra
Quando pode cantar
Canta de dor

CORO: Ôôôôôô..." [31]

Sob as vozes do coro, o/a ator/atriz se levanta do chão e, por vezes, ao longo do poema, refere-se à silhueta que lá ficou.

ATOR/ATRIZ: "E o céu coloriu-se de um tom avermelhado
(...)
E eu cantei
Cantei porque agora a chuva
brotará da terra
As sementes de todos os frutos
cairão sobre os nossos pés
E germinaremos juntos
Embora tu não possas mais tocar as flores deste jardim, eu sei
Mas o teu solo é livre
Cante, menino,
cante uma canção que emudeça os prantos,
que repique os atabaques
e ensurdeça os gritos
Porque amanhã não haverá mais
nenhum resto de esperança
não haverá mais um outro amanhecer,

pois certamente muito antes
de surgir um novo dia,
um sol, guerreiro, há de raiar
à meia-noite para despertar o teu sono
Como uma nova alvorada" (32)

ATOR/ATRIZ *(finaliza seu canto)*: "...E de guerra em paz
De paz em guerra
Todo o povo dessa terra
Quando pode cantar
Canta de dor" (33)

8 – DESPEDIDA

Integrantes do cortejo reverenciam a silhueta ao chão e se despedem, cantando.

"Quem parte leva saudades de alguém
Que fica chorando de dor
Por isso eu não quero lembrar
Quando partiu meu grande amor
Ai, ai, ai, ai
Está chegando a hora
O dia já vem raiando, meu bem
Eu tenho que ir embora" (34)

REFERÊNCIAS

1 – "Vinheta: Batuque de Pirapora" (Osvaldinho da Cuíca)

2 – "Eu vou mostrar" (Geraldo Filme)

3 – "Sou negro", trecho (poema de Solano Trindade)

4 – Trecho do depoimento de Fernando Penteado no documentário "Samba à Paulista – Fragmentos de uma história esquecida", dirigido por Gustavo Mello

5 – "Que gente é essa?" (Geraldo Filme)

6 – "Meu rosário", trecho (poema de Conceição Evaristo)

7 – "Canto dos escravos", trecho (domínio público)

8 – "Tradições e Festas de Pirapora", trecho (Geraldo Filme)

9 – "Tradições e Festas de Pirapora", trechos (Geraldo Filme)

10 – "Tradições e Festas de Pirapora", adaptações de trechos (Geraldo Filme)

11 – "Batuque de Pirapora" (Geraldo Filme)

12 – "Bumbo de Pirapora" (Renato Dias e Tadeu Kaçula)

13 – Máxima de Dona Maria Esther Camargo

14 – "Tradições e Festas de Pirapora", trecho (Geraldo Filme)

15 – "Segura na mão de Deus", trecho (Nelson Monteiro da Mota)

16 – "Canto", verso (poema de Solano Trindade)

17 – "Tradições e Festas de Pirapora", trecho (Geraldo Filme)

18 – "Monólogo de um sambista", adaptação de versos (Osvaldinho da Cuíca)

19 – Trecho do depoimento de Geraldo Filme no documentário "Samba à Paulista – Fragmentos de uma história esquecida", dirigido por Gustavo Mello

20 – Marchinha cantada por Geraldo Filme no documentário "Samba à

Paulista – Fragmentos de uma história esquecida", dirigido por Gustavo Mello. Autor não identificado

21 – "Canto", trecho (poema de Solano Trindade)

22 – "Garoa, resistência do meu samba" (Renato Dias, Heron Coelho e T. Kaçula)

23 – "Grupo da Barra Funda" (Luiz Barbosa e Dionísio Barbosa)

24 – "Tradição (Vai no Bexiga pra Ver)" (Geraldo Filme)

25 – "Saudosa maloca" (Adoniran Barbosa)

26 – "Trem das onze" (Adoniran Barbosa)

27 – "Desejo de amar" (Gabú e Marinheiro)

28 – Estas informações são constantemente atualizadas a partir de fontes como o Atlas da Violência 2021, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP)

29 – Depoimento de Lucas, da Pastoral Carcerária de São Paulo, na matéria "Em São Paulo, ato lembra que a escravidão só mudou de nome", de 17/06/2016, publicada no site www.carceraria.org.br

30 – Trecho do depoimento de Geovan Bantu, representante do Fórum Nacional de Juventude Negra de Salvador/BA, em audiência pública da Comissão Parlamentar de Inquérito na Câmara Federal, em 2015, destinada a investigar a violência contra jovens negros e pobres no Brasil

31 – "Canto das três raças", trecho final (Mauro Duarte e Paulo César Pinheiro)

32 – "Um sol guerreiro", trecho (poema de Celinha)

33 – "Canto das três raças" (Mauro Duarte e Paulo César Pinheiro)

34 – "Está chegando a hora" (Henricão e Roberto Campos)

QUEIJO & GOIABADA

Das canções que você não autorizou pra mim **2016**

Ficha técnica

Dramaturgia: Clara Roncati

Colaboração em sala de ensaio para esta versão: Diego Guirado, Elaine Matsumori, Fabiano Amigucci, Fagner Rodrigues, Glauco Garcia, Jaqueline Cardoso, Simone Moerdaui

Direção e ideia original: Fagner Rodrigues

Direção musical, direção de texto e preparação vocal: Babaya Morais

Elenco e musicistas:* Beta Cunha, Diego Guirado, Fabiano Amigucci, Fagner Rodrigues, Glauco Garcia, Jaqueline Cardoso e Vanessa Palmieri

Arranjos musicais: Diego Guirado

Coreografias: Cássia Heleno

Provocações elenco: Simone Moerdaui

Figurinos e adereços: Adbailson Cuba

Costura: Rosa Graner

Maquiagem: coletiva

Cenografia: Leandro Madi e Fagner Rodrigues

Iluminação: Luis Fernando Lopes

Pesquisa e produção: Cênica

Apoio: Sesc Rio Preto (Laboratório Cênico)

* *Participaram anteriormente deste trabalho como atrizes:* Clara Roncati e Elaine Matsumori

Foto: Ricardo Boni

A partir da obra "Romeu e Julieta" de William Shakespeare

PERSONAGENS / ATORES

ATOR 1 – DIRETOR / BENVÓLIO MONTECCHIO / BALTASAR
ATOR 2 – ROMEU MONTECCHIO / PRÍNCIPE ESCALO
ATRIZ 1 – MUSICISTA / SRA. CAPULLETO / FREI
ATRIZ 2 – JULIETA CAPULETO
ATOR 3 – MÚSICO / TEOBALDO CAPULETO
ATOR 4 – SR. CAPULETO / MERCÚCIO
ATRIZ 3 – DRAMATURGA / AMA / SERVA / BOTICÁRIO

ANTES DO PRÓLOGO

Tocando a música "As canções que você fez pra mim" [1]*. Todos na cena, preparando-se, ajustes finais de maquiagem e aquecimento, recepcionando as convidadas e os convidados e servindo pequenos quitutes. Cena antes do início.*

Começa o espetáculo, antes da tragédia, jogo irônico sobre a companhia entre os atores.

ATOR 1: Boa noite, estamos muito gratos e gratas pela presença de todas as pessoas, bem-vindas, bem-vindos, esta festa é sua, é nossa, de quem quiser, de quem vier, foi preparada com muito carinho, muito capricho. Foi tudo feito com luxo e muito bem pensado, porque nós queremos oferecer o melhor para você, público, que é a única coisa que importa, o nosso melhor, vamos comemorar o nosso sucesso!

Uma noite especial, um especial, nesse espetáculo lindo, rico e chique!

ATOR 2: Ah, tá! Chique pra quem? Só se for para ele. Porque o que é chique para uns não é para outros.

ATRIZ 1: Exatamente. Eu não queria nada disso não, porque quero mesmo é ganhar dinheiro!

ATRIZ 2: Hum, mas quando diretor inventa, querida, esquece essa parte.

ATOR 3: Bom, eu também falei mil vezes pra gente economizar, porque depois não sobra nada pra ninguém, nem pra ensaio tivemos.

ATOR 1: Claro, gastou tudo em instrumentos.

ATOR 4: Mas economizamos bem com essas roupas, ridículas por sinal, tudo de brechó de quinta, e nas coxinhas, aposto que nem todo mundo comeu.

ATRIZ 3: Também não é assim. Quero deixar bem claro que eu fui contra essas manias de grandeza desde o início, síndrome do espetáculo grandioso: elenco grande, convite pra o mundo participar do processo, cenário grande, figurino grande, enfim... É, mas processo mesmo, vê só quem sobrou...

ATOR 2: Também, sobrou quem aguenta a senhora reclamando de tudo o tempo todo.

ATRIZ 3: Eu não reclamava se fosse uma coisa que gosto, eu queria mesmo fazer "Lampião e Maria Bonita", uma coisa assim, de cultura popular.

ATOR 2: Lá vem a outra com mania de cultura popular! Só falta botar chita, e fuxico, que ela adora, para! A companhia já está estigmatizada com isto de cultura popular.

ATRIZ 2: Cultura popular não é chique, querida.

ATRIZ 1: Chique seria se tivesse ao menos um editalzinho, uma lei de incentivo. Nem ao menos num proaczinho a gente inscreveu.

ATOR 3: Duro que a gente teve a chance, mas nosso amigo aqui *(referindo-se ao ator 4)* perdeu o prazo para entregar o projeto.

ATOR 4: Já falei mil vezes que a culpa não foi minha, foi do sistema que

saiu do ar, na minha época a gente pegava o projeto físico, físicooo, e levava no correio, vai lá na Cia Cênica tentar converter em pdf!

ATOR 2: Ah, não sei não, isso de ProAC... Não basta fazer o espetáculo, morrer de ensaiar, não ganhar um tostão e ainda ficar inventando contrapartida, workshop, oficina, mais trabalho para o ator... E dinheiro, nada!

ATOR 3: Fora o pé de ensaiar, ensaiar, ensaiar, ensaiar e nada de dinheiro, nem pra pagar o Ecad.

ATRIZ 2: Olha quem fala, faltou em dez ensaios e ainda quer causar. O pior é a mania de música ao vivo, toda hora tem que tocar um instrumento, se não sabe, aprende! Ninguém merece.

ATRIZ 3: Bom eu continuo na ideia de fazermos um grande clássico, já que não querem cultura popular, já falei mil vezes: "Tristão e Isolda", Eurico e Hermengarda, Bentinho e Capitu, "O céu uniu dois corações", eu podia fazer a vó. Tanta história boa e bonita.

ATOR 2: Tudo coisa que não vende, gente, ninguém sabe nem quem é.

ATRIZ 3: Por isso tem que contar, pra todo mundo conhecer, oras.

ATRIZ 2: Olha, eu já acho que a gente tem que contar uma história universal sabe, partir para o clássico, uma história que todo mundo conheça, porque aí vai que tem alguém aqui na plateia, algum olheiro da Globo, já me leva para fazer "Malhação", gente, porque eu tenho perfil.

ATRIZ 1: Vamos parar de briga, se não vou pegar minhas coisas e vou embora para casa.

ATOR 3: Eu também, eu só queria tocar, nem de atuar eu gosto, não sei por que me meto nessas frias.

ATOR 4: Mas tem que atuar, menino, porque tem que ter preocupação social, levar para o palco seus questionamentos, só a música não traz isso.

ATRIZ 1: Espera aí, também não é assim não, mania de desprestigiar os músicos.

ATOR 2: Ou músico tem mania de se achar? Pra senhora, tocar basta, nem ler quer.

ATOR 4: Volto nas causas político-sociais, gente, isso de discutir posição no grupo não representa um ator combativo, engajado.... Nosso país tá de ponta cabeça e a gente não vai falar nada?

ATRIZ 3: Ai, cai na real...

Os atores entram numa discussão sem fim e são interrompidos pelo diretor:

ATOR 1: Merda! Chegamos onde sempre estivemos e o medo de sair faz às vezes nunca estar, no palco trágico do tempo, lados, lábios e pulso, em suspiro para a escolha do fazer, qual caminho seguir? Senhoras e senhores, bem-vindos a esta festa, cerimônia fúnebre do amor, na qual os olhos esbugalhados desses artistas olham para as meninas dos palcos iluminadas da distração.

Ator 1 inicia a canção, seguido por ator 4, atriz 1 e coro:

"Quando você me ouvir cantar
Venha, não creia, eu não corro perigo
Digo, não digo, não ligo, deixo no ar
Eu sigo apenas porque eu gosto de cantar

CORO:
Tudo vai mal, tudo
Tudo é igual quando eu canto e sou mudo
Mas eu não minto, não minto
Estou longe e perto, sinto alegrias tristezas e brinco

ATOR 4:
Meu amor
Tudo em volta está deserto tudo certo

ATRIZ 1:
Tudo certo como dois e dois são cinco" [(2)]
(...)

ATOR 2: Tempos difíceis são estes, e escolhas precisamos fazer, alguns desistiram, estes daqui não, porque os fatos só são verdadeiros depois de serem inventados.

ATOR 3: Seguimos na contramão, no centro da polarizada praça, em

disputa de lados impostos.

ATRIZ 2: Onde só se pode viver perto do outro, sem perigo de ódio, se houver amor.

ATOR 4: E os mais perigosos inimigos não são aqueles que nos odiaram desde sempre, quem mais devemos temer são os que estiveram próximos e por nós se sentiram fascinados.

ATRIZ 1: Eu penso que não me basta ter um sonho, eu quero ser o sonho.

TODOS: Eu quero ser o sonho!

Todos retomam a canção:

"Tudo vai mal, tudo
Tudo mudou, não me iludo e, contudo
É a mesma porta sem trinco, o mesmo teto
E a mesma lua a furar nosso zinco
Meu amor
Tudo em volta está deserto, tudo certo
Tudo certo como dois e dois são cinco" [(2')]
(...)

ATRIZ 3: Nesta insônia partida, repartimos essa história, pois, como dizia Fernando, A Pessoa, "todas as cartas de amor são ridículas, não seriam cartas de amor, se não fossem ridículas" [(3)]; para cantar nosso amor, apresentamos este espetáculo... quase ridículo!

Tema "Romeu & Julieta" para início da tragédia [(4)]

PRÓLOGO

Numa representação alegórica de disputa.

ATOR 2: Nesta bela rua,

ATOR 4: Seria Verona?

ATOR 2: Onde situamos nosso palco, duas famílias,

ATRIZ 2: Iguais em dignidade.

ATOR 2: Dois lados

ATRIZ 1: Iguais em crenças e rivalidades.

ATOR 2: Desencadeiam novas disputas, lembrando o sangue

ATOR 3: Civil ou militar?

ATOR 2: Que tinge as mãos dos povos no limiar dos tempos.

ATRIZ 3: Dessas tantas entranhas, sob adversos tempos e temperaturas, dois amigos, dois amantes, enterram, em mortes diárias constantes, a saga de desavenças tantas. Terríveis momentos, entremeados por amor e ódio, serão palco nessa representação, que, se bem ouvida, poderá dar-lhes lado, ou não, nessa história dividida.

A cena é constantemente interrompida pelo diretor, em geral na fala da Atriz 3. A cena se repete de forma clássica, contemporânea, popular, caipira, depois musical. Finalmente a atriz 3 toma o microfone e dá seu texto até o final.

ATO PRIMEIRO

CENA I – Rivalidades – Uma praça pública qualquer

Os atores fazem um jogo, sendo, ao mesmo tempo, eles mesmos e personagens do clássico. As armas da disputa são paus de selfie.

ATOR 1: Não aceitarei desaforos, nem palavras a nós contrárias, se me zangarem, puxo a espada!

ATRIZ 3: Salve-se do julgamento destinado aos pobres, isto sim.

ATOR 4: Embora servo, pertenço à família dos Montecchios, e se um Capuleto me provoca, vou à briga até o fim.

ATRIZ 1: És um servidor fraco, só os fracos terminam em lutas.

ATRIZ 3: Cale-se, que lá vêm eles... E o meu silêncio estabelecerá a luta que está por vir.

ATRIZ 2: Oras se estão a remedar meu nobre patrão! Vi vossas postagens provocativas.

ATOR 1: Parem com essa discussão vã em nome de outros! Cuidem de vossas vidas!

ATOR 3: Ah, covarde Benvólio, estás a negar nossa luta histórica? Vire-se para morrer.

ATOR 1: Procuro a paz e a justiça.

ATOR 3: Justiça! Tudo para você é justiça. Odeio essa palavra, como odeio todos os Montecchios. Honre suas calças e venha lutar comigo!

> *Vinheta para entrada do príncipe - representado por uma caveira, na voz do ator 2.*

PRÍNCIPE ESCALO: Pelas barbas do profeta que estão a digladiar-se novamente! Setenta vezes sete que perturbam a ordem, derramam sangue inocente por suas rixas ridículas, arrastadas por gerações. Basta! Velhos e crianças, jovens e mulheres, quantos inocentes ainda pagarão com suas vidas por vosso ódio voraz!? Retirai-vos todos! A ordem agora será dada invertida: vós que pagareis com a vida cada vez que perturbarem nossos cidadãos. Somente hoje terão direito a um julgamento, Montecchio e Capuleto, e a partir de então serão punidos com a morte! Dispersai-vos, e, pela atenção, boa noite.

ATOR 1 *(Quebra)*: Nesse momento não sabíamos o quer fazer do espetáculo. E foi a primeira vez que a gente pensou em desistir deste projeto, mas a gente tinha um prazo e resolvemos seguir adiante...

> *Entrada de Romeu, que chega tocando "Detalhes" na sanfona, em visível tristeza.* (5)

BENVÓLIO: Bom dia, primo.

ROMEU: Já é dia? Ai de mim, as horas tristes parecem tão longas.

BENVÓLIO: Que tristeza tanta pode alongar suas horas, doce primo?

ROMEU: Não possuir o que poderia encurtá-las.

BENVÓLIO: Hum, estás então privado de amor, este é sempre tão cruel!

ROMEU: O ódio, caro primo, dá muito que fazer, mas o amor dá ainda mais, sendo fogo em contraste de ser e não ter, chama que arde sem se ver, saúde enferma, sono em eterna vigília. Irás rir de mim?

BENVÓLIO: Não! Antes chorarei da dor do teu bondoso coração, e por quais razões um amor tão inatingível? Conta-me quem é?

ROMEU: Amo uma mulher. Bela. Casta. Protegida por uma castidade bem armada e que não se deixará levar por propostas amorosas. Amo a linda Rosalina, a qual quer levar ao túmulo o tesouro de sua formosura.

BENVÓLIO: Jurou ser casta? Fez os votos?

ROMEU: Sim, ela jurou não amar ninguém e, por causa desse voto, vivo morto.

BENVÓLIO: Oras, primo, deixes de bobagens e vem comigo, não penses mais nela, aprecies outras belezas, dê liberdade a seus olhos dessa clausura de amor impossível.

ROMEU: Isto seria só para proclamá-la ainda a mais bela. Quem fica cego de repente, não pode esquecer o inestimável tesouro de sua vista perdida. Adeus, primo, não podes ensinar-me a esquecer. (*Sai, continuando a canção na sanfona.)*

BENVÓLIO *(Para a plateia)*: Eu te darei esse ensino, ou do contrário, hei de morrer devendo.

CENA II – O anúncio e o pedido

Entrada - Senhor e Senhora Capuleto, no café da manhã.

SRA. CAPULETO: Senhora Capuleto, prazer! *(Canta, muito sedutora:)*
"Amanhã de manhã
vou pedir o café para nós dois
Te fazer um carinho e depois
te envolver em meus braços...

SR. CAPULETO *(responde, cantando)*:
E em meus abraços

na desordem do quarto esperar
Lentamente você despertar
e te amar na manhã" (6)
(...)

Entra serva, servindo o café da manhã aos dois; ininterruptamente:

SRA. CAPULETO: Bom dia, querido.

SR. CAPULETO: Bom dia. Tentaremos manter a paz, eu e Montecchio estamos velhos.

SRA. CAPULETO: Ambos têm grande reputação, e é muito lamentável não terem se unido por tanto tempo. Mas, marido, o que respondes ao pedido do nobre Conde Páris?

SR. CAPULETO: O que já antes respondera, querida, nossa Julieta ainda não completou 14 anos, espere dois verões para querer torná-la sua esposa.

SRA. CAPULETO: Querido, outras, mais novas, já são casadas, mães e felizes.

SR. CAPULETO: E muito cedo murcham, as que muito cedo se casam. Diga ao gentil Páris que a corteje e conquiste-a. Só assim consentirei. Só temos a ela, que é dona de nossas esperanças, e as vontades lhe farei. Esta noite sigo o costume tradicional dando uma festa, diga a ele que venha, corteje também outras moças. Todo amor não é uma espécie de comparação? Pois então! *(Dirige-se à criada:)* Serva!

SERVA *(Atriz 3, retirando os óculos):* Atriz-camareira-copeira-costureira--produtora-dramaturga-tia de músico-professora aposentada e, olha, serva! *(Põe os óculos.)*

SR. CAPULETO: Percorre toda Verona buscando os nomes desta lista e dize-lhes que hoje minha casa e hospitalidade lhes esperam.

SERVA: Jamais poderei achar nada sem ajuda de alguém instruído, já que me faltam as letras.

Entram Romeu e Benvólio. Romeu, abatido, entra tocando "Detalhes" . (5')

BENVÓLIO: Uma dor desesperada com a aflição de outra se remedia, apanha em teus olhos uma nova infecção e desaparecerá o violento veneno do mal antigo.

ROMEU: Não entendes que estou metido numa prisão, mantido sem alimento, açoitado e atormentado. *(Vê a serva e a ela se dirige.)* Boa tarde, senhora.

SERVA: Boa tarde, nobre senhor. Por Deus que encontro alguém de fino trato, sabeis ler, senhor?

ROMEU: Até a minha desgraça, senhora. *(Pega da mão o convite e começa a ler.)* "O senhor Martino, esposa e filhas; o Conde Anselmo e suas lindas irmãs; a senhora viúva de Vitrúvio; o senhor Placêncio e suas encantadoras sobrinhas; Mercúcio e seu irmão Valentino; meu tio Capuleto, sua esposa e filhas; minha bela sobrinha Rosalina; Lívia; o senhor Valêncio e seu primo Teobaldo; Lúcio e a jovial Helena." Bela assembleia! Aonde se reunirão?

SERVA: Em casa de meu amo, o poderoso Capuleto, e se não sois um desgraçado Montecchio, estás convidado a uma taça de vinho, bênçãos divinas e muita diversão. Agradecida, nobre senhor.

BENVÓLIO: Romeu, lá estará essa tua Rosalina, com outras tantas beldades, iremos e mostrarei a ti que teu cisne não passa de um corvo.

ROMEU: Não dizes asneira, irei sim, mas porque o sol, que tudo vê, nunca viu outra semelhante à minha amada, desde a aurora dos tempos. E a ti provarei, primo.

CENA III – A flor da idade

Entra senhora Capuleto, gritando pela ama:

SRA. CAPULETO: Ama, onde está minha filha, vá chamá-la!

AMA: Pela virgindade de meus doze anos, que já a chamei! Pirralhaaaa, onde estás, venha cá, minha menina.

JULIETA: Cá estou, que desejais?

SRA. CAPULETO: Ama, deixe-nos a sós... Não, não, melhor, voltes, sabes bem a idade de Julieta.

AMA: Sei, sem errar nem uma hora, aposto 14 dos meus dentes, embora só possua 4, que tristeza! Que ainda não fez 14 anos.

SRA. CAPULETO: Breve fará.

AMA: À véspera da festa do pão, tinha a mesma idade de minha Suzaninha, que Deus levou. E há exatos onze anos foi desmamada – podia ficar sozinha em pé, por tudo corria, em meu peito pus absinto e...

SRA. CAPULETO: Chega! Cala-te! Portanto, minha filha, tu já tens idade e quero saber o que pensas do casamento.

AMA: Quem me dera vê-la casada, sempre foi a mais linda criança que jamais alimentei e... *(intenção de seguir descrevendo a menina, é interrompida por Julieta.)*

JULIETA: Para, ama, por favor. Minha mãe, é uma honra com a qual nunca sonhei.

AMA: Uma honra, um homem! *(Olhares de repreensão à ama.)*

SRA. CAPULETO: Filha, outras mais jovens em Verona já são casadas e têm filhos, o valoroso Páris deseja-te como esposa.

AMA: Uahhhh Páris! Que homem, que homem! *(Novos olhares de repreensão.)*

SRA. CAPULETO: Portanto, esta noite estará em nossa festa. Folheie-o como quem folheia um livro novo. A esse amante encadernado só falta a cobertura, serias tu. Diga-me, verás com graça o amor daquela beldade?

JULIETA: Procurarei gostar, senhora minha mãe, se puder o simples olhar puder ser amor, porque não irei além.

AMA: Ouço os sinos, os convidados estão chegando e perguntam por mim... E... quer dizer, por vós...

SRA. CAPULETO: Ande, Julieta, o Conde a está esperando!

AMA: Vai, minha pequena, procura felizes noites e terás felizes dias.

CENA IV – Amigos combinam ida ao baile

Romeu, Benvólio e Mercúcio entram cantando:

"Veloce come il vento
Io correvo verso te,
La strada sempre uguale
Scompariva agli occhi miei.
Ma a che serve volare,
Sempre volare,
Quando l'amore
Non aspetta più te." (7)
(...)

ROMEU: Recitamos um discurso para nossa entrada? Ou seremos penetras sem nenhuma desculpa?

BENVÓLIO: Nada! Seremos cupidos cobertos.

MERCÚCIO: Sim! Romeu, peça emprestado as asas de cupido.

ROMEU: Meu ferimento não permite voar em suas asas. Sucumbo ao peso do amor, áspero demais, violento demais, e fere como um espinho.

MERCÚCIO: Opressão demais para tu, caro rapaz, sê áspero tu e acaba por dominá-lo. Vamos, dê-me uma máscara! Máscaras cobrirão nossas máscaras diárias!

ROMEU: Dá-me uma tocha, a partida nunca esteve tão boa e estou preso.

MERCÚCIO: Larga mão, te tiramos desse lamaçal, venha!

ROMEU: Esperem, estou a achar-nos sem juízo, um sonho terrível tive esta noite.

MERCÚCIO: E eu outro!

ROMEU: Qual?

MERCÚCIO: Que os sonhadores quase sempre mentem das boas fúrias da vida.

Início do tema instrumental de "Romeu e Julieta" ao teclado, tocado

pela atriz 3, enquanto ator 4 conta o sonho, mas a atriz erra toda hora, atrapalhando a cena e toda atrapalhada. (4')

ROMEU: Nada! No leito é que se sonham as coisas verdadeiras!

MERCÚCIO: Você esteve é com a rainha Mab - a parteira entre as fadas, que galopa pelos cérebros apaixonados fazendo-lhe sonhar amores vis... E que quando as donzelas dormem de costas, as oprime e lhes ensina aguentar, pela primeira vez, o peso masculino, delas fazendo mulheres de boa carga. E ainda ela...

ROMEU: Chega! Estás a dizer tolices.

MERCÚCIO: Verdade. Mente ociosa, a vida da gente vai em erros e me alegrarei de estrelas.

BENVÓLIO: Estes teus devaneios de ventos afastam-nos de nós mesmos e chegaremos após a ceia, tarde demais.

ROMEU: Ou cedo demais? Meu coração pressente fatalidades. Será o perigo que saca tristezas? Ou algo trará fim à vida desprezível que trago no peito? Um golpe vil de prematura morte... Estamos no estreito amém! Venham, senhores.

BENVÓLIO: Rufai, tambores!

CENA V – O baile

Julieta dá um depoimento enquanto atriz e "canta", supostamente, pois o fará muda, uma canção de Zizi Possi:

ATRIZ 2: Fazer esse espetáculo é pra mim a realização de um sonho de menina. Eu sempre quis ser alguém diferente de mim. Quando eu era criança, qualquer roupa da minha mãe me transformava numa personagem de época. Um lenço da minha vó, numa mocinha valente de faroeste. E toda vez que tinha yakult em casa, eu acabava com a minha vida na cena final de Romeu e Julieta. Nessa mesma época eu acreditava que eu era a melhor cantora do mundo. O alpendre de casa era meu palco. E toda vez que eu cantava era a voz da Zizi Possi que eu ouvia. Então eu

vou pedir pra vocês, pra que toda vez que eu cantar nesse espetáculo, vocês acreditem que estão ouvindo Zizi Possi.

ROMEU: Quem é aquela formosura cuja voz enriquece meus ouvidos? Beleza riquíssima para ser usada e cara demais para a terra! Acabada a canção irei breve procurá-la. Porventura meu coração amou até agora? Meus olhos juram que não! Vejo estrelas em céu de tristeza, porque até esta noite eu não conhecia a beleza.

> *Teobaldo, distante, percebe, pela voz, tratar-se de um inimigo, um Montecchio, e irrita-se:*

TEOBALDO: Será esta a voz de um Montecchio? Não é possível! Atrevido, vou matá-lo! E isto não será um pecado!

SR. CAPULETO: Teobaldo, que desespero é este, meu sobrinho?

TEOBALDO: Aquele é o miserável Romeu Montecchio e não permitirei que estragues vossa festa.

SR. CAPULETO: Imagine! É um cavalheiro, um nobre de conduta exemplar e bem se comporta. Quer saber? Chega a ser uma honra estar em minha casa. Esqueças e vamos aproveitar a festa.

TEOBALDO: É um vilão! Uma vergonha para nós! Vou agir!

SR. CAPULETO: Basta! Seu insolente. Não me contraries. Cala-te ou te farei calar.

TEOBALDO *(Para si mesmo)*: Farei por obedecer, mas Romeu não perde por esperar.

SR. CAPULETO: Amaaaa, velocci, ama, que comecci la fiesta!

> *Ama tira microfone das mãos de Julieta e canta, exagerada, chamando o público a participar. Julieta dança com Benvólio:*

"Estou amando loucamente
A namoradinha de um amigo meu
Sei que estou errado
Mas nem mesmo sei como isso aconteceu
Um dia sem querer, olhei em seu olhar
E disfarcei até pra ninguém notar

Não sei mais o que faço
Pra ninguém saber que estou gamado assim
Se os dois souberem
Nem mesmo sei o que eles vão pensar de mim
Eu sei que vou sofrer, mas tenho que esquecer
O que é dos outros não se deve ter
Vou procurar alguém que não tenha ninguém
Pois comigo aconteceu
Gostar da namorada de um amigo meu" [(8)]
(...)

Na mesma cena dá-se o encontro dos jovens amantes, Romeu tira Julieta para dançar e se declara:

ROMEU *(tocando a mão de Julieta)*: Perdão, senhorita, a rudeza de minhas mãos pode feri-la, mas meus lábios peregrinos estão prontos a suavizar isto a seu nobre santuário.

JULIETA: Bondoso peregrino não vos aflija, mãos santas são tocadas por peregrinos, e um beijo já é este toque.

ROMEU: Santas e peregrinos possuem os lábios, além das mãos.

JULIETA: Lábios usamos para as orações.

ROMEU: Recolho em meus lábios o fruto destas preces, livrando-me do pecado. *(Beija-a.)*

JULIETA: Oh! Passastes para meus lábios o pecado contraído; diga-se, de maneira bem elegante.

ROMEU: Devolvei-me então o meu pecado. *(E a beija novamente.)*

Neste momento a ama vem chamá-la e é quando Romeu descobre quem ela é.

AMA: Julieta, andes! Sua mãe há de dizer-te umas palavras.

ROMEU: Quem é a mãe dela?

AMA: Oras se não é a virtuosa senhora Capuleto. Quem com ela se casar, um da família há de se tornar, e sua santa virgindade irá colher!

ROMEU: Devo então a vida a um inimigo? O amor só mente para dizer

verdade maior! Deus está a me punir com o belo fatal!

BENVÓLIO: A brincadeira chegou então ao fim, vamos, vamos!

JULIETA: Ama, quem é aquele que ali parte?

AMA: É um Montecchio. O jovem Romeu, filho único do maior inimigo de seu pai.

JULIETA: Meu único amor nascido de meu único ódio? Cedo demais o vi, sem conhecê-lo, e tarde demais o conheci! Medo só de mim, não mais me reconheço, amar assim um inimigo detestado!

AMA: Dizes asneiras, andes, todos os convidados já se foram!

ATO SEGUNDO

PRÓLOGO

ATOR 1 *(Quebra)*: Fim do primeiro ato. *(Introdução à música "Cama e mesa")* Nesse momento não cantaremos o refrão, porque não temos autorização, essa peça não seria assim, eram muitas ideias e um prêmio, tínhamos prazo, ou perderíamos o recurso financeiro, que não deu para pagar a metade do espetáculo, sem cachê para os atores, cortar custos, a crise, o Ecad, os direitos autorais, e a história de amor, a canção do rei, sim, foi para minha vó, mas falamos do quê mesmo? Do queijo e da goiabada, da precipitação? Ou de justiça? Sim, somos justos.

Atriz 1 canta de forma sedutora:

"Eu quero ser sua canção, eu quero ser seu tom
Me esfregar na sua boca, ser o seu batom,
O sabonete que te alisa embaixo do chuveiro
A toalha que desliza pelo seu corpo inteiro
Eu quero ser seu travesseiro, e ter a noite inteira
Pra te beijar durante o tempo que você dormir
Eu quero ser o sol que entra no seu quarto adentro
Te acordar devagarinho e te fazer sorrir

Quero estar na maciez do toque dos seus dedos
E entrar na intimidade desses seus segredos
Quero ser a coisa boa, liberada ou proibida
Tudo em sua vida" [9]
(...)

ATOR 1: Agora Romeu é amado e ama, igualmente encantados ambos pelos feitiços dos olhares. No entanto, de famílias inimigas o são, mas a paixão lhes dá forças, meios e o tempo para se encontrarem, temperando tais extremidades com extrema doçura; porque o amor sabe fazer da dor felicidade.

CENAS I e II – Na sacada

ROMEU: Posso ir mais longe quando meu coração aqui permanece? Ri das chagas quem jamais foi ferido. *(Aparece Julieta, ao teclado. Referência à cena clássica da sacada.)* Mas, silêncio! Que luz brilha através daquela janela! É o oriente e Julieta é o sol. Oh, ela é o meu amor! Olhai como apoia o rosto na mão! Oh! Fosse eu uma luva sobre aquela mão para que pudesse tocar naquele rosto!

JULIETA: Ai de mim!

ROMEU: Está falando! Ó! Que voz doce, anjo luminoso! Porque esta noite apareces tão resplandecente sobre minha cabeça como alado anjo, mensageiro celeste.

JULIETA: Ó Romeu, Romeu! Por que és Romeu? Renega teu pai e recusa teu nome; ou se não quiseres, jura-me somente que me amas e não serei mais uma Capuleto. Somente teu nome é meu inimigo. Tu, és tu mesmo. O que chamamos de rosa, com outro nome, exalaria o mesmo perfume agradável; assim sendo, Romeu, se não se chamasse Romeu, conservaria essa sua perfeição. Despoja-te do teu nome e em troca, toma-me toda inteira.

ROMEU: Tomo para mim tuas palavras, chama-me apenas amor e serei rebatizado para sempre deixando de ser Romeu, serei, simplesmente, amor!

JULIETA: Quem vem, assim sorrateiro, a surpreender meus segredos?

Meus ouvidos não beberam ainda cem palavras dessa língua, mas reconheço este som, não és Romeu Montecchio?

ROMEU: Não sou, formosa donzela, nome não tenho com o qual possas chamar-me, pois até a mim meu nome se torna agora odioso por ser teu inimigo, quando quero apenas ser teu.

JULIETA: Por que passastes esses muros tão altos, procuras a morte? Vai-te embora, antes que algum parente o encontre!

ROMEU: Com as asas do amor transpus os muros, o que o amor pode fazer, ousa tentar, teus parentes não me são empecilhos. Há mais perigos em teus olhos do que vinte de tuas espadas.

JULIETA: Por coisa alguma deste mundo quero que o encontrem aqui, ou vão matá-lo!

ROMEU: O manto da noite me oculta, mas ama-me somente e que me encontrem, antes terminar minha vida, vítima do ódio que me dedicam, do que ter a morte prorrogada esperando teu amor... Aventurar-me-ia por ti, aonde quer que estivesses.

> *Cantam em clima de paixão, num jogo de vozes e trocas de juras de amor:*

JULIETA:
"Eu te proponho
Nós nos amarmos
Nos entregarmos
Neste momento
Tudo lá fora
Deixar ficar...

ROMEU:
Eu te proponho
Te dar meu corpo
Depois do amor
O meu conforto
E além de tudo

JUNTOS:

Depois de tudo
Te dar a minha paz..." (10)
(...)

JULIETA: Se não fosse noite, ver-me-ias corada. Mas se me amas com sinceridade, confesso que estou louca de amor por ti, e não penses que sou leviana, apenas afirmo a verdade do que, roubadamente, ouvistes.

ROMEU:
"Eu te proponho
Não dizer nada

JUNTOS:
Seguirmos juntos
A mesma estrada
Que continua
Depois do amor
No amanhecer" (10')

ROMEU: Que noite abençoada, tenho medo de ser um sonho e eu acordar.

A ama chama e Julieta responde em continuada conversa com ele:

AMA: Julieta!

JULIETA: Teu amor sendo sincero, amanhã envies um mensageiro e por ele digas a hora e o lugar para sua esposa tornar-me e te seguirei pelo mundo todo.

AMA: Julieta!

ROMEU: Às nove horas aguardo teu mensageiro para tomá-la para sempre em meus braços.

JULIETA: As horas até lá parecerão eternas.

ROMEU: Meu amor, vou procurar meu conselheiro espiritual e que a paz pouse em teu peito como pousa no meu.

JULIETA: Amor...

ROMEU: Amor...

OS DOIS: "No amanhecer..." (10')

CENA III – A permissão de Frei Lourenço

O frei está a colher ervas e falar sozinho, enquanto atriz toca na bateria: "Todos estão surdos." (11)

FREI LOURENÇO: A terra, que é mãe da natureza, também é sua tumba. Imensa é a graça poderosa que reside nas ervas, nesta simples flor, por exemplo, residem o veneno e poder medicinal, se aspirada, deleita a cada uma das partes do corpo, se provada destrói o coração e todos os sentidos. *(Chega Romeu.)*

ROMEU: Bom dia, frei!

FREI LOURENÇO: Bom dia, jovem filho, sair da cama a esta hora mostra um ânimo intranquilo, ou que não deitaste.

ROMEU: Sim, não deitei, mas tive doce repouso.

FREI LOURENÇO: Deus perdoe os teus pecados. Estivestes com Rosalina?

ROMEU: Com Rosalina? Não, esqueci-me da amargura desse nome.

FREI LOURENÇO: Louvo, mas onde estivestes então?

ROMEU: Numa festa, na qual, de repente, uma pessoa me ferira e por mim fora ferida, aplacando ódios inimigos.

FREI LOURENÇO: Sejas claro e simples, pois só uma clara confissão pode obter clara absolvição.

ROMEU: Confusa é a vida da gente, como um rio, frei, mas não é que num instante, ao estar mascarado em baile na casa dos Capuletos, meu olhar cruza com o da doce Julieta em tempo de amor eterno? O restante conto-lhe pelo caminho, careço agora de seu consentimento para em breve casar-nos, ainda hoje o queremos!

FREI LOURENÇO: Por São Francisco! Que o amor dos jovens não está nos corações, mas nos olhos! Ainda nem te secaram as lágrimas que derrubavas por Rosalina, como fora assim esquecida? Vê como dificultoso é o amor, parado em trivial momento.

ROMEU: Não mais me reprimais, vós mesmos aconselhastes enterrar aquele amor. Aquela a quem agora amo me paga em bondade e amor, o que, bem sabeis, a outra não o fazia. Abençoa-nos antes, frei, temos pressa em agir.

FREI LOURENÇO: Calma lá, meu jovem volúvel, quem muito corre pode cair. Vá com Deus. *(Para o público:)* No entanto tenho uma razão nobre para ajudá-los, quem sabe assim aplacarei o ódio entre vossas famílias, vertendo em amor o que até hoje fora só rancor, sempre gosto de encontrar qualquer paz em velhas desavenças.

CENA IV – O recado de Julieta

Romeu entra cantando "Detalhes" [5]*, num jogo com a ama que o acompanha na canção:*

AMA: Deus lhes dê bons dias, cavalheiros.

BENVÓLIO: Deus lhe dê boa noite! *(Ênfase ao tom irônico para noite.)*

AMA: Atrevido, que tipo de homem é o senhor?

ROMEU: Um homem que Deus criou para perder-se a si mesmo. O que me trazeis, boa senhora?

AMA: Preciso lhe falar a sós. Longe desse atrevido.

ROMEU: Então, o que me contas?

AMA: Julieta pediu que o procurasse, mas antes devo alertá-lo, ela é uma nobre donzela, e se tens para com ela intenções indignas, não sei o que seria capaz de lhe fazer...

ROMEU: Nunca, ama, recomenda-me à sua senhora e, pois, juro diante de ti...

Ela o interrompe:

AMA: Tudo contarei, dizendo que me teve respeito e a ela dispende as mais sinceras juras de amor, que és um verdadeiro cavalheiro.

ROMEU: Peça-lhe então que arranje um pretexto para confessar esta tarde com frei Lourenço. Ele nos confessará e nos casará ainda hoje.

DRAMATURGA: Texto, querido, falta texto.

ATOR 2: Eu não vou dar este texto.

DRAMATURGA: Gente, é Shakespeare, e ele acha que pode mudar.

ATOR 2: Mas quem escreveu, você ou Shakespeare? Então é plágio?

DRAMATURGA: Ele está fazendo comigo a mesma coisa que fizeram com Shakespeare.

ATOR 2: Tá se comparando com Shakespeare agora?

DRAMATURGA: Você não sabe o que é uma releitura. Aqui tem Shakespeare, tem Mia Couto, Guimarães...

ATOR 2: Tudo plágio então? Quem vai assinar dramaturgia?

DRAMATURGA: Olha, foi muito sofrimento escrever este texto, noites e noites sem dormir, uma reescrita é muito pior que uma escrita, ainda mais de um ícone como ele, me senti cometendo um sacrilégio, sabia?

ATOR 1: Ó, shakespeariana, fica aí então, que já é você na cena.

CENA V – A combinação

JULIETA: Ama, graças a Deus! Encontraste-o? Que boas novas me trazes? Ah, meu Pai, parece que estás com o ar triste? Vamos, o que me dizes?

AMA: Que pressa! Estou quebrada, espere que descanse um pouco, muito corri, meus ossos doem. Olha, tua escolha não é nenhum primor de cortesia, apesar do corpo, que corpo! Mas estou certa de que é tão gentil como um cordeiro. Que Deus vos proteja!

JULIETA: Oras, tudo isto eu já o sabia, diga-me logo o que meu amor falara sobre nosso casamento?

AMA: Pergunta se tens permissão para confessar hoje, e se sim, lá mesmo a tomará por esposa.

JULIETA: Tenho. Hoje mesmo me casarei então?

AMA: Correis para a igreja, lá vos aguarda um marido. Vou por outro caminho para arranjar a escada que Romeu me pedira, pela qual subirá seu amor ao ninho de pássaro, quando anoitecer. Eu sou o animal de carga, sofro para vosso prazer, mas quando a noite chegar, sereis vós a carregar o peso.

CENA VI – O casamento

FREI LOURENÇO: Que o céu sorria para este ato santo!

Marcha Nupcial. (12)

Cada ator/atriz dá o depoimento sobre o casamento de seus pais - com "Cavalgada" no teclado. (13)

ATO TERCEIRO

CENA I – Rivalidades e mortes

A disputa se dá em instrumentos - rock e blues.

BENVÓLIO: Por favor, Mercúcio, vamos embora, o dia está quente, o sangue ferve, vamos antes que cheguem os Capuletos, ou não escaparemos de uma briga.

MERCÚCIO: Não me venha com disfarces, sei que estás tão ávido por uma briga quanto eu. Teu sangue italiano borbulha.

BENVÓLIO: Eu?

MERCÚCIO: Sim, sei quanto ficas encolerizado quando és provocado.

BENVÓLIO: Alto lá, não me venhas com conversinhas, se eu brigasse como tu, já estarias morto. E por minha cabeça, olhe só quem vem lá.

MERCÚCIO: Por meus calcanhares, que não me importo. *(Rindo e provocando.)*

TEOBALDO: Boa tarde, cavalheiros, preciso dar uma palavrinha com um de vós.

MERCÚCIO: Uma palavra? Pois prefiro um golpe a uma palavra.

TEOBALDO: Estarei pronto, se me deres ocasião. Por ora é a Romeu que procuro. E deixemos de caso, porque lá vem ele.

> *Chegada de Romeu, bastante feliz pós-casamento e sem nem perceber o clima:*

TEOBALDO: Romeu, o ódio que tenho por ti não pode achar melhor expressão do que dizer que és um covarde!

ROMEU: Tenho razões maiores que odiá-lo, meu caro, covarde é que não sou, portanto, adeus.

TEOBALDO: Não penses que esse seu medo apagará o insulto que ontem nos lançou indo à festa de meu tio. Vira-te e desembainha tua espada!

ROMEU: Gosto de ti mais do que possas imaginar e a causa não podes lhe dar, então, bondoso Capuleto, considera-te satisfeito.

MERCÚCIO: Essa sua calma nos desonra, Romeu. Teobaldo, seu caça-ratos, rei dos gatos, tomarei agora uma de suas nove vidas!

TEOBALDO: Estou a vosso dispor!

ROMEU: *(colocando-se entre eles)* Chega, Mercúcio! Guardes tua espada! *(Eles lutam em meio às palavras de Romeu que se colocara entre eles.)* Chega, guardem estas espadas, o Príncipe proibiu! *(Nisto Teobaldo fere Mercúcio, por baixo dos braços de Romeu.)*

MERCÚCIO: Estou ferido. Malditas sejam vossas famílias! Que uma praga as dizime!

BENVÓLIO: Estás ferido?

MERCÚCIO: Sim, sim, um arranhão, chame-me um médico.

ROMEU: Coragem, meu amigo, o ferimento não é grande.

MERCÚCIO: Não, não é tão profundo quanto um poço, nem tão largo

como o portal de uma igreja, mas será o suficiente. Fui ferido por baixo de teus braços, por que diabos tu se impusestes entre nós?

ROMEU: Tive a melhor das intenções, meu amigo.

BENVÓLIO: Romeu, Romeu, está morto nosso bravo Mercúcio.

ROMEU: Minha honra está manchada por este ultraje de Teobaldo, que ainda pouco se tornara meu primo. Julieta, teu amor fizera de mim um fraco. Maldito seja este dia, nossa dor está só começando.

Romeu mata Teobaldo. Depois canta "Amigo":

ROMEU:
"Às vezes em certos momentos difíceis da vida
Em que precisamos de alguém pra ajudar na saída
A sua palavra de força, de fé e de carinho
Me dá a certeza de que eu nunca estive sozinho" (14)
(...)

BENVÓLIO: Lá vem o Príncipe, fujas, Romeu, ou serás condenado à morte. Anda, não fiques aí parado!

ROMEU: Oh, sou joguete do destino. *(E continua a canção:)*
"Não preciso nem dizer
Tudo isso que eu lhe digo
Mas é muito bom saber
Que você é meu amigo" (14')
(...)

BENVÓLIO: Nobre Príncipe, posso lhe revelar tudo. Ali jaz, morto pelo jovem Romeu, o infeliz Teobaldo, autor do assassinato de teu parente, o bravo Mercúcio. Teobaldo a tudo começara. E o bravo Mercúcio, bem sabes, também não aceitava provocações, Romeu tentara antes falar, até que docemente, com Teobaldo, pedindo que se afastasse, que prezava seu nome, para que partisse, de nada adiantou, partindo os dois à luta, Romeu colocou-se entre eles e assim, num golpe traiçoeiro, Teobaldo matou Mercúcio, não deixando alternativas a Romeu que não a vingança da morte do amigo. Tudo se deu num clarão.

PRÍNCIPE ESCALO *(Caveira - voz do ator 2.)*: Calem-se! Meu sangue

corre por conta de suas ferozes contendas. Minha sentença está dada, que saia daqui o mais rápido o jovem Romeu, para sempre exilado, pois, se for descoberto, esta será sua última hora. Tirem os corpos, cumpram minhas ordens, o perdão de minha parte seria também um ato assassino.

CENA II – O desespero de Julieta

Acordes de bateria e entrada de Julieta cantando:

"Eu te darei o céu meu bem!
E o meu amor também
Eu te darei o céu meu bem!
E o meu amor também". (15)
(...)

JULIETA: Galopai depressa, corcéis fogosos.... Estende teu véu espesso, noite protetora do amor! Fechem-se os olhos que vagam errantes, voe Romeu para os meus braços, inadvertido e sem que o vejam! Para celebrarem seus ritos amorosos, basta aos amantes a luz dos seus próprios atrativos. E como o amor é cego, combina melhor com a noite! Vem, noite complacente, e ensina-me a jogar uma partida entre duas virgindades sem mácula. Vem, noite! Vem, Romeu! Vem, noite gentil e amorosa, dá-me meu Romeu. Fui vendida, mas ainda não apreciada. Está chegando minha ama, e qualquer língua que apenas pronuncie o nome de Romeu, fala de modo celestial.

Entra a ama em visível desespero:

AMA: Ai, que dia terrivelmente azarado, está morto, está morto, estamos perdidas, não existe mais, está morto.

JULIETA: Como assim? Romeu se matou? Se disseres sim, já não sou mais a mesma, prefiro a morte a perder meu recém-marido, minha ventura, ou minha desgraça? Destrói meu coração e, por sob a terra, no mesmo ataúde, com ele me enterrarei!

AMA: Não, minha menina, Romeu está vivo e exilado, e Teobaldo, sim, morto pelas mãos de seu marido assassino.

JULIETA: Oh! Meu Deus! A mão de Romeu derramou o sangue de Teobaldo? E o que dizes? Exilado? Não pode ser!

AMA: Não há firmeza, não há fé, não há honra nos homens, são todos falsos e hipócritas! Envelheço ainda mais. Que a vergonha caia sobre Romeu!

JULIETA: Ousas acusar meu marido? Que sua língua se queime.

AMA: Vai defender o assassino de seu primo?

JULIETA: Meu esposo está vivo, e se Teobaldo queria matá-lo, não vou chorar, então isto é consolo! Mas a palavra que dissestes: exilado! Esta sim equivale a mil mortes de Teobaldo. Que desespero maior poderia recair sobre mim que mal me casei? Não há acentos que expressem a intensidade desta dor, virgem morro em viuvez virginal, que a morte receba minha virgindade!

AMA: Ah, não, também não é para tanto. Parai já com isto, correi para seu quarto, vou atrás de Romeu para que vos conforte. Sei onde se esconde, e prometo que estará aqui esta noite para consolar-te!

JULIETA: Sim, ama, encontre-o, entregue este anel a meu amor e implore-lhe para que venha dar seu derradeiro adeus.

CENA III – Desespero de Romeu com a sentença

Romeu canta, tocando bateria:

"Vivo condenado a fazer o que não quero
Então bem-comportado às vezes eu me desespero
Se faço alguma coisa sempre alguém vem me dizer
Que isso ao aquilo não se deve fazer
Restam meus botões, já não sei mais o que é certo
E como vou saber o que eu devo fazer
Que culpa tenho eu?
Me diga amigo meu
Será que tudo o que eu gosto
É ilegal, é imoral ou engorda". (16)
(...)

Entra Frei Lourenço:

FREI LOURENÇO: Trago-te notícias da sentença do Príncipe, uma sentença branda saiu de seus lábios, não a morte do corpo, mas o banimento.

ROMEU: Não! Tendes compaixão, banimento? Não diga isso, o exílio é muito mais do que a própria morte. O céu só existe para mim onde Julieta estiver, nunca mais tocar seus lábios? Não desfrutar hoje do céu em nossa primeira noite? Prefiro a morte verdadeira, dá-me um punhal, um veneno, um rápido meio de morte.

FREI LOURENÇO: Tu estás fora de tua razão, escuta; e antes agradece a bondade do Príncipe, que foi complacente, descumprindo a lei e abrandando sua sentença; sê paciente, o mundo é vasto e espaçoso. Armaremos um bom plano.

ROMEU: Meu plano é a morte, meu santo confessor, outra absolvição não há, nada mais me fale!

Batidas insistentes na porta.

FREI LOURENÇO: Bom Romeu, cale-te e esconda-te, estão batendo. Escuta como batem. Quem está aí? Esperai um momento. Anda, levanta-te, vás para meu quarto, poderás ser preso!... Esperai um momento, por Deus, que loucura é esta, quem bate assim tão forte.

Ele vai falando entre as batidas que aumentam.

AMA: Deixai-me entrar e ficareis sabendo minha mensagem, venho da parte de Senhora Julieta.

FREI LOURENÇO: Bem-vinda, então.

AMA: Santo frei, onde está o esposo de minha ama, que se encontra em desespero total.

FREI LOURENÇO: Embriagado em suas próprias lágrimas, também em semelhante e lastimosa situação.

AMA: Levanta-te! Em nome de Julieta!

ROMEU: Falas de Julieta? Como está ela? O que diz de nosso amor aniquilado?

AMA: Chora e chora gritando por seu nome, dizendo coisas de não viver, que nem ouso repetir.

ROMEU *(Puxando a espada)*: A morte! Prefiro a morte, pelo nome de minha esposa que manchei!

FREI LOURENÇO *(Energicamente)*: Detém imediatamente esta espada! Matou Teobaldo e agora quer se matar? Não vês que é um homem feliz? És um homem de bênçãos. Chega desta lamentação! Vais procurar sua esposa ainda esta noite e dar-lhe o consolo necessário, depois parta para Mântua. Em tempo encontraremos ocasião para que voltes, revele a todos vosso matrimônio, reconcilie vossas famílias e obtenhas o perdão do Príncipe. Ama, avise Julieta e tome as providências necessárias.

Durante a fala Romeu vai se animando.

AMA: Senhor frei, quanta sabedoria! *(Virando-se para Romeu.)* Posso então dizer à minha menina que virás?

ROMEU: Sim, claro, prepare-se ela para nosso amor e dar-me também o seu perdão.

AMA: Aqui está, senhor, ela me pediu que vos desse este anel. Não percais tempo, antes que fique tarde. Adeus. *(E sai.)*

ROMEU: Gratidão, meu confessor, pelo conforto a meu espírito, também carrego a dor de separar-me tão depressa de vosso lado.

FREI LOURENÇO: Vás logo. Tranquilize teu coração, um criado levará notícias de tudo que aqui se passa. Dá-me tua mão, adeus.

CENA IV – A primeira e única noite de amor

Romeu & Julieta cantam enquanto retiram as roupas, em representação à primeira noite:

JULIETA:
"Vou cavalgar por toda a noite
Por uma estrada colorida

Usar meus beijos como açoite
E a minha mão mais atrevida
Vou me agarrar aos seus cabelos
Pra não cair do seu galope
Vou atender aos meus apelos
Antes que o dia nos sufoque

ROMEU:
Vou me perder de madrugada
Pra te encontrar no meu abraço
Depois de toda cavalgada
Vou me deitar no seu cansaço
Sem me importar se nesse instante
Sou dominado ou se domino
Vou me sentir como um gigante
Ou nada mais do que um menino

OS DOIS:
Estrelas mudam de lugar
Chegam mais perto só pra ver
E ainda brilham de manhã
Depois do nosso adormecer
E na grandeza desse instante
O amor cavalga sem saber
Que na beleza dessa hora
O sol espera pra nascer." (13')
(...)

JULIETA: Não vá, meu amor. O dia não está próximo, é do rouxinol o canto que ouvimos, não é da cotovia. Acredita, amor.

ROMEU: É a cotovia, mensageira da manhã, minha amada. Preciso partir, ou ficar e morrer.

JULIETA: Aquela claridade não é a luz do dia, eu sei. Fica, portanto, não tens necessidade de partir.

ROMEU: Que me prendam! Condenem-me à morte, se queres, eu fico! Meu desejo de ficar vence minha vontade de partir, vem morte, seja bem-vinda, minha Julieta assim o deseja.

JULIETA: Não digas isto, meu amor, é dia sim, foges rápido. É a malvada cotovia com seu canto horrendo a nos separar. Está ficando claro, cada vez mais claro.

ROMEU: Mais claro o dia, mais triste nossa sorte. *(Entra a ama.)*

AMA: Senhora!

JULIETA: Ama?

AMA: Tenha prudência, por Deus, a senhora sua mãe está vindo para cá, nasce o dia!

JULIETA: Então, janela, deixa entrar o dia e sair a vida!

ROMEU: Adeus, adeus, um beijo e descerei.

JULIETA: Meu amor, manda-me notícias todos os dias, toda hora; cada minuto sem ti serão muitos dias.

ROMEU: Aproveitarei todas as oportunidades para lhe dar notícias.

JULIETA: Será que nos veremos novamente? Tenho maus pressentimentos, e estás tão pálido!

ROMEU: Claro que nos veremos, estas dores de agora serão tema para doces conversas; também estás pálida. É a dor sedenta que rouba nosso sangue. Adeus, adeus.

Imediato à saída de Romeu, chega a mãe:

SRA. CAPULETO: Minha filha já está levantada?

JULIETA: Minha mãe? Tão tarde ainda não se deitou, ou tão cedo já se levantou? Que motivo inesperado a traz assim breve?

SRA. CAPULETO: Sempre chorando a morte de Teobaldo? Pare com isto! Um sentimento moderado revela amor profundo, um excessivo indica insensatez. Bem, mas tens um pai previdente que já encontrou um modo de trazer-te felicidade súbita! Que eu mesma nem esperava, nem tu.

JULIETA: Muito me alegro, o que seria, minha mãe?

SRA. CAPULETO: Palavra de honra, na próxima quinta-feira, na igre-

ja de São Pedro, o nobre e gentil Conde Páris fará de você uma feliz esposa.

JULIETA: Estou espantada com tanta pressa. Nem a corte ele me fizera! Suplico que diga a meu pai que não quero casar-me. Eram estas as notícias?

SRA. CAPULETO: Aí vem ele, diz tu mesma e veja como aceita a notícia vinda de ti.

SR. CAPULETO: E então, mulher, comunicou a ela nossa decisão?

SRA. CAPULETO: Sim. Ela não quer e vos agradece. Tola! Queria que se casasse com o túmulo!

SR. CAPULETO: Como assim não quer? Não agradece e está orgulhosa? Não se considera abençoada, indigna como é para homem tão nobre?

JULIETA: Orgulhosa não, agradecida sim. Como posso ter orgulho do que odeio?

SR. CAPULETO: Vou ficar louco! Sempre foi meu sonho vê-la casada, e agora que consigo um homem nobre, de família principesca, rico, educado, cheio de predicados, o qual nem mereces, e vens me dizer que não queres? Por minha alma, se não quiseres enforca-te na miséria, morre na rua, porque não te reconhecerei e nada do que é meu te pertencerá! Acredita, pois não volto atrás! *(Sai.)*

JULIETA: Minha mãe, salve-me! Adia por um mês, uma semana que seja, este casamento.

SRA. CAPULETO: Não direi uma só palavra, sua ingrata! Fazes o que quiseres! *(Sai.)*

JULIETA: Estou perdida! Ama, o que faço para evitar isto? Aconselha-me, conforta-me, só tenho a ti!

AMA: Aconselho sim, por minha fé! Romeu foi banido e aposto o mundo que não volta, o mais conveniente é casar-te com o Conde, que Conde! Pois se tens um marido que não está aqui para servi-la, é o mesmo que tê-lo morto, casa-te então com o que está vivo e é bem melhor que o primeiro.

JULIETA *(Em tom irônico, mas sem que a ama perceba.)*: Do fundo do teu coração?

AMA: Do fundo de minha alma, minha menina.

JULIETA: Deste-me admirável conselho, peça à mamãe que me permita ir hoje mesmo confessar-me na cela de frei Lourenço, estou arrependida por ter contrariado meu pai.

AMA: Por minha fé, está agindo muito acertadamente, vou logo ver isto. *(Sai.)*

JULIETA: Velha maldita! Demônio, antes dizia bem de meu marido, agora é isto, belo conselho! Não mais confiarei nela! Vou ao frei pedir uma ajuda, e se de nada resolver, prefiro a morte!

ATO QUARTO

CENA I – Na cela de frei Lourenço: a combinação do veneno

Julieta canta em desespero "Quero que tudo vá para o inferno".

"De que vale o céu azul e o sol sempre a brilhar
Se você não vem e eu estou a lhe esperar
Só tenho você no meu pensamento
E a sua ausência é todo o meu tormento
Quero que você me aqueça nesse inverno
E que tudo mais vá pro inferno". (17)
(...)

FREI LOURENÇO: Minha triste filha, bom que viestes.

JULIETA: Fechai a porta, frei, e vinde chorar comigo. Não há esperança, não há remédio, não há socorro.

FREI LOURENÇO: Já soube de tudo, o jovem Páris aqui esteve para combinar, apressadamente, seu casamento para próxima quinta-feira. Imagino tua dor, que ultrapassa o limite de meu espírito.

JULIETA: Então, diga-me algo, pois se não me podes ajudar, este punhal o fará. Rigor de minhas dores decidirá a questão esta faca sangrenta.

FREI LOURENÇO: Para com isto, tenho aqui uma ideia, pois se tens coragem até de tirar a vida para não se casar com Páris, terás também coragem para simular uma morte e evitar a desonra. Se te atreves, te darei um remédio.

JULIETA: Farei qualquer coisa sem temor, ou vacilação alguma, para viver esposa imaculada de meu doce amor.

FREI LOURENÇO: Escuta, então. Volta para casa, mostra a seu pai alegria por casar com Páris. Quando na cama, toma este frasco até a última gota. Se no momento decisivo não perderes a coragem, estás livre da desonra. Neste meio tempo, Romeu será informado por carta de nossos planos e volta para buscá-la.

JULIETA: Dá-me, dá-me, não me fales de pavor, porque farei tudo conforme tuas instruções.

FREI LOURENÇO: Toma, parte. Seja forte e feliz em tua decisão. Vou agora mesmo enviar a Mântua um mensageiro com a carta.

JULIETA: Amor, amor, dai-me forças; adeus, querido padre!

JULIETA *(canta)*:
"Não suporto mais você longe de mim
Quero até morrer do que viver assim
Só quero que você me aqueça nesse inverno
E que tudo mais vá pro inferno
E que tudo mais vá pro inferno" (17')
(...)

CENAS III e V – Quarto de Julieta – preparação e morte simulada

JULIETA: Sinto frio e tremor a correr em minhas veias, a quase gelar o calor da vida. E se eu acordar na tumba antes de Romeu vir libertar-me? Ficarei asfixiada dentro da catacumba e morrerei antes de vê-lo? Que

terrível visão tenho do lugar... Teobaldo apodrecendo, centenas de ossos... Oh, meu Deus! Odores infectos, gritos. Parece que vejo a sombra de meu primo a perseguir Romeu. Para! Chega! Já vou, Romeu! Bebo isto em tua intenção.

Bebe a poção e cai, enquanto Páris entra cantando:

"I give her all my love,
That's all I do;
And if you saw my love
You'd love her too,
I love her.

She gives me everything,
And tenderly;
The kiss my lover brings
She brings to me,
And I love her". (18)

SR. CAPULETO: Ama, vá chamar Julieta, o Conde Páris já chegou.

AMA: Minha menina! *(Chamando-a e continuando a falar.)* Dorme como um anjo. Vamos sua dorminhoca, acorde, já lhe disse que felizes noites trarão felizes dias, não é? Ou seria ao contrário? Ahhhh, acorda, Julieta. Fizestes bem em dormir, porque na próxima noite o Conde não a deixará dormir. Deus me perdoe, que sono pesado! Como assim? Dormistes de roupa? Queres que o Conde a pegue assim, a dormir? Senhora, senhora! *(Começa a gritar, descontrolando-se.)* Ai, ai, ai! Socorro, socorro, minha senhora morreu, está morta! Oh! Em que dia infeliz eu nasci, um pouco de água da vida, por Deus, senhor, senhora!

SR. CAPULETO: Que vergonha! O que é isto? Trazei Julieta, o noivo dela já chegou!

AMA: Está morta, senhor, morta, é uma defunta, que dia infeliz!

Entra o Frei.

FREI LOURENÇO: Bom dia! A noiva já está pronta?

SR. CAPULETO: Pronta! Pronta para ir e nunca mais voltar. Ah, morte que a levou, ata minha língua para nunca mais falar! Ali está ela, em

flor, deflorada pela morte, a morte é meu genro, meu herdeiro. Quero morrer e a ela legar tudo: vida, bens, tudo para a morte!

PÁRIS: Oh, no… So long I expected to see the face this morning and it shows me this spectacle? I was mistaken, divorced, murdered! Oh death, a thousand times hateful, cruel, and cruel! It shows me death on the day of love.

AMA: Oh, my God! Horror! Nunca houve um dia tão nebuloso como este.

SR. CAPULETO: Julieta, minha filha, minha alma, com ela enterro todas as minhas alegrias.

FREI LOURENÇO: As lágrimas da natureza são o menosprezo da razão. Saiam todos, os céus se mostram de mau humor por alguma ofensa vossa.

Saem todos, muda-se a cena para Mântua.

ATO QUINTO

CENA I – Uma rua em Mântua

Depoimento do ator 2 falando sobre o seu "exílio", seguido de Romeu cantando:

ATOR 2: Neste momento o diretor pretendia que eu desse um depoimento, onde eu fizesse paralelo de uma época da minha vida com o exílio que Romeu está vivendo. Mas eu tenho uma certa relutância com essa coisa do depoimento pessoal, porque pra mim a ficção sempre vai ser mais bonita que a realidade. O importante pra essa história é que eu e Romeu, nós dois voltamos.

"Tanto tempo longe de você
Quero ao menos lhe falar
A distância não vai impedir
Meu amor, de lhe encontrar
Cartas já não adiantam mais
Quero ouvir a sua voz

Vou telefonar dizendo
Que eu estou quase morrendo
De saudades de você". [19]
(...)

ROMEU: Meus sonhos trazem próximas e alegres notícias, será que posso acreditar? Sonhei que morto, Julieta ressuscitava-me com beijos e me tornava imperador...

Entrada do repórter Baltasar, da Gazeta de Verona.

BALTASAR: Senhor, o que me diz sobre a morte de Julieta, que jaz adormecida no sepulcro dos Capuletos, dormindo entre os anjos?

ROMEU: Será possível? Estás enganado, não trazes para mim cartas do padre?

BALTASAR: Não estou, senhor, diga-me. Dê seu depoimento...

ROMEU: Chega! Não importa mais. Julieta, esta noite descansarei contigo, meu amor. Procurarei os meios. Procurarei os meios! Lembro-me de perto daqui ter visto um boticário em farrapos, suas palavras naquele momento previam meu destino, pois justamente falara-me de suas poderosas e mortais ervas... Vou encontrá-lo e...

Romeu sai a andar, cantando:

"Sem saber depois de tanto tempo
Se havia alguém à minha espera
Passos indecisos caminhei
E parei." [20]
(...)

ROMEU: É aqui! Esta é a casa. *(Chama e entra o boticário.)*

BOTICÁRIO: Quem está a me chamar assim tão alto?

ROMEU: Vem aqui, vejo que és pobre. Pegue estes 40 ducados e dá-me uma dose de veneno tão forte a ponto de fazer a alma sair do corpo tão rápido quanto a pólvora do canhão inflamada se precipita.

BOTICÁRIO: Sim, possuo estas drogas mortais, mas a lei de Mântua pune com a morte quem as vender.

ROMEU: A fome está em tuas faces, a pobreza e a miséria estão pendidas em teus ombros! O mundo não possui lei para te fazer rico, logo, não sejas mais pobre, quebre a tua pobreza e toma isto!

BOTICÁRIO: Minha pobreza consente, mas não minha vontade e consciência.

ROMEU: Pago-te por tua pobreza e não por tua consciência.

BOTICÁRIO: Colocai isto no líquido que quiseres, e nem que tivésseis a força de vinte homens deixarias de cair morto imediatamente.

ROMEU: Aqui está teu ouro, o pior veneno para as almas humanas, causando mais mortes neste mundo odioso do que essas pobres misturas que não ousas vender. Adeus, compra alimentos que refaçam tua carne.

ROMEU *(canta)*:

"Onde andei não deu para ficar
Porque aqui, aqui é meu lugar
Eu voltei pras coisas que eu deixei
Eu voltei." (20')
(...)

> *Ator 1 e atriz 3 comentam com o público o desenrolar da trama e a própria montagem:*

ATRIZ 3: Senhoras e senhoras, é um crime cortar os textos que aqui viriam.

ATOR 1: Mas crime maior já cometermos ao montar esse espetáculo.

ATRIZ 3: Seremos justos nessa história injusta?

ATOR 1: Justiça? Que justiça. O flagelo que cai diariamente sobre nossos silêncios pune a todos.

ATRIZ 3: A carta, onde está a carta que não foi entregue? Cadê a carta?

ATOR 1: Que carta? Vamos ao entretenimento final, que é o que interessa.

ATRIZ 3: Para e por tolerarmos tanta discórdia, vamos à tragédia final.

CENA II – No Mausoléu dos Capuletos: a morte dos amantes

Atriz 1 canta e toca:

"Acabei com tudo
Escapei com vida
Tive as roupas e os sonhos
Rasgados na minha saída
Mas saí ferido
Sufocando meu gemido
Fui o alvo perfeito
Muitas vezes no peito atingido". (21)
(...)

ROMEU: Ó meu amor, minha esposa, a morte que sugou o mel de teu hálito nenhum poder teve sobre tua beleza, sobre teus lábios carmim, por que ainda és tão bela? Olhos, um último olhar, braços, um último abraço. Com um derradeiro beijo selemos pacto com a morte devoradora. *(Beija-a e bebe o veneno do boticário.)* Por minha amada! Ó honesto boticário, tuas drogas são rápidas! Assim morro... Com um beijo derradeiro.

Atriz 1 continua o canto:

"Eu sei que flores existiram
Mas que não resistiram
A vendavais constantes
Eu sei que as cicatrizes falam
Mas as palavras calam
O que eu não me esqueci". (21')
(...)

JULIETA *(Acordando do sono profundo)*: Meu amor, meu Romeu! Que é isto? Uma taça apertada em suas mãos? O veneno, estou vendo, foi a causa de seu prematuro fim! Ó ingrato! Bebeste tudo sem deixar uma só gota amiga que me ajude a seguir-te? Beijarei teus lábios! Talvez haja neles um resto de veneno para fazer-me morrer como um reconfortante! *(Beija-o.)* Teus lábios estão quentes. Bendita adaga, enferruja-te aqui e deixa-me morrer. *(Crava a adaga e cai sobre o corpo de Romeu, enquanto toca-se o final instrumental de "Fera Ferida".)*

Príncipe Escalo na voz de todos, enquanto atores e atrizes:

ATOR 1: Esta tragédia prova que ter inimigos é ficar refém deles.

ATRIZ 1: A paz não nasce por se vencer um adversário, a verdadeira paz consiste em nunca chegar a ter inimigos.

ATOR 3: Agora Capuletos e Montecchios erguem estátuas... A quem servem as estátuas? A quem servem as estátuas se a alvorada está manchada de sangue?

ATRIZ 3: Uns serão perdoados, outros punidos e os homens continuarão a matar-se entre amor e ódio, na disputa de lados impostos.

ATOR 4: Que as histórias, agora e outrora contadas, encontrem, em breve, definitiva parada. Uma lúgubre paz acompanha esta alvorada. O sol não mostrará seu rosto por causa de nosso luto.

ATOR 1: Saiamos daqui pra falarmos mais demoradamente sobre estes tristes acontecimentos. Uns serão perdoados e outros punidos, pois nunca houve uma história mais triste do que esta de Romeu e Julieta, queijo e goiabada, popular e clássico.

TODOS *(várias vozes)*: Direita e esquerda, progresso e memória, brancos e pretos, senhores e escravos, belos e feios, Israel e Palestina, Flamengo e Fluminense, conservadores e progressistas, vermelho e azul, homofobia e homossexuais, dia e noite, Beatles e Rolling Stones, caprichosos e garantidos, tropicalismo e jovem guarda, feras e feridos.

As vozes de todos vão se misturando, música "Emoções" [22] *e o elenco começa a se despir ficando em roupas íntimas em um delírio dançante.*

REFERÊNCIAS

1 – "As canções que você fez pra mim" (Erasmo Carlos e Roberto Carlos)

2 – "Como dois e dois" (Caetano Veloso)

3 – "Todas as cartas de amor são ridículas" (versos do poema de Fernando Pessoa / Álvaro de Campos)

4 – Tema "Romeu e Julieta" (Piotr Ilitch Tchaikovski)

5. 5' – "Detalhes" (Erasmo Carlos e Roberto Carlos)

6 – "Café da manhã" (Erasmo Carlos e Roberto Carlos)

7 – "A che serve volare" (D. Pace e Roberto Carlos)

8 – "Namoradinha de um amigo meu" (Erasmo Carlos e Roberto Carlos)

9 – "Cama e mesa" (Roberto Carlos)

10. 10' – "Proposta" (Erasmo Carlos e Roberto Carlos)

11 – "Todos estão surdos" (Erasmo Carlos e Roberto Carlos)

12 – "Marcha Nupcial" (Felix Mendelssohn Bartholdy)

13. 13' – "Cavalgada" (Erasmo Carlos e Roberto Carlos)

14 – "Amigo" (Erasmo Carlos e Roberto Carlos)

15 – "Eu te darei o céu" (Erasmo Carlos e Roberto Carlos)

16 – "Ilegal, imoral ou engorda" (Erasmo Carlos, Roberto Carlos)

17 – "Quero que vá tudo pro inferno" (Erasmo Carlos e Roberto Carlos)

18 – "And I Love Her" (Beatles)

19 – "Eu te amo, eu te amo, eu te amo" (Erasmo Carlos e Roberto Carlos)

20 – "O portão" (Erasmo Carlos e Roberto Carlos)

21 – "Fera ferida" (Erasmo Carlos e Roberto Carlos)

22 – "Emoções" (Roberto Carlos)

Após a leitura do texto teatral original, foram lidas diferentes versões/adaptações de "Romeu e Julieta", usadas na construção dramatúrgica

(que respeitou a divisão original em atos e cenas). Entre elas, as seguintes traduções/adaptações de:

1 – Carlos Alberto Nunes – Ediouro s/d

2 – Carlos de Almeida Cunha Medeiros e Oscar Mendes – 1978 – Abril Cultural

3 – Bárbara Heliodora- 1997 – Editora Nova Fronteira

4 – José Francisco Botelho – 1ª ed. Editora Penguim

5 – Leonardo Chianca – 3ª ed. Série Reencontro – Editora Scipione

Também foram usadas, como leituras bases para construção:

6 – "Romeu e Julieta" (William Shakespeare, Onestaldo de Pennafort – Editora L. L. Library – 1940)

7 – "The Tragedy of Romeo and Juliet" – Tradução do inglês dos Editores Methuen & Co., Ltd – dirigida e comentada por E. Dowden – 4ª ed. 1968

TERRA ABAIXO, RIO ACIMA

2016

Ficha técnica

Dramaturgia: Graziela Delalibera e Fagner Rodrigues

Colaboração: Cássia Heleno, Clara Tremura, Diego Guirado, Fabiano Amigucci, Glauco Garcia, Márcia Morelli e Simone Moerdaui

Direção: Fagner Rodrigues

Direção de texto e preparação musical: Babaya Morais

Elenco e musicistas: Andrea Capelli, Cássia Heleno, Clara Tremura, Diego Guirado, Fabiano Amigucci, Glauco Garcia, Márcia Morelli, Simone Moerdaui e Vanessa Palmieri

Preparação vocal: Babaya Morais e Elaine Matsumori

Composições inéditas: Diego Guirado e Márcia Morelli

Orientação em pesquisa de intervenção no espaço urbano: Juliana Calligaris

Figurinos e adereços: Adbailson Cuba

Costura: Any Cardoso

Arte de adereços cênicos: Laura de Paula Barbeiro

Cenografia e iluminação: Fagner Rodrigues

Oficina de orientação em interpretação: Tiche Vianna

Assessoria de imprensa: Graziela Delalibera

Pesquisa: Cênica, Claudia Borges e Graziela Delalibera

Produção: Cênica

Apoio: Fernando Fado, POIESIS – Instituto de Apoio à Cultura, à Língua e à Literatura e Sesc Rio Preto (Laboratório Cênico)

Foto: Everton Campanhã

Espetáculo livremente inspirado em fatos históricos ocorridos no Noroeste Paulista entre as décadas de 1950 e 1970: o conflito agrário que ficou conhecido como Revolta do Arranca-Capim, em Santa Fé do Sul, e a inundação da antiga cidade de Rubineia em razão da construção da Usina Hidrelétrica de Ilha Solteira, no Rio Paraná. [1]

PERSONAGENS (por ordem de entrada)

GALDINO
ROSA DOS FOGOS
GALIZÉ
MARIA LUZ
JOÃO VIOLA
ANA TERENA
JOANA TAPERA
GALO ZAQUEU

PRÓLOGO – MEMÓRIA

Galdino, já velho, entra perambulando pela praça. Começa a divagar, em uma espécie de profecia.

GALDINO: *(para o público)* Alguém sabe me dizer o que tinha nesse lugar antes dele ser o que é agora? *(a uma pessoa da plateia)* Sabe me dizer, home, o que tinha nesse lugar antes dele ser o que é agora? *(decidido)* Mas eu sei... Eu sei porque eu sigo é o rumo dos vento, eu sigo é o rumo das água... *(apontando em torno)* Tinha um rio aqui, ó! E o rio corria li-

vre, solto! Até que prenderam o rio... Mas não é porque o rio não tá aqui agora que deixou de existir... Se a gente desenrolar o fio da memória guardado na cabeça de cada um, ocêis vão ver que tem muito mais coisa nesse lugar... Eu não sou louco, não, viu? E não tente saber quem eu sou, porque não precisa saber... Basta olhar pra dentro dos olhos da pessoa... *(grita e olha para o céu, de braços abertos)* Eu sou o Profeta das Águas! Eu tinha um exército pra defender as terra, defender as água, defender a nossa memória... *(chamando o público)* Venha, venha comigo! Em dia que tá assim, ó, em dia que tá assim, o meu exército aparece...

Ouve-se canto ao longe.

GALDINO: *(ao público)* Olhe só, eu não disse? *(eufórico)* Eu não sou louco, não! Eu sou o Profeta... Eu sou o Profeta das Águas... Olhe, só! Eu não disse? Venha, venha comigo! (agacha-se e passa as mãos no solo) Em dia que tá assim, ó, aí ele aparece... *(agitado)* Eu não disse, eu não disse?

Coro formado pelas demais personagens chega cantando.

"Era um dia daqueles, em que Rio vira Mar
Em que a Lua desceu, para o Sol encontrar
E a rendeira pegou a Linha do Equador para costurar" (2)

Galdino toca um sino de boi e começa uma canção instrumental. (3)

GALDINO: Não queira saber quem eu sou. Eu não vim de lugar nenhum e também não vou pra lugar algum... Eu sigo é o curso das águas, eu vou é no rumo do vento. Não procuro lugar nenhum, porque lugar nenhum é seguro. Aliás, nada nessa vida é seguro... *(grita)* A luta é a ferramenta de um povo em fluxo!

ROSA DOS FOGOS: Encravada no barro, à margem dos sonhos, a memória ficou lá no fundo...

GALIZÉ: O senhor sabe o que é o som do rio? O som do rio é um mistério da água...

MARIA LUZ: O vento, o sol, as nuvens, a lua... Isso tudo o homem não conseguiu dividir em pedaços, mas a terra, sim...

JOÃO VIOLA: Na prisão, não existe cura!

ANA TERENA: A água engoliu tudo a terra!

JOANA TAPERA: O Profeta falou que o rio cabe dentro da cuia!

ANA TERENA: *(gritando)* Ehhhhhhh!

Todos entoam o grito e correm em direções diversas. Galdino fica, arrebatado pelas lembranças.

GALDINO: Nossa história começa quando outro tempo se findou
Tempo da memória, da lembrança encravada no barro
Encoberta pela água que ainda há de chegar
Passado, presente, futuro
Tudo se misturou nas barrancas desse rio
Refletido o que já esquecido pelo povo ficou
No encontro da água com a terra, foi aqui que o nosso causo começou.

Coro canta.

"Atirei pedra na água, o rio me devolveu
Na pedra tava gravado, o teu nome junto ao meu
Foi o rio que falou, não jogue fora o que ainda é seu." (4)

CENA 1 – PRESENTE

GALDINO: Quem foi que disse que o homem é dono do rio? E quem foi que disse que a água tem dono, que ela pertence a alguém?

ROSA DOS FOGOS: *(para alguém do público)* Ei, moço! O progresso vem primeiro, depois vem a vida?

MARIA LUZ: Por onde passava o trem? E a boiada, pra aonde vai agora?

ANA TERENA *(para uma pessoa da plateia)*: Moça, a senhora sabe o que é ser arrancada da sua própria terra?

JOÃO VIOLA: É verdade que a fé cura?

GALIZÉ: Se a terra é de quem planta, por que é crime lutar pelo que é da gente?

MARIA LUZ: Antes, o rio corria livre... Por que é que represaram?

ANA TERENA: Moço, o que nessa vida ainda é teu?

JOANA TAPERA: *(gritando)* Cadê todo mundo???

CENA 2 – PASSADO

Jogo de apresentação das personagens acompanhado de suas músicas-tema instrumentais. (5)

GALDINO: A gente precisa ter lembrança, senão abandona o que é, ou o que haveria de ser... É tudo muito mistério, e tudo o que é sabido deve ser contado, senão a gente fica que nem os peixe, que passado um tantinho assim de tempo já não sabe quem é, ou de onde veio, nem pra onde vai... Mas eu me alembro muito bem que o povo por essas banda vivia mesmo é de trabalhar. Era o que sobrava no meio de tanta miséria e de tanta desgraça... Que nem a dona Rosa dos Fogo... Uma mulher muito formosa, trabalhava que só... Tinha dia que nem parava pra almoçar. Credita que uns diziam que ela comia capim bem verdinho? Diz que era pra mode o fogo dela apagar...

ROSA DOS FOGOS: Eu sou é de muita fé, seu Galdino! E esse povo gosta é de fuxicar. Já que tão falando, então vou contar! Lembrei do João Viola, moço bonito de se olhar, porém calado, fechado, não é de prosear... Dizem que quando chegou aqui, ele veio carregando só a mala e o violão, e que em noite de lua cheia, vai pra beira do rio cantar... Ou uivar pra todo mundo assustar!

ZÉ VIOLA: Que prosa furada, conversa mole de quem não tem o que fazer! Só canto pra lua, que tem o seu encanto. Que nem a moça Maria Luz, que o povo diz que brilha que nem estrela. Outros contam que quando nasceu a menina cegou a família inteira, de tanta luz que lumiava. E hoje a moça se enlameia todinha, pra mode tampar a claridade quando se banha nas águas do rio.

MARIA LUZ: O moço por ser novo por essas banda devia largar de falar do que não sabe... Isso é sujeira das barrancas do rio, onde eu gosto de

ficar. Lá já vi tanta história, se eu fosse contar... Ana Terena bem sabe e pode afirmar. Diz que até com os peixes ela sabe falar... *(fazendo troça)* Diz que até por um peixe ela foi se enamorar!

ANA TERENA: *(irritada)* Não mexa com Ana Terena, moça! Não gosto de futriqueiro. Gosto de meu marido, Galizé. É um home bom, trabalhador, justo, não merece desrespeito! Tem como único defeito um galo que carrega desde ovo. Ganhou no galinheiro pra afogar as tristeza pela mãe, que sumiu no barrageiro!

GALIZÉ: *(para Ana Terena)* Ana, a flor que a terra me deu de presente... Minha Terena, quando conheci, tava com a Joana Tapera... *(para o público)* Uma menina véia, tem só 12 anos, não acredita, não? Tomou um susto mais novinha, tem gente que diz que viu assombração. Parou de juntar as palavras, perdeu a leitura que sabia desde então. Outros dizem que foi pela morte do pai, farmacêutico de profissão. Metade disso tudo é mentira, a outra metade, não sei, não!

GALDINO: E eu sou Aparecido Galdino, desde menininho me chamam de Aparecidão. Lembrando da minha estrada, dos meus fantasmas, tenho por esse rio muita devoção. Se existe certo ou errado, isso há de se confirmar, pois nessa nossa história, tudo pode sair do lugar. Eu me alembro de mim moço, jagunço me pus a trabalhar, pra mode esse povo tudo maltratar. Porque na terra que o rico manda, pode até se matar! Trabalha, povo, trabalha, vamos nossa história contar!

> *Galdino volta no tempo. É agora um jovem jagunço. Os camponeses começam a lida na roça, ao som da música.*

"Inda de manhãzinha (Mãe Terra)
Tem chão de capim (Mãe Terra)
Tem casa de cupim (Mãe Terra)
Tem dó de mim

Tira o peso da enxada (Mãe Terra)
Que a semente germina (Mãe Terra)
Que o trabalho não falte (Mãe Terra)
Tem dó de mim

Que a gente seja forte (Mãe Terra)

Pra seguir o caminho (Mãe Terra)
Que tem flor, tem espinho (Mãe Terra)
Tem dó de mim" [6]

CENA 3 – ORDENS DO PATRÃO

Música instrumental [7]

Os lavradores são surpreendidos pela chegada de Galdino, capanga do dono das terras, que dá um sinal para que interrompam os trabalhos.

GALDINO: *(gritando, irritado)* Vem, boi! Junta todo mundo aqui rápido pra ouvir o recado do patrão. O coroné mandou ocêis parar de mexer nessas terras, juntar as tralhas e ir embora daqui amanhã bem cedo!

GALIZÉ: Mas o que aconteceu, capitão? Não era esse o combinado, não! Nóis preparamo tudo a terra aqui, prantamo...

GALDINO: E ocê por acaso tem algum documento escrito o que foi combinado? Pois é isso que eu vim fazer aqui, vim dizer que aquilo que foi combinado agora tá descombinado.

MARIA LUZ: Mas nóis não tem pra onde ir, não dá pra sair assim da noite pro dia. Nossas coisa tá tudo aqui nesse chão, home!

ANA TERENA: Ô, Galdino, ocê sabe que aqui é tudo trabalhador. Agora como é que nóis vai deixar nossas casa desse jeito, tudo escorraçado, fala?

ROSA DOS FOGOS: Ah... Mas com a ajuda do Nosso Senhor Jesus Cristo e da minha Nossa Senhora, o patrão há de tirar essa ideia da cabeça!

GALDINO: Que diacho! Mas tá difícil de entender, boi? O coroné quer ocêis pra fora da terra. Quer ocêis pronto amanhã bem cedo, que eu mesmo venho aqui levar ocêis embora. Ocêis não têm mais serventia nenhuma pro coroné. O patrão tá negociando essas terras com o governo e essas roças onde tão pisando os pés vão ficar tudo debaixo d'água. Não vai valer mais nada, boi! *(rindo)* Não vai valer mais nada, boi! *(retira-se)*

CENA 4 – FÉ NA COLHEITA

Rito de ancestralidade em reafirmação à raiz naquela terra.

ANA TERENA: Minha mãe me pôs no mundo
A menos d'um palmo do chão
Já nasci c'os pés na terra
E aqui cumpro mia missão
Na lida do planta e colhe
A cuia da terra abraça
A semente já tão drumida
Que amanhece cheia de graça
Manga, banana, abacate
Milho, mandioca, feijão
É disso que a gente é feita
Do fruto da própria mão

CENA 5 – ARRANCADOS TERRA AFORA

O capitão volta para levá-los e fica furioso ao encontrá-los ainda no cultivo da terra. Instala-se um clima de tensão. Entra música instrumental. [8]

GALDINO: *(agressivo)* Então ocêis não entenderam o recado do coroné, não? Agora ele tá lá, botando fogo pelas venta, quer ocêis fora dessas terras, boi!

ANA TERENA: *(grita, revoltada)* Mas é um pau-mandado, mesmo, filho do cão!

GALIZÉ: *(tentando conter Ana Terena)* Carma, muié, carma... Pensa no nosso filho. Brigar com o capitão não vai resorvê nada.

GALDINO: É... O que vai resorvê é juntar essas tralhas e ir embora amanhã bem cedo. Pegá o caminho e fazer rastro!

MARIA LUZ: Ocê não devia fazer isso c'nóis. É daqui dessas barranca do rio que sai nosso sustento. Tem nossas roça, a gente pega nossos peixe. Piedade, home!

GALDINO: Isso não é problema meu, não, viu cabocla. O meu trabalho é fazer ocêis sumir dessa terra. Vão-se embora, boi!

ROSA DOS FOGOS: Ai, minha Virgem Maria, eu não credito no que tá acontecendo... Protege nóis, minha santinha, protege!

GALDINO: *(segurando Maria Luz)* Chega de reclamação! Eu tô falando que é pra cumprir as ordens do patrão! E ocêis trata de obedecer!

ANA TERENA: *(investindo contra Galdino)* Larga ela, desgraçado, agora!

MARIA LUZ: Tem precisão de sacrificar a gente desse tanto, capitão?

GALDINO: *(para Ana Terena)* Ocê num tá em condição de mandar nada aqui, não, viu, cabocla. Pega suas tralha e some daqui.

MARIA LUZ: Nóis é gente simples, de pouca leitura, só tem a força dos braços... Se nóis sai agora, perde tudo...

GALDINO: Óia, eu nunca que precisei matar ninguém. Bater, eu já bati em muitos, mas matar, eu nunca matei... Será que agora eu vou ter que enfiar uma bala na fuça d'ocêis? Será que eu vou ter que enterrar cada um d'ocêis na barranca desse rio?

ANA TERENA: *(enfurecida, para Galdino)* Experimenta!

CENA 6 - O REI VIRA GADO

Neste momento, surge um "boi encantado", desprendido da "boiada de trabalhadores rurais", em direção ao capitão, para proteger o grupo. Começa um enfrentamento, até que o boi derruba o capitão. Acompanhando o embate, a massa de camponeses irrompe em direção a Galdino encurralado no chão para atacá-lo, e o boi encantando o protege, colocando-se na frente e interrompendo o estouro da "boiada". O capitão se levanta e o boi retira a própria capa, que se transforma em manto, então colocado sobre os ombros do capitão, enquanto o coro canta.

"Não é mato, é pasto
Longe dessa porteira

Esse boi é rei
Êh, boi
Que destino marvado
Onde o rei vira gado
Não tá certo, eu sei" [9]

GALDINO: *(impressionado)* Eu vi a salvação, eu vi dentro dos olhos do boi... Me passaram pra olhar as águas, as terras. Esse sofrimento d'ocêis, povo, esse sofrimento vai acabar.

MARIA LUZ: Não tô entendendo... É o capanga do coronel arrependido das marvadeza, é?

ROSA DOS FOGOS: Muié, presta atenção... Pena que ocê não tá vendo, é um milagre bem aqui na nossa frente!

GALDINO: Não queira saber quem eu sou, não. Não precisa saber, porque tá tudo aqui, ó, nos olhos da pessoa...

ROSA DOS FOGOS: *(extasiada)* Esse mundo é um mundo encantado. É um mistério, é puro mistério!

CENA 7 – PROFETA – A FESTA E A CURA

Felizes, cantando e dançando, camponeses se levantam e vão reverenciar o capitão. Começa uma festa.

"Não é mato, é pasto
Longe dessa porteira
Esse boi é rei
Êh, boi
Que destino marvado
Onde o rei vira gado
Sim, tá certo, eu sei"

ANA TERENA: Salve, Galdino, o Profeta! Escapou de chifrada, foi salvo pela graça do boi Soberano! *(para pessoa do público)* Ele conversa com os bichos, moça! Ele tem poder de cura!

ZÉ VIOLA: Sim, senhor! É um milagreiro, curou o Zé da Mula de espinhela caída!

MARIA LUZ: E o Tião Banguela de mal de simioto, é... E a fia da Judite, que tava com lombriga há mais de ano.

ROSA DOS FOGOS: Ah, o seu Galdino tem a cura nas mãos, gente! Ó, com as bênçãos das águas ele curou mulher de fogo-selvagem, cavalo de bicheira brava e até menino de chifrada.

MARIA LUZ: E seu Chico, que levou uma facada no bucho lá na venda, e também a filha da Tonha, tava quase tísica, tadinha...

ANA TERENA: Foi o rio quem mandou ele! Que é pra ajudar nóis nessa luta. Galdino é o Profeta das Águas!

Galdino benze com água pessoas do público ao som da música.

"O Santo olho pro canto, e com bantu me benzeu
Então pro meu espanto, o santo curou eu." (10)

GALIZÉ: *(interrompendo)* Desculpa atrapalhar a ladainha d'ocêis, mas meu galo tá falando uma coisa aqui que é certa. O caso é que até hoje o Galdino era capanga mandado do coronel... Confio não! Pode ser home traiçoeiro. Ele não acabou de falar que é pra nóis sair dessas terras? Não disse que, não demora, os home do governo tão chegando pra construir a tal da barragem e que nossas casa vão ficar tudo debaixo d'água?

GALDINO: Eu falei, mas tá tudo mudado!

GALIZÉ: *(desconfiado)* Tá mudado...

GALDINO: Tá mudado sim, gente! Eu vi dentro dos olhos do boi! Ninguém tem autoridade pra mexer com esse rio. Não precisa sair daqui, não, porque eu mesmo vou ficar aqui c'ocêis agora!

GALIZÉ: Mas, capitão, o galo tá certo, nossas casa, nossas prantação tão no rumo de onde a água vai chegar! E se nóis confia no senhor e morre tudo afogado?

GALDINO: E ocê fica dando ouvido? Escuta o que eu tô te falando, home! Ocêis é os donos da terra! Ocêis que derramaram o sangue, derramaram

o suor nessa terra. Aqui ninguém é escravo de coroné, escravo de fazendeiro, do governo! A terra é de quem trabalha. Não pode segurar terra, não. Não precisa ter medo, é só confiar nesse rio.

ROSA DOS FOGOS: As coisas tão mudando, mesmo... O coronel podia até mandar aqui nessas terra, mas agora quem tá do nosso lado é o Galdino, que virou Profeta. *(se engraçando pro lado de Galdino)* Home milagreiro, benzedor dos bão...

JOÃO VIOLA: Peraí, gente! Eu tô de acordo com o Galizé. Seu Galdino, a gente precisa de mais prova que o senhor tá do nosso lado...

GALIZÉ: Prova pra nóis, Galdino, se é Profeta mesmo e pode curar. (*segura Joana Tapera)* Então faz a menina véia Joana Tapera volta a falar. Coitada engoliu a língua, só consegue cantar.

GALDINO: Calma, Galizé, não carece desconfiar... Nessa vida tem certos mal que só a própria pessoa que tem o dom de curar. Mas eu posso garantir pr'ocêis que a Joana Tapera, a menina véia, vai voltar a falar antes de três vezes o teu galo cantar!

Empoleirado no ombro de Galizé, galo Zaqueu canta.

ROSA DOS FOGOS: Vamos confiar no Profeta, gente. *(sedutora)* Eu tenho certeza que ele vai me curar do fogo-selvagem...

MARIA LUZ: E nóis não pode negar a única ajuda que tamo tendo...

ANA TERENA: Ô Galdino, eu credito nocê! E nóis tudo aqui credita, não credita? Precisa ter coragem nessa vida. Tão querendo prendê o rio e arrancar nossa roça pra por no lugar o tal do progresso, mas nóis vamo provar nossa força!

GALIZÉ: Ô, seu Galdino, o meu galo tem uma última pergunta. Como é que a gente vai podê ir contra as ordens do patrão e esse tal de progresso se a gente não tem uma arma, não tem um estudo, um papel falando que essa terra é nossa?

GALDINO: Galizé, de uma coisa ocêis pode saber, não vamo esmorecer de jeito nenhum. Pode vim chumbo grosso, pode vim chicotada, paulada no nosso lombo, que nada disso vai por fim na nossa luta, nóis vamo resistir! É só confiar no poder das águas desse rio, home! É com ele que a

gente vai se proteger! *(convocando os camponeses, que um a um se aproximam)* Galizé, Ana Terena, João Viola, Rosa dos Fogo, Joana Tapera e Galdino, Galdino Bento, esse vai ser o exército das águas, lutando pela salvação das nossas terras, dos nossos rios!

GALIZÉ: Ói, Galdino, eu vou confiar no senhor, vou dar chance pra confiança. Mas fique sabendo que o meu galo ainda tá desconfiado...

ANA TERENA: Ói, pois eu também tô desconfiada... Eu tô é desconfiada que se esse galo não ficar quieto, ele vai é rapidinho pra panela!

GALIZÉ: Nem sonha em relá um dedo nesse galo!

Começa uma discussão e Joana se diverte.

ANA TERENA: *(para a plateia)* Ôceis tudo aí tome tento com esse galo! Lá em casa ele já me engoliu três rádio...

ROSA DOS FOGOS: E ele já me comeu dois crucifixo, e um era relíquia de família!

JOÃO VIOLA: E já sumiu com as corda do meu violão umas par de vez!

MARIA LUZ: Eu num tô vendo, mas que ele comeu um monte de coisa lá em casa, ah, ele comeu! E tô até desconfiada que ele comeu foi a língua da Joana...

GALIZÉ: Tudo conversa mole de quem num tem o que fazê!

GALDINO: *(toca o sino de boi)* Gente, para com isso! Que importância tem o que esse galo comeu ou deixou de comer? Nóis agora é um exército! E como um exército, é hora de planejar a nossa primeira ação de resistência! *(camponeses se prontificam)* É pra juntar força e arrancar todo esse capim que os coroné mandaram ocêis plantar. Isso vai ser a nossa revolta! A Revolta do Arranca-Capim!

Coro canta.

"Pisa ligeiro
Pisa ligeiro
Quem não pode com formiga
Não atiça o formigueiro
Quem não pode com formiga
Não atiça o formigueiro!" (11)

CENA 8 – ARRANCA-CAPIM

GALDINO: Nossa primeira ação de resistência ficou combinada desse jeito: assim que a lua da madrugada se escondesse e o sol do dia raiasse, todo o capim prantado nas barrancas do rio já ia tá tudinho arrancado. Então cada caboco foi pra um canto ficar de tocaia. E o que se sucedeu foi que a cabocada acabou dormindo. Só ficaram acordadas a dona Rosa dos Fogo e a menina mais véia que a própria idade dela, a Joana Tapera!

> *Joana pega um sutiã da bolsa de Rosa dos Fogos e o entrega a um homem da plateia. Rosa, então, o seduz, e no ápice do envolvimento retira um terço católico dos seios e diz: "Reza comigo".*

ROSA DOS FOGOS: Nem as reza, nem as penitência, nem a devoção pela Virgem Maria aliviaram a minha quentura. Espiei pelos quatro canto e todo mundo dormia... Não tinha mais santo que me ajudasse! Aí corri desembestada por esses pasto... E comi todo o capim verdinho que nóis prantemo... Só assim meu fogo se apagou!

MARIA LUZ: O que ela não imaginava é que enquanto "ruminava" o capim, seus companheiro de lida roncava... E o patrão e seus capanga chegaram na surdina. Foi o maior trupé porque o pasto não tava mais lá...

JOÃO VIOLA: Mas foi só descobrir que o Galdino agora tava do nosso lado, que o patrão e seus capanga correram tremendo de medo!

ANA TERENA: Ói, eles prometero pedir ajuda lá pra um general do governo. Mas antes de ir embora, jogaro uma praga em nóis: "O rio que ôceis defende vai engoli ocêis... Vão morrer tudo afogado!".

GALIZÉ: Volta aqui, seus cagão! Eu tava dormindo, mas o meu galo tava acordado!

> *Começa um alvoroço entre os camponeses, maldizendo o patrão e seus capangas. Galdino chega e dá um susto no grupo.*

GALDINO: *(ao público)* Ói, a coragem do meu exército! Diz que o mais corajoso é esse galo aí... Parece que ele comeu até a espingarda de um soldado. Bom, cabocada, mas eu queria saber é se ocêis tavam tudo dormindo, quem foi que arrancou o capim das barranca do rio?

ROSA DOS FOGOS: Uai... Quem haveria de ser? Foi o galo!

GALIZÉ: Para de impricância com o meu galo!

Princípio de tumulto; Galdino interrompe tocando sino de boi.

GALDINO: Ôceis têm de pensar que nóis vencemos foi a primeira batalha, mas ainda não vencemos a guerra. Precisamo ser estratégico e ampliar o nosso exército, tá muito pequeno! Vamo embora pra Vila dos Poetas, meu povo! Trazer o povo todo pra luta! *(à plateia)* Vamo, força! É todo mundo numa mesma luta! Pra defender as nossas terras, os nossos rios!

Coro canta.

"Senhora dona eu lhe dou meu coração
Fazei de mim o seu altar, seu louva-a-deus
Nasci pra ser o seu escravo, guia
Sonhei a estrada que me traz o dia
Senhora dona da paixão

Quero o ventre e o pensamento
Quero vinho e quero o pão
Quero o leito, quero a mesa
Quero a casa, e a oração." (12)

CENA 9 - VILA DOS POETAS

Trabalhadores entram na cidade. Dirigindo-se ao público, conclamam os moradores para a luta!

ANA TERENA: É o Profeta das Águas que tá chamando, gente!

GALDINO: Aqui é o Galdino, sou eu mesmo! Líder do povo trabalhador, que tá lutando contra as injustiças e os crimes dos poderosos... Que tão querendo acabar com as nossas terras, com os nossos rios. Tão sabendo que o governo quer represar o rio? E a água vai inundá nosso chão! Nosso exército tá aqui pra resistir e contamo c'ocêis! Vem, povo!

ANA TERENA: Ô, dona lavadeira, ocê mesma, que mora lá na rua Vini-

cius de Moraes! Larga a roupa do seu patrão, muié, a camisa de linho, e se junta com nóis, que aí que vai ficar bão!

JOÃO VIOLA: Vou chamar o seu sapateiro, da rua Cecília Meireles! Se achegue pra cantar com a gente! É o canto da liberdade!

MARIA LUZ: E a professora da Manuel Bandeira, não passe essa vida à toa! Vem-se embora, vem pra nossa Pasárgada!

GALIZÉ: Já que viemo até aqui, vou convidar a viúva que mora na rua Graciliano Ramos. Sai desse cárcere, muié, amolece o coração que a vida não pode ser tão seca! Aqui fora tem muita luta!

ROSA DOS FOGOS: Ô, seu coveiro, morador da rua Cora Coralina, vem que chegou a hora! De semear pra colher a semente boa!

Canto continua.

"Senhora dona eu lhe dou meu coração
Fazei de mim o seu altar, seu louva-a-deus
Nasci pra ser o seu escravo, guia
Sonhei a estrada que me traz o dia
Senhora dona da paixão

Quero o ventre e o pensamento
Quero vinho e quero o pão
Quero o leito, quero a mesa
Quero a casa, e a oração"

CENA 10 - CHEGADA DO DOCUMENTO

GALIZÉ: Gente, presta atenção, não podemo ficar só de festa, não! O carteiro não quis engrossar o nosso exército, inda me entregou esse papel aqui. É uma ordem atendendo um pedido do patrão e de uma tal de ditadura... Como é que nóis vai saber ao certo o que tá escrito aqui? Nenhum de nóis sabe lê.

ANA TERENA: A única menina com conhecimento das leitura é a Joana. Mas engoliu a própria língua, como é que vai fazê?

GALDINO: *(para Galizé)* Me dá essa carta. Joana, lê pra nóis o que tá escrito nesse papel, fia... Aqui é tudo companheiro, menina, nóis respeita teu passado... Lê pra nóis, não precisa ter medo, não.

MARIA LUZ: Coragem, menina véia!

CENA 11 – PRISÃO DE GALDINO / JOANA TAPERA VOLTA A FALAR

Joana pega o papel, se esforça para ler, mas a voz não sai. Ao mesmo tempo, ela vê a chegada de homens fardados em marcha que vão em direção a Galdino e o cercam para levá-lo. Então solta um grito de desespero e desembesta a falar.

JOANA: Eles chegaram de repente, eram muitos, um exército, mas não a nosso favor... Eles tavam contra nóis! Pararam o caminhão e já desceram metendo o cacete. Profeta, curandeiro subversivo, inimigo do progresso! Teve pancada... Teve chicote, soco, chute, não tiveram um pingo de compaixão... Se protege, seu Galdino! Puxaram o Profeta pelos cabelos, jogaram ele no chão, cuspiram na cara dele, pisaram nele: "Então é você que queria ver a partilha das terras? Vagabundo!" O Profeta ficou com o corpo todo marcado, com o corpo todo ferido, arrancaram dentes, acabaram com ele... E não parou aí, não. Mandaram a gente pra cadeia. Depois de uns par de dia, decidiram soltar nóis, menos o seu Galdino...

GALDINO: A nossa história, se fosse seguida somente da realidade, terminava bem do jeito que ocêis tão vendo aqui, com essa tristeza no coração, na cabeça... Mas o caso é que a arte nos permite sempre seguir adiante, como um rio, Joana, que deságua numa imensidão, onde um outro mundo é possível.

Música.

GALDINO:
"Quando o muro separa uma ponte une
Se a vingança encara o remorso pune
Você vem me agarra, alguém vem me solta
Você vai na marra, ela um dia volta."

CORO:

"E se a força é tua ela um dia é nossa
Olha o muro, olha a ponte, olhe o dia de ontem chegando
Que medo você tem de nós (olha aí)
Que medo você tem de nós (olha aí)
Que medo você tem de nós." (13)

CORO: Ai, ai, ai...

JOÃO VIOLA: *(mancando e gemendo)* Óia, o galo Zaqueu tinha razão, não dá pra confiar nesse Galdino, não...

GALIZÉ: Prometeu que nosso exército ia triunfar, óia o que aconteceu, me quebraram três costelas. *(colocando as mãos na barriga de Ana Terena)* E ainda botaram em risco a vida do meu filho que nem veio ao mundo. *(prestes a chorar)* Óia o galo, Ana! Perdeu tudo as pena, coitado!

ANA TERENA: Carma, Galizé, logo esse galo recupera. E ó, nosso filho tá aqui, bem protegidinho na minha barriga. E não adianta nóis ficar reclamando, vamo resistir. E além disso eu sei que o meu filho só vai nascer pelas mão do Galdino, eu tenho certeza!

CENA 12 – SUBMERSÃO

MARIA LUZ: Óia aqui, tão pondo em prova a palavra do Profeta, só que ele tava com a razão: a Joana voltou a falar... Outra coisa que ocêis precisa tá ciente... Eu não tô vendo, mas tô sentido que parece que as águas do rio tão tudo subindo...

JOÃO VIOLA: E foi mesmo! A água veio engolindo tudo. Igreja, casa, padaria, delegacia. De repente nossas coisas não tavam mais lá.

GALIZÉ: *(gritando em desespero)* Mãeeee!

ANA TERENA: A mesma água que curou, engoliu nossa história, nossa memória... Era o tal do progresso chegando, e no meio dele não tinha lugar pra nóis, não!

GALIZÉ: *(gritando)* Mãe, cadê a senhora? Correeee!

JOANA TAPERA: Enquanto a água subia, o povo salvava o que podia, era porco, cachorro, galinha. Teve quem carregou nas costas o cruzeiro da igreja!

GALIZÉ: *(agoniado)* Minha mãe não queria sair. Ela adorava a casinha dela e ficou esperando a água subir. Quando nóis percebeu, correu pra lá. Nóis gritava, chorava, e ela não respondia... Ela não respondia porque a água já tinha engolido tudo.

Canto.

"Águas, bolhas, folhas, seixos
A pele fria, o atoleiro
A boca seca, tempo não passa
Noite sem lua, e sem fogueira." (14)

ANA TERENA: Dali em diante, não teve um só dia que o Galizé não voltou lá pras terra afogada pra ficar esperando a mãe. Ele entrava no meio das água e dizia que ia nadar em cima da memória, da saudade dela.

GALIZÉ: Eu queria tanto que a mãe via o netinho dela...

ROSA DOS FOGOS: Ah, essa ideia não ia dar certo, não, gente! A véia não gostava nadica da Ana Terena.

JOANA TAPERA: E a coisa ficou ainda mais feia quando o galo Zaqueu fofocou que a Ana Terena tinha se encantado por um peixe lá na beira do rio...

Ana Terena é atraída por algo de dentro do rio ao som de música. Começa a dançar na água. É o encantamento que vai resultar em sua gravidez.

MARIA LUZ: *(ao público, com ar de fofoca)* Ói, que essa véia não gostava nadica de nada da Ana Terena não é segredo, viu... Causa de quê, causa de quê? O Galizé não fazia filho, teve uma caxumba braba de pequeno. E essa véia virou assombração e fica assustando o povo lá pros lado da barrage...

ROSA DOS FOGOS: A verdade é que essa mardita assombração aparece

pra todo mundo, menos pro coitado do Galizé, que fica dias na beira do rio, olhando pro nada, esperando a mãe aparecer...

JOANA TAPERA: E ele colocou na cabeça dura dele que o filho que a Ana Terena tá esperando há mais de ano só vai nascer quando a mãe voltar pra fazer o parto... Fantasma traz gente no mundo? Tem cabimento?

ANA TERENA: Sai da beira desse rio, home, tua mãe tá morta! Eu já falei procê, Galizé, nosso menino só nasce pelas mãos do Galdino. É ele que vai colocar essa criança no mundo, home!

JOANA TAPERA: Mas pra isso acontecer, não podemo abandonar nosso propósito. Vamo, cambada, ligeiro antes que eles pega o Galdino e faz com ele igual fizero com o meu pai! *(para o público)* Sabia que o meu pai foi levado por esses home aí fardado porque ele lia demais e o conhecimento dele botava medo nos poderoso? Levaro ele pra cidade grande e lá acabaro com a vida dele... *(para os trabalhadores)* Óia aqui, o Profeta não falou que se o rio muda de lugar, as coisas mudam de lugar também? Repara, a nossa noite nem serena mais... E a lua, a lua sumiu...

ROSA DOS FOGOS: Ihhh, é mesmo, Joana! Óia, e tão falando que levaram o Galdino lá pra cidade grande, pro tal do progresso. E agora tô aqui pensando... Como vamo conseguir chegar lá, se não tem a lua mais pra lumiá nosso caminho?

CENA 13 – ILUMINAR O CAMINHO

MARIA LUZ: Ôces pode ficar sossegado, eu vou guiar ocêis com esses meus olhos que são tão acostumado com o breu! Só preciso que ocêis confiem. A escuridão sempre foi minha companheira e é nela que eu enxergo. Como as estrela brilha lá no céu, eu vou levar ocêis pelo rio abaixo...

> *Camponeses vendam os olhos e Maria Luz começa a guiá-los com seu canto.*

MARIA LUZ:

"Som de tambor, tom de sabor

Visto veludo, seda e cetim
Verbo inventado pra descompor
Dom remendado, rasgado em mim
Mel de mentira, falso licor
Ponta de pedra, onda de mar
Cheiro de chuva, gosto de luz
Rota de rio sem desaguar

CORO:

Peça afina corda do varal
Pesa, venta, sente, seca e tchau
Veste, vive, suja, sabe o quê
Olha, cega, enxerga o que não vê
Pensas que estou louco, vai saber
Mas estou pensando em você" (15)

CENA 14 – MARIANA

JOÃO VIOLA: E nessa caminhada, passamos por muitas terras desconhecidas, vimos muita gente sofrida, que assim como nóis foram arrancadas de suas origens. Indígena, quilombola, ribeirinho, sem-terra, trabalhador, gente de luta, que não abaixa a cabeça, nem abandona a esperança...

ROSA DOS FOGOS: Só que a certa altura, o João Viola desistiu da caminhada, faltou coragem...

JOANA TAPERA: Logo ele, o João Viola... Um home forte, valente, tinha fama que virava lobisomem...

JOÃO VIOLA: Gente, pode ir pro destino d'ocêis, eu não vou mais, não...

ANA TERENA: Mas, João, tamo quase chegando lá no progresso, na cidade grande... Vai desistir de libertar Galdino, home?

GALIZÉ: O que aconteceu procê desistir assim de repente? Alguma coisa que ocê viu por essas terra? Tenha medo, não, home. Nossa caminhada é uma só, um ajudando o outro.

JOÃO VIOLA: Na verdade, Zé, o problema não é o que tá aqui, é com aquele lugar de onde a gente tá se aproximando. Lugar que guarda muita tristeza... É o lugar de onde eu vim... Lá não teve nenhum Galdino pra avisar a gente da tragédia... Aconteceu tão rápido, era dia do meu casamento, eu e Mariana, a cidade toda em festa... De repente veio um barulho e um mar de lama saiu lambendo a imensidão pela frente. *(gritando)* Mariana!

> *João Viola cai em prantos e recebe apoio dos companheiros, que seguem cantando.*

"Como então? Desgarrados da terra?
Como assim? Levantados do chão?
Como embaixo dos pés uma terra
Como água escorrendo da mão?
Como em sonho correr numa estrada?
Deslizando no mesmo lugar?
Como em sonho perder a passada
E no oco da Terra tombar?
Como então? Desgarrados da terra?
Como assim? Levantados do chão?
Ou na planta dos pés uma terra
Como água na palma da mão?
Habitar uma lama sem fundo?
Como em cama de pó se deitar?
Num balanço de rede sem rede
Ver o mundo de pernas pro ar?
Como assim? Levitante colono?
Pasto aéreo? Celeste curral?
Um rebanho nas nuvens? Mas como?
Boi alado? Alazão sideral?
Que esquisita lavoura! Mas como?
Um arado no espaço? Será?
Choverá que laranja? Que pomo?
Gomo? Sumo? Granizo? Maná?" (16)

CENA 15 – CHEGADA DO PROGRESSO

ANA TERENA: *(olhando ao redor, desacreditada)* Quer dizer que depois de tanta caminhada e sofrimento... É isso aqui que chamam de progresso?

MARIA LUZ: Então foi pra fazer esse progresso funcionar, pra fazer as máquina girar, que arrancaro a gente do rio, foi?

GALIZÉ: Ocêis aí que tem o poder, num pensaro, não, que em nome disso aqui que chamam de progresso tão acabando com a terra onde o meu filho ia fazer o futuro?

JOANA TAPERA: Futuro? Bela porcaria esse progresso tá fazendo com as pessoas! Óia, quanta gente vivendo amontoada, uns por cima dos outros, gente dormindo em cima de papelão, óia lá do outro lado da rua! Que vida é essa?

Canto.

"A cidade cresceu, o campo encolheu
Tanto tempo passou, viola emudeceu
Capelinha na estrada, a história se perdeu
Aquele cantador, sou eu, sou eu
Aquele cantador, sou eu, sou eu!" (17)

CENA 16 – LEIS E DIREITOS

Ana Terena começa a sentir as dores do parto.

ANA TERENA: Meu povo, eu quero é saber de Galdino porque eu tô sentindo que meu filho tá querendo vim...

GALIZÉ: Pois eu quero saber o que de ruim esse Profeta fez pra deixarem o home tanto tempo na cadeia... Foi porque ele defendeu a terra onde nóis trabalhava? Porque ele contrariou ordem de patrão? E isso lá é crime?

MARIA LUZ: Porque ele quis proteger o rio, quando tiraram o rio do lugar, quando trocaram tudo do lugar?

ROSA DOS FOGOS: O Profeta só fez fortalecer a nossa fé, curou o povo da ignorância... Qual foi o crime?

JOÃO VIOLA: Querem saber? Não tem crime nenhum, não! O que fizeram com o Galdino tem outro nome... É injustiça. Não teve crime nenhum!

JOANA TAPERA: Não existe crime! Eu vi, eu tava lá!

CORO: Não tem crime nenhum!

Galdino surge, toca o sino de boi e começa a cantar. A Lua se faz presente.

GALDINO:

"Você corta um verso, eu escrevo outro
Você me prende vivo, eu escapo morto
De repente olha eu de novo
Perturbando a paz, exigindo troco
Vamos por aí eu e meu cachorro
Olha um verso, olha o outro
Olha o velho, olha o moço chegando
Que medo você tem de nós (olha aí)"

CORO:

"O muro caiu, olha a ponte
Da liberdade guardiã
O braço do Cristo, horizonte
Abraça o dia de amanhã, olha aí" (18)

CENA 17 – PARTO DA LIBERDADE

Ana Terena entra em trabalho de parto.

ANA TERENA: *(para Galizé)* Ai, não vai dar tempo de voltar, home, não vai dar tempo! Nosso filho tá nascendo!

GALIZÉ: Carma, Ana. O galo tá falando pra você respirar e deixar ele vim!

ANA TERENA: E eu quero saber de galo, Galizé? Ai, não vai ter jeito, eu vou ter meu filho bem aqui, no meio desse progresso!

GALDINO: *(se aproximando)* Carma, cabocla... Passa o teu sofrimento pra mim. Aperta minha mão, fia, que eu já tô calejado de sofrimento... Força, Terena! Força!

O galo Zaqueu canta; nasce a menina-peixe, filha de Ana Terena.

GALIZÉ: Nasceu, Ana! (*ao público, emocionado, segurando a filha)* Óia só, gente! É uma menina! Nossa filha é uma menina!

ANA TERENA: *(pegando a menina-peixe nos braços)* Nossa menina, Galizé!

JOANA TAPERA: Seja bem-vinda, menina! E será que ela veio com a coragem e a sabedoria pra entender tudo as diferença?

ROSA DOS FOGOS: Será que ela veio com força pra lutar?

MARIA LUZ: Será que ela trouxe o brilho nos olhos de quem não vai aceitar injustiça?

JOÃO VIOLA: E será que vai cantar pros quatro cantos a memória do nosso povo?

MARIA LUZ: Óia, gente, vem cá! O céu voltou a serenar!

Ana com a menina no colo.

ANA TERENA: Galdino, eu quero que o senhor ponha um nome na nossa menina. E que ocê batize ela, mas eu não quero que seja aqui nessas água escura, suja, não...

GALDINO: Num se preocupe que essa menina vai nadar em qualquer água, Terena! E se não for nessas água aqui, ela vai subir rio acima, fia, e vai nadar contra as corredeira da opressão. Assim como eu, que depois de tanto tempo preso, agora estou solto, essa menina vai aprender a ser livre. E eu te batizo, sim! *(para a menina-peixe)* Nada, fia, nada pela memória do nosso povo! Eu batizo ôcê de Liberdade!

Canto.

"Lá do céu evém caindo
Três raminhos de fulô
O do meio vem dizendo
Que esse rio é meu amor
É meu amor
O do meio vem dizendo
Lá do céu evém caindo
Três raminhos de fulô

Todo verso que eu sabia
Veio o vento e carregou
No caminho dessas águas
Muita gente acordou
Gente acordou
No caminho dessas águas
Todo verso que eu sabia
Veio o vento e carregou

Terra abaixo, rio acima
Numa barca enfeitada
O pouco com Deus é muito
O muito sem Deus é nada
Sem Deus é nada
O pouco com Deus é muito
Terra abaixo, rio acima
Numa barca enfeitada" (19)

Elenco agradece ao público e passa o chapéu enquanto canta.

"Eu não moro mais aqui
Nem aqui quero morar
Ô beira-mar, adeus dona
Adeus riacho de areia

Moro na casca da lima
No caroço do juá
Ô beira-mar, adeus dona
Adeus riacho de areia

Adeus, adeus
Eu já vou-me embora

Eu morava no fundo da água
Não sei quando voltarei
Eu sou canoeiro

Quando eu sair daqui
Vou sair daqui avoando
Ô beira-mar, adeus dona
Adeus riacho de areia

Para o povo não dizer
Que eu saí daqui chorando
Ô beira-mar, adeus dona
Adeus riacho de areia

Adeus, adeus
Eu já vou-me embora
Eu morava no fundo da água
Não sei quando voltarei
Eu sou canoeiro

"Terra abaixo, rio acima
Tudo isso eu já andei
Ô beira-mar, adeus dona
Adeus riacho de areia
Ô beira-mar, adeus dona
Adeus riacho de areia
Ô beira-mar, adeeeeus" (20)

REFERÊNCIAS

1 – Esta obra foi criada a partir de convite do Festival Literário de Iguape (SP), na edição de 2016, quando a organização homenageou o centenário do escritor mineiro Murilo Rubião. A personagem Galdino é inspirada em Aparecido Galdino Jacintho (1923-2020), conhecido como Aparecidão, líder religioso retratado no documentário "O Profeta das Águas" (Taus Audiovisuais, 2005), dirigido por Leopoldo Nunes (1966-2020), que também subsidiou o material de pesquisa e criação.

2 – "Linha do Equador" (Márcia Morelli)

3 – "Submersos" (Diego Guirado)

4 – "Pedra na água" (Márcia Morelli)

5 – "Tema Rosa dos Fogos", "Tema João Viola", "Tema Maria Luz", "Tema Ana Terena", "Tema Galizé", "Tema Joana Tapera" e "Tema Galdino" (Diego Guirado)

6 – "Terra-capim" (Márcia Morelli)

7 e 8 – "Tema Patrão" (Diego Guirado)

9 – "O rei vira gado" (Márcia Morelli)

10 – "O santo curou eu" (Márcia Morelli)

11 – "Pisa ligeiro" (Domínio Público/Folclore)

12 – "Louva-a-deus" (Fernando Brant e Milton Nascimento)

13 – "Pesadelo" (Maurício Tapajós e Paulo Cesar Pinheiro)

14 – "Viramos memória" (Márcia Morelli)

15 – "Varal" (Hugo Brasarock)

16 - "Levantados do chão" (Chico Buarque e Milton Nascimento)

17 – "Capelinha na estrada" (Márcia Morelli)

18 – "Pesadelo" (Maurício Tapajós e Paulo Cesar Pinheiro)

19 – "Caminho das águas" (Josino Medina)

20 – "Beira-mar – Riacho de areia" (Domínio Público/Folclore)

OI LÁ, INEZITA

2018

Ficha técnica

Dramaturgia: Diego Guirado, Fabiano Amigucci, Fagner Rodrigues, Glauco Garcia, Jaqueline Cardoso, Márcia Morelli e Simone Moerdaui

Direção e organização dramatúrgica: Fagner Rodrigues

Orientação dramatúrgica: Marcelo Romagnoli

Direção musical, direção de texto e preparação vocal: Babaya Morais e Everton Gennari

Elenco e musicistas: Diego Guirado, Fabiano Amigucci, Glauco Garcia, Jaqueline Cardoso, Márcia Morelli e Simone Moerdaui

Arranjos Musicais: Diego Guirado

Preparação corporal e coreografia: Andrea Capelli

Figurinos e adereços: Adbailson Cuba

Costura: Any Cardoso, Vergínia Santana e Sandra Santucci

Maquiagem: Fabiano Amigucci

Cenografia e design gráfico: Leonardo Bauab

Iluminação: Luis Fernando Lopes

Produção Executiva: Cássia Heleno e Vanessa Palmieri

Assessoria de imprensa: Graziela Delalibera

Pesquisa e produção: Cênica

Realização e produção original: SESI SP

Foto: Jorge Etecheber

PERSONAGENS (por ordem de entrada)

FESTEIRO 1
FESTEIRA 2
FESTEIRA 3
FESTEIRA 4
FESTEIRO 5
FESTEIRO 6
INEZITA SENHORA
INEZITA MOÇA
INEZITA MENINA
PAULISTANO 1
PAULISTANO 2
PAULISTANO 3
BICO DOCE
CUMPADE VIOLEIRO
CUMPADE PITADOR
REZADEIRA
SÃO GONÇALO
BOI
VIOLEIRO
VELHA
FILHO DA VELHA
CACHORRO QUEBRA-CORRENTE
JOVITA
MINEIRO
NOIVA
VELHO PESCADOR (SÃO GONÇALO DISFARÇADO)
DIABO

CENA CHEGANÇA

Chegança do elenco, em referência à Folia de Reis, tradição de nossa região, presente na obra de Inezita Barroso.

Cantam à capela:

TODOS: "Oi de casa
Oi de fora
Maria vai ver quem é
São os cantadô de reis
Quem mandou foi São José"

FESTEIRO 1: Dá licença, madrinha?

INEZITA *(voz de Inezita Barroso em off)*: Pode entrar que eu sou devota de Santo Reis!

Continuam a música, em um crescente de instrumentos e vozes.

TODOS: "Lá no céu uma estrela guia
Pros três reis apareceu
Vem dizer feito magia
Que a menina Inês nasceu
Oi lá..."

FESTEIRA 2: Mestres e mestras dessa região, chegamos por essas bandas, devagarinho feito tempo a espreguiçar. Vai ter festança e cantoria nessa viagem danada de bonita, é só deixar nós entrar...

TODOS *(cantam)*: "Já chegou por essas terras
Fazendo o mundo girar
O lugar de cada um é
Onde o coração está
Oi lá..."

FESTEIRA 3: Aos que vieram antes, peço licença pra chegar... Gente simples, de sabedoria, nós queremos é prosear. Prepara o café quentinho, o bolinho de fubá, o toco no quintal, que nós vamos se sentar.

TODOS *(cantam)*: "Seu amor pelas belezas
De um povo e seu cantar

Aflorou feito folia
De viola a enluarar
Oi lá..." [1]

FESTEIRA 4: Na roda da saia, na poeira que o calcanhar levanta quando batuca na terra, nos benzimentos, nos unguentos, nos ensinamentos que não vão se acabar... assim começa essa história.

FESTEIRO 5: Que história que nada, isso aqui é um causo.

FESTEIRA 2: Que causo o quê, isso aqui é um acontecido.

FESTEIRO 6: Que acontecido que nada, isso aqui é um fato vivido.

FESTEIRA 3: Que fato vivido que nada, isso aqui é algo recontado.

FESTEIRA 1: Deixa de besteira! Isso aqui é, como diria a minha vó, uma estória com "e"!

FESTEIRA 4: Larguem de enrolação! Isso aqui é um causo acontecido, um fato vivido, algo recontado, uma estória com "e" que começa com...

FESTEIRA 2: Um romance!

FESTEIRO 6: Não, eu acho que foi num passeio.

FESTEIRO 1: Que nada, foi um funeral!

FESTEIRO 5: Que trágico, eu acho que foi uma dor de barriga.

FESTEIRA 3: Nada disso, foi com emoção minha gente: foi em um assalto!

FESTEIRA 4: Ninguém acertou! Me contaram que foi numa festança!

TODOS: Festança é bão!

> *Música instrumental* [2]
>
> *Festeiros e festeiras dançam em referência e reverência às várias manifestações e danças populares do nosso Brasil.*

FESTEIRA 2: Foi numa festa de São João!

FESTEIRO 6: Nada disso, foi na festa do boi!

FESTEIRO 1: Que bestagem, foi numa congada!

FESTEIRO 5: Eu ouvi falar que foi na festa de São Gonçalo...

FESTEIRA 3: Eu acho que foi numa festa de Carnaval.

Apito de bateria de escola de samba.

FESTEIRA 4: Isso! Foi numa noite em que todos os cantos desse mundão festejavam essa tradição. Ela, a menina perfumosa, filha do pai água com a mãe terra, nasceu feito um sorriso.

Introdução instrumental [(3)].

FESTEIRO 1: Quando Inezita nasceu, no céu trovejou, galo cantou, lua brilhou. Saci, curupira, mãe d'água, tudo se ajuntou.

FESTEIRO 6: O tempo parou um cadinho, pra oiá o sereno que caía sobre ela e no quintal do vizinho.

Os festeiros cantam para a entrada das Inezitas Senhora, Moça e Menina.

FESTEIROS *(cantam)*:
"Serenô eu caio, eu caio
Serenô deixa cair
Serenô da madrugada
Não deixou meu bem dormir" [(3)]

FESTEIRO 5: Nossa menina tem uma longa jornada pela frente, que começa iluminada pela luz do tempo passado, da saudade saudosa, contada e vivida, pela lembrança que o futuro teima em esquecer.

CENA INFÂNCIA – SÃO PAULO DE ANTIGAMENTE

Cantam:

INEZITAS: "Lampião de gás
Lampião de gás

TODOS: Quanta saudade
Você me traz

INEZITA MENINA: Da sua luzinha verde azulada

Que iluminava a minha janela
Do almofadinha lá na calçada
Palheta branca, calça apertada

INEZITA SENHORA: Do bilboquê, do diabolô
Me dá foguinho, vai no vizinho
De pular corda, brincar de roda
De Benjamim, Jagunço e Chiquinho

INEZITAS: Lampião de gás
Lampião de gás

TODOS: Quanta saudade
Você me traz" (4)

PAULISTANO 1: Essa menina é fora da casinha!

PAULISTANO 2: Só anda no meio da molecada! Ela até manda nos meninos! As ordens dela são um decreto.

PAULISTANO 3: Ela odeia boneca, as de celuloide queima todas.

PAULISTANO 1: Fala que é para ver a fumaça, sentir o cheiro de plástico torrando.

PAULISTANO 2: Boneca? Ela gosta mesmo é de jogar pião, bola de gude, empinar papagaio.

PAULISTANO 3: Essa bugra vive descabelada, subir em árvores ela adora.

PAULISTANO 1: Única menina no time de futebol, a melhor ponta esquerda da Barra Funda.

INEZITAS *(continuam cantando)*: "Minha São Paulo, calma e serena
Que era pequena, mas grande demais
Agora cresceu e tudo morreu
Lampião de gás que saudade me traz"

CENA PAIXÃO CAIPIRA

INEZITA MENINA: Oi lá, eu, mulher, estou na estrada. Eu sempre ando pra frente.

INEZITA MOÇA: Nasci antes das cinzas de quarta. Pra ser dona do meu destino, não preciso da autorização de ninguém!

INEZITA SENHORA: Eu vivida, você inventada, ela misturada. Sem compromisso com a verdade, vou ser assoprada como vento vindo do sul.

INEZITA MENINA: Eu, Macunaíma paulistana, sou caipira de nascença! Importa isso?

INEZITA MOÇA: Sei lá o que minha mãe veio fazer aqui, que eu nasci na capital.

INEZITA SENHORA: É muito bolor em cima de mim. Sou as duas coisas!

INEZITAS *(juntas)*: Prefiro ser caipira!

Cantam:

INEZITA MENINA: "Eu sou cabocla tô chegando lá da roça
Inda falo virgem nossa,
eu ainda digo ué

INEZITA MOÇA: Sou sertaneja, não me nego e faço gosto
Tá escrito no meu rosto, só não enxerga quem não quer

INEZITA SENHORA: Eu sou aquele cheiro doce lá da mata
Água limpa da cascata, o verde dos cafezais

TODOS: Modéstia à parte sou o som daquela viola
Que um caboclo consola quando o acorde se faz" (5)

Inezitas contam à plateia:

INEZITA SENHORA: Eu me apaixonei de primeira pela viola. A música caipira é uma coisa que mora dentro das pessoas, é uma paixão pela terra, pela raça e sua gente.

INEZITA MOÇA: Andar a cavalo, carro de boi... Plantação de café é uma beleza na floração. A comilança das festas, doce de batata-roxa, de abóbora, rosquinhas, mandioca cozida com melado...

INEZITA MENINA: Oi lá, e ainda tem festejo pra tudo quanto é Santo! João, Antônio, José, Gonçalo... Eu adoro ganhar prenda na barraquinha da pescaria!

Música instrumental [6]*. Inezitas dançam a tradicional catira.*

CENA MENINA NÃO PODE

O caipira Bico Doce pesca no seu canto, acompanhado de seus "cumpade", um pitador e outro violeiro. Inezita se aproxima, curiosa.

INEZITA MENINA: Oi lá! O senhor gosta de pescaria?

BICO DOCE: Só mexo com pescaria.

INEZITA MENINA: Eu gosto de pesca, mas adoro mesmo é viola.

BICO DOCE: Só mexo com viola.

INEZITA MENINA: Eita! Então me ensina?

BICO DOCE: Deus me livre! Não tá vendo que ocê é atrevida? Tá estorvando minha pescaria! Presta atenção!

CUMPADE PITADOR: É, presta atenção!

Bico Doce inicia um desafio de cururu. O "cumpade" violeiro o acompanha.

BICO DOCE *(canta)*: "Eu tava aqui no meu canto
sossegado e ocioso
chegou essa menininha
me tirou o precioso
muié não pode pescá
viola não vai tocá
só pode nadá de roupa
nem bola pode chutá...

INEZITA MENINA: Ah é? O senhor acha isso mesmo? Vou te dar uma resposta... *(Canta)*:
Pra começo de conversa
eu não sou uma menininha
eu sou sim uma mulher
nasci fora da casinha

eu vou fazer o que quero
tudo o que me der vontade
vou tocar minha viola
de noite, manhã e tarde...

BICO DOCE: Menina má criada! *(Canta)*:
Pois fique ocê sabendo
muié para ter valô
não pode ficar querendo
ser artista tocadô
deve seguir o caminho
de uma muié recatada
se não for bela e do lar,
a mulher não tá com nada

INEZITA MENINA: Ai, que raiva desse coisa! Agora você vai engolir! *(Às outras Inezitas)* Vamos mostrar pra ele!

INEZITAS *(cantam)*: Pois mulher não é escrava
dos capricho de ninguém
carrega dentro do peito
o valor que ela tem
pro'cê que é bicho do mato
vou mandar o meu recado
para terminar a conversa
fique aí pescando sapo." (7)

Bico Doce se irrita com os desaforos de Inezita e, para ajudar, acaba pescando um sapo.

BICO DOCE: Diabo de menina! Vorta aqui, sua abusada! Isso não vai ficar assim! Vai tê troco! *(Ao Cumpade Violeiro, que vai saindo)* Ô, cumpade, vorta aqui com a viola!

CUMPADE VIOLEIRO: Vai papudo, tomou...

Os "cumpade" saem fazendo troça de Bico Doce, que fica sozinho.

BICO DOCE: Menininha desaforenta! Ocê vai vê uma coisa! *(À plateia)* Agora é assim: elas se ajunta de duas ou três e acha que pode fazê o que qué, a hora que qué, com quem quisé! Mas essa afronta na frente dos

meus cumpadi não vai ficar assim, não. Vai tê troco. Eu sei por onde chego, menininha. Eu tô no teu encarço. Ou eu não me chamo Bico Doce.

Bico doce sai furioso procurando a menina Inezita

CENA FESTA DE SÃO GONÇALO

Chega ao longe uma procissão de São Gonçalo.

TODOS *(cantam)*: "São Gonçalo é o violeiro
Que no céu faz a função
E na terra é festejado
Numa alegre procissão
Uma farda de marujo
Vai na caixa o patrão
Numa dança os devotos
Vão cantando a louvação" (8)

FESTEIRO 6: Atenção, atenção, minha gente querida! Vamos aproveitar a festança e fazer os pedidos pro Santo!

INEZITA MENINA: São Gonçalo, meu santinho querido, eu tenho um pedido. Eu sinto no meu coração uma vontade grande de tocar viola. Me concede essa graça.

REZADEIRA *(entra desembestada)*: Meu Santinho, me acode! O boizinho da minha fia fugiu do pasto. Faz ele aparecer, meu Santo, a criança tá até doente.

INEZITA MENINA: Vixe, meu Santo, criança doente tem prioridade, eu passo minha vez. Faz esse milagre.

SÃO GONÇALO: Eu só mexo com milagre.

Boi entra com a música. Estão todos em festa ao redor do boi, cantando:

INEZITA MENINA: "Ele não sabe que seu dia é hoje

TODOS: Ele não sabe que seu dia é hoje

INEZITA MENINA: Ele não sabe que seu dia é hoje

TODOS: Ele não sabe que seu dia é hoje

INEZITA MENINA: O céu forrado de veludo azul-marinho
Veio ver devagarinho
Onde o Boi ia dançar
Ele pediu pra não fazer muito ruído
Que o Santinho distraído
Foi dormir sem celebrar
E vem de longe o eco surdo do bumbá
Sambando

TODOS: A noite inteira encurralado batucando

INEZITA MENINA: E vem de longe o eco surdo do bumbá sambando

TODOS: A noite inteira encurralado batucando

INEZITA MENINA: Bumba meu Pai do Campo ôô

TODOS: Bumba meu boi-bumbá

INEZITA MENINA: Bumba meu boi-bumbá

TODOS: Bumba meu boi-bumbá

INEZITA MENINA: Bumba meu boi-bumbá

TODOS: Bumba meu boi-bumbá" (9)

Bico Doce aparece para se vingar. Atira e mata o boi.

BICO DOCE: Ah, menininha, eu não falei pr'ocê que aquela afronta na frente dos meus "cumpade" ia ter troco? Isso é pr'ocê aprender qual é seu lugarzinho nesse mundo.

Bico Doce sai comemorando a maldade de seu feito. Todos ficam muito tristes com a morte do Boi.

TODOS *(terminam o canto lentamente, em lamento)*:
Ele não sabe que seu dia é hoje
Ele não sabe que seu dia é hoje
Ele não sabe que seu dia é hoje" (9)

FESTEIRO 6: Maldade é coisa latente e intolerante. Chega sem tempo de

avisar, é dor que corta de dentro pra fora. Quando um boi morre por morte matada, o povo, seus saberes e tradições vão junto com ele.

INEZITA SENHORA: Meu São Gonçalo...

INEZITA MOÇA: ...traz o Boi de volta.

INEZITA MENINA: Revive o boizinho. Faz esse milagre, meu Santo.

SÃO GONÇALO: Inezita, minha filha, nada acontece sem querença. Para o Boi reviver, você vai ter que tocar essa viola.

INEZITAS: Isso é o que mais quero.

SÃO GONÇALO: Porém antes ela precisa ser encantada.

INEZITA MENINA: E como faço pra encantar?

SÃO GONÇALO: Esta é sua missão, minha filha, é seu chamado. Você vai partir em uma viagem perigosa, enfrentar muitos desafios!

INEZITA MOÇA: Eu tô preparada, pode falar que eu aceito essa empreitada.

SÃO GONÇALO: Sua jornada tem início na estrada de terra batida. Liberte a prisioneira do triste violeiro.

INEZITA MENINA: Libertar a prisioneira do triste violeiro.

SÃO GONÇALO: Depois, pela mata fechada, pegue o bigode da malvada pintada.

INEZITA SENHORA: Bigode da malvada pintada.

SÃO GONÇALO: Vai até a batalha da divisa com as terras estrangeiras, faça por merecer a medalha da heroína.

INEZITA MOÇA: A medalha da heroína.

SÃO GONÇALO: Logo ali, nas Gerais das pedras brilhantes, encontre aquilo que não se nega a ninguém.

INEZITA MENINA: Aquilo que não se nega a ninguém.

SÃO GONÇALO: Depois, navegue pelo choro da terra. Mas, cuidado! Não olhe para as tentações do barranco. Encontre a flor do amor.

INEZITA SENHORA: A flor do amor.

SÃO GONÇALO: E por último, aquilo cujo nome eu não posso falar, você vai ter que adivinhar.

INEZITAS: Aquilo cujo nome o Santo não pode falar?

SÃO GONÇALO: Vai, minha filha, se agarre na viola. Se cumprir essa missão, o boizinho vai acordar.

> *Inezitas saem cantarolando, felizes e corajosas em sua jornada.*

INEZITA MENINA: "Senhor moço me despache
Que mandaram me chamar
Pra cantar na Vila Nova
Ai adeus sabiá.

INEZITAS: Senhor moço me despache
Que mandaram me chamar
Pra cantar na Vila Nova
Ai adeus sabiá.

INEZITA MENINA: Eu me agarro na viola

INEZITA MOÇA: E a viola em mim

INEZITA SENHORA: Meus amigos vou-me embora

INEZITAS: Meu destino é assim" [(10)]

INEZITA MENINA: Na estrada de terra batida, encontrar e libertar a prisioneira do triste violeiro. Oi lá...

> *O violeiro vem ao longe, segurando uma gaiola e cantando com uma tristeza profunda.*

VIOLEIRO: "O joão de barro, pra ser feliz como eu
Certo dia resolveu arranjar uma companheira
No vai e vem, com o barro da biquinha
Ele fez sua casinha, lá no galho da paineira

INEZITA MENINA: Oi lá, seu moço, licença. Que linda essa cantoria.

VIOLEIRO *(segue cantando)*: Toda manhã, o pedreiro da floresta

Cantava fazendo festa pra aquela que tanto amava
Mas quando ele ia buscar um raminho
Pra construir seu ninho o seu amor lhe enganava

INEZITA MENINA: O seu moço, tô achando seu canto muito triste, que agonia danada, caboclo.

VIOLEIRO *(finalizando seu canto)*: Mas neste mundo o mal feito é descoberto
João de barro viu de perto sua esperança perdida
Cego de dor, trancou a porta da morada
Deixando lá sua amada presa pro resto da vida" (11)

INEZITA MENINA: Matuto, que ciumeira braba! Que isso, homem?

VIOLEIRO: Menina, eu só mexo com ciumeira.

INEZITA MENINA *(reparando na gaiola)*: Seu moço, por que o senhor não liberta essa passarinha? Não sei qual tristeza é maior, a sua ou a dela. Qual o motivo desse aperreio?

VIOLEIRO: Fia, tá vendo aquela tapera? Aquela tapera véia destruída pelo tempo. Tá vendo? Ali eu morei com Carolina, grande amor da minha vida. Nessa tapera eu passei os melhores anos. Conheci a cabocla numa roda de viola que nóis fazia, depois da lida da roça. Eu ponteava pra ela e ela ria, falava que minha viola parecia um passarinho cantador, que era tão bonito que fazia as pedras chorar, e falando essas coisas eu fui gostando dela, fui pegando confiança, bobo que eu sou... Porque o tempo passou eu descobri que Carolina além de ser linda que nem sereia, era também muié caprichosa, orgulhosa, espírito do cão, que fingiu gostar desse violeiro errante aqui só pra brincar comigo, só pra pisar no meu coração. Eu passei a ficar enciumado, não deixava mais ela dançar, nem sair de casa, nem usar roupa que chamava atenção. E num dia de descuido meu ela foi embora, sumiu no mundo, deixando pra trás uma dor dentro do meu peito. E desde o acontecido passei a prender a passarinha pra nunca mais me sentir sozinho.

INEZITA MENINA: Seu moço, e acaso presa desse jeito a passarinha canta?

VIOLEIRO: Depois que prendi, ela nunca mais cantou. Isso aumentou

ainda mais meu desatino e eu passei a chorar cantiga de tristeza, igual a essa, que ocê ouviu.

INEZITA MENINA: Deixe de bestagem, violeiro. Nesse mundo amor de homem não deve prender mulher, tampouco o contrário. O amor não pode ser posse, ele tem que ser livre, pra ficar e pra partir a hora que quiser. Carolina foi embora porque perdeu a liberdade! Largue de teimosia, caboclo, e abre essa gaiola. Liberta a pobrezinha da passarinha. Na natureza, eu tenho certeza que ela volta a cantar. Se o senhor fizer isso, vai até curar essa tristeza no peito. Pode confiar. Liberta ela, seu moço...

> *Música instrumental.* [12] *O violeiro liberta a passarinha. Aliviado com o desabafo e reconhecendo seu erro, entrega a fita de sua viola para a Menina Inezita.*

INEZITA MENINA: Oi lá, que eu consegui! Libertei a prisioneira do triste violeiro! Agora, vamos pro bigode da malvada!

CENA BIGODE DA ONÇA

> *Entram correndo uma velha e seu filho, esbaforidos, por medo da onça.*

VELHA: Raspa! Raspa!...

INEZITA MENINA: Oi lá! Tarde procêis. Que desespero é esse?

VELHA: Tarde, menina! Se nóis contá, ocê não vai acreditá!

INEZITA MENINA: Não vou acreditar por causa de quê, dona? É alguma assombração, é?

VELHA: Eu só mexo com assombração, menina, mas é de bicho vivo que tô falando.

FILHO DA VELHA *(à menina)*: O que procura por essas banda?

INEZITA MENINA: Tô numa missão de encantamento!

VELHA: Eu só mexo com encantamento!

INEZITA MENINA: Procuro o bigode da malvada pintada!

VELHA: Eu só mexo com bigode de marvada pintada!

INEZITA MENINA: Eita, então me conte o causo?

VELHA: Só mexo com causo!

INEZITA MENINA *(À plateia)*: Ih, já vi tudo... *(à velha)* Atalha, dona! Vamos ao acontecido.

A velha e seu filho cantam:

VELHA: "Apartei mato virge, botei roça, dirrubei surucucu

FILHO DA VELHA: ... e braúna grossa.

VELHA: Encoivarei, botei fogo...

FILHO DA VELHA: ... num queimô!

VELHA: Aprantei...

VELHA / FILHO DA VELHA: ... mode o bicho pintado não coiê!

VELHA: Eu tinha trêis minino: um mais maió, o outro menó, e outro mais pequeno.
Foro pra roça, vortáro morrendo...
O que é lá, menino???

FILHO DA VELHA: Num é nada não. Foi um bicho que nós vimo.

VELHA: Que jeito é o bicho?

FILHO DA VELHA: É um bicho pintado, a cabeça chata, as oreia redonda, ai os dente alvo, os bigode cumprido...

VELHA / FILHO DA VELHA: ...e o cabo como laço!

VELHA: É onça! Eu tinha três cachorro: o Corta-Vento, e o Tomba-Morro e o Quebra-Corrente!

QUEBRA-CORRENTE: Hauhau...

VELHA: Ói aqui, minino...

QUEBRA-CORRENTE: Hauhau...

VELHA: Essa bicha é valente...

QUEBRA-CORRENTE: Hauhau...

VELHA: Essa bicha é feroz...

QUEBRA-CORRENTE: Hauhau...

VELHA: Ela morde nóis!

QUEBRA-CORRENTE: Hauhau!

VELHA: Eu subi no pau, me deu uma febre, uma sezão...
Só chorei minha repetição!
Ai eu saí, ai de pau em pau,
ai de moita em moita,
ai de toco em toco,
ai de pau em pau,
ai de moita em moita,
ai de toco em toco...
(Atacando a onça)
Tchiiiiiiiiii!!!!

VELHA / QUEBRA CORRENTE: E o bichão caiu lá!" (13)

Escutam o rugido da onça, os dois se assustam.

VELHA: Raspa!!!!!

Quebra-Corrente late, querendo enfrentar a onça. Mas acabam fugindo..

INEZITA SENHORA *(entrando)*: Oi lá, que eu tô achando que isso é conversa de caçador.

Inezita Menina e Inezita Senhora vão buscar o bigode da onça no meio da plateia. Cantam.

INEZITA SENHORA: "Depois dessa patacoada, devagarim fui oiá
Quando trombei com a marvada prontinha a me esperar

INEZITA MENINA: Eu vi que não dava tempo, de com a onça eu conversar
Eu garrei no rabo dela e dei duas voltas no ar

TODOS: Ai ai ai ai não é mentira não
Pode increditá sou caboclo bão.

INEZITA SENHORA: Ói que eu não sou mentirosa
Nem gosto de embromação
Mas vou cantar o fim da história, contada pelo povão

INEZITA MENINA: Peguei a onça na unha, lá no fundo do grotão
Garrei nas zorêia dela e puxei o bigodão

TODOS: Ai ai ai ai não é mentira não
Pode increditá sou caboclo bão." (14)

INEZITA MENINA *(com o bigode da onça em suas mãos)*: Oi lá, nós conseguimos! O bigode da marvada também já foi!

CENA JOVITA

Ao longe, som de uma banda militar, vai se aproximando. (15)

INEZITA MOÇA: Na batalha da divisa com as terras estrangeiras, fazer por merecer a medalha da heroína.

INEZITA MENINA *(canta)*: "Aí quando eu vim
da minha terra
Despedi da parentáia
Eu entrei no Mato Grosso
Dei em terras Paraguaia
Lá tinha revolução
Enfrentei fortes batáia ai, ai" (16)

INEZITA SENHORA: Essa próxima andança, eu não tive trabalho em realizar. É algo que acontece ainda todos os dias. Minha missão é lembrar. Eu anotei o fato vivido e gravei na alma o nome dela, Jovita.

INEZITA MOÇA: Jovita

INEZITA MENINA: Jovita

JOVITA: Eu os via ao longe... passavam em batalhão. Era sonho de criança olhando da janela: aquela farda, o passo firme, a luta, eu queria!

CORO MASCULINO: Não pode! Mulher não pode.

JOVITA: Se mulher não podia, de homem eu me disfarcei, sem medo do que tinha que enfrentar. Era pra quebrar as barreiras, mudar as coisas de lugar.

Cantam:

INEZITA SENHORA: "Eu tava lá em casa ô iá iá
sem pensa nem vadiá

TODOS: Eu tava lá em casa ô iá iá
sem pensa nem vadiá

INEZITA SENHORA: Quando vi bater na porta, quando vi bater na porta
Ô iá iá Salomão mandou chamar, era hora de brigar
Era tempo de lutar
Eu que nunca fui de briga, percebi que ia lutar, nego véio
E botei arma na mão, era hora de brigar, era tempo de lutar
Êh êh, capoerê, camará,

TODOS: Êh, capoerê, camará

INEZITA SENHORA: Êh, viva meu Deus, camará

TODOS: Êh, viva meu Deus, camará

INEZITA SENHORA: Êh, aruandê, camará

TODOS: Êh, aruandê, camará

INEZITA SENHORA: Êh, faca de ponta

TODOS: Êh, faca de ponta

INEZITA SENHORA: Êh, sabe furar, camará

TODOS: Êh, sabe furar, camará" (17)

JOVITA *(narra sua própria morte)*: Eu vi os olhos dele me olhando, bicho em espreita, bote armado, pronto pra atacar. Eu não tive medo daquele homem. A bala vinha certeira na direção da criança que pela tropa era protegida. Me atirei na frente dela, perfurou a carne quente, feminina, minha pele. Foi então que descobriram que o herói era heroína. Aqui Inês não é morta. Vai, menina, segue, vai e espalha minha luta.

Inezitas velam o corpo de Jovita e recolhem sua medalha de heroína.

INEZITAS *(cantam)*: "Eu peguei teu retratinho
E transformei numa medáia
Com um vestidinho branco
E um laço de cambraia
E ponhei perto do peito
Onde o coração trabáia, ai, ai" (16)

INEZITA SENHORA: Ninguém deve morrer de morte matada. Toda vez que um homem mata uma mulher, uma estrela se apaga no céu e a escuridão se espalha como braquiária no chão. Eu segui, rumo às Gerais das pedras brilhantes.

Seguem todos em um jipe guiado por Inezita. Cantam.

FESTEIROS: "Vou me embora, vou me embora
Mineiro tá me chamando

INEZITAS: Mineiro tem mau costume
Chama a gente e vai andando

FESTEIROS: Mineiro que vai pra mina
Quando vem rompendo aurora

INEZITAS: Se a gente demora um pouco ele se queima e vai embora

TODOS: Mineiro véio, mineiro de Diamantina
Cava terra o ano inteiro, tira ouro e prata fina

FESTEIROS: Quem quisé ané no dedo
Vai cavar ouro na mina

TODOS: Mineiro véio, mineiro de Diamantina
Cava terra o ano inteiro, tira ouro e prata fina" (18)

No final da canção, fura o pneu do jipe.

CENA CADÊ O BORRACHEIRO?

INEZITA SENHORA: Oi lá. Boa tarde.

MINEIRO: Tarde.

INEZITA SENHORA: Nossa como eu andei, aqui tudo é longe, né?

MINEIRO: Não é não, só um cadiquinho de nada.

INEZITA SENHORA: Eu já andei um bocado, pior que não encontrei uma viva alma pelo caminho. Até parece que a cidade tá deserta!

MINEIRO: Não, fia, é que depois do armoço o pessoar tira um cochilo!

INEZITA SENHORA: Nossa... quente aqui, não?

MINEIRO: É o sor, né...

INEZITA SENHORA: Será que o senhor pode me ajudar?

MINEIRO: Eu posso ajudar, sim senhora!

INEZITA SENHORA: É que o pneu do meu jipe furou e...

MINEIRO: Ah, cê tá de jipe, é? Quem tá dirigindo?

INEZITA SENHORA: Eu mesma!

MINEIRO: Óia, nunca vi muié dirigir jipe!

INEZITA SENHORA: Pois é, mas eu dirijo!

MINEIRO: Moderno!

INEZITA SENHORA: Enfim, o senhor sabe se tem algum borracheiro por aqui?

MINEIRO: Eu sei dizer, sim senhora!

INEZITA SENHORA: E tem?

MINEIRO: Tem, sim senhora!

INEZITA SENHORA: E o senhor o conhece?

MINEIRO: Conheço, sim senhora!

INEZITA SENHORA: Ah, que bom. E ele tá muito longe?

MINEIRO: Não, nada. Dois passinho daqui!

INEZITA SENHORA: Que bom! O senhor pode me falar onde fica?

MINEIRO: Fia, cê tá vendo aquela igreja?

INEZITA SENHORA: Nossa, passei por ela agora mesmo. É lá?

MINEIRO: Não, não é lá não! Aquela igreja lá, fia, foi construída pelos preto cativo. Por isso botaro o nome nela de Nossa Sra. do Rosário dos Homens Pretos.

INEZITA SENHORA: Ah, que curioso, bastante curioso. Mas e o borracheiro?

MINEIRO: Fia, cê ta vendo aquela incruzinhada?

INEZITA SENHORA: O borracheiro é pra lá?

MINEIRO: Não é pra lá não. Aquela incruzinhada ali, num dia de ventania, de tempestade, quando forma um redimunho, se ocê botar uma peneira no meio do redimunho e enfiar uma faca dentro, ocê pega um saci.

INEZITA SENHORA: Saci, é? E o senhor já pegou algum?

MINEIRO: Claro! Eu já peguei argum sim. Tá presinho na garrafa lá em casa.

INEZITA SENHORA: Na garrafa, é? Mas o borracheiro não fica lá nessa encruzilhada não, né?

MINEIRO: Não, fica lá não senhora. Mais, ói, ocê tá vendo aquela estrada de ferro, que vai bem aqui?

INEZITA SENHORA: E é lá?

MINEIRO: Não é lá não, mas se ocê seguir por riba dos dormente, ocê vai dar numa mina. Ali muita gente já fez fortuna. Inclusive nessa mina trabalhava os preto que construiro a igreja. De dia eles lidava na mina, e de noite eles passava construino a igreja. Não é curioso?

INEZITA SENHORA: Curioso... Bom já que nem sinal do borracheiro, será que o senhor podia me arranjar um copo de água? Tá muito quente!

MINEIRO: Água? Ô fia, por amor a São Gonçalo, um copo de água não se nega pra ninguém. *(Chamando ao lado)* Ô borracheiro, arranja um copo d'água aqui pra moça.

> *Inezita Moça traz um copo com uma fita azul, que é colocada na viola.*

INEZITA MOÇA: É nessa profundidade cristalina que está presente nosso bem mais precioso, a sabedoria popular. Para seguir viagem por essas águas eu peço licença. Está chegando a hora de acordar o boizinho. Agora só falta achar a flor do amor.

CENA NAVEGAR É PRECISO

Inezitas viajam a bordo de uma canoa, rumo à sua próxima missão.

TODOS *(cantam)*: "Zum, zum, zum, lá no meio do mar
Zum, zum, zum, lá no meio do mar
Como pode um peixe vivo
Viver fora d'água fria?
Como pode um peixe vivo
Viver fora d'água fria?
Como poderei viver
Como poderei viver
Sem a tua, sem a tua
Sem a tua companhia?
Sem a tua, sem a tua
Sem a tua companhia?
O Rio de São Francisco
Corre de noite e de dia
O Rio de São Francisco
Corre de noite e de dia
Só o tempo é que não corre
Só o tempo é que não corre
Sem a tua, sem a tua
Sem a tua companhia
Sem a tua, sem a tua
Sem a tua companhia
Zum, zum, zum, lá no meio do mar..." (19)

CENA A ARMADILHA

Anoitece e Inezita ouve um som estranho, que não consegue identificar. Um canto o acompanha:

"Marabá, ô ô, Marabá... Marabá, ô ô, Marabá!"

Uma noiva surge, à margem do outro lado do rio.

NOIVA *(narrando)*: Chegou! "Chegou a vez do Antônio mergulhar no escafandro, diamante mais bonito ele precurá! Antônio? Rapaz forte! Caboclo lá do Norte! Tem uma noiva na cidade e pretende se casar! Causa tristeza, causa dó e causa nojo, que um danado dum rebojo tudo transformou! E hoje em dia, eu pago a quem encontrar o coração do Antônio no fundo do Marabá"

Sacode uma latinha de moedas que traz às mãos, e a oferece para Inezita Menina, enquanto canta.

NOIVA: "Marabá, ô ô, Marabá! Marabá, ô ô, Marabá!"

INEZITA MENINA: Que moedas brilhantes, será essa a próxima missão?

Inezita Menina quase pega as moedas, quando se lembra do Santo.

INEZITA MENINA: Espera aí, bem que o Santinho me avisou: "Não olhe para o barranco e tenha cuidado com as suas tentações. Encontre a flor do amor". Isso só pode ser uma armadilha. Não vou olhar, não vou pegar, não quero nem ver.

NOIVA *(decepcionada, vai-se embora)*: "Diamante mais bonito lá no fundo está.
Lá no fundo mais profundo lá do Marabá.
Lá no fundo mais profundo lá do Marabá.
Lá no fundo mais profundo lá do Marabá..." [20]

INEZITA MENINA: Que paixão doentia, que susto! Onde já se viu tentar comprar alguém pra resgatar o amor perdido? Isso não tem valia.

Inezita Senhora sopra nos ouvidos de Inezita Menina, como uma lembrança.

INEZITA SENHORA: O vovô!

INEZITA MENINA: Meu avô, que era do Norte, foi um caboclo que nasceu na beira do rio. Eu o vejo refletido nessas águas, e escuto uma canção que ele entoava para me fazer dormir. A canção contava uma história do amor do povo Macuxi.

CENA CORRENTEZA DA LEMBRANÇA

INEZITA MENINA *(canta)*: "Tamba-tajá me faz feliz
Que meu amor seja só meu de mais ninguém,
Tamba-tajá me faz feliz...
Assim o índio carregou sua macuxi"

INEZITA MENINA *(narra)*: Meu avô contou que a moça e o moço Macuxi se apaixonaram, que viveram felizes uma vida boa, que eram inseparáveis. E um dia a moça se adoentou. Ela não conseguia mais andar. Seu parceiro não abandou sua amada, ele teceu uma grande tipoia e a carregava ela por todo canto aonde ele ia.

Prossegue com seu canto:

"Tamba-tajá me faz feliz
Que seu amor seja só meu de mais ninguém,
Tamba-tajá me faz feliz
Que mais ninguém possa beijar o que beijei [21]

INEZITA MENINA *(narra)*: Mas o infortúnio do destino aconteceu. A moça veio a falecer e o moço, que era só tristeza, cavou uma cova na beira do riacho, pra enterrar seu amor. Desconsolado, acabou se enterrando junto com ela. E foi ali, na beira do igarapé, que nasceu a flor do amor, a flor do amor dos Macuxi. É isso, eu encontrei a flor do amor, que me veio na correnteza da lembrança! *(Recolhe a flor do amor)* Bendito vovozinho! Oi lá! Pronto, já encantei minha viola, agora vamos reviver esse boizinho.

As três Inezitas tocam a viola, na esperança de terem cumprido a missão. Porém, o Boi não levanta.

CENA VIOLA QUEBRADA

São Gonçalo faz uma aparição.

SÃO GONÇALO: Inezita, minha filha, ainda falta a última e derradeira missão. Aquilo cujo o nome eu não posso falar.

INEZITA MENINA: Eu não sei o que é, eu não vou dar conta, não quero mais.

INEZITA MOÇA: Estou cansada. Já andei muito, fiz tanta coisa.

INEZITA SENHORA: Ninguém valoriza, nem reconhecem o que eu faço.

INEZITAS: Eu não quero mais tocar viola.

Cantam, desoladas:

"Minha viola gemeu
Meu coração estremeceu
Minha viola quebrou
Meu coração me deixou"

De tristeza, as Inezitas devolvem a viola para o Santo e prometem nunca mais tocar.

INEZITA MENINA: Eu andei por tantos lugares, conheci muita gente, seus costumes, saberes.

INEZITA SENHORA: Pesquisei, cataloguei, cantei, e pra quê?

INEZITA MOÇA: Ninguém dá valor. Foi um trabalho em vão.

INEZITAS *(cantam)*: "Minha viola gemeu
Meu coração estremeceu
Minha viola quebrou
Meu coração me deixou" (22)

CENA O SANTO, O VELHO E O MAR

Inezitas encontram um velho pescador, sem saberem que ele é São Gonçalo disfarçado.

VELHO PESCADOR: Oi lá, menina, tá perdida?

INEZITA MOÇA: Não senhor. Eu nunca fui achada.

VELHO PESCADOR: Se afastou demais da suas terra, foi?

INEZITA SENHORA: Um bocado, eu não quero mais.

VELHO PESCADOR: E tu tá com medo, fia?

Inezitas baixam a cabeça.

VELHO PESCADOR: O medo não é ruim não, menina, o medo é bicho bom. Tu sabes que toda as pessoa têm um medo principal? Desses que se tu mirar bem no fundo dos óio dele, ele te dispara lá pra adiante? Eu também tenho um! Tu queres saber qual o medo desse velho pescador?

Inezitas fazem que sim. Ele canta.

VELHO PESCADOR: "Eu com a minhas rede na beira do mar
Óio aquela vela branca lá no fim do mar
Vejo que o céu tá pretiano
Que o sor tá sumino, vento tá chegando
Temporá vem vino...
Cuidado meu fio
É o temporá que manda o vento por cima do mar
É o vento que tem braço cumprido
Que tem mãos grande, unhas de ferro
É o vento que arranca os mastro, rasga as velas
E faz um risco de fogo no céu
É o temporal que manda o vento, meu fio
O vento que sai mancando por cima do mar
Querendo afundá os navio e as jangada
Pruque o tempo é ciumento, meu fio
E qué fazê buraco nas água
Pra sepultá os pescadô meu fio
Os pescadô que passeia com a brisa
Pro cima do mar...
Meus cabelo branco num me deixa mais pescá
Minhas mãos sargada só pode remendá
As vela que meu fio carrega no mar
As rede que agasáia o colo de Iemanjá" (23)

(Falando às Inezitas): Às vezes, pra arguma coisa fazer sentido, é preciso oiá bem no fundo dos óio do medo e fazer o caminho de vorta, pelo avesso. Vai, menina, vai nesse caminho que agora tu conheces tão bem. Vai.

INEZITA MOÇA: Eu não posso desistir. Tem muita gente que depende de mim. Eu não posso deixar esse boizinho morrer!

INEZITA SENHORA: Que todos os ritos e tradições me protejam.

INEZITA MENINA: Não tem maldade, não tem descaso nesse mundo que me faça desistir!

CENA PROTEÇÃO DE TODOS OS ANCESTRAIS

Cantam:

INEZITA MENINA: "Hoje é dia de Ogum, vamos todos festejar
Com as bençãos de Olorum,
Ogum vem pra nos salvar
Ogum tava de ronda, Ogum veio rondar

TODOS: Ogum tava de ronda, Ogum veio rondar

INEZITA MENINA: Auê auê, ronda e mata Ogum Megê

TODOS: Auê auê ronda e mata Ogum Megê.

INEZITA MENINA: Ogum Megê,

TODOS: Ogum Megê,

INEZITA MENINA: Ogum Megê,

TODOS: Ogum Megê," [24]

INEZITA MENINA: Oi lá, eu já sei! O santinho não pode falar é o nome do tinhoso!

INEZITA SENHORA: É o avesso, o coisa ruim, o bicho sem pescoço.

INEZITA MOÇA: Pra encantar minha viola e acordar o boizinho, só falta encontrar o guizo da cascavel, que fica preso no rabo do diabo!

CENA ENCONTRO COM O DIABO

Entra o Diabo, cantando. As Inezitas o observam, escondidas.

DIABO: "De noite eu rondo a cidade
A lhe procurar sem encontrar
No meio de olhares espio em todos os bares
Você não está
Volto pra casa abatido
Desencantado da vida
O sonho alegria me dá
Nele você está
Porém com perfeita paciência
Volto a te buscar
Hei de encontrar
Bebendo com outros homens
Rolando um dadinho
Jogando bilhar
E nesse dia então
Vai dar na primeira edição
Cena de sangue num bar da avenida São João" [(25)]

Inezitas se aproximam e o desafiam.

INEZITA MENINA: Oi lá, seu tinhoso! Eu tô aqui é pra um desafio!

DIABO: Eita, menininha, só mexo com desafio. E de mulherzinha assim é muito fácil ganhar.

INEZITA MOÇA: Ah é, seu machão? Então eu quero ver quem aguenta ficar de pé, até secar essa garrafa aqui.

DIABO: Hahaha, eu não deito pra ninguém há séculos, ainda mais com cachaça.

INEZITA SENHORA: Então prepara a garganta que a caninha vem queimando. E o que você tem no rabo...

INEZITAS *(juntas)*: ... vai me dar cantando!

Durante o desafio, as Inezitas enganam o diabo, jogando fora a bebida do seu copo enquanto fazem o diabo beber mais. Cantam:

INEZITAS: "Com a marvada pinga é que eu me atrapaio
Eu entro na venda e já dou meu taio
Eu pego no copo e de lá num saio,
ali memo eu bebo, ali memo eu caio
Só pra carregar é que eu dô trabaio
Oi lá

DIABO: Venho da cidade e já venho cantando
Trago um garrafão que venho chupando
Venho pros caminho, venho trupicando,
chifrando os barranco, venho cambeteando
E no lugar que eu caio...

INEZITAS: ... já fica roncando
Oi lá
O marido disse, ele me falou:

DIABO: Largue de bebê, peço por favor

INEZITAS: Prosa de diabo nunca dei valor,
Bebo com o sor quente pra esfriar o calor
E bebo de noite é pra fazê suador
Oi lá

DIABO: Cada vez que eu caio, caio deferente
meaço pá trás e caio pá frente,
caio devagar, caio de repente,
vô de corrupio, vô diretamente
Mas sendo de pinga, eu caio contente
Oi lá

INEZITAS: Pego o garrafão e já balanceio
Que é pá mor de vê se tá mesmo cheio
Não bebo de vez porque acho feio,
no primeiro gorpe chego inté no meio
No segundo trago é que eu desvazeio
Oi lá

DIABO: Eu bebo da pinga porque gosto dela
Eu bebo da branca, bebo da amarela
Bebo nos copo, bebo na tigela

Bebo temperada com cravo e canela
Seja quarqué tempo...

INEZITAS: ...vai pinga na guela
Oi lá
Eu fui numa festa no Rio Tietê
Eu lá fui chegando no amanhecê

DIABO: Já me dero pinga pra mim bebê
Já me dero pinga pra mim bebê...

INEZITAS: ...tava sem ferver
Cê bebeu demais e ficou mamado
Cê caiu no chão e ficou deitado
Aí eu fui pra casa de braço dado
Ai de braço dado, ai com dois sordado
Ai muito obrigado!" (26)

Inezita pega o guizo do rabo do diabo, o coloca na viola e dedilha uma música. (27)

INEZITA MENINA: Oi lá que eu consegui! Encantei minha viola! Agora vou reviver esse boizinho, com as bençãos das violeiras de todo esse meu país!

CENA REVIVENDO O BOIZINHO, VIVA A CULTURA POPULAR!

SÃO GONÇALO *(canta)*: "Lá vem meu boi urrando
subindo o vaquejador
deu um urro na porteira
meu vaqueiro se espantou
o gado da fazenda
com isso se levantou.

O boizinho se levanta e vira uma festa ao seu redor.

TODOS *(cantam)*: Urrou, urrou, urrou, urrou
meu novilho brasileiro
que a natureza criou" (28)

CENA DESPEDIDAS

INEZITA SENHORA: A andança foi grande, uma vida inteirinha dedicada ao saber. Eu conheci a fundo nosso país e suas tradições. Eu, eu fiz tudo o que queria.

INEZITA MOÇA: O prazer de escutar cada sotaque, o gosto de cada comida, o batuque de cada região.

INEZITA MENINA: Cururu, maracatu, folia de reis, frevo, jongo, congada, tanta coisa linda.

INEZITA SENHORA: O papo está bom, mas é chegada a hora de me despedir. A minha história é tão grande, ela inteira vocês não iam aguentar.

INEZITA MENINA: Foi uma jornada incrível e eu penso que isso nunca vai acabar, em especial a cultura caipira.

INEZITA MOÇA: Sim, eu sou caipira e a música caipira é intocável, porque...

INEZITAS: ...vem de dentro da gente!

Inezitas cantam. As atrizes que as interpretam vão se despedindo delas, colocando os adereços na viola, que lentamente sobe ao céu.

INEZITA SENHORA: "Adeus Guacira
Meu pedacinho de terra!
Meu pé de serra
Que nem deus sabe onde está

INEZITA MOÇA: Adeus Guacira
Onde a lua pequenina
Não encontra na colina
Nenhum lago pra se olhar!

INEZITA MENINA: Eu vou-me embora
Mas eu volto qualquer dia
Virgem Maria tudo há de permitir

INEZITAS: E se ela não quiser
Eu vou morrer cheia de fé
Pensando em ti" [(29)]

Entram os festeiros e as festeiras, cantando e dançando.

FESTEIROS: "Eu já estou de retirada
É madrugada dou lembranças aos senhores
Sinto uma dor
Dona da casa
Até para o ano se eu vivo for
Adeus boa sorte para todos
Eu já me vou
Já vou me retirar
Tenho saudades dessa noite tão bonita
O meu coração palpita
Que eu não posso tolerar." (30)
Oi, lá

Fim

REFERÊNCIAS

1 – "Devoção à Santos Reis" (Valter Silva, adaptação: elenco do espetáculo)

2 – Música incidental de sonorização (Diego Guirado)

3 – "Serenô" (Antônio Almeida)

4 – "Lampião de gás" (Zica Bérgami)

5 – "Caipira de fato" (Adauto Santos)

6 – "O rio de lágrimas" (Lourival dos Santos/Piraci/Tião Carreiro)

7 – "Desafio de cururu" (Tema: Menina não pode / Adaptação do elenco)

8 – "O santo violeiro" (Capitão Furtado/Téo Azevedo)

9 – "Boi-bumbá" (Waldemar Henrique)

10 – "Tirana de Vila Nova (Eu me agarro na viola)" (Domínio Público, adaptação Waldemar Henrique)

11 – "O joao de barro" (Teddy Vieira/Muibo Cury)

12 – "O inhambú-xintã e o xororó" instrumental (Athos Campos/ Serrinha)

13 – "Moda da onça" (Domínio Público, recolhida em Itapecerica da Serra por Inezita Barroso)

14 – "Conversa de caçador" (Edwina de Andrade)

15 – Sonorização: toque de caixa militar.

16 – "Cuitelinho" (Domínio público. Adaptação Antonio Carlos Xandó/ Paulo Vanzolini)

17 – "Capoeira de Salomão" (Domínio público, música tradicional baiana)

18 – "Mineiro tá me chamando" (Zé do Norte)

19 – "Peixe vivo" (Domínio público, cancioneiro mineiro)

20 – "Marabá" (Domínio público, adaptação José Mauro Vasconcellos)

21 – "Tamba-tajá" (Waldemar Henrique)

22 – "Viola quebrada" (Mário de Andrade)

23 – "Temporal" (Paulo Ruschel)

24 – "Festa de Ogum" (Babi de Oliveira)

25 – "Ronda" (Paulo Vanzolini / Adaptações: elenco)

26 – "Moda da pinga (Festança no Tietê)" (Ochelcis Aguiar Laureano / Adaptações: elenco)

27 – "Guaxo" (Helena Meirelles)

28 – "Boi do Pindaré" (Bartolomeu dos Santos, o "Mestre Coxinho")

29 – "Guacira" (Joraci Camargo/Hekel Tavares)

30 – "Despedida" (Domínio público. Adaptação Antônio Nobrega/Wilson)

Fonte de pesquisa de compositores: Dicionário Cravo Albin e Acervo TV Cultura/Programa Viola Minha Viola.

de mais ninguém

2019

Ficha técnica

Dramaturgia: Andrea Capelli, Beta Cunha, Clara Tremura, Larissa Macena, Mariana Gagliardi, Nathália Fernandes, Simone Moerdaui, Suria Amanda e Vanessa Palmieri

Direção: Nathália Fernandes

Assistente de direção: Simone Moerdaui

Provocações: Fabiano Amigucci e Fagner Rodrigues

Direção musical: Jaqueline Cardoso

Elenco: Andrea Capelli, Beta Cunha, Clara Tremura, Mariana Gagliardi, Simone Moerdaui, Suria Amanda e Vanessa Palmieri

Execução sonora: Larissa Macena

Preparação vocal: Babaya Morais

Preparação corporal: Andrea Capelli

Direção de arte e figurinos: Fabiano Amigucci

Costura: Vergínia Santana

Maquiagem: Suria Amanda

Cenografia e adereços cênicos: Léo Bauab

Assistência em cenografia: Gael Camilo e Rafael Lemis

Colaboração em pesquisa: Christina Martins, Gabriela Sampaio e Márcia Morelli

Oficina Mulheres no Teatro: Quiteria Kelly

Assessoria de imprensa: Graziela Delalibera

Pesquisa e produção: Cênica

Apoio: Sesc Rio Preto (Laboratório Cênico) e Cursinho Alternativo

Foto: Rosi Caires

PERSONAGENS

GATA
BRUXA / BUFONA / ATRIZ 1
BRUXA / BUFONA / ATRIZ 2
BRUXA / BUFONA / ATRIZ 3
BRUXA / BUFONA / ATRIZ 4
BRUXA / BUFONA / ATRIZ 5

São três os arquétipos de representações presentes. Eles assumem o protagonismo, se misturam e se transformam durante o espetáculo, dando voz e corpo às personagens. São eles:

As Atrizes, que trazem suas problemáticas, questionamentos e vivências pessoais como desmembramento de suas individualidades dentro de cada narrativa. As Bruxas, que são a personificação da visão sagrada, mística e ritualística da força feminina. São encarregadas pela cura e sabedoria da ancestralidade presente no universo. E as Bufonas, que por meio da representação de uma caricatura grotesca e estereotipada das mulheres, construída e disseminada pelas classes dominantes, aproveitam para criticar uma sociedade doente, evidenciando suas problemáticas. Assumem a função de bufão ao estabelecer comunicação com o público por meio da paródia, do deboche, da injúria, da crueldade, da sátira, da escatologia e da ironia.

PRÓLOGO

Em um clima ritualístico, as Bruxas recepcionam a plateia, até que, em um dado momento, saem de cena e a Gata dá início ao espetáculo.

BRUXA 1: "Mulheres que esbravejam a dor da terra em uivos, avisam: já não há quem possa! Filhos meus, seus, nossos: não lhes devemos nada! Refeito o começo bíblico, vocês refarão a história de suas eternas inquisições de fogueiras em beiras de abismos! Não ferirão nenhum corpo por ser feminino com faca, ou murro, ou graveto! Eu prometo! Serão delas a espada, e não o algoz! Refaço! Rechaço! E no final ideal não terão domínio sobre mulher alguma! E no final ideal não terão domínio sobre mulher alguma!" (1)

Ao final do texto, batidão de funk.

BRUXA 2: É tchu. É tcha. É tchu, tchu, tcha!

BRUXAS *(cantam)*:

"Se você quer Amélia, Amélia, na sua vida
pode parar, parar, parar, para pensar
Se você quer Amélia, Amélia, na sua vida
pode parar, parar, parar, e recomeçar" (2)

Ainda na batida da música:

BRUXA 1: Uma das primeiras histórias que nos é contada desde o princípio dos tempos. Da terra, Deus fez as aves e os animais selvagens.

BRUXA 3: Do pó, fez o homem e a mulher escarlate.

BRUXA 4: Indomável, indômita, ela voou aos céus.

BRUXA 2: Dele compadecido, Deus tomou do homem uma costela e, para que o servisse, concebeu a segunda mulher, a dócil...

BRUXA 5: ...aquela a quem, por séculos, fizeram acreditar que o voo perfeito seria aquele destinado a uma gaiola.

BRUXA 3: E então, um anjo esbelto, louro, desses que tocam trombeta, anunciou:

Gata introduz, com um som desafinado de trompete.

BUFONAS: Mulher, você será exaltada, aclamada, idolatrada, santificada e, somente por ser mulher, vai se foder!

Gata mia.

BUFONA 3: Somos aquelas mulheres que foram por eles demonizadas e transformadas nestas bruxas toscas. Assumiremos essa figura inventada, mas não se enganem: nosso papel nesse teatro é o de representar eles mesmos, os algozes.

Gata mia. Bufonas riem sarcasticamente enquanto se afastam, na preparação para o casamento.

CENA 1

ATRIZ 2: Eu nasci nua, sem saber que meu corpo seria um templo de ordens e obrigações.

Entra "Marcha Nupcial." Bufonas choram. Sarcasmo. Enquanto isso, a Atriz 2 estica uma corrente, percorrendo o longo caminho até o altar.

BUFONA 1 *(bate a panela)*: Acabou o glamour, querida!

BUFONA 4: Agora a senhora é uma mulher casada!

BUFONA 3: Não vai me queimar o arroz, hein?!

BUFONA 5: Prende ele pela barriga!

CORO DE BUFONAS *(canta)*: Miga, sua louca! Miga, sua louca! Miga, sua louca!

BUFONA 5: O que uma mulher casada deve saber. Feitiço nº 1: mantenha uma aparência impecável. Cabelo ok, perfume ok, marquinha ok e unha ok. Tá ok?!

BUFONA 4: Feitiço nº 2: deixe a sua casa limpa. A desordem no banheiro desperta no marido a vontade de tomar banho fora de casa.

BUFONA 1: Feitiço nº 3: você até pode trabalhar fora, desde que seja

uma boa mãe, cumpra com suas obrigações em casa e não falte com seu marido.

BUFONA 3: Feitiço final: se desconfiar da infidelidade dele, redobre seu carinho e as provas de afeto. E lembre-se de elogiá-lo em tudo! Trouxe o pão?

CORO DE BUFONAS: Elogia.

BUFONA 3: Lavou um prato?

CORO DE BUFONAS: Elogia.

BUFONA 3: Seguindo todas estas dicas de amor…

CORO DE BUFONAS: Ah, mulher… teu casamento será eterno!

ATRIZ 2 *(canta)*:

"É o amor que mexe com minha cabeça e me deixa assim
Que faz eu pensar em você e esquecer de mim
Que faz eu esquecer que a vida é feita pra viver
É o amor que veio como um tiro" (3)

> *Cai a panela, interrompendo o canto. Atriz 2 transfere relação de dependência para a corrente.*

ATRIZ 2: "O amor comeu meu nome, minha identidade, meu retrato. O amor comeu meus cartões de visita. Ele veio e comeu todos aqueles papéis em que escrevi o meu nome. O amor comeu minha altura, meu peso, a cor de meus olhos e de meus cabelos. O amor comeu o meu silêncio." (4)

> *Tempo. As Bruxas a ajudam a tirar suas correntes, erguem sua cabeça. Cura.*

ATRIZ 2: "Eu tinha tanto medo de ocupar espaço que mesmo o peso dos meus ossos às vezes me parecia muito." (5) "Dizem que, a uma certa idade, nós, as mulheres, nos fazemos invisíveis, que nos tornamos inexistentes para um mundo onde só cabe o impulso dos anos jovens. Eu não sei se me tornei invisível para o mundo. Pode ser. Mas eu nunca fui tão consciente como agora, nunca me senti tão protagonista da minha vida, e nunca desfrutei tanto cada momento da minha existência." (6)

> *Ao som de "Volver a Los 17", de Violeta Parra, entram Bruxas com*

o chá, em celebração. Atriz 2 serve seu chá e o oferece a uma mulher da plateia. As outras bruxas também o oferecem a outras mulheres da plateia.

Gata interrompe, batendo na panela.

CENA 2

ATRIZ 5: Eu nasci nua, sem saber que meu corpo teria que caber numa vitrine.

Entra música. Bufonas formam coro.

BUFONA 3: Shortinho curto, hein?

BUFONA 4: Cabelo de vadia…

BUFONA 1: Tá se mostrando toda…

BUFONA 2: Essa daí usa aplicativo…

BUFONA 3: Na primeira noite, já se entrega…

BUFONA 4: As teta tudo de fora!

BUFONA 1: Os bico aceso!

BUFONA 2: Oferecida!

BUFONA 3: Com esse corpo e tá se achando...

BUFONA 4: Batom vermelho…

BUFONA 1: Cor de sirigaita!

BUFONA 3: Biscate!

BUFONA 2: Misericórdia!

CORO DE BUFONAS: Misericórdia!

Dançam.

ATRIZ 5 *(grita alvoroçada)*: Ah!!!!

CORO DE BUFONAS *(gritam assustadas)*: Ahhhhhhhhhhhh!

ATRIZ 5: Encontrei minha alma gêmea!

CORO DE BUFONAS: Éhhhh?!

ATRIZ 5: Ele é tão lindo!

CORO DE BUFONAS: Hummmm!

ATRIZ 5: Tão fofo!

CORO DE BUFONAS: Ownnn!

ATRIZ 5: Inteligente!

CORO DE BUFONAS: Ahhhhh!

ATRIZ 5: Gostoso!

CORO DE BUFONAS: Uiiii!

Texto entremeado por mensagens de celular, num crescente.

ATRIZ 5: Oi, querido! Eu tô aqui com as meninas... Tá, beijo! *(Para as Bufonas*) Parece que ele me entende tanto! Oi, querido. Tá, pode ser um pouco mais cedo, sim. Beijo. *(Para as Bufonas)* Ele me escuta, me respeita, sabe?... Oi amor. Oi?! Você já tá na minha casa?! Mas eu te disse que... Tá, tá bom. Eu dou um jeito aqui e já vou. *(Para as Bufonas)* Outra surpresa... Oi, amor! Ah, não se preocupa. Eu tô firme na dieta. Oi, eu tô indo... Eu tô chegando... Não, eu não vou mais te deixar nervoso... Me desculpa... Calma... Eu já disse que te amo!

Texto entremeado por agressões físicas:

ATRIZ 5: Eu sempre quis um amor que me olhasse e me visse. Um amor que soubesse o que sentisse. Que quando dormisse, ressonasse confiança. Sempre quis um amor que coubesse no que me disse. (7) Era ele? Quem sabe se tornasse. Mas não. Quando eu deixar você, eu não vou mais questionar as intenções de cada homem que conhecer. Não vou mais ficar constrangida pelo jeito cruel como olham pro meu corpo e não vou mais ter vontade de quebrar todos os espelhos. Eu não vou mais ter medo de sair de casa depois do pôr do sol, não vou mais me perguntar quando é que eu vou virar uma história feita pra alertar as filhas de outras mulheres e não vou mais chorar, porque quando ligar a TV não vou ver de novo outro homem se safar. (8)

Novo bombardeio de mensagens e agressões.

ATRIZ 5: Pera aí, mas eu te disse... Deixa eu falar... Dá pra me escutar?... Você não me ouve!... Eu não tava gritando!

BRUXAS: Grita… grita… grita… Você vem da selva de dentro. Você come a selva de fora. Você pare a própria hora. Grita... (9)

Cura.

ATRIZ 5 *(canta)*:

"Quem cê tá pensando que é pra falar que eu sou louca, que a minha paciência anda pouca pra você?
Quem cê tá pensando que é pra falar da minha roupa, do jeito que eu corto meu cabelo?
Se olha no espelho! Você não anda valendo nem o esfolado do meu joelho esquerdo!
Eu tenho pressa e eu quero ir pra rua, quero ganhar a luta que eu travei!
Eu quero andar pelo mundo afora vestida de brilho e flor!

CORO DE BRUXAS: Mulher, a culpa que tu carrega não é tua
Divide o fardo comigo dessa vez
Que eu quero fazer poesia pelo corpo e afrontar as leis que o homem criou pra te maldizer.
Que o homem criou." (10)

Gata interrompe, batendo na panela.

CENA 3

Bufonas "cantam" os homens na plateia. Os identificam fazendo referências à sua aparência física ou roupas.

BUFONA 1: Meninas, hora do recreio! Vamos merendar! Ei, psiu! Você gosta de estrelas? Eu conheço um motel que tem cinco!

BUFONA 2: Eu não sou sal grosso, mas eu ia jogadona nas tuas carnes!

BUFONA 5: Olha que material! Você não é piso molhado, mas eu te passo o rodo!

BUFONA 4: Me chama de fast food que eu te dou uma comida rápida!

BUFONA 3: Ô meu picolé! Vem aqui que eu quero te chupar inteirinho!

BUFONA 1: Hoje eu vou catar dois! Ei! Psiu! Psiu! Coisinha linda do bumbum empinadinho. Você gosta de maionese ou prefere que eu te chupe?

Bufonas riem. Desconstroem o riso aos poucos, enquanto se transformam em Bruxas. Silêncio.

CENA 4

ATRIZ 1 *(canta)*:

"Terezinha de Jesus, de uma queda foi ao chão
Acudiram três cavalheiros, todos três, chapéu na mão
O primeiro foi seu pai, o segundo, seu irmão, o terceiro foi aquele que a Tereza deu a mão" (11)

ATRIZ 1: Eu nasci nua, sem saber que meu corpo seria um brinquedo.

Bufonas "domesticam" seus cabelos.

ATRIZ 1: Eu não nasci com medo, eu não nasci me sentindo feia, burra, insegura. Eu não nasci com cuidado. Mas eu aprendi a ter cuidado. Aprendi a me vestir, a me maquiar, a me sentar, a me portar. Eu não nasci de pernas cruzadas, mas no banco da cozinha eu já ouvia:

CORO DE BUFONAS: "Senta direito, mocinha!"

ATRIZ 1: Eu não nasci pro trabalho de casa. Mas logo ganhei cozinha, ferro, e uma boneca pra chamar de filhinha. Uma não! Duas, que é pra ter irmãzinha… Inha...

BUFONA 4: Delicadinha!

BUFONA 5: Bonitinha!

BUFONA 3: Fofinha!

BUFONA 2: Comportadinha!

ATRIZ 1: Eu não nasci num universo cor-de-rosa. Me colocaram num universo cor de rosa. Pintaram minhas unhas cor de rosa. Me vestiram um vestido cor de rosa. "Mas eu me vi avermelhada de sangue entre as pernas no mensal aviso de frustrações milenares que diz que a carne de dentro é fraca. " (12)

CORO DE BUFONAS *(canta)*: Um homem bateu em minha porta e eu abri.

ATRIZ 1: Ele abriu. A culpa foi minha. Eu não devia ter sentado no colo dele.

Olha para as Bruxas. Cura. Coragem de revelar o abuso.

ATRIZ 1: Não, não foi assim. Eu devia ter uns sete anos. Ele era o avô da minha melhor amiga. Ele estava sentado na calçada da rua onde eu morava e ele pediu pra eu sentar no colo dele. Eu sentei. Ele começou a passar a mão em mim, e eu comecei a sentir cócegas. De repente, ele começou a passar a mão em lugares que eu comecei a achar estranho. A minha irmã apareceu e pediu pra eu sair do colo dele. Eu me senti envergonhada, eu me senti culpada. Eu pedi pra ela não contar pra minha mãe. Quantos gritos cabem no silêncio… Eu era uma criança, uma menina. Eu só tinha sete anos! Sete anos! Velho maldito! Nojento!

BRUXAS: Uma menina… Uma criança… Velho maldito!...

ATRIZ 1: Damnare annorum antiquis. Deformen. Ut malediceret vobis in nomini meo et omnia mulieribus. Terram aridam et defluet fiat vobis. Ter ceciderit super malos. Quod fit iustitia. Qui prophetant plaga. Plaga!!!!

Gata interrompe, batendo na panela.

CENA 5

BUFONA 2: E 1, e 2, e 1 e 2 e 3!

CORO DE BUFONAS *(canta)*:
Bigode de gata, asa de morcega
Pescoço de grila, pé de perceveja
Bruxário de Notícias!

BUFONA 5: Vamos ver o que é que tem de bom hoje *(Lendo o jornal. Coro de Bufonas reage)*: Mulher trans é apedrejada por multidão em via pública.

CORO DE BUFONAS *(com desdém)*: Ih…

BUFONA 5: Doméstica se recusa a manter relações com o patrão e é morta a tiros.

CORO DE BUFONAS *(culpabilizando)*: Também…

BUFONA 5: Camisinha estoura e mulher é condenada a 3 anos de prisão por praticar aborto.

> *Bufonas bocejam. Bufona 5 reproduz melodia da vinheta de plantão jornalístico.*

BUFONA 5: Rá tá tá tá tá tá tá tá tá!

CORO DE BUFONAS: Rá tá tá tá tá tá tá tá tá tá tá!

BUFONA 5: Homem entra em desespero ao ser perseguido por mulher em beco escuro e passa nove horas escondido em bueiro!

CORO DE BUFONAS *(com horror)*: Ahhnnn!

BUFONA 5: Mulher esfrega sua genitália em braço de garoto de 45 anos dentro de ônibus lotado!

CORO DE BUFONAS *(com nojo)*: Nohhhh!

BUFONA 5: Homem é estuprado por 17 mulheres em balada!!!!

> *Coro de Bufonas fica indignado. Balbúrdia.*

BUFONA 2 *(interrompendo)*: Ô gente, tá pesado hein? Tamo indo pro fundo do poço desse jeito! Vamos dar uma relaxada. Vamos ler o horóscopo.

BUFONA 5: Vocês acreditam nesse negócio de horóscopo? Ah, vá…

BUFONA 1: Também não acredito, gente… Mas já que tá aí… Lê o meu… Virgem.

CORO DE BUFONAS: Vixxxxx!

BUFONA 2: A lua está em Virgem!

CORO DE BUFONAS: Hummmm...

BUFONA 2: Isso quer dizer que haverá mudanças profundas!

CORO DE BUFONAS: Ohhhhh!

BUFONA 2: No trabalho, inspire-se. No amor… vejo aqui a chegada de um grande amor!

BUFONA 1: Eu sabia! Eu tava sentindo! Funciona mesmo!

BUFONA 5: Palhaçada!

BUFONA 4: Então lê o meu também: Leão!

BUFONA 2: A lua está em Leão!

CORO DE BUFONAS: Hummmm!

BUFONA 2: Isso quer dizer que haverá mudanças profundas!

CORO DE BUFONAS: Ohhhhh!

BUFONA 2: No trabalho, inspire-se! No amor… vejo aqui a chegada de um grande amor!

BUFONA 4: Me dei bem!

BUFONA 3: Lê aí Câncer ou Sagitário.

CORO DE BUFONAS: Ãhn?

BUFONA 3: Minha mãe diz que eu sou de Câncer e meu pai diz que é Sagitário.

CORO DE BUFONAS: Vixxxxx… Vixxxx!

BUFONA 3: Prefiro Câncer. Lê aí.

BUFONA 2: A lua não está em Câncer.

CORO DE BUFONAS: Hum?

BUFONA 2: Isso quer dizer que haverá mudanças profundas!

CORO DE BUFONAS: Ohhhhh!

BUFONA 2: No trabalho, inspire-se! No amor… Tá dizendo aqui que você vai ficar sozinha!

BUFONA 3: Ah, lê Sagitário. Prefiro Sagitário…

BUFONA 2: A lua sumiu do mapa!

CORO DE BUFONAS: Eita!!!

BUFONA 2: Isso quer dizer que haverá mudanças profundas!

CORO DE BUFONAS: Ohhhhh

BUFONA 2: No trabalho, inspire-se! No amor… o amor fugiu com a lua!

CORO DE BUFONAS: Ih… Vai ficar pra titia!

BRUXA 3: Só porque é preta, tem que ficar sozinha?

Gata interrompe, batendo na panela.

CENA 6

ATRIZ 4: Eu nasci nua, sem saber que o meu desejo seria prisão. Bom... Eu sou uma pessoa comum. Faço coisas de pessoas comuns… Eu acordo todo dia às seis da manhã, e vou lá na padaria do seu Abel comprar pão. Por costume, ele sempre me cumprimenta com um aperto de mão. Assim… *(Bufonas reagem)* Eu limpo a casa, lavo louça... Vou ao banco, na lotérica. Pago contas, tenho dívidas. Leio livros, escrevo coisas e eu amo cozinhar, amo mesmo. Mas comer, pra mim, é a dádiva. Todo sábado de manhã eu vou à feira, na barraca da dona Maria, pra comer aquele pastel que só ela sabe fazer. Quando me vê, ela põe o pastel pra fritar e me recebe com um abraço e um sorriso no rosto. *(Bufonas reagem)* Toda vez que eu termino de comer, ela senta do meu lado e a gente conversa. Ela fica feliz da vida, falando das crianças. E assim eu vou fazendo amigos. Cada lugar é um amigo diferente. Mas tem aqueles de sempre... Quando a gente se vê, tem tradição, são dois beijinhos no rosto… *(Bufonas reagem)* A gente ama sair pra beber, conversar, dançar então… Ano passado a gente foi numa festa de carnaval que estava incrível...

Entra marcha de carnaval. Com ela, um bloco de Bufonas envolve a atriz, interrompendo suas falas.

ATRIZ 4: A gente estava no meio da pista de dança. Aí eu… Eu vi uma menina… Ela estava do outro lado. Eu vi ela… Ela me viu. Ela me viu e se aproximou. Eu olhei pra ela. Eu olhei pra ela e... ela olhou pra mim… Ela sorriu… Eu sorri. E aí eu pedi um beijo. Eu pedi um beijo pra ela. Um beijo.

Bloco se desfaz, Bufonas se afastam, em desaprovação.

ATRIZ 4: E foi por isso que eu morri. Eu morri ontem depois de ter sido expulsa de casa pelos meus pais, porque se eu quisesse mesmo ser assim, ia ter que me virar sozinha. Morri espancada pelo Uber porque eu beijei uma garota no banco de trás e ele viu pelo retrovisor. Ele achou aquilo um absurdo e começou a me bater. Morri a pauladas porque meu cabelo era curto demais pra uma mulher. Eles me pegaram pelo cabelo e me chutaram. Morri apedrejada, porque assumi publicamente gostar de uma menina. Morri nas mãos de policiais porque me acharam muito masculina. Tiraram minha roupa, me tacaram no chão e falaram, vejam lá se é ou não uma mulher. Morri esfaqueada por pedir minha namorada em casamento. Morri a tiros, porque estava de mãos dadas com a minha mãe na rua, e acharam que fôssemos namoradas. Eu morri sangrando no corredor de um hospital, enquanto eu pedia ajuda pra pessoas ao meu redor, que só me gritavam "doente". Eu tô morrendo. Eu tô morrendo lá na esquina sendo estuprada pra ver se eu viro mulher. Tô morrendo no bairro do lado pedindo socorro, enquanto fingem que não me viram. Eu tô aqui falando, você tá aqui me ouvindo e eu tô morrendo. Eu tô sendo assassinada por apenas existir. Mas não adianta. Porque a gente sempre existiu e vamos continuar existindo. Eles continuam nos matando e a gente continua nascendo. Se matam uma hoje, amanhã nascem duas. É da natureza. A gente não é doente. A gente é sapatão. Isso mesmo. Sapatão. Não é assim que me chamam? Então, tudo bem, podem chamar, eu não me incomodo. É isso mesmo que eu sou... Sapatão, marimacho, mulher homem, caminhoneira, cola-velcro, lésbica, sapa, fancha…

(Canta):"Todo ano mamãe me diz
Que sou uma moça tão bonita
E se eu usasse uma saia, uma fita

Seria o sonho de qualquer homem do país
Ela nos prepara um cafezinho
Pergunta se reparei no vizinho
Insiste em provocar
Quando que eu vou namorar?
Ô mamãe
Há mais de um mês
Tô namorando a Inês
Nem reparei no rapaz
Porque pra mim tanto faz!" (13)

Gata interrompe, batendo na panela.

CENA 7

BUFONA 2: Vamos trabalhar meninas, que o capitalismo precisa de nós. *(Ao público)* Chegou a hora da nossa vendinha!

Entra música de programa de auditório.

BUFONA 2: Pra você que é macho, temos aqui um produto reacionário!!!

BUFONA 1: Um produto que, definitivamente, não vai mudar sua vida!

BUFONA 4: Pra você, macho, que curte uma pelada e sabe que precisa continuar de pé…

BUFONA 3: Pra você, macho, que é bom de mecânica e acha que é só acelerar sem se preocupar com o que tem debaixo do capô do Fusca…

BUFONA 5: Pra você, macho, que gosta de pilotar uma churrasqueira e sabe que é só enfiar o espeto na carne…

BUFONA 1: Apresentamos…

BUFONA 4: O superestimado...

BUFONA 3: O brincalhão…

BUFONA 5: O animadinho…

CORO DE BUFONAS *(assovia e anuncia)*: Troféu... Pica das Galáxias!

Gata apresenta o troféu: um pintinho amarelinho de corda.

BUFONA 2: Quem vai querer???

Bufonas oferecem para a plateia.

BUFONA 2: E aí? Como é que fomos de vendas???

BUFONA 4: Foi fraco, foi fraco…

BUFONA 2: Maldição! Que que tá acontecendo com esses machos, gente?! Vou apelar pra geral, então… Aí, galera, vou propor aqui um desafio! Todos com moedas nas mãos! Quem não tem moeda, pega cédula mesmo. Todos prontos? O desafio é o seguinte: vocês pensarão em um número, farão algumas continhas e chegarão a um número final. Se eu acertar este número final, todos vocês lançarão as moedas sobre nós. Combinado? Preparados? Então, vamos lá. Pensem em um número de 1 a 10. A este número, somem 5 unidades. Agora, tirem 2 unidades deste número. Agora, multiplique este resultado por 9. Operação deveras difícil, eu sei. Se alguém tiver dúvidas sobre a tabuada, me perguntem. Agora, somem os 2 algarismos deste número. E o resultado é… *(à Gata)* Gato, gata, gate! *(Gata mostra o resultado)* Nove! *(ao público)* Joguem as moedas! Nove!

BUFONAS: Joguem as moedas!

BUFONA 2: Nove é o número de mulheres agredidas a cada minuto nesse país.

Enquanto recolhem as moedas, as Bruxas dizem nomes de mulheres vítimas de violência. Gata bate na panela.

CENA 8

ATRIZ 3: Eu nasci nua, sem saber que o meu corpo negro seria a minha sentença.

CORO DE BUFONAS *(canta)*:

"Nega do cabelo duro, que não gosta de pentear
Nega do cabelo duro, que não gosta de pentear
Pega ela aí, pega ela aí

Pra quê? Pra passar batom. De que cor? De violeta. Na boca e na bu...
Pega ela aí, pega ela aí
Pra quê? Pra passar batom. De que cor? De cor azul. Na boca e na porta do..." (14)

ATRIZ 3: Ô cabelo sarará, casa de arapuá, bombril, cabeça de palito de fósforo, pixaim, sarará, ruim, ai, deixa eu pegar no seu cabelo?, passa uma chapinha nele, porque cabelo bandido, se não tá armado, tá preso.

ATRIZ 3 reproduz som de cuíca, enquanto coro de Bufonas samba.

BUFONA 1: Sendo branco ou preto todo mundo sofre.

BUFONA 5: Eu não sou preconceituosa. Tenho até uma amiga negra.

BUFONA 4: Ela é da família. Tem um quartinho no fundo de casa.

BUFONA 2: Reclama da vida, mas não se esforça.

CORO DE BUFONAS: E ainda quer cota!

ATRIZ 3 *(canta)*:
"Quer saber o que me incomoda, sincero
É ver que pra nós a chance nunca sai do zero
Que, se eu me destacar, é pura sorte, Jão
Se eu fugir da pobreza não escapo da depressão
Num quadro triste, realista
Na sociedade machista
As oportunidades são racistas
São dois pontos a menos pra mim
É difícil jogar
Quando as regras servem pra decretar o meu fim
Arrastam minha cara no asfalto, abusam, humilham, tiram a gente de louco
Me matam todo dia mais um pouco. A cada Claudia morta, me matam todo dia mais um pouco." (15)

CORO DE BUFONAS: Mimimi, mimimi, mimimi...

ATRIZ 3 *(para o coro de Bufonas)*: Me diz aí, ô branquinha, se você aguentar.

CORO DE BUFONAS: Mas eu mereci…

ATRIZ 3: Aliás, não responde nada não… Vaza, vaza daqui. Praí não. Pra lá… porque agora eu vou falar e vocês vão me ouvir. Vocês que nos queimaram e queimam até hoje vão me ouvir. Quantas vezes você se sentiu perseguida dentro de um shopping por causa da sua cor? E quantas vezes você chorou sozinha num banheiro porque ficou horas e horas dentro de um estabelecimento e ninguém veio te atender? Ou na roda de amigos você ouviu "Mas que preta é essa que não sabe sambar"? "Preta é forte"! "Você aguenta tudo"! "E quantas vezes você correu atrás de um busão pra não perder a entrevista, chegou lá e ouviu um: "Não insista, a vaga já foi preenchida. Você não se encaixa no nosso perfil, viu?" Quantas vezes você desceu do seu apartamento com um prato de alimento pra tia que tava trampando no sinal pra sustentar os quatro filhos que já tá passando mal de fome? E nós? As muié preta, nós só serve pra vocês mamar na teta. Ama de leite dos brancos. Sua vó não hesitou quando mandou a minha lá pro tronco!" [16] *(Cura. Colocando o pano)* Mas agora não tem mais tronco, não tem mais mordaça, não tem mais sofrimento… Sofrimento tem, porque sofrimento faz parte da condição humana. O que não vai ter mais é opressão! Porque opressão é uma construção humana. E é por isso que a revolução começa agora pela mulher ancestral, negra, pobre, gorda, periférica, mãe solteira, macumbeira!

Bufonas voltam à cena e se desconstroem Bruxas ao longo de suas falas.

ATRIZ 5: Queimada. Enforcada. Afogada. Apedrejada.

ATRIZ 4: Louca. Feminista. Puta. Depravada.

ATRIZ 1: Histérica. Filha do Diabo. Promíscua. Puta.

ATRIZ 2: Estuprada. Enterrada viva. Esquartejada. Silenciada.

São metralhadas.

ATRIZ 3: Chega! Para! Não vão mais nos matar! Nenhuma mulher mais vai ser morta! Nenhuma! Não vão mais nos calar! Não vão mais nos silenciar, não vão mais nos oprimir porque cada grito...

ATRIZES: ...cada gota de sangue de nossas ancestrais não queimou em

vão. As cinzas de seus corpos atravessaram os tempos, pousaram sobre nós e nos fizeram aquelas por quem tanto esperavam. Já não há quem possa. Não há sino, sirene, pau, faca ou bala que nos cale. Agora, refaçamos a história.

ATRIZES: "Que nada nos defina. Que nada nos sujeite. Que a liberdade seja nossa própria substância," [17] de mais ninguém.

ATRIZES *(cantam)*:
"Onça brava com o olhar já me dizia: Eu hoje tô arredia,
Ansiedade, é tanto assunto, uma agonia, mas podemos conversar.
Eu sou sua mente. Prazer, me olhe de frente.
A gente pode se entender, negociar um equilíbrio, um bom lugar.
Eu sou sua mente. Se aproxime, me olhe de frente.
Eu sei que emito uns rugidos, de repente é meu desejo de gritar.
Não deixe que a corrida maluca da vida louca te jogue num precipício de emoções.
Garota, ninguém nos disse que seria fácil. Segura a onda, dá na cara e continua.
Não deixe que tentem te colonizar, te converter, te doutrinar ou alienar.
Eu quero voar, escrever meu enredo.
Liberdade é não ter medo.
Eu não vou entrar nessa jaula. Eu não nasci pra ser adestrada.
Me deixa correr no espaço, deixa eu exibir a minha pele pintada.
Liberdade é não ter medo." [18]

REFERÊNCIAS

1 – “Selvátika” (Karina Bhur)

2 – “Amélia” (Desa Pauline e Daniel Brou)

3 – “É o Amor” (Zezé Di Camargo e Luciano)

4 – “Os três mal amados” (poema de João Cabral de Melo Neto, versos)

5 – “a garota oca” (poema de Amanda Lovelace, verso adaptado)

6 – “MULHERES” (texto de Blandinne Faustine, trechos)

7 – “Da chegada do amor” (música de Elisa Lucinda, versos adaptados)

8 – “expectativas vs. realidade” (poema de Amanda Lovelace, versos adaptados)

9 – “Selvátika” (Karina Bhur)

10 – “Todxs Putxs” (Ekena)

11 – “Teresinha de Jesus” (Domínio público)

12 – “Escalafobética” (Anelis Assumpção)

13 – “Uma mulher feliz” (Ana Sucha)

14 – “Fricote” (Luiz Caldas)

15 – “Afrontamento” (Tassia Reis)

16 – “De dentro do AP” (Bia Ferreira)

17 – Trecho de texto de Simone de Beauvoir

18 – “Descolonizada” (Larissa Luz)

SALA DE ESPERA

2021

Ficha técnica

Criação: Andrea Capelli, Anna Magalhães, Beta Cunha, Fabiano Amigucci, Fagner Rodrigues, Homero Ferreira, Márcia Morelli e Suria Amanda

Direção geral: Fabiano Amigucci e Fagner Rodrigues

Elenco: Andrea Capelli, Beta Cunha, Márcia Morelli e Suria Amanda

Participação especial: Ivete Morelli

Figurinos e adereços: Fabiano Amigucci

Costura: Vergínia Santana

Direção de arte e cenografia: Léo Bauab

Iluminação: Luis Fernando Lopes

Câmera: Fabiano Amigucci

Assessoria e operação técnica: Guilherme Di Curzio

Transmissão e apoio técnico: Deivison Miranda

Assessoria de imprensa: Graziela Delalibera

Design gráfico: Fabiano Amigucci

Fotos: Fagner Rodrigues e Guilherme Di Curzio

Produção executiva: Cassia Heleno, Simone Moerdaui e Vanessa Palmieri

Produção geral: Andrea Capelli, Fabiano Amigucci, Fagner Rodrigues e Suria Amanda

Apoio: Abaeté Produtora Audiovisual

Foto: Guilherme Di Curzio

Experimento Cenicoaudiovisual

PERSONAGENS (por ordem de entrada)

ATRIZ 1
ATRIZ 2
ATRIZ 3
ATRIZ 4
TIA IVETE

PRÓLOGO

ATRIZ 1:
Ah! É muito doido parar pra pensar, assim, olhar onde a gente está hoje e de onde a gente saiu. Chega a ser nostálgico. É... já faz mais de um ano, mais de 15 meses de tudo, de processo, e continuamos em processo,

ATRIZ 2:
Tudo começou com uma mensagem no Cênica Trabalho. Eles colocaram lá quem estava a fim, quem queria participar, e aí eu respondi no privado que, se

ATRIZ 3:
Parece que caiu uma corda assim, sabe, aquelas cordas usadas para res resgatar os perdidos na selva,

ATRIZ 4:
Nossa! Nem sei te falar, assim. De quando co-

um processo interminável. E tem sido bom, tem me salvado, também. Pensar que lá no começo era tudo muito inesperado, nunca que eu imaginei na minha vida que, primeiro, ia ter uma pandemia, depois, que ia ter teatro na pandemia, e que a gente ia fazer teatro na pandemia, né. Então, primeiro que já foi chocante esse encontro no meio de tanto caos, e mesmo com tudo acontecendo, isso tudo também vai virando um caos, a gente foi bebendo de várias coisas, vários textos, a gente procurou por vários eu servisse, eu estava à disposição. Demorou uma semana e nada. Eu até achei que não servia, mas não era isso, não. Logo abriram um grupo e convidaram a gente pra uma festa. Você tinha que levar um presente pra alguém. Eu lembro de levar um poema. Ai! Aí, fomos mergulhando naquilo tudo. Um monte de gente no começo, aí foi saindo, saindo, saindo, saindo e quando vimos, sobramos nós oito, quatro mentoras e quatro atrizes. A casa inteira foi pesquisada, explorada. Eu entrei no armário, corri pelada no foi isso, uma proposta do grupo de encontrarmos virtualmente, porque a gente não conhecia as plataformas, a gente não tinha familiaridade nenhuma com isso, e mais era para manter a sanidade, né, juntarmo-nos de alguma forma. E, no começo, 18 pessoas, acho, que, se eu não me engano, do grupo, acho que em maio, mas o objetivo era esse, relaxar, divertir. Se é que é possível, né, no meio do caos e do desconhecido, divertir. Mas aí foi então que as pessoas foram deixando esses encontros semanais, meçou, tanta coisa mudou, né, desde que o último saiu. Mas têm sido momentos de muito aprendizado, né, momentos assim que, tem hora que eu falo assim, gente eu não vou dar conta, mas, de muita descoberta pessoal, muita descoberta artística. É... Partimos daquela questão, né, do que ao que vamos ser, ao que seríamos, com essa questão toda que foi imposta, né, para gente, o ano passado. Eu dou risada acho que um pouco de nervoso, sabe. Mas têm sido encontros reveladores, transformado-

caminhos uma forma de dizer o que a gente queria, né. Era muita gente no começo, tinha muita conversa, muita risada, era sempre uma festa, assim, quando a gente começou a se encontrar, sempre tinha um ar de comemoração por a gente estar vivo, também. Então, começou a sair um, a sair outro, e foi saindo, e hoje a gente é só oito. Somos oito pessoas, né, e as que ficaram, mesmo a galera saindo sem querer, a gente sabe que muita gente não quis sair, que teve, mas que não queria, então, foi um jeito da no meu quintal, tem marca de vela até hoje no meu corredor. Foram dezenas. Eu quase morri sem ar, com uma vela, dentro do guarda-roupa, sem roupa. E aí eu fui parar na pia, dentro da geladeira, tomei altos porres. Até que, finalmente, a gente se reuniu, mesmo cada uma no seu cômodo, mas já na casa, na nossa casa, né? Eu acabei ficando com o lugar menos familiar pra mim, mas eu fui obrigada a me familiarizar. É muito foda, né? Esses processos fazem você pular dentro de caixa de memória, fotografia, e restaram oito, quatro atrizes e quatro mentores, são cinco mulheres, enfim, e assim a gente foi sendo provocado, e trabalhando, eu mesmo quase desisti, também. Graças a Deus, não desisti. E aí apareceu o Godot. Tinha uma árvore no meio do caminho. Que bom! E a gente foi provocado, tivemos que aprender editar vídeo, mexer nas plataformas, tudo novo, tudo assustador, mas uma válvula de escape. A cada encontro, semanais, novas situações, choro, perdas, gravidez, um abraço mesmo, res, assim, enquanto pessoa, enquanto artista. A cada dia uma nova provocação, né, nesses dois sentidos, principalmente no sentido enquanto pessoa e o que eu quero, né, o que a gente quer. Nós oito, que eu costumo brincar que somos quatro por e para quatro, né, nós oito, quatro atrizes, quatro mentoras, como a gente brinca, mas tem sido maravilhoso, revelador, transformador e, principalmente, provocador, né, essa questão de nos provocarmos e nos desafiarmos enquanto artis-

gente continuar por estes que não puderam, sabe, de não desistir de forma alguma, a todo custo, de querer fazer. Acho que eu nunca senti isso antes. E foi muito louco buscar nesses textos, nessas outras referências. A gente passou por Godot, Hamlet, Alice, tudo tem um pouquinho, tem um pouquinho de simbologia, um pouquinho de significado, é tudo base, né, não tem como a gente fazer um teatro novo sem a gente pensar no que já foi feito. Então, é muito bom poder revisitar com esse olhar, esse visitar cada compartimento que tem dentro de você, e da outra, e se deixar provocar, e mergulhar em si. Agora eu tô tentando entender do que que eu quero falar, acho que foi a pergunta que eu mais ouvi e acho que tô conseguindo responder só agora. Foi a coisa mais importante que me aconteceu nos últimos tempos. Acho que foi o que me manteve viva, foi minha salvação e a minha desgraça também. De tudo um pouco. sabe, na alma, assim. Eu me senti abraçada pela arte, pela energia, e do "Ao que vamos ser" tornou-se "Sala de Espera". E essa energia dessas pessoas que resistiram comigo para não despencarem, como eu. Cara, é muito potente a criação, o criativo. Esse criativo salvou, criativo salva, né, ilumina, e eu quero, quando a vacina chegar para todos nós, poder estar com eles, só estar. Por eles, eu não estive só. E a gente está assim. Seguimos. Esperando. tas. Tem sido muito bom, embora tenha dias que eu pense: não vou dar conta, tecnicamente, não vou dar conta, não vou dar conta por causa de tempo, não vou dar conta porque hoje eu não tô bem. Enfim, mas, tô lá. Tamo junto. Tamo firme, né. Juntas todas, mesmo, assim, todes muito. É... eu acho que é isso que, assim, que eu poderia dizer que é esse nosso processo, né, transformador. Acho que é a única palavra que me vem agora, assim.

olhar do novo, esse olhar da esperança, de que a gente só tem isso, a gente só sabe fazer isso, e de que a gente precisa fazer isso para continuar vivendo, mesmo.

Cena 1: Tentativas
Um quarto.

ATRIZ 1: Ainda não sei o que pode acontecer. É tudo pensamento, tem um monte de ideias. Tá tudo aqui, eu só precisava encontrar, procurar mais alguma coisa em algum lugar… Mas tudo bem, não vou pensar nisso agora. O entendimento tá fraco, tá muito confuso ainda. Se eu tô falando e nada tá acontecendo, pra onde é que vão olhar? Tem que ter movimento. Se tiver movimento, dá pra encaixar aquela frase que vi daquele filme. Será que isso é plágio? Se for plágio, eu posso ir presa. Se eu fosse presa, minha mãe ia ficar puta. Mas tem que pensar esse movimento, se não dialogar talvez fique ruim. Tem que significar alguma coisa. Eu nem preciso entender, só tem que fazer sentido. Será que eu posso começar de novo? A gente sempre começa de algum lugar, de um ponto de partida. Tem que ter alguma coisa que presta no meio de tanta coisa que a gente já fez. Também não posso colocar tudo que fui achando bonito. Tem que pensar "pra quê?". O que tem que ser dito, tem que ser dito. Bom, isso é uma proposta. Tem que fazer, experimentar... Tem que ter aquela naturalidade boa. O que falta é a surpresa. Isso ainda não tem. Por isso que dá esse monte de pausa. Tem que fazer de verdade, começar a escolher algumas coisas. Melhor se não tivesse essa maldita dessa cena. Eu precisava ter uma ordem. Tenho que ter uma ordem pra eu não parecer perdida, uma linha pra que eu siga. Onde é que começa?

Isso é um jogo. Jogo tem que ter construção. Eu ainda não sei fazer isso... Devia ter saído antes. Sei lá...

Tá tudo aqui, só precisava encontrar, procurar alguma coisa a mais. Mas agora não vou pensar nisso, tudo bem. Ainda tá muito confuso. Tá fraco o entendimento. Se nada tá falando e eu tô acontecendo, pra onde é que vão olhar? Dá pra encaixar aquela frase que vi daquele filme, se tiver movimento. Será que é plágio? Se for plágio, eu posso ir presa. Se eu fosse presa, minha puta ia ficar mãe. Mas esse movimento tem que pensar, se não dialogar, fica ruim. Alguma coisa tem que significar o talvez. Eu nem preciso fazer sentido, só tem que entender. Posso será começar de novo? A gente sempre começa de algum ponto de partida, um lugar. Tem que ter tanta em alguma que preste que a gente já fez. Também colocar não posso tudo que fui achando bonito. Pra que tem que pensar? Se tem que ser dito, tem que ser dito. Bom, isso tem que experimentar, fazer uma proposta... Aquela boa naturalidade, não tem que ter. É que surpresa falta. Ainda não tem isso. Esse monte de pausa, é por isso. Tem verdade que fazer. Escolher algumas coisas. Começar... Se não tivesse essa maldita dessa cena, era melhor. Tenho que ter uma, pra eu não parecer perdida ordem. Precisava ter uma linha. Uma ordem pra que eu siga. Onde é que começa? Construção tem que ter jogo. Isso é construção. Eu ainda não sei fazer isso... Devia antes ter saído. Sei lá...

É pensamento de tudo, ideia de monte. Só encontrar alguma coisa, procurar precisava. Agora, tudo bem, vou pensar não nisso. Ainda confuso tá muito. Fraco entendimento. Se nada acontecendo, eu falando, olhar vão pra onde? Se tiver filme praquele movimento, dá pra encaixar? Será que presta? Se eu for mãe, eu posso ir plágio. Minha presa ia ficar puta. Se não dialogar tem que pensar, talvez esse movimento fica ruim. Tem que alguma coisa significar. Nem fazer sentido, só entender. Posso de novo, começar será? A gente começa de algum ponto de partida, sempre de um lugar. Tanta coisa que preste a gente já fez. Bonito? Posso colocar tudo que fui achando. Pensar pra quê? Ser dito, o que tem que ser dito. Experimentar, tem que ser bom, fazer proposta... Naturalidade, tem que ter. Falta surpresa. Isso não tem ainda. Esse por isso, é monte de pausa. Tem que de verdade fazer. Coisas escolher. Começar essa cena, era melhor se não tivesse maldita. Tenho que ter perdida, pra eu não pare-

cer uma linha, que eu siga. Ordem que eu precisava. Começar de novo. Onde? Construção é jogo. Tem que ter construção. Não sei ainda fazer isso... Devia ter saído antes...

Pensamento de tudo. Acontecer ideia de monte. Pode parar em alguma coisa, aqui só procurar. Tudo bem, não nisso agora. Entendimento fraco, confuso. Se pra onde vão olhar tá acontecendo, dá pra encaixar movimento? Se tiver filme e eu fosse puta, minha mãe ia ser presa. Se pensar ruim, não tem movimento que dialoga. Em alguma coisa tem que significar. Nem sentido entender, tem que fazer será? Partido? Sempre de algum lugar. Faz tanta gente, coisa alguma que presta. Colocando bonito. Achando o que posso. Pensar que tem que pra quê? Experimentar, o que tem que ter instinto, posso cena melhor? Se não tivesse maldita. Tenho que ser linha, pra não parecer perdida ordem. Onde é jogo, construção começa?

Eu não sei onde vão parar, se tão olhando quando é que isso acontece? Se aquela frase dá pra encaixar naquele filme, será que eu posso ir presa se fosse mãe? Tem lugar de fazer sentido nem entender. O ponto de alguma partida que preste. Tem que achar bonito proposto. Do que a gente pensa dizer, tem que ser dito? Se tem pensamento, pra que experimentar proposta? Melhor essa cena antes, não tivesse maldita pra não parecer perdida. Tem que ser de verdade. Construção tem que ter jogo? Eu fazer isso, ainda não sei. Devia ter saído antes, sei lá.

Fazer isso eu sei. Tudo o que precisava tá aqui. Tá muito confuso, jogo tem construção? Aquela frase dá pra encaixar naquele filme. Se eu fosse mãe, minha puta ia ser plágio. Um sentido ruim, pra fazer movimento em ponto de partida. Tem que fazer, tem que dizer, tem que calar. Não sei. Construção. Jogo tem que ter entendimento? Confuso. Se eu tô aqui, pra que eu tô? Se eu não fosse, onde eu tava?

Eu preciso sair, fazer alguma coisa desse lugar. Um movimento de sentido ruim. Pra eu não parar de pensar se antes eu não devia ter saído.

E se eu tivesse saído?

E se eu saísse?

E se eu sair do processo?

Cena 2: Processo
Uma cozinha.

ATRIZ 2 *(cantando)*:
"Nem toda nota é um tom
Nem toda luz é acesa
Nem todo o belo é beleza
Nem toda pele é vison
Nem toda bomba é bombom
Nem todo gato é do mato
Nem todo quieto é pacato
Nem todo o mal é varrido
Nem todo preso é comido
Nem todo queijo é do rato". (1)

No início, estava tudo solto. As ideias estavam isoladas, bem distantes umas das outras, agitadas, desordenadas. Não havia qualquer relação entre elas. Era como se pra cada uma a outra nem existisse. Tinha que acreditar muito, porque não era algo que se podia enxergar. Mas elas foram se aproximando, e então formou-se uma grande e bela nuvem. Foi aí que aconteceu a chuva.

No estado líquido, as ideias passam a se movimentar mais devagar. Começa a existir uma certa organização. Já não é mais possível ignorar a existência da outra. A forma é indefinida, o volume não. Dá pra ver as ideias e até contá-las. Numa única gotícula, existem inúmeras. Neste estado, elas brotam, escorrem, atravessam poros, procuram caminhos… Mas é inevitável. Em algum momento, o processo esfria. É a vida! E aí pode acontecer das ideias cristalizarem. As ideias congelam. É o estado sólido. Parece bom, né? Mas não é. Talvez seja necessário encontrar a forma, mas não dá pra ficar nela.

No estado sólido, a mobilidade é mínima e as estruturas rígidas são as que prevalecem. É preciso rompê-las com urgência, e, pra isso, precisa de energia, qualquer uma. É aí que tá a curva. Depois do declínio, o processo ascende. Ele só quer calor. E a gente só tem que manter a chama acesa, aproveitar a fluidez. Navegar, mergulhar, tomar um bom banho. E, o essencial: beber pelo menos dois litros, todos os dias. É o mínimo,

pra quem pretende chegar até o final. Sim, porque ainda falta refazer o vapor. Na verdade, isso pode acontecer em qualquer fase, com qualquer um. Basta uma ideia vibrar diferente das outras, que ela escapa. Ela rasga a tensão, quebra as pontes e se liberta.

Agora, para aquelas que ficam juntas até o final, o destino é ferver. Neste caso, é necessária uma dose extra de energia. Na ebulição, as ideias precisam vencer a pressão atmosférica e isso só acontece a 100 ºC, ao nível do mar. Ou você pode subir no topo do Monte Everest, onde a pressão é menor. Este é o ofício. Um ciclo após o outro, e outro, e outro. Tudo sempre esteve aqui.

(Retoma a canção:)
"Nem toda a estrada é caminho
Nem todo o trilho é do trem
Nem todo longe é além
Nem toda ponta é espinho
Nem todo beijo é carinho
Nem todo talho é um corte
Nem toda estrela é do norte
Nem todo o ruim é do mal
Nem todo ponto é o final
Nem todo fim é a morte."

Cena 3: Vida
Uma sala de estar vazia. Mesa repleta de fotos antigas.

ATRIZ 3 *(chamando)*: Ivete?! Tia? A chaleira tá esgoelando... Tá ocupada? Tia?
Nossa, de onde você desenterrou todo esse povo? Até lembrei da vó. Ela que gostava de abrir o álbum de retratos, sentava a gente tudo em volta dela e varava a tarde contando história da família. E como ela gostava de música, né Ivete!? Colocou a família inteira para aprender um instrumento. A vizinha chamava a gente de família dó-ré-mi.

Lembra, tia, que a casa vivia cheia de gente? Era uma festa só! Natal, Ano Novo, aniversários, Páscoa. Domingo de Ramos começava cedi-

nho o povo batendo palma pra pedir os galhos do coqueiro. A vó ficava doida: "meu coqueiro vai ficar pelado". Nessa época as pessoas ainda sentavam pra almoçar. Lembra, Ivete? Eu sentava aqui, a vó ali, o vô aqui e você aí, na minha frente.

Meu Deus, olha aqui eu pequeninha no circo. Eu amava ir ao circo. Ivete, como era aquela música que eu vivia te pedindo, que tocava para os elefantes dançarem? Aquela de língua estrangeira, aquela que você me ensinou a tocar no violão. Minha cabeça anda tão avoada...

Ah, eu acho essa foto tão linda, você com o acordeon, o pai no violino, e o quintal de terra. Tão novinhos! O pai tinha um vozeirão bonito, ficava bravo quando a gente cantava junto e errava letra. Ele começava tudo de novo. E pensar que meu pai nunca foi ver um show meu, nada.

Ô Ivete, esse acordeon foi o que o ladrão entrou à noite e só levou ele?

Minha mãe...

Daqui não tem mais ninguém... Deus me livre de virar foto!

(chamando) Tia… Ivete… Tia…

Minha tia dizia que toda casa tem uma passagem secreta e que todos os moradores dessa casa um dia encontram essa passagem e passam a viver do outro lado. Eu passei a minha infância toda procurando. Ivete? Às vezes eu tenho a impressão que eles vão sair de uma dessas portas.

Ouve-se ao fundo uma música de circo.

ATRIZ 3: Tia? Tudo ao mesmo tempo vem na cabeça da gente. Trechos das músicas repetindo sempre a mesma parte como num disco riscado… As risadas, o cheiro deles. Ivete?

A música de circo cresce e envolve a cena.

TIA IVETE *(tocando a música na sanfona)*: Fia, lembrei da música dos elefantes!

Cena 4: Ofício
Um banheiro. Alguém bate à porta. Na porta, uma estrela.

ATRIZ 4: Pois não! Já vai!

Olá, olá, sim vou responder sim, mas não posso me demorar, pois ainda tem muita coisa a fazer!

Ah, são décadas de carreira. Muitos prêmios, uma vida inteira dedicada ao teatro.

Eu sou uma atriz de teatro. Já quis muito fazer cinema. Novela não, nunca me convidaram!

Sim, aliás, um megacomercial, alto investimento financeiro, eu toda vestida de empregada doméstica! Uniforme impecável com aquele negocinho branco na cabeça. Servindo um grande banquete para os patrões e convidados. Quando eu saía de cena aparecia a chamada: "Faça parte dessa realidade, tradição família e propriedade, você pode!". Recusei, NÃO fiz.

Sim, sempre arte: já vendi bolo, torta, guioza, abri meu próprio café, fiz arquitetura, publicidade, direito, jubilei na EAD duas vezes, fiz faxina, cantei em barzinho, professora de química, matemática, dança, fiz agronomia, plantei cogumelo, corretora de imóveis, você pode não acreditar: joguei no Corinthians, drag queen, garçonete, trabalhei no mercado do meu pai, em pizzaria, também fui candidata a vereadora, mas isso não é profissão! Comecei o mestrado, tive um filho, fiz ciências sociais, Wolf Maia e Fátima Toledo. Sou curadora, debatedora, palestrante, fiz psicologia... Operei som, operei luz, prestei serviço pra o Sistema S, enfim... Uma vida dedicada à Arte.

Pra mim, teatro é o que se faz no palco! É a arte do encontro! Do olho no olho, você poder sentir a presença do outro e da plateia ali, como se pudesse ouvir as batidas do coração de cada um. Esse é o teatro de verdade.

O segredo do sucesso? Posso sim. Pontualidade, não fumar, não beber gelado, dormir cedo sempre e muita, muita malhação.

Se eu me arrependo? *(tempo)*

Nosso tempo acabou!

> *A atriz chora no banho, até que é interrompida por uma batida na porta.*

No espelho:

ATRIZ 4: "Que tudo seja feito de forma natural, se acaso for preciso gritar, como é hábito nos tempos atuais, que se faça, mas com moderação, pois mesmo no meio das tormentas, cabe mostrar aquela temperança que torna suave e elegante a expressão! Mas não podemos ser tão tímidos, deixemos que o bom senso seja o guia. Que a ação responda à palavra e a palavra à ação. E é preciso cuidado! Principalmente para não ultrapassar os limites da simplicidade da natureza. Pois ela é a base da Arte." (2)

Toca o primeiro sinal.

Toca o segundo sinal.

Toca o terceiro sinal.

Epílogo

Um palco

Tempo.

ATRIZ 4: Nada a fazer.

ATRIZ 1: Estou quase acreditando.

ATRIZ 2: Você ainda não tentou de tudo.

ATRIZ 3: Vejam só, nós aqui de novo.

ATRIZ 1: Estamos?

ATRIZ 2: Precisamos comemorar!

ATRIZ 3: Levanta, que eu te dou um abraço.

ATRIZ 4: Daqui a pouco. Daqui a… (3)

Congelam.

Letreiro: "nossa conexão está instável".

Fim

REFERÊNCIAS

1 – "Bomba de Estrelas" (Jorge Mautner, trechos)
2 – "Hamlet" (William Sheakspeare, adaptação de trecho)
3 – "Esperando Godot" (Samuel Beckett, adaptação de trecho)

Esta publicação foi realizada com recursos do Governo do Estado de São Paulo, Secretaria de Cultura e Economia Criativa, ProAC – Programa de Ação Cultural, Governo Federal e Lei Aldir Blanc.

Sobre poeira, prosa e cantoria **apresenta uma coletânea de textos teatrais produzidos pela Cênica, juntamente com autoras e autores parceiros, ao longo de seus 15 anos de estrada. Uma celebração da palavra, da poesia, da música e do teatro. Uma afirmação da arte em tempos obscuros. Evoemos!**

ISBN 978-65-5854-508-8

PROAC LAB
PROGRAMA DE AÇÃO CULTURAL SÃO PAULO
Secretaria de Cultura e Economia Criativa
SÃO PAULO GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA
MINISTÉRIO DO TURISMO
PÁTRIA AMADA BRASIL GOVERNO FEDERAL